

BECCA FITZPATRICK

Da autora *bestseller* da saga *hush, hush*

PERIGO IRRESISTÍVEL

O PRIMEIRO AMOR NÃO DEVIA SER TÃO PERIGOSO...







© Krista Sidwell Photography

Becca Fitzpatrick é a autora *bestseller* dos romances *hush, hush, crescendo, silêncio e finale*. Licenciou-se em Saúde, vocação que rapidamente trocou pelas histórias. Quando não está a escrever, o mais certo é estar a correr, a vasculhar as prateleiras das lojas em

busca de sapatos giros e em saldos ou a ver séries criminais na televisão. *hush, hush* foi o seu primeiro romance publicado e

rapidamente se transformou num sucesso à escala mundial. A autora vive no Colorado com a família.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt

Perigo Irresistível

Becca Fitzpatrick

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Black Ice

© 2014 by Becca Ajoy Fitzpatrick

Tradução: Irene Ramalho

Design da capa: NOR267

Imagens da capa: Shutterstock e Deposit Photos

1.^a edição em papel: julho de 2015

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ISBN 978-972-0-68589-6

A Riley e Jace,

os meus contadores de histórias

Agradecimentos

Este livro foi moldado por muitas mãos.

Quero agradecer à minha editora, Zareen Jaffery, pela sabedoria e dedicação. Mereces todo o

crédito por algumas das melhores partes deste livro.

Ao Christian Teeter e à Heather Zundel, pois como escritora não poderia desejar melhores

leitores inaugurais nem melhores comparsas. Nunca me preocupou que não me dissessem exatamente

o que pensaram de *Perigo Irresistível*. Afinal de contas, dizem-me o que pensam da roupa que uso,

do meu cabelo, dos meus namorados, das minhas preferências musicais e dos filmes que vejo desde

que éramos pequenos. Vocês são o máximo.

Não posso deixar de referir a Jenn Martin, minha assistente, cujo cérebro funciona de forma

muito diferente do meu: o dela é organizado. Obrigada por tratares de tudo o resto para que eu me

possa concentrar na escrita.

Aos meus amigos na Simon & Schuster, incluindo o Jon Anderson, o Justin Chanda, a Anne

Zafian, a Julia Maguire, a Lucy Ruth Cummins, a Chrissy Noh, a Katy Hershberger, o Paul Crichton, a

Sooji Kim, a Jenica Nasworthy e a Chava Wolin: eu própria não teria escolhido uma equipa melhor.

Felicitações e abraços a todos.

À Katherine Wiencke, pela revisão do texto de *Perigo Irresistível*.

Como sempre, sinto-me grata pela perspicácia negocial e pela visão da minha agente, Catherine

Drayton. E por falar em agentes, tenho igualmente o prazer de trabalhar com a melhor agente de

direitos no estrangeiro do setor editorial. Obrigada, Lyndsey Blessing, por fazeres chegar os meus

livros às mãos de leitores por esse mundo fora.

Um aplauso à Erin Tangeman, da Procuradoria Geral do Nebraska, por responder às minhas

dúvidas relacionadas com questões jurídicas. Todas as incorreções são da minha responsabilidade.

Agradeço ao Jason Hale por ter criado os *slogans* de pesca com mosca dos autocolantes no

Wrangler da Britt.

Sei que o Josh Walsh se cansa de ver o nome dele mencionado nos meus livros, como seria de

esperar num ser humano humilde, mas estou-lhe muito grata pelos conhecimentos de farmacologia.

Finalmente, querido leitor, este livro está nas suas mãos, em última análise, graças a si. Nunca lhe

poderei agradecer o suficiente por ler as minhas histórias.

Abril

A enferrujada *pick-up* Chevrolet travou bruscamente, e Lauren Huntsman acordou sobressaltada

ao bater com a cabeça no vidro do passageiro.

Pestanejou, meio atordoada. Sentia a cabeça a nadar com memórias dispersas, fragmentos que, se

conseguisse encaixá-los uns nos outros, formariam um todo coeso. Uma janela para o início da noite.

De momento, essa janela estava feita em cacos dentro de uma cabeça a latejar.

Recordava-se da cacofonia da música *country*, das explosões de riso roufenho

e dos destaques

da NBA nas televisões suspensas do teto. A luz ténue. Prateleiras com dezenas de garrafas de vidro

em reluzentes tons de verde, âmbar e negro.

Negro.

Tinha pedido um copo daquela garrafa porque a fazia sentir-se agradavelmente zonha. Uma mão

firme servira-lhe o álcool um instante antes de ela o engolir de um trago.

– Outro – pedira ela com a voz arranhada, depositando o copo vazio no balcão do bar com uma

pancada seca.

Recordava-se de dançar anca com anca com o *cowboy* ao som de um *slow*. Roubara-lhe o

chapéu: ficava-lhe melhor a ela. Era um Stetson preto a combinar com a amostra de vestido preto que

trazia, a bebida negra e o sombrio estado de espírito – misericordiosamente difícil de manter num

antro reles como aquele, uma preciosidade rara no mundo pretensioso e afetado de Jackson Hole,

Wyoming, onde passava férias com a família. Tinha saído de casa às escondidas e os pais nunca se

lembrariam de a procurar ali. A mera possibilidade era como um farol de luz no horizonte. Dentro em

pouco estaria tão alcoolizada que nem seria capaz de se lembrar das caras deles. As suas expressões

de censura começavam já a esvair-se da memória como tinta fresca a escorrer por uma tela.

Tinta. Cor. Arte. Tentara refugiar-se nesse mundo de calças de ganga sarapintadas, dedos

manchados e crescimento espiritual, mas os pais tinham-lhe cortado as bases sem apelo nem agravo.

Não queriam uma artista boémia na família. Queriam uma filha com um diploma de Stanford.

Se pelo menos gostassem dela *tal como era*, não teria de usar vestidos ordinários que irritavam a

mãe nem de se entregar a causas que ofendiam o egoísmo e a moral rígida e aristocrática do pai.

Quase desejou que a mãe estivesse ali a vê-la dançar, a deslizar pela perna do *cowboy* abaixo. A

roçar-se nele. A murmurar-lhe ao ouvido as piores obscenidades que lhe vinham à cabeça. Só

pararam de dançar quando ele foi ao bar buscar-lhe outra bebida, e Lauren seria capaz de jurar que

tinha um gosto diferente das outras. Ou, se calhar, já estava tão embriagada que até imaginara ter

sentido um travo amargo.

O *cowboy* perguntou-lhe se queria ir para um lugar mais íntimo.

Lauren não tardou a decidir-se. Se era algo que a mãe reprovava, a resposta era óbvia.

A porta do lado do passageiro abriu-se e a visão de Lauren parou de rodopiar por instantes,

dando-lhe tempo suficiente para se concentrar no *cowboy*. Pela primeira vez, reparou na acentuada

curvatura da cana do nariz, provável troféu de uma zaragata num bar. Saber que o homem tinha o

pavio curto devia tê-lo tornado mais desejável, mas, estranhamente, Lauren deu por si a imaginar

como seria bom encontrar um homem que praticasse a virtude do autocontrolo em vez de recorrer a

infantilidades. Era o tipo de comentário civilizado que a mãe faria. Castigando-se mentalmente,

Lauren culpou o cansaço pelo inoportuno ataque de sensatez. Precisava de dormir, e já.

O *cowboy* tirou-lhe o Stetson da cabeça e restituiu-o ao seu desganhado maciço de cabelo loiro.

– Achei-o, é meu – quis ela protestar, mas não conseguiu formar as palavras.

Ele fê-la erguer-se do banco e alçou-a por cima do ombro. A parte de trás do vestido começou a

deslizar-lhe pelas pernas acima, mas Lauren parecia incapaz de ordenar às mãos para que o

endireitassem. Sentia a cabeça pesada e frágil como uma das jarras de cristal da mãe. Para sua

grande surpresa, assim que a ideia lhe ocorreu, sentiu-a miraculosamente mais leve e parecia levitar

para longe do corpo. Não se lembrava de como ali tinha chegado. Teriam vindo na *pick-up*?

Baixou os olhos para as marcas que os tacões das botas do *cowboy* deixavam

na neve lamacenta.

Era sacudida a cada passo e os solavancos começavam a dar-lhe voltas ao estômago. O ar gélido,

combinado com o odor pungente dos pinheiros, faziam-lhe arder as fossas nasais. Ouviu a corrente

metálica do baloiço de um alpendre a ranger e o tinido musical dos espanta-espíritos na escuridão. O

som fê-la suspirar. Fê-la arrepiar-se.

Escutou o *cowboy* a abrir uma porta à chave. Tentou descolar as pálpebras por tempo suficiente

para se poder orientar. De manhã, teria de ligar ao irmão para lhe pedir que a viesse buscar – isto

assumindo que seria capaz de lhe dar indicações, refletiu com ironia. O irmão arrastá-la-ia de volta

para o chalé, repreendendo-a por ser irresponsável e autodestrutiva, mas viria. Vinha sempre.

O *cowboy* pô-la de pé, segurando-lhe os ombros para a ajudar a equilibrar-se. Lauren lançou um

olhar letárgico em redor. Uma cabana. Tinha-a trazido para uma cabana de troncos. A pequena sala

onde se encontravam continha mobília rústica de pinho, do tipo que fica mal em todo o lado menos

numa cabana no meio da floresta. Uma porta aberta ao fundo da divisão conduzia a uma pequena

arrecadação com as paredes forradas com prateleiras de plástico. Estava vazia, à exceção de um

incongruente varão que ia do chão ao teto e uma máquina fotográfica montada num tripé e

posicionada de frente para o varão.

Mesmo através do torpor, Lauren sentiu as mandíbulas do medo a apertá-la. Tinha de sair dali.

Aquilo era uma desgraça prestes a acontecer.

Os pés dela, porém, recusavam-se a mexer.

O *cowboy* fê-la recuar até ficar encostada ao varão. Quando a soltou, Lauren deixou-se tombar.

Os sapatos de salto alto escorregaram-lhe dos pés quando perdeu o equilíbrio. Estava embriagada de

mais para se conseguir levantar sozinha. Sentiu uma tontura e pestanejou repetidamente, tentando

localizar a saída da arrecadação. Quanto mais procurava concentrar-se, mais a divisão parecia girar

à sua volta. Sentiu o impulso de vomitar e debruçou-se para o lado para evitar sujar a roupa.

– Deixaste isto no bar – disse o *cowboy*, largando-lhe o boné dos Cardinals em cima da cabeça.

Tinha sido o irmão a oferecer-lho, algumas semanas antes, quando Lauren fora aceite pela

Universidade de Stanford. Ideia dos pais, com certeza. O presente chegara numa altura suspeita,

pouco depois de Lauren ter anunciado que não fazia tenções de ir para Stanford – nem para qualquer

outra universidade. O pai ficara tão vermelho, tão agastado, que quase esperava vê-lo soltar fumo

pelos ouvidos como uma caricatura humorística.

O *cowboy* tirou-lhe o fio de ouro que Lauren trazia ao pescoço por cima da cabeça, correndo-lhe

os ásperos nós dos dedos pelo rosto.

– Valioso? – perguntou-lhe, examinando de perto o medalhão em forma de coração.

– *Meu* – disse ela, subitamente na defensiva. Podia deixá-lo ficar com o Stetson malcheiroso,

mas o medalhão pertencia-lhe. Os pais tinham-lho oferecido na noite do primeiro recital de *ballet*,

12 anos antes. Seria a primeira e única vez que aprovariam uma iniciativa da filha. Era a única

lembrança que possuía de que, no fundo, gostavam dela. À exceção do *ballet*, a infância de Lauren

fora talhada e regida pela visão dos pais.

Dois anos antes, aos 16, a visão de Lauren ganhara corpo: pintura, teatro, bandas de música

alternativa, dança contemporânea, visceral e arrojada, comícios na companhia de ativistas políticos e

intelectuais (mas *não* falhados!), que abandonaram a universidade para seguirem percursos

educativos alternativos, e um namorado com uma mente brilhante e torturada que fumava erva e

rabiscava poesia nas paredes das igrejas, nos bancos dos parques, nos carros e na alma sedenta de

Lauren.

Os pais tinham deixado bem claro que não aprovavam o seu novo estilo de vida. Responderam

com regras e horários rígidos, restringiram-lhe os movimentos e sufocaram-na até não poder mais. A

rebeldia era o único contra-ataque que Lauren conhecia. Chorara às escondidas depois de se obrigar

a desistir do *ballet*, mas tinha de os atingir de alguma forma. Não podiam simplesmente escolher que

partes dela mereciam ser amadas. Ou era incondicionalmente deles, ou perdê-la-iam por completo.

Pegar ou largar. Aos 18 anos, era senhora de uma determinação férrea.

– *É meu* – repetiu. Precisou de toda a sua concentração para pronunciar as palavras. Tinha de

recuperar o medalhão e sair dali. Sabia-o. Porém, tinha-se apoderado dela uma estranha sensação,

como se estivesse a assistir ao desenrolar dos acontecimentos sem qualquer emoção.

O *cowboy* pendurou o medalhão no puxador da porta, libertando as mãos, e em seguida amarrou-

lhe os pulsos com um pedaço de corda rija. Lauren encolheu-se de dor quando ele deu um puxão para

testar o nó. Não a podia tratar daquela maneira, pensou ela, apática. Tinha consentido em vir com

ele, mas não concordara com aquilo.

– S-sol... ta-me – balbuciou. Foi uma ordem atabalhoada e sem convicção que a fez corar de

humilhação. Adorava a linguagem verbal, as palavras guardadas, uma a uma, bem dentro de si, belas

e luminosas, criteriosamente selecionadas, veículos de poder. Quis sacá-las do bolso naquele

momento, mas quando vasculhou o interior, encontrou apenas uma linha desfeita, um furo. No meio da

confusão mental, deixara fugir as palavras.

Impeliu os ombros para a frente, num esforço infrutífero. O *cowboy* tinha-a amarrado ao varão.

Como iria recuperar o medalhão? A ideia de o perder fê-la sentir uma onda de pânico e o peito

apertado. Se pelo menos o irmão lhe tivesse ligado de volta... Tinha-lhe deixado uma mensagem a

dizer que ia sair para beber um copo, só para o testar. Testava-o constantemente, quase todos os fins

de semana, mas era a primeira vez que ele ignorava uma chamada. Lauren só queria ter a certeza de

que ele gostava dela o suficiente para a impedir de cometer um disparate.

Teria o irmão finalmente desistido dela?

O *cowboy* estava-se a ir embora. À porta, afastou o Stetson preto da testa com uma expressão

arrogante, gulosa nos olhos azuis. Lauren deu-se conta da enormidade do erro

que cometera. O tipo

nem sequer estava realmente interessado nela. Pretenderia fazer chantagem com ela através de fotos

comprometedoras? A máquina fotográfica seria para isso? Devia saber que os pais de Lauren

pagariam qualquer preço por elas.

– Tenho uma surpresa à tua espera lá atrás, no barracão das ferramentas – disse ele num tom

indolente, a arrastar as palavras. – Não saias daí, ouviste?

Lauren tinha a respiração acelerada e errática. Quis dizer-lhe o que pensava da surpresa dele,

mas sentia as pálpebras pesadas e cada vez lhe custava mais manter os olhos abertos. Começou a

chorar.

Já se tinha embebedado antes, mas nunca daquela maneira. O *cowboy* tinha-a drogado. Devia-lhe

ter metido qualquer coisa na bebida que estava a deixá-la esgotada e pesada como chumbo.

Friccionou a corda contra o varão para a desgastar. Ou melhor, tentou. Sentia o corpo pesado de

sono. Tinha de resistir. Ia acontecer qualquer coisa terrível quando ele voltasse. Tinha de o

convencer a desistir da ideia.

Mais cedo do que esperava, a silhueta do *cowboy* surgiu à entrada. As luzes da sala iluminavam-

no por trás, espalhando uma sombra com o dobro do tamanho dele pelo chão. Já não trazia o chapéu e

parecia mais corpulento do que antes, mas não foi isso que prendeu a atenção de Lauren. Fixou os

olhos nas mãos dele, que seguravam uma segunda corda. O *cowboy* deu-lhe um esticão para lhe

avaliar a resistência.

Aproximou-se de Lauren e, com as mãos trêmulas, atou-lhe a corda à volta do pescoço. Colocou-

se por trás dela e serviu-se da corda para lhe puxar o pescoço contra o varão. Lauren viu pontos de

luz explodirem-lhe diante dos olhos. A corda estava apertada de mais. Apercebeu-se instintivamente

do nervosismo e da excitação do *cowboy*. Sentia-o no tremor impaciente do corpo dele. Estava cada

vez mais ofegante, não devido ao esforço físico, mas graças à adrenalina. Lauren sentiu o punho do

terror a revolver-lhe o estômago. Ele estava a *gostar* daquilo. Um estranho gorgolejar encheu-lhe os

ouvidos e, horrorizada, apercebeu-se de que se tratava da sua própria voz. O ruído pareceu

sobressaltar o *cowboy*, que resmungou uma obscenidade e puxou ainda mais pela corda.

Por dentro, Lauren gritava. Gritava sem parar à medida que a pressão aumentava, arrastando-a

até ao limiar da morte.

O *cowboy* não pretendia tirar-lhe fotografias. O que ele queria era matá-la.

Lauren não permitiria que aquele lugar horrível fosse a sua última memória. Fechou os olhos e

deixou-se amortilhar pela escuridão.

Um ano depois

Capítulo um

Se eu morresse, não seria de hipotermia, pensei, resoluta, enquanto enfiava um saco-cama de

penas de ganso, fixando-o com o auxílio de correias, na parte de trás do Jeep Wrangler, junto a uma

pilha com cinco mochilas carregadas de equipamento, cobertores de lã e malha polar, forros para

sacos-cama, esteiras e almofadas térmicas para os dedos dos pés. Confiante de que nada se soltaria

durante as três horas de viagem até Idlewilde, fechei a porta da bagageira e esfreguei as mãos nos

calções de ganga.

Ouvi o Rod Stewart a cantar *If you want may body*, e antes de atender o telemóvel berrei a parte

do *And you think I'm sexy* em coro com o Rod. Do outro lado da rua, a sra. Pritchard fechou a janela

da sala de estar com um safanão. Sinceramente. Seria um crime desperdiçar um toque de telemóvel

tão fantástico.

– Oi, miúda – disse a Korbie, fazendo estalar uma bola de pastilha elástica ao telemóvel. –

Sempre partimos à hora prevista?

– Pequeno problema. Não há espaço que chegue no jipe – respondi com um suspiro teatral. Eu e a

Korbie éramos amigas do peito desde pequenas, mas mais parecíamos irmãs. Espicaçarmo-nos uma à

outra fazia parte do entretenimento. – Consegui espremer os sacos-cama e o equipamento, mas vamos

ter de deixar para trás uma das mochilas: a azul-marinho com alças cor-de-rosa.

– Deixas essa mochila e bem podes dizer adeus à minha contribuição para a gasolina.

– Já devia ter calculado que ias jogar a cartada da família rica.

– Quem pode, pode. De qualquer forma, devias culpar a febre dos divórcios e todos os infelizes

que contratam a minha mãe. Se mais casais se reconcilhassem, não teria emprego.

– Mas aí, terias de mudar de casa. Não, quanto a mim, os divórcios nunca são de mais.

A Korbie deixou escapar uma risadinha sardónica.

– Acabei de ligar ao Bear. Ainda não começou a fazer as malas, mas jurou que estaria connosco

em Idlewilde antes do anoitecer. – Idlewilde era um pitoresco chalé, situado no Parque Nacional

Grand Teton, que pertencia à família da Korbie, e durante a semana que se avizinhava seria o mais

próximo que iríamos estar da civilização. – Disse-lhe que se tiver de expulsar os morcegos dos

beirais sozinha, ele que conte com umas longas férias da Páscoa na mais pura castidade –

acrescentou.

– Ainda nem acredito que os teus pais concordaram em deixar-te passar as férias com o teu

namorado.

– Bem, para dizer a verdade... – começou ela, hesitante.

– Eu sabia! Logo vi que havia marosca...

– O Calvin também vai, como acompanhante.

– O quê? Como assim?

A Korbie emitiu o ruído de alguém a engasgar-se.

– Veio passar as férias a casa e o meu pai resolveu obrigá-lo a ir connosco. Ainda não falei com

ele sobre o assunto, mas deve estar passado. Detesta quando o meu pai lhe dá ordens, sobretudo

agora que está na universidade. Vai andar de mau humor o tempo todo e eu é que vou ter de o aturar.

Sentei-me no guarda-lamas do jipe, com os joelhos em água. Custava-me respirar. Assim, sem

mais nem menos, o fantasma do Calvin voltava a surgir por todo o lado.

Lembrei-me da primeira vez

que nos beijámos. No meio de um jogo das escondidas, ao correr do leito do rio nas traseiras da casa

dele, puxara-me pela alça do sutiã e enfiara a língua na minha boca enquanto os mosquitos me zuniam

aos ouvidos.

E eu tinha desperdiçado cinco páginas do meu diário a registar o acontecimento *ad nauseam*.

– Deve estar mesmo a chegar à cidade – disse a Korbie. – É uma treta, não? Mas, quer dizer, o

Calvin já passou à história... certo?

– Completamente – respondi eu, na esperança de parecer indiferente.

– É que não quero que haja constrangimentos, percebes?

– Oh, por favor. Não penso no teu irmão há décadas.

Logo a seguir, acrescentei sem pensar:

– E se ficar eu de olho em ti e no Bear? Diz aos teus pais que não precisamos do Calvin.

A verdade é que não me sentia preparada para o voltar a ver. Talvez o melhor fosse desistir da

viagem. Fingir-me doente. Só que esta era a *minha* viagem. Tinha trabalhado muito para isto. Não o

podia deixar arruiná-la. Já tinha arruinado mais do que o suficiente.

– Os meus pais não vão nessa – disse a Korbie. – O Calvin ficou de ir ter connosco a Idlewilde

ainda esta noite.

– Esta noite? E o equipamento dele? Não vai ter tempo para preparar tudo – observei. – Nós

andamos há dias a organizar as nossas coisas.

– Ouve, estamos a falar do Calvin. O meu irmão é, tipo, metade cabra montês. Espera... Tenho o

Bear na outra linha. Já te ligo.

Desliguei e estendi-me na relva. *Inspira, expira*. Agora que, finalmente, tinha conseguido seguir

em frente, ele voltava a aparecer na minha vida, a arrastar-me de volta ao ringue para o segundo

round. Quase dava vontade de rir. O Calvin tinha sempre de ter a última palavra, pensei com

cinismo.

Claro que não precisava de tempo para se preparar: ele praticamente crescera a fazer caminhadas

nas proximidades de Idlewilde. Provavelmente, tinha o equipamento guardado num roupeiro, pronto

a utilizar.

Recuei vários meses, até ao outono anterior. O Calvin estava há cinco semanas na universidade,

no primeiro ano em Stanford, quando decidiu romper comigo. Por telefone. Numa noite em que

precisava mesmo do apoio dele. Nem sequer queria pensar no assunto, era demasiado doloroso

lembrar-me do que tinha acontecido naquela noite. De como tudo tinha terminado.

Posteriormente, com pena de mim e num gesto nada característico, a Korbie concordara em

deixar-me organizar as férias da Páscoa do último ano do secundário, na esperança de me animar. As

nossas outras duas amigas mais próximas, a Rachel e a Emilie, iam ao Havai. Eu e a Korbie ainda

tínhamos considerado passar as férias com elas nas praias de Oahu, mas eu devia adorar sofrer, pois

disse adeus ao Havai e declarei que dentro de seis meses estaríamos a calcorrear a cordilheira de

Teton de mochilas às costas. Se a Korbie conhecia a razão da minha escolha, tinha tido delicadeza

suficiente para não abordar o assunto.

Eu sabia muito bem que as férias do Calvin iriam coincidir com as nossas, e também sabia como

ele adorava fazer caminhadas e acampar nas montanhas. Tinha esperança de que, ao saber da nossa

viagem, ele se fizesse de convidado e nos acompanhasse. Queria desesperadamente passar mais

tempo com ele, fazê-lo ver-me sob outro prisma e arrepender-se de ter sido estúpido a ponto de

desistir de mim.

Porém, ao fim de meses sem uma palavra dele, percebi finalmente a mensagem: o Calvin não

estava interessado na viagem porque não estava interessado em mim; não tinha qualquer vontade de

voltar a namorar comigo. Abandonei toda a esperança num futuro juntos e reprimi o que sentia por

ele. O Calvin tinha morrido para mim. Agora, esta viagem era só minha.

Afugentei a memória e tentei refletir sobre o próximo passo. O Calvin estava de regresso a casa.

Ao fim de oito meses ia vê-lo, e ele ia ver-me. Que havia eu de lhe dizer? Seria terrivelmente

constrangedor?

Sem dúvida.

O que me ocorreu a seguir deixou-me envergonhada, de tão incrivelmente fútil que era: perguntei-

me se teria engordado desde a última vez que nos tínhamos visto. Achei que não. As corridas e os

treinos de musculação com que me preparara para a expedição às montanhas tinham-me, isso sim,

proporcionado umas pernas esculturais. Procurei agarrar-me a essa ideia consoladora, mas não

ajudou. Sentia vontade de vomitar. Não podia ver o Calvin agora. Julgava que tinha superado a dor,

mas lá estava ela novamente a arder-me no peito.

Respirei fundo mais algumas vezes, para me recompor, enquanto ouvia o rádio do jipe a tocar

baixinho. Não era música, mas a previsão do tempo.

«... duas frentes de tempestade preparam-se para atingir a região sudeste do Idaho. Esta noite,

a probabilidade de precipitação chegará aos noventa por cento, com possibilidade de trovoadas e

ventos fortes.»

Encavalitei os óculos de sol no topo da cabeça e, de olhos semicerrados, sondei o céu azul que se

estendia de horizonte a horizonte. Nem sombra de nuvens. Ainda assim, se estavam a prever chuva, o

melhor seria fazermo-nos à estrada antes do mau tempo. Felizmente, estávamos de partida para o

Wyoming, um passo à frente da tempestade.

– Pai! – berrei, pois as janelas da casa estavam escancaradas.

Pouco depois, o meu pai apareceu à porta. Estiquei o pescoço e olhei para ele com o meu

beicinho mais eficaz.

– Vou precisar de dinheiro para a gasolina, paizinho.

– O que é que fizeste à tua mesada?

– Tive de comprar umas cenas para a viagem – expliquei.

– Nunca ouviste dizer que o dinheiro não cresce nas árvores? – disse ele em tom de brincadeira,

a abanar a cabeça com uma expressão condescendente. Levantei-me de um salto e fui-lhe dar um

beijo na cara.

– Preciso *mesmo* de dinheiro para a gasolina.

– Pois, claro que precisas... – Abriu a carteira com um pequeno suspiro e entregou-me quatro

velhas e encarquilhadas notas de 20 dólares. – Não o deixes chegar à reserva, ouviste? Não esperes

que lá em cima nas montanhas haja uma estação de serviço em cada esquina. Não há nada pior do que

ficar a pé por falta de combustível.

Enfiei o dinheiro no bolso e fiz-lhe um sorriso angélico.

– É melhor dormires com o telemóvel e um cabo de reboque debaixo do travesseiro, por via das

dúvidas.

– Britt...

– Estava só a brincar – disse eu a abafar o riso. – Não vou ficar sem gasolina, não te preocupes.

Saltei para dentro do Wrangler. Tinha recolhido a capota e o sol aquecera o interior. Endireitei-

me no assento e estudei o meu reflexo no retrovisor. Quando o verão chegasse ao fim, o meu cabelo

seria da cor da manteiga e eu teria mais umas dez sardas a acrescentar às já existentes. Herdara genes

alemães do lado do pai e suecos do lado da mãe. Probabilidade de queimaduras solares? Cem por

cento. Peguei no chapéu de palha pousado no banco do passageiro e enterrei-o na cabeça. Mas

descalça, pelo menos, ainda podia ir.

O traje perfeito para uma loja de conveniência.

10 minutos depois, estava na loja a atestar um copo com granizado de framboesa. Bebi um pouco

e tornei a encher. O Willie Hennessey, o funcionário da caixa, lançou-me um olhar maléfico.

– Santa paciência... – disse ele. – Serve-te à vontade, por quem és...

– Já que ofereceste... – respondi eu alegremente, sorvendo mais um pouco do líquido pela

palhinha antes de voltar a encher o copo.

– É meu dever manter a ordem aqui dentro, por isso...

– *Dois* golinhos de nada, Willie. Ninguém vai à falência por causa de dois miseráveis golinhos.

Desde quando és tão rabugento?

– Desde que começaste a desviar o granizado e a fingir que não consegues operar a bomba da

gasolina só para me obrigares a ir lá fora atestar o depósito por ti. Quando apareces por aqui só me

apetece fugir.

Franzi o nariz.

– Não gosto de ficar com as mãos a cheirar a gasolina. E tu tens tanto talento para operar as

bombas, Willie... – acrescentei com um sorriso lisonjeiro.

– A prática leva à perfeição – resmungou ele.

Vagueava descalça pelos corredores da loja à procura de gomas de alcaçuz e aperitivos de

queijo, pensando para comigo que se o Willie não gostava de encher o depósito do meu jipe faria

melhor em arranjar outro emprego, quando ouvi soar a campainha por cima da porta. Alguém se

aproximou por trás de mim sem que me desse conta, e nisto senti um par de mãos quentes e calejadas

a taparem-me os olhos.

– Adivinha quem é?

O familiar cheiro a roupa lavada fez-me estacar. Rezei para que ele não me sentisse corar. Levei

imenso tempo a recuperar a voz, que parecia ter-se encolhido de susto e sumido aos trambolhões

pela garganta abaixo.

– Vou precisar de uma pista – disse eu, esperando parecer entediada. Ou ligeiramente impaciente.

Tudo menos melindrada.

– Baixo. Gordo. Dentes de coelho.

Mesmo ao fim de tantos meses, seria impossível confundir aquela voz suave e brincalhona.

Pareceu-me ao mesmo tempo familiar e desconhecida. Senti-lo tão perto estava a deixar-me tonta de

nervos. Tive receio de desatar aos berros com ele ali, em plena loja. Mas se o deixasse chegar perto

de mais, o meu receio era *não* desatar aos berros com ele. E *como* me apetecia berrar-lhe: tinha

passado oito meses a praticar o que lhe diria e estava mais do que pronta para deitar tudo cá para

fora.

– Sendo assim, vou arriscar... Calvin Versteeg – declarei eu num tom cortês, mas distante.

Mesmo no ponto. E não me ocorreu alívio maior.

O Cal pôs-se à minha frente e apoiou um cotovelo no expositor da ponta do corredor. Lançou-me

um sorriso vagamente sinistro. Dominava aquele charme diabólico há muitos anos, e nessa época era

impossível resistir-lhe, mas agora sentia-me mais forte.

Ignorando o rosto bonito, olhei-o de cima a baixo com ar de tédio. Pelos vistos, o penteado tinha

ficado por conta da almofada naquela manhã. O cabelo parecia mais comprido. Nos dias mais

quentes, durante o treino, quando empapava de suor até pingar, adquiria a cor dos troncos das

árvores. A memória provocou-me uma dor interna. Pus de lado a nostalgia e observei-o com frieza.

– O que é que queres?

O Calvin inclinou a palhinha do granizado e serviu-se sem pedir licença.

Limpou a boca às costas

da mão.

– Fala-me desse tal acampamento.

Arrebatei o granizado para longe dele.

– *Expedição*. – Senti que era importante fazer a distinção. Qualquer um podia acampar. Uma

expedição às montanhas requeria saber e firmeza de carácter.

– Já tens tudo aquilo de que precisas? – continuou ele.

– E uns quantos luxos também. – Encolhi os ombros. – Uma rapariga não sobrevive sem o seu *lip*

gloss.

– Sejam os sinceros, Britt: a Korbie não te vai deixar pôr os pés fora do chalé. Tem horror ao ar

puro. E tu não lhe sabes dizer que não. – Fez um gesto de entendido. – Já vos conheço.

Lancei-lhe um olhar indignado.

– Só para que saibas, vamos andar a semana inteira em caminhadas. Planeámos uma rota de 60

quilómetros.

Na realidade, tratava-se de um *pequeno* exagero. A Korbie só tinha concordado com um máximo

de três quilómetros por dia e insistira em caminhar em círculos ao redor de Idlewilde, para o caso de

necessitarmos de acesso rápido às instalações ou à televisão por cabo.
Embora não tivesse grandes

expectativas de conseguir passar a semana inteira em plena natureza, contava deixar a Korbie e o

Bear no chalé por um dia e partir sozinha à aventura. Precisava de pôr o meu treino à prova.

Era óbvio que, agora que se ia juntar a nós, o Calvin acabaria por descobrir a verdade, mas

naquele momento a minha prioridade era impressioná-lo. Estava farta de o ouvir insinuar que não lhe

dava razões para me levar a sério. Mais tarde, quando me pedisse satisfações, podia sempre

continuar a alegar que a intenção inicial era realmente passar a semana toda em caminhadas e que a

Korbie é que me retinha. O Calvin não consideraria a desculpa rebuscada.

– Tens noção de que ainda há vários trilhos cobertos de neve, não tens? E ainda estamos em

época baixa para o alojamento turístico, por isso, não há quase ninguém na zona. Até o posto da

guarda-florestal em Jenny Lake está fechado. A tua segurança está nas tuas mãos: nesta altura do ano

não há ninguém para garantir as operações de resgate.

Fixei-o com um olhar insolente.

– Não me digas! Não me atirei a isto completamente às escuras, Calvin – disparei. – Sei bem ao

que vou. Vai correr tudo bem.

O Calvin esfregou a boca com a mão, para disfarçar um sorriso, com uma expressão que deixava

bem claro o que pensava de tudo aquilo.

– Não tens mesmo fé nenhuma em mim – declarei, tentando não parecer ofendida.

– Só acho que se vão divertir mais se forem para Lava Hot Springs. Podem aproveitar as fontes

termais.

– Passei o ano todo a treinar para esta viagem – repliquei. – Estás longe e, por isso, não sabes

como me tenho esforçado. Há oito meses que não me vês. Já não sou a mesma pessoa que deixaste

para trás, Calvin. Não me conheces.

– Bem visto – disse ele com um gesto conciliatório para indicar que tinha sido apenas uma

sugestão inocente. – Mas porquê Idlewilde? Não há nada para fazer lá em cima. Ao fim da primeira

noite já vão estar aborrecidas de morte.

Porque estaria o Calvin tão apostado em dissuadir-me? Ele adorava Idlewilde e sabia tão bem

como eu que havia muito com que nos entretermos.

E foi então que percebi. Aquela conversa não tinha nada que ver comigo nem com Idlewilde. O

que ele não queria era ir connosco por obrigação. Não queria ter de passar tempo comigo. Se me

conseguisse convencer a desistir da viagem, o pai não o podia obrigar a passar as férias connosco e

ele ficaria livre para as gozar como bem lhe apetecesse.

Tossiquei para limpar a garganta enquanto digeriria estas dolorosas considerações.

– Quanto é que os teus pais te estão a pagar para fazeres de ama-seca?

O Calvin olhou-me com uns ares superiores, como que a avaliar-me.

– Muito pouco, pelos vistos.

Com que então era assim que ia ser. Um cúmplice piscar de olhos aqui, uma salva de acusações

acolá. Mentalmente, desenhei um grande X por cima do nome do Calvin a marcador preto.

– Só para que fique claro, nunca quis que viesses a reboque. Tu e eu juntos, outra vez? Haja

pachorra. – Tinha soado melhor na minha cabeça. A pairar no ar entre nós, as palavras escorriam

veneno e dor de cotovelo – precisamente o que diria uma namorada rejeitada. Não queria que o

Calvin soubesse que a dor ainda não passara. Não com ele ali todo sorrisinhos e atitudes sedutoras.

– Ai é? Pois bem, aqui a ama-seca acaba de antecipar a hora do recolher obrigatório – gracejou

ele.

Indiquei com um gesto de cabeça o BMW X5 todo-o-terreno estacionado
diante da montra da

loja.

– É teu? – tentei adivinhar. – Outro presente dos teus pais ou sempre tens
outra ocupação para

além de correr atrás das miúdas em Stanford, tal como manter um emprego
respeitável?

– O meu emprego é correr atrás das miúdas. – E fez-me um sorriso odioso. –
Mas eu não lhe

chamaria respeitável.

– Nada de relacionamentos sérios, então? Que pena... – Não tive coragem de
o encarar, mas senti

um orgulho imenso do meu tom informal. Procurei convencer-me de que a
resposta dele, fosse ela

qual fosse, me era indiferente. Saber que o Calvin tinha seguido em frente
seria, aliás, uma luz verde

a indicar-me que era livre para fazer o mesmo.

Ele tocou-me com o cotovelo.

– Porquê? Tens namorado?

– Claro...

– Pois sim... – bufou ele. – A Korbie já me teria contado.

Sem vacilar, ergui as sobrancelhas num gesto de desafio.

– Acredites ou não, há coisas que a Korbie não te conta.

O Calvin franziu o sobrolho.

– Quem é o tipo? – perguntou ele, hesitante, dando para perceber que não sabia se devia acreditar

em mim ou não.

A melhor forma de emendar uma mentira é não contar outra a seguir, mas eu não consegui resistir.

– Não o conheces. Mudou-se para cá há pouco tempo.

O Calvin abanou a cabeça.

– Demasiado conveniente. Não acredito. – Mas o tom dele sugeria incerteza.

Senti uma vontade urgente de lhe provar que já estava noutra, independentemente de a relação ter

tido ou não uma conclusão satisfatória para ambas as partes. Quanto a mim, não. E não apenas isso,

mas que tinha encontrado alguém muito, *muito* melhor do que ele. Enquanto o Calvin cultivava a sua

aura de engatidão sebento na Califórnia, eu não andava (repito, *não* andava) a chorar pelos cantos

agarrada a velhas fotografias dele.

– Olha, ali está ele. Vê por ti próprio – disse eu sem pensar.

O olhar do Calvin seguiu o meu gesto na direção do Volkswagen Jetta vermelho parado ao lado

da bomba mais próxima. O rapaz que estava a atestar o depósito devia ser uns dois anos mais velho

do que eu. Usava o cabelo bastante curto, realçando a admirável simetria das

faces. Tinha o sol pelas

costas, e as sombras acentuavam-lhe as depressões sob as maçãs do rosto. Não dava para ver de que

cor eram os olhos, mas esperava que fossem castanhos, quanto mais não fosse porque os do Calvin

eram de um verde rico e intenso. O tipo possuía os ombros musculados e imaginei que praticava

natação. Nunca o tinha visto.

– Aquele tipo? Reparei nele quando entrei. A matrícula é do Wyoming.

O Calvin ainda não parecia convencido.

– Já te disse, mudou-se para cá há pouco tempo.

– É mais velho do que tu.

Lancei-lhe um olhar cheio de significado.

– E?

A campainha da porta soou e o meu pretenso namorado entrou na loja. Ao perto ainda era mais

bonito e, de facto, tinha os olhos castanhos, de um castanho desvanecido que me fazia lembrar a cor

da madeira que dá à costa na praia. Enquanto ele sacava a carteira do bolso das calças, agarrei no

Calvin pelo braço e puxei-o para trás de uma prateleira de Oreos e biscoitos de figo.

– O que é que julgas que estás a fazer? – perguntou o Calvin a olhar para mim como se me tivesse

crescido uma segunda cabeça.

– Não quero que ele me veja – sussurrei.

– Porque estavas a mentir e ele não é teu namorado, certo?

– Não é isso, é que...

Onde estaria o expositor das mentiras convincentes agora que eu precisava tanto de uma?

O Calvin fez um sorriso maquiavélico e, quando dei por mim, tinha sacudido a minha mão e

estava-se a dirigir ao balcão da saída. Contive um gemido de desespero e continuei a espreitar pela

fresta entre as duas prateleiras de cima.

– Boas! – disse o Calvin, afável, ao rapaz que trazia uma camisa de flanela xadrez, calças de

ganga e botas de montanha.

O outro respondeu com um aceno de cabeça, praticamente sem olhar para ele.

– Ouvi dizer que tens andado a sair com a minha ex-namorada – disse o Calvin num tom

carregado de ironia. Estava a dar-me a provar do meu próprio veneno, e sabia-o bem.

O comentário chamou a atenção do rapaz, que observou o Calvin com curiosidade, e eu senti-me

corar ainda mais.

– Sabes, a tua *namorada* – insistiu o Calvin. – A miúda que está escondida ali atrás das bolachas.

E indicou-me com o dedo.

Endireitei-me, e a minha cabeça surgiu por detrás das prateleiras. Passei as mãos pela frente da

camisa e abri a boca, mas não sabia o que dizer. Não havia palavras.

O rapaz fitou-me. Durante breves instantes, entreolhámo-nos e eu articulei silenciosamente um

humilhante: «Eu posso explicar...» Mas não havia justificação possível.

E nisto aconteceu o inesperado. O tipo virou-se para o Calvin e, com a maior descontração deste

mundo, disse:

– Ah, sim. A minha namorada, a Britt.

Fiquei de queixo caído. *O tipo sabia o meu nome?*

O Calvin parecia igualmente surpreendido.

– Ah. Ei, na boa, meu. Pensei... – E estendeu-lhe a mão. – Eu sou o Calvin Versteeg – balbuciou,

atrapalhado. – O... ex... da Britt.

– Mason.

O Mason olhou para a mão que o Calvin lhe estendia, mas não retribuiu o gesto. Deixou três notas

de 20 em cima do balcão para o Willie Hennessey, veio ter comigo e deu-me um beijo na cara. Era

um simples beijo, sem floreios, mas foi o quanto bastou para me acelerar a pulsação. Sorriu-me.

Tinha um sorriso simpático e *sexy*.

– Vejo que ainda não venceste o vício dos granizados, Britt.

Respondi com um sorriso cauteloso. Se ele estava disposto a entrar no jogo, melhor para mim.

– Sabes como é: vi-te chegar e tive de procurar de qualquer coisa para me refrescar. – Abanei a

mão como um leque e fiz-lhe olhinhos adoráveis.

Os cantos dos olhos dele enrugaram-se. Devia estar a morrer de rir por dentro. Disse-lhe:

– Devias passar lá por casa daqui a pouco. Comprei um *lip gloss* novo e, se calhar, devia testá-

lo...

– Ah. Outra prova cega? – disse ele sem hesitar.

Lancei um olhar disfarçado ao Calvin para ver como estava a reagir à cena. Para minha grande

satisfação, tinha ar de quem acabara de mastigar um punhado de cascas de limão.

– Já me conheces, sabes que gosto de apimentar as coisas – respondi com veludo na voz.

O Calvin tossiu e cruzou os braços.

– Já não devias estar a caminho, Britt? Aconselho-te a chegar ao chalé antes do anoitecer.

Algo indecifrável ensombrou o olhar do Mason.

– Vais acampar? – perguntou-me.

– Uma expedição às montanhas – corrigi. – No Wyoming, a Teton. Ia-te dizer, mas... – Bolas!

Que desculpa ia eu arranjar para não ter informado o meu namorado sobre a viagem? Agora que

estava tão perto de conseguir o que queria, ia deitar tudo a perder.

– Não pensaste que fosse importante, já que também vou para fora e, de qualquer maneira, não

íamos poder passar a semana juntos – concluiu o Mason com grande à-vontade.

Voltei a encará-lo. Bonito, desembaraçado, disposto a alinhar em tudo (até fingir ser namorado de

uma rapariga que nunca vira antes) e um mentiroso de primeira apanha. Quem *era* este tipo?

– Pois, foi isso – murmurei.

O Calvin inclinou a cabeça para o lado, trocista.

– Alguma vez passei uma semana fora sem te dizer, quando estávamos juntos?

Oito meses, pensei com azedume. E rompestes comigo na noite mais importante da minha vida.

Jesus ensinou-nos a perdoar, mas há sempre lugar para uma exceção.

Virando-me para o Mason, disse:

– A propósito, o meu pai quer que vás jantar lá a casa para a semana.

O Calvin abafou uma exclamação.

Certa vez, quando chegámos a minha casa cinco minutos depois da hora

combinada, demos com o

meu pai no alpendre a agitar um taco de golfe. Chegou ao pé do Ford F-150 preto do Calvin e deu-

lhe com o taco, deixando uma bela cratera.

– Da próxima vez que a trouxeres tarde a casa, faço o mesmo aos faróis – ameaçara ele. – Não

sejas estúpido a ponto de precisar de um terceiro aviso.

Mas não estava a falar a sério. Nem por isso. Como era o bebé da família, e a única rapariga, o

meu pai tendia a sofrer acessos de mau feitio no que tocava aos rapazes com quem saía, mas na

realidade não passava de um pachola. Em todo o caso, o Calvin nunca mais pisou o risco.

E nunca, mas *nunca* tinha sido convidado a jantar lá em casa.

– Diz-lhe que me davam jeito umas dicas para a pesca com mosca – respondeu o Mason,

mantendo a charada.

Como que por milagre, adivinhara também o desporto preferido do meu pai. Tudo aquilo

começava-me a parecer um pouco... surrealista.

– Ah, e outra coisa, Britt. – Passou-me a mão pelo cabelo, afastando-o do ombro. Permaneci

imóvel como uma estátua, sem respirar. – Tem cuidado. Nesta época do ano, as montanhas são muito

perigosas.

Fiquei embasbacada a olhar para ele até que se afastou no carro.

O tipo sabia o meu nome. Tinha acabado de me tirar de um aperto. E sabia o *meu nome*.

É certo que eu o trazia estampado em letras garrafais na *t-shirt* lilás da orquestra do campo de

férias, mas o Calvin não tinha reparado nesse pormenor.

– Julguei que estavas a mentir – disse-me o Calvin com um ar aparvalhado.

Entreguei ao Willie uma nota de cinco para pagar o granizado e enfiei o troco no bolso.

– Por muito que tenha gostado desta nossa conversa – respondi. – Tenho coisas mais produtivas

para fazer. Tais como riscar aquele teu carrão. É demasiado bonito.

– Tal como eu? – disse ele a abanar as sobrancelhas de forma sugestiva.

Enchi as bochechas de granizado e simulei a intenção de o cuspir para cima dele. O Calvin

desviou-se com um salto e, para minha grande satisfação, perdeu finalmente o sorrisinho arrogante.

– Vemo-nos logo à noite, em Idlewilde – atirou ele enquanto eu me afastava da loja. Em jeito de

resposta, fiz-lhe um gesto de falso entusiasmo.

Mostrar-lhe o dedo do meio teria sido óbvio de mais.

Ao passar pelo BMW do Calvin no parque de estacionamento, reparei que tinha as portas

destrancadas. Olhei para trás, para me certificar de que ele não me estava a observar, e tomei uma

decisão repentina. Entrei para o lugar do passageiro, torci-lhe o retrovisor, espalhei granizado pelos

tapetes e saquei-lhe a coleção de CD clássicos do porta-luvas. Era um gesto mesquinho da minha

parte, mas fez-me sentir um nadinha melhor.

Devolver-lhe-ia os CD esta noite – depois de lhe riscar alguns dos favoritos.

Capítulo dois

Algumas horas mais tarde, eu e a Korbie seguíamos em viagem. O Calvin tinha arrancado antes

de nós e a culpa era toda da Korbie. Quanto cheguei a casa dela, ainda estava a preparar *outro* saco,

a tirar camisas do armário com gestos lânguidos e a seleccionar batons do estojo de maquilhagem.

Sentei-me na cama a tentar despachar as coisas, enfiando tudo às pressas no saco.

Tinha acalentado a esperança de chegar a Idlewilde antes do Calvin. Agora, poderia escolher o

quarto que lhe apetecesse, e quando chegássemos já teria as coisas dele espalhadas por todo o lado.

Era menino para se trancar dentro do chalé só para nos obrigar a bater à porta, como se fôssemos

convidadas. O que me deixava furiosa, já que esta viagem era *nossa*, não dele.

Tínhamos recolhido a capota para tirar partido da temperatura amena do vale antes do ar frio da

montanha, e levávamos a música em altos berros. A Korbie tinha gravado uma coletânea caseira para

a viagem e íamos a ouvir aquele sucesso dos anos 70 (Ou seria dos 80?) com o refrão: «Sai dos

meus sonhos, entra no meu carro». A expressão convencida do Calvin não me saía da cabeça, o que

me começava a incomodar. Porém, acreditava piamente na máxima «finge até conseguires», por isso,

trazia um sorriso estampado no rosto e ria-me quando a Korbie tentava atingir os agudos.

Depois de uma breve paragem para comprar mais Red Bull, deixámos para trás as pastagens e as

terras de cultivo, com as suas fileiras de milho verde, e penetrámos as terras altas. A estrada

começou a estreitar-se, cercada de ambos os lados por maciços de pinheiro e choupo. O ar que me

agitava o cabelo era puro e refrescante. Do solo brotava uma explosão de flores silvestres brancas e

azuis, e cheirava a terra. Ajustei os óculos de sol no topo do nariz e sorri. A minha primeira viagem

sem o meu pai ou o meu irmão mais velho, o Ian. Não ia permitir que o Calvin a estragasse. Não lhe

ia dar o prazer de arruinar a minha boa disposição no caminho até Idlewilde nem a minha semana nas

montanhas. *O Calvin que se lixe. Diverte-te e o Calvin que se lixe.* Parecia-me um bom *mantra* para

a semana.

O céu estava tão azul que quase feria a vista. O reflexo da luz do sol no para-brisas ao virar de

uma curva obrigou-me a pestanejar, e foi então que os avistei: os picos nevados da cordilheira de

Teton a elevarem-se ao longe, afilados e íngremes como pirâmides coroadas de neve. A beleza

esmagadora da paisagem, a vastidão das encostas arborizadas e o horizonte infinito fascinavam-me.

A Korbie debruçou-se para fora do jipe de iPhone em punho para obter a melhor fotografia.

– Ontem à noite sonhei com aquela rapariga que os sem-terra mataram nas montanhas, no verão

passado – comentou ela.

– A instrutora de *rafting*? – Macie O’Keeffe. Lembrava-me de ouvir o nome nos noticiários. Era

extremamente inteligente e tinha conseguido uma bolsa de estudo integral para a Universidade de

Georgetown. Tinha desaparecido nos primeiros dias de setembro.

– Não tens medo de que nos aconteça qualquer coisa do género?

– Não – disse eu com sensatez. – Ela desapareceu muito longe de onde nós vamos estar. E não há

indícios de que tenha sido morta pelos sem-terra. Foi apenas o que toda a

gente assumiu. Talvez se

tenha perdido. E seja como for, ainda é muito cedo para acampamentos nómadas nas margens do rio.

Além disso, vamos estar nas montanhas, fora do território deles.

– Sim, mas não deixa de ser arrepiante.

– Foi no verão passado. E não passou de um caso isolado.

– Ai, sim? E a Lauren Huntsman, a famosa que apareceu em todos os canais de notícias no ano

passado? – argumentou a Korbie.

– *Korbie*. Deixa-te disso. A sério. Fazes ideia de quantos milhares de pessoas vêm às montanhas

e regressam a casa em segurança?

– A Lauren desapareceu perto da zona onde vamos estar – insistiu ela.

– Desapareceu em Jackson Hole, a quilómetros da nossa zona. E estava alcoolizada. Dizem que

se deve ter atirado a um lago e morrido afogada.

– Nas notícias disseram que houve gente que a viu sair do bar na companhia de um *cowboy* com

um chapéu Stetson preto.

– *Uma* testemunha. E nunca encontraram o tal *cowboy*. O mais certo é nem existir. Se houvesse

qualquer perigo, o meu pai não me tinha deixado vir.

– Talvez... – disse a Korbie, pouco convencida.

Felizmente, alguns minutos depois parecia ter posto de lado a apreensão.

– Daqui a duas horas estaremos em Idlewilde a assar montes de *marshmallows*! – proclamou ela

de braços no ar.

Idlewilde pertencia à família Versteeg desde que me lembrava. Assemelhava-se mais a um chalé

do que a uma cabana nos bosques. Três chaminés de pedra encimavam os telhados de duas águas.

Havia seis quartos, sete se contássemos com o sofá-cama na cave, ao lado das mesas de matraquilhos

e de bilhar, um amplo alpendre a toda a volta da casa, uma magnífica parede de janelas panorâmicas

viradas a sul e uma infinidade de nichos e recantos. Embora por vezes passassem lá o Natal – o sr.

Versteeg possuía um brevet e adquirira um helicóptero monomotor para subir à montanha, visto que

a maioria das estradas encerrava até à primavera devido à neve –, os Versteeg utilizavam o chalé

quase exclusivamente como residência de verão, e para esse efeito tinham equipado uma área

relvada com uma banheira de hidromassagem, um corte de *badminton* e uma zona de churrasco com

várias espreguiçadeiras espalhadas.

Há dois natais atrás, passara as férias em Idlewilde com a família da Korbie, mas não este

último. O Calvin ficara na casa de um dos colegas de quarto da universidade e a Korbie estava com

os pais numa estância de esqui no Colorado. Nunca tinha visitado Idlewilde sem a presença do casal

Versteeg, e não conseguia imaginar o local sem o olhar vigilante do sr. Versteeg a seguir-nos como

uma sombra.

Desta vez, tínhamos a casa por nossa conta. Nada de adultos e nada de regras. Há um ano, passar

uma semana a sós com o Calvin teria parecido perigoso e excitante como um fruto proibido, uma

fantasia tornada realidade. Agora, não sabia o que esperar. Não sabia o que lhe dizer quando me

deparasse com ele no corredor. Perguntava-me se ele se sentiria tão apreensivo como eu. Pelo

menos, já nos tínhamos livrado do embaraço do primeiro encontro.

– Tens pastilhas elásticas? – perguntou-me a Korbie, e antes que pudesse impedi-la, abriu o

porta-luvas e a coleção de CD do Calvin saltou lá de dentro para o chão. Ela apanhou-a e observou-

me com curiosidade. – Isto não é do meu irmão?

Acabava de ser apanhada em flagrante delito. Mais valia admiti-lo.

– Tirei-lhe do carro hoje de manhã, na estação de serviço. Tive desculpa, ele estava a ser um

idiota. Não te preocupes que eu devolvo.

– De *certeza* que não te importas com esta história do Calvin? – perguntou-me ela, claramente a

estranhar o facto de eu ter roubado os CD ao irmão. – Para mim, ele não passa de um idiota, mas de

vez em quando tenho de me lembrar que vocês, tipo, já estiveram juntos. Vá-se lá saber por que

carga de água, mas pronto... Podemos falar disso, se quiseres, só não quero saber das intimidades. A

ideia de alguém, principalmente tu, trocar saliva com o meu irmão dá-me vómitos. – E enfiou um

dedo na garganta para dar ênfase às palavras.

– O teu irmão já está mais do que esquecido. – Que grande mentira. Eu não tinha esquecido o

Calvin. O falso namorado que me tinha visto compelida a inventar era prova disso.

Até esta manhã, andava realmente convencida de que tinha conseguido seguir em frente, mas ao

ver o Cal, todas as minhas emoções reprimidas vieram à superfície. Odiava saber que ainda sentia

qualquer coisa por ele, ainda que fosse apenas ressentimento. Era dar-lhe poder para me atingir.

Possuía tantas memórias negativas intrinsecamente ligadas ao Calvin... Ter-se-ia a Korbie esquecido

de que ele romperia comigo na noite da receção aos antigos alunos da secundária? Já tinha o vestido e

as reservas para o Ruby Tuesday, e até já desembolsara a minha parte e a dele

do aluguer da

limusina. E era candidata a rainha da festa! Foram tantas as vezes que tentei imaginar como seria

estar no centro do campo de futebol com uma coroa na cabeça, a sorrir, enquanto a multidão aplaudia

e torcia por mim, e como seria dançar nos braços do Calvin depois da cerimónia...

Tínhamos combinado encontrar-nos em minha casa às 20h00, mas quando já passava das 20h30, e

o Calvin sem aparecer, comecei a recear que tivesse sofrido algum acidente. Sabia que o voo não

tinha sido adiado – tinha-o confirmado pela Internet. O resto do grupo já seguira na limusina e eu

estava à beira das lágrimas.

E nisto ouço tocar o telefone. O Calvin continuava na Califórnia. Esperara até ao último minuto

para me ligar e nem se deu ao trabalho de fingir um tom consternado. Com uma voz calma e

descontraída, informou-me de que não viria.

– E esperaste até *agora* para me dizeres isso? – exclamei.

– Tenho tido muito em que pensar.

– Típico da tua parte. Há semanas que não me telefonas. Não tens atendido nenhuma das minhas

chamadas. – O Calvin não era a mesma pessoa desde que partira para a universidade. Era como se

pela primeira vez soubesse o que era liberdade e nada pudesse voltar a ser como dantes. Eu deixara

de ser uma prioridade.

– Já devia ter calculado que me ias fazer uma coisa destas – disparei. Estava a fazer um esforço

incrível para não chorar. O Calvin não viria. Não tinha par para a festa.

– Andas a monitorizar a frequência das minhas chamadas? Não sei bem como me sinto em

relação a isso, Britt.

– *A sério?* Vais fazer de mim a má da fita? Tens noção do quanto acabaste de me desiludir?

– És tal e qual o meu pai, sempre a criticar e a deitar-me abaixo – disse ele na defensiva.

– És um idiota!

– Se calhar, o melhor é acabarmos tudo – retorquiu ele com secura.

– Tiraste-me as palavras da boca!

O pior de tudo é que dava para ouvir a música e os relatos desportivos ao fundo. Estava num bar.

Eu tinha depositado tantas esperanças naquela noite e o Calvin estava a embebedar-se. Atirei com o

telefone e rebentei em lágrimas.

As memórias começavam-me a deixar de mau humor. Não me apetecia mesmo nada falar sobre o

Calvin. Sentia a minha determinação em manter uma atitude positiva a

desvanecer-se. Seria muito

mais fácil fingir boa disposição se não tivesse de gastar as minhas energias a provar a toda a gente

que estava tudo bem.

– Não vai ser estranho, tê-lo por perto? – insistiu a Korbie.

– Não sejas ridícula.

Ela olhou-me de esguelha, com ar de interrogação.

– Não vais aproveitar a oportunidade para tentar reconquistar o meu irmão, pois não?

– Que nojo. Por favor, não me voltes a perguntar isso. – Mas a ideia tinha-me ocorrido, não podia

negá-lo. E se o Calvin se atirasse a mim? Não era difícil de imaginar. A Korbie e o Bear iam andar

coladinhos um ao outro, e eu e o Calvin íamos sentir-nos a mais. Não me surpreenderia se ele

tentasse alguma coisa. Tinha de decidir já se pretendia dar-lhe trela.

Se achasse que ele já estava noutra, talvez conseguisse esquecê-lo, mas e a forma como ele tinha

olhado para mim na loja da estação de serviço, enquanto eu fazia olhinhos ao Mason? Macacos me

mordam se aquilo não era arrependimento.

Desta vez, porém, decidi que ele ia ter de se esforçar se queria a minha atenção. Tinha-me

humilhado, e agora teria de me compensar por isso. Não o aceitaria de volta

até ter sofrido o

suficiente; ia-lhe fazer bem rastejar um pouco. O Calvin sabia que eu era uma namorada fiel e isso

iria funcionar a meu favor: podia divertir-me um bocado às custas dele e depois mandá-lo dar uma

curva, alegando sentir-me culpada por ter enganado o meu suposto namorado.

Sabem o que se costuma dizer sobre a vingança? Em breve, o Calvin também iria descobrir.

Contente por finalmente ter um plano, recostei-me para trás no banco, sentindo-me confiante na

vitória e preparada para a longa semana que se avizinhava.

A Korbie abriu a caixa dos CD, mas antes de começar a folheá-los reparou numa folha de papel

dobrada na parte da frente.

– Uau, olha-me bem para isto.

Lancei-lhe um olhar de relance. Tinha nas mãos um mapa topográfico do Parque Nacional Grand

Teton, dos que se arranjam nos postos da guarda-florestal, mas este continha anotações com a letra do

Calvin. Dobrava-se em três, e depois outra vez ao meio, e tinha as cores um pouco esbatidas e as

margens desgastadas. Obviamente, o Calvin tinha-lhe dado bom uso.

– O Calvin marcou os melhores trilhos para caminhadas – disse a Korbie. – Vê bem as distâncias

que percorreu. Há notas por toda a parte. Deve ter levado anos a fazer isto. Sempre gozei com ele

por ser um maníaco da vida ao ar livre, mas tenho de admitir que isto até tem pinta.

– Deixa-me ver.

Peguei no desdobrável e espalmei-o contra o volante, dividindo a atenção entre o mapa e a

estrada. O Calvin não assinalara apenas trilhos para caminhadas. O mapa estava coberto de

anotações detalhadas sobre trilhos para trenós, estradas de terra batida, abrigos de emergência, um

dos postos da guarda-florestal, pontos de interesse paisagístico, reservas de caça, lagos e ribeiras de

água potável e zonas de passagem da fauna local. A propriedade dos Versteeg também estava

assinalada. Para um alpinista perdido nas montanhas seria uma ferramenta inestimável.

Ainda estávamos demasiado longe para nos podermos situar no mapa, mas começava seriamente

a pensar utilizá-lo, em vez das indicações genéricas do sr. Versteeg, quando nos aproximássemos

mais.

– Tens mesmo de devolver isto ao Calvin – insistiu a Korbie.

Voltei a dobrar o mapa e enfiei-o no bolso de trás dos calções. Um mapa com este nível de

detalhe devia ter muito valor para o Calvin. É claro que o ia devolver. Mas primeiro ia fazê-lo suar

um pouco.

30 minutos depois, a coletânea caseira chegava ao fim com *Everyday Is a Winding Road*, da

Sheryl Crow. O percurso tornara-se mais íngreme e estávamos a ziguezaguear montanha acima por

caminhos tortuosos. A orla da estrada terminava numa queda a pique e a cada curva apertada tinha de

me debruçar sobre o volante para ver melhor. Qualquer desatenção podia lançar-nos no precipício. A

ideia era estimulante e aterradora em partes iguais.

– Aquilo parecem-te nuvens de chuva? – perguntou-me a Korbie de cenho franzido, a apontar

para um agrupamento de nuvens carregadas acima da copa das árvores, a norte. – Não é possível.

Verifiquei a previsão do tempo antes de arrancarmos. Ia chover no Idaho, não no Wyoming.

– Deve chover durante uns minutos e depois o céu limpa.

Se o tempo no Wyoming não te agradar, espera cinco minutos – assim reza o ditado.

– Espero bem que não chova um único dia enquanto aqui estivermos – resmungou ela, aborrecida.

Perguntei-me se estaria a pensar na Rachel e na Emilie a apanharem banhos de sol na praia de

Waikiki. Sabia o quanto a Korbie tinha desejado um destino tropical nestas férias. No meu entender,

o facto de estar ali comigo dizia muito sobre a nossa amizade. Tínhamos as nossas desavenças, como

é natural, mas sabíamos que podíamos contar uma com a outra. Poucos amigos abririam mão da praia

por uma expedição às montanhas.

– Li num guia que a chuva tem algo que ver com o choque entre o ar frio e as correntes quentes cá

em cima – murmurei distraidamente, sempre com os olhos colados à estrada.

– A esta altitude, o

vapor de água transforma-se em gelo, que tem carga positiva. Mas a chuva tem carga negativa.

Quando as diferentes cargas atingem massa crítica, criam relâmpagos, isto é, uma tempestade.

A Korbie fez deslizar os óculos até à ponta do nariz e olhou para mim com cara de espanto.

– Não me digas que também fazes fogo com paus e te orientas pelas estrelas.

Libertei uma mão do volante por breves instantes para lhe dar um pequeno empurrão no ombro.

– Não te fazia mal teres dado pelo menos uma olhadela a alguns dos guias que o teu pai te

comprou.

– Referes-te ao que diz que uma pessoa pode sobreviver comendo apenas fezes de coelho se a

alternativa for morrer à fome? – Franzziu o nariz. – Foi a primeira e a última vez que peguei num guia.

Além disso, ler um guia teria sido um desperdício de tempo, já que o meu irmão vai assumir o

comando das operações e começar a mandar em toda a gente.

O Calvin não ia assumir o comando de coisa nenhuma. Não desta vez. Não tinha treinado tanto e

durante tanto tempo para agora entregar as rédeas a outra pessoa.

A breve trecho o céu escureceu e adquiriu um tom cinzento carregado. O primeiro pingo de chuva

atingiu-me no braço, frio como gelo. Depois outro, seguido de mais três. Em poucos segundos, uma

fina cortina de chuva abatia-se sobre nós, varrendo o para-brisas. À falta de berma, parei o jipe no

meio da estrada.

A Korbie pôs-se a enxotar os pingos de chuva como se fossem mosquitos.

– Ajuda-me a levantar a capota – pedi, enquanto saltava para fora do jipe. Estiquei o toldo,

indicando-lhe por gestos que fixasse os engates. Abri a porta da bagageira, desenrolei o painel da

janela e apertei as correias. Quando terminei, estava completamente ensopada e com os pelos dos

braços arrepiados de frio. Sacudi a água dos olhos e corri os fechos das janelas laterais. Finalmente,

fixei a junção de velcro e saltei para dentro do jipe com um violento

estremeção.

– Aí tens a tua carga negativa – comentou a Korbie com uma expressão gélida.

Encostei a cara ao vidro frio e espreitei o céu. Violentas nuvens cinzentas de tempestade

estendiam-se em todas as direções. Já não se via o azul, nem mesmo um farrapo no horizonte.

Esfreguei os braços para me aquecer.

– É melhor ligar ao Bear para lhe dar o ponto da situação – disse a Korbie ao mesmo tempo que

pegava no telemóvel e carregava na tecla de marcação rápida. Uns instantes depois afundou-se no

banco, desalentada. – Não tenho rede.

Cerca de três quilómetros mais adiante o céu desabou sobre nós numa torrente de chuva.

Depressa se formou à superfície da estrada um lençol de água deslizante. Os pneus levantavam

grandes ondas e receei que o jipe entrasse em aquaplanagem. As escovas do para-brisas não davam

conta de tanta água; chovia de tal forma que era impossível ver o caminho. Queria parar, mas não

havia berma para encostar. Em vez disso, cheguei o jipe o mais à direita da via que pude, travei e

liguei os quatro piscas. Rezei para que, caso passasse algum carro no mesmo sentido que nós, o

condutor pudesse ver as luzes a piscar através do aguaceiro.

– Pergunto-me como estará o tempo no Havai – disse a Korbie, servindo-se do punho da manga

para limpar a condensação que se acumulava na janela do lado do passageiro.

Pus-me a batucar com as unhas no volante, interrogando-me sobre o que faria o Calvin se

estivesse no meu lugar. Seria uma satisfação tremenda poder anunciar-lhe esta noite que vencera a

tempestade sem qualquer dificuldade.

– Não entres em pânico – murmurei, pois pareceu-me um bom primeiro passo rumo ao sucesso.

– Chove a podes, estamos no meio da montanha e sem telemóvel. *Não entres em pânico*. Claro, tu

mandas... – resmungou a Korbie.

Capítulo três

A chuva não dava sinais de querer abrandar.

Uma hora mais tarde ainda escorria pelo para-brisas, adquirindo a consistência de neve

semiderretida. Alguns graus de diferença, porém, e o caso mudaria de figura. Continuávamos paradas

no meio da estrada, com o motor a trabalhar praticamente em contínuo. Sempre que o desligava para

poupar gasolina começávamos ambas a tiritar. Tínhamos trocado a roupa leve por calças de ganga e

botas, e estávamos com os casacos de inverno, mas a camada adicional revelava-se insuficiente para

nos proteger do frio. Mal ou bem, não surgira mais nenhum carro por trás de nós.

– Está a arrefecer lá fora – disse eu a morder o lábio, nervosa. – Se calhar, é melhor tentarmos

voltar para trás.

– A casa não deve ficar a mais de uma hora de distância. Não podemos voltar para trás agora.

– Mas chove tanto que nem consigo distinguir os sinais. – Debrucei-me sobre o volante, de olhos

semicerrados, na tentativa de descortinar o sinal em forma de losango que se via mais adiante. Era

impossível ler as marcas a preto. Escurecera de um momento para o outro. Segundo o relógio, pouco

passava das 17h00, mas bem podia ser o adensar do crepúsculo.

– Julguei que o Wrangler estava preparado para todos os tipos de terreno. Tenho a certeza de que

pode bem com uma chuva destas. Puxa por ele e leva-nos até lá acima.

– Vamos esperar mais 10 minutos, para ver se melhora. – Não tinha grande experiência de

condução naquelas condições, sobretudo com ventos tão fortes, e a penumbra só vinha piorar ainda

mais a visibilidade. Naquele momento, conduzir, mesmo em marcha lenta, parecia-me demasiado

arriscado.

– Já viste bem o céu? Tão cedo não vai parar de chover. Temos de continuar. Mas achas que as

escovas do para-brisas se vão aguentar?

Boa pergunta. As faixas de borracha começavam a desgastar-se, expondo um esqueleto metálico

que chiava baixinho ao raspar no vidro.

– Talvez as devesse ter substituído antes de partirmos – declarou a Korbie.

Que simpático da parte dela dizer-me aquilo *agora*.

– Pensando melhor, temo que o teu carro não aguente este tempo – continuou ela com fingida

apreensão.

Calei-me com receio de dizer algo de que me pudesse vir a arrepender. As provocações da

Korbie eram sempre assim: proferidas à traição. Dominava a arte de rebaixar as pessoas fingindo ao

mesmo tempo inocência e boa-fé.

– Os veículos todo-o-terreno evoluíram muito ao longo dos anos, não? – acrescentou ela,

maldosa. – Quer dizer, é incrível a diferença entre o teu jipe e o meu SUV.

Comecei a eriçar-me. Estava a transformar aquilo numa competição, como sempre. Nunca lho

confessaria, mas no verão anterior, quando ficara a dormir em casa da Korbie, tinha dado uma

espreitadela ao diário dela. Contava descobrir segredos do Calvin, trunfos que pudesse utilizar mais

tarde para o provocar, e qual não foi a minha surpresa quando encontrei duas listas, uma ao lado da

outra, a comparar-nos às duas. Segundo a Korbie, eu tinha pernas mais bonitas e uma cintura mais

definida, mas os meus lábios eram finos de mais e era muito sardenta, o que fazia de mim uma

rapariga apenas *genericamente* gira. Ela usava copas maiores, tinha as sobrancelhas mais bonitas e

pesava menos cinco quilos do que eu. Convenientemente, esquecera-se de mencionar que era oito

centímetros mais baixa...

A lista ocupava duas páginas, e as diferenças na cor da tinta indicavam que se tratava de uma

tarrafa em curso. Atribuíra a cada característica uma pontuação e, no fim, calculara as somas. Na

altura, batia-me por uns sólidos 10 pontos, o que me parecera ridículo, pois tinha atribuído à

manicure dela cinco pontos adicionais, quando tínhamos feito precisamente o mesmo tratamento e no

mesmo salão.

Naquele momento, pensei na lista secreta, e senti-me mais determinada do que nunca em defender

o Wrangler. Teria de nos conseguir levar até lá acima se não lhe quisesse dar outra vitória para a

estúpida da lista. (Um carro melhor? Confirmado.) Sabia que não devia dar importância ao jogo

dela, já que estava viciado e, fosse como fosse, a Korbie nunca permitiria que a vencesse, mas eu

queria muito vencer. Oh, se queria.

Por estranha coincidência, tinha levado a cabo a mesma charada na minha relação com o Calvin,

no esforço supremo de tentar convencer toda a gente à minha volta, sobretudo a Korbie, de que eu e o

Calvin éramos perfeitos. De que era *para sempre*. Nunca tinha considerado a questão de forma

consciente, mas naquele momento senti uma necessidade esmagadora de mostrar à Korbie como a

minha vida era fantástica – talvez instigada pela lista ou talvez porque me irritava saber que ela

mantinha um cálculo de vitórias e derrotas, quando isso é o tipo de jogo que se pratica entre inimigos

e não entre boas amigas.

– Puseste pneus de neve nesta coisa antes de partirmos? – quis ela saber.

Esta coisa? Era em momentos como este que tinha de parar para relembrar por que razão éramos

amigas. Sempre tínhamos sido inseparáveis, e embora tivéssemos começado a seguir caminhos

diferentes, sobretudo neste último ano, não era fácil abandonar uma relação de muitos anos. Além

disso, se parasse para pensar bem no assunto, já tinha perdido a conta às vezes em que a Korbie

arriscara o pescoço por mim. Desde pequena que assumia os custos de coisas que eu não poderia

pagar, e lamuriava-se até que os pais me deixassem acompanhá-la durante as férias da família. Nunca

permitia que eu ficasse de fora. Egocêntrica ou não, os pequenos gestos de generosidade da Korbie

tinham-me cativado.

E isso não mudara. Ainda.

Definitivamente éramos mais como irmãs do que simplesmente amigas: ainda que por vezes nos

detestássemos, não podíamos estar separadas. E sabíamos que podíamos contar sempre com o apoio

uma da outra. A Rachel e a Emilie tinham preferido a praia às caminhadas nas Teton, embora

soubessem como isto era importante para mim, mas a Korbie não hesitara. Bem, não durante muito

tempo.

– Esta neve não estava prevista – retruquei. – Os teus pais disseram-nos que as estradas iam estar

desimpedidas até Idlewilde.

A Korbie exalou um longo suspiro amuado e cruzou as pernas com impaciência.

– Bem, agora que estamos aqui encalhadas, acho que só nos resta esperar que

o Bear nos venha

salvar.

– Estás a querer insinuar que é por minha culpa que estamos nesta situação?
Não controlo o

tempo.

Ela agastou-se.

– Só disse que estávamos encalhadas, tu é que estás a fazer uma tempestade
num copo de água.

Posso *ter* insinuado que o jipe não está à altura do desafio, e depois? É
verdade, não é? Só estás

assim porque sabes que tenho razão.

Comecei a respirar como se estivesse em esforço físico.

– Com que então, achas que o Wrangler não é capaz de chegar lá acima?

Ela fez um gesto pomposo, abarcando a paisagem.

– Só acredito depois de ver.

– Como queiras.

– Força, à vontade. Dá-lhe gás.

Soprei para afastar o cabelo dos olhos e apertei o volante até ficar com os nós
dos dedos

brancos. Não o queria fazer. Não me queria parecer que o jipe fosse capaz de
nadar rio acima, o que

era praticamente o que lhe estava a pedir.

– Tu és só garganta – acusou a Korbie. – Aposto que não és capaz.

Tinha de o conseguir. Não me deixara a mim própria outra hipótese.

Engatei a primeira, reunindo coragem, e enfiei o jipe na corrente de água que cobria a estrada.

Estava tão apavorada que até sentia o suor a escorrer-me pela espinha. Ainda nem tínhamos chegado

a Idlewilde e já havia problemas. Se fizesse asneira, a Korbie nunca me perdoaria por tê-la

arrastado até ali. Pior, queixar-se-ia ao irmão, que faria questão de salientar que se eu não era capaz

de manobrar o carro em condições de intempérie, então não me devia ter aventurado numa expedição

tão rigorosa. *Tinha* de nos conseguir tirar deste aperto.

Os pneus traseiros ressaltaram e derraparam, mas finalmente aderiram à estrada e retomámos a

subida.

– Vês? – disse eu, orgulhosa, mas ainda a sentir um nó no peito. Não me atrevia a mover o pé do

acelerador com receio de que o mínimo ajuste nos pudesse fazer resvalar, ou pior, precipitar o

Wrangler pela encosta abaixo.

– Guarda as palmadinhas nas costas para quando chegarmos lá acima.

Enormes flocos de neve varriam o para-brisas, forçando-me a aumentar a velocidade das

escovas, que já estavam nas últimas. Só via poucos metros à frente do jipe. Liguei os máximos. Não

melhorou muito.

Continuámos a avançar a um ritmo penosamente arrastado durante cerca de uma hora, até que

deixei de conseguir ver a estrada, apenas vislumbres de alcatrão sob o manto branco. De poucos em

poucos metros, os pneus entravam em derrapagem e bloqueavam. Carreguei um pouco mais no

acelerador, mas sabia que não podia continuar assim por muito mais tempo. Uma coisa era tentar

salvar as aparências diante da Korbie, outra era matar-nos sem necessidade.

Nisto, o motor do jipe foi-se abaixo. Dei a volta à chave e carreguei ao de leve no acelerador. *Vá*

lá, não pares agora. Não sabia se estava a tentar incentivar o carro ou a mim própria. O motor

resmungou e voltou a morrer. O declive e o gelo na estrada impediam qualquer avanço a partir

daquele ponto.

Não conseguia ver em que parte da estrada tínhamos parado e isso assustava-me. Podíamos estar

a poucos centímetros do precipício. Voltei a ligar os quatro piscas, mas nevava de tal forma que só

nos veriam quando já fosse demasiado tarde.

Saquei o mapa do Calvin do bolso e procurei orientar-me, mas era inútil. Não

havia pontos de

referência no meio do nevão.

Ficámos imóveis e em silêncio durante vários minutos, enquanto o vapor de água da nossa

respiração condensava nos vidros. Era um alívio, por uma vez que fosse, não ter de ouvir os

comentários da Korbie. Naquele momento, não me sentia com forças para discutir com ela. Revi

várias vezes as nossas opções. Não tínhamos comida – estava tudo no chalé. A sra. Versteeg

encarregara o assistente de vir abastecer a despensa no fim de semana anterior para nos poupar a

esse trabalho. Não havia rede. Tínhamos os sacos-cama, mas seria acampar ali no meio da estrada

realmente uma opção? E se fôssemos colhidas por um camião?

– Ai, mãezinha – disse a Korbie ao limpar a condensação do vidro e espreitar lá para fora. Eu

nunca tinha presenciado um nevão tão repentino e tão intenso. A neve cobrira a estrada por completo

e continuava a acumular-se.

– Se calhar, devíamos voltar para trás – sugeri, mas isso também não era propriamente uma

opção. Descer a montanha por cima do gelo parecia ainda mais arriscado do que continuar a subir. E

eu estava esgotada depois de toda a concentração necessária para nos fazer

chegar até ali. Sentia uma

dor de cabeça persistente a arranhar-me o crânio.

– Nem penses em voltar para trás. Não vamos sair daqui – disse a Korbie, taxativa. – O Bear não

deve estar mais do que uma ou duas horas atrás de nós. Pode rebocar-nos com a carrinha dele.

– Não podemos ficar paradas no meio da estrada, Korbie. É demasiado perigoso. Tem de haver

uma área de repouso mais adiante. Vai lá fora empurrar o jipe.

– Perdão?

– Não podemos estacionar aqui. Estamos no meio da estrada. – Na realidade, não fazia ideia se

estávamos ou não no meio da estrada. O terreno, as árvores e o céu eram indistinguíveis sob a

investida da neve. Era impossível perceber onde acabava um e começava outro. E embora não me

parecesse muito prudente deslocarmos o carro – principalmente quando não se via um palmo à frente

do nariz –, estava farta das sugestões estúpidas e irrefletidas da minha companheira. Era preciso

acordá-la para a realidade. – Vai lá fora e empurra o jipe, anda.

A Korbie olhou-me com cara de espanto e a seguir semicerrou os olhos.

– Não podes estar a falar a sério. Está, tipo, a nevar, lá fora.

– Está bem, então. Conduz tu, eu empurro.

– Não sei usar as mudanças.

Como eu muito bem sabia. Infelizmente, fazê-la admiti-lo não me animou tanto como esperava.

Estávamos presas na neve e eu não sabia como nos tirar dali. Senti a garganta estranha. De repente,

tive a sensação de que o perigo era maior do que qualquer uma de nós supunha. Afugentei este

pensamento alarmante e saí do carro.

Senti de imediato a bofetada do vento e da neve. Vasculhei os bolsos do casaco à procura do meu

gorro de esqui. Ao fim de cinco minutos na neve não passaria de um farrapo ensopado. Tinha um

boné de reserva, um que o Calvin me oferecera no verão anterior, enterrado algures no fundo de uma

das mochilas, mas não era impermeável. Só o trouxera na viagem para ter o prazer de lho devolver,

outra forma de deixar bem claro que já não estava interessada nele.

Enrosquei o meu cachecol vermelho à volta do pescoço, esperando que se aguentasse melhor do

que o gorro.

– Onde vais? – gritou a Korbie pela porta aberta.

– Não podemos dormir aqui. Se deixarmos o jipe a trabalhar toda a noite acaba-se a gasolina.

Sem aquecimento, congelamos. – Olhei-a nos olhos para me certificar de que estava a registar as

minhas palavras. Eu própria sentia alguma relutância em percebê-las. O perigo em que nos

encontrávamos ainda não passava de uma noção vaga e distante. Difícil de digerir.

Mais uma vez, pensei no meu pai. Saberia ele que estava a nevar nas montanhas? A esta hora, era

bem provável que já se tivesse enfiado na carrinha para nos vir buscar. Tranquilizava-me pensar que

não havia realmente perigo porque o meu pai nos viria salvar... Mas como iria ele encontrar-nos?

– Mas não era suposto nevar! – uivou a Korbie.

Se o meu pai tivesse previsto uma situação destas não me teria deixado vir, e a esta hora eu

estaria no conforto do lar, em segurança. Mas agora não valia a pena pensar nisso. Estava aqui, em

pleno nevão, e tínhamos de encontrar abrigo.

– Estás a sugerir dormirmos aí fora? – disse a Korbie a apontar a floresta, sombria e

fantasmagórica sob o turbilhão da neve.

Enterrei as mãos nos sovacos para conservar o calor e disse-lhe:

– Não podemos ser as únicas pessoas na zona. Se dermos uma volta por aí, mais tarde ou mais

cedo havemos de encontrar uma cabana com luz.

– E se nos perdermos?

A pergunta dela irritou-me. Como podia eu saber? Tinha fome, precisava urgentemente de uma

casa de banho e estava presa nas montanhas. Preparava-me para abandonar o jipe em busca de um

abrigo melhor sem garantias de sucesso. O telemóvel não dava sinal, não tinha forma de entrar em

contacto com o meu pai e sentia o coração a martelar de tal forma que me começava a deixar zozza.

Bati com a porta do condutor e fingi não a ter ouvido. Remeti a possibilidade de nos perdermos

para o fim da lista de coisas com que me preocupar. Se o meu pai não nos conseguisse alcançar, se

passássemos a noite no Wrangler, se não encontrássemos nenhuma cabana, morreríamos congeladas.

Não lhe quis dizer, mas nem sequer sabia bem onde estávamos. A capacidade de orientação da

Korbie era pior do que a minha e cabia-me a mim seguir as instruções do sr. Versteeg. A película de

gelo que se formara por cima dos sinais de trânsito tornava-os ilegíveis, e embora não o tivesse dado

a entender na altura, não tinha a certeza de ter tomado a direção certa na última bifurcação. Só havia

uma estrada principal de acesso ao pico da montanha, mas se tivesse virado cedo ou tarde de mais...

O Bear seguia atrás de nós na carrinha dele, mas se estivéssemos na estrada errada nunca nos

encontraria. Idlewilde podia ficar a muitos quilómetros dali.

A Korbie veio ter comigo à traseira do jipe.

– Talvez o melhor seja eu ficar aqui enquanto tu vais investigar. Assim, uma de nós não perde o

Wrangler de vista.

– O Wrangler não nos vai servir de nada se a tempestade durar toda a noite – declarei.

A neve colava-se ao cabelo e ao casaco. O tempo continuava a piorar. Queria acreditar que o

nevão não tardaria a abrandar e que o Bear não podia estar muito longe, mas a sensação de pânico

que me oprimia o peito dizia-me que não contasse muito com isso.

– Devíamos manter-nos juntas – disse-lhe. Parecia boa ideia. Algo que o Calvin diria.

– Mas, e se nos desencontrarmos do Bear? – protestou a Korbie.

– Damos uma vista de olhos por aí durante meia hora. Se não encontrarmos ninguém,

regressamos.

– Prometes?

– Claro. – Procurei manter um tom de voz neutro. Não queria que a Korbie percebesse o meu

pânico. Se ela desconfiasse que, afinal, não tinha nada sob controlo, teria um ataque. Tentar chamá-la

à razão estaria fora de questão. Conhecia-a bem e sabia que desataria a chorar

ou a gritar comigo, e

eu deixaria de ser capaz de pensar. Que era o melhor que tinha a fazer agora. Pensar. Pensar como

alguém que sabia como sobreviver. Pensar como o Calvin.

Retirei uma pequena lanterna do monte de equipamento e preparei-me para enfrentar a

tempestade.

Caminhámos pela neve durante 30 minutos. Depois mais 15. Segui sempre ao longo da estrada

para não nos perdermos, mas estava tão escuro e nevava tanto que era fácil alguém se desorientar.

Já estávamos a andar à quase uma hora e eu sabia que estava a esticar a corda. Em breve, a

Korbie começaria a lamuriar-se e teríamos de voltar para trás.

– Só mais um pouco – disse-lhe eu, não pela primeira vez. – Vamos ver o que há ali atrás

daquelas árvores.

A Korbie não respondeu. Perguntei-me se finalmente estaria tão assustada como eu.

A neve mordia-me a pele como presas afiadas. Cada passo era um sacrifício e o meu cérebro

começou a divisar um plano alternativo. Havia sacos-cama e cobertores no Wrangler. Não podíamos

dormir dentro do jipe, não com ele parado no meio da estrada, mas se nos embrulhássemos em várias

camadas de roupa, se escavássemos uma toca num monte de neve e dormíssemos muito juntas para

conservar o calor...

Luz. Ali, mais adiante.

Não era uma miragem. Era mesmo verdade.

– Luzes! – exclamei num fio de voz devido ao frio.

A Korbie começou a chorar baixinho.

Peguei-lhe na mão e juntas marchámos por entre as árvores, vencendo a custo um terreno mole e

empapado de neve que se colava às botas, tornando os nossos passos cada vez mais pesados. Uma

cabana. Era uma cabana. Estávamos safas.

A luz que provinha do interior iluminava uma velha carrinha cor de ferrugem parcialmente

enterrada na neve. Havia gente em casa.

Corremos para a entrada e eu bati à porta. Sem esperar por uma resposta, comecei a bater com

vigor renovado. A Korbie juntou os esforços dela aos meus, batendo com os punhos na porta. Evitei

pensar e se ninguém atende, e se tivessem ido embora e deixado a carrinha para trás, e se tivérmos de

forçar a entrada. Sabia que em caso de necessidade não hesitaria em arrombar a porta.

Pouco depois, soaram passos do outro lado. Fui invadida por uma incrível

sensação de alívio.

Ouvi uma discussão abafada. Porque estariam a demorar tanto tempo?
Depressa, despachem-se,

pensei. *Abram a porta. Deixem-nos entrar.*

De repente, as luzes do alpendre acenderam-se, iluminando-nos como holofotes. Retraí-me,

protegendo a vista. Andávamos há tanto tempo a caminhar às escuras que o clarão súbito fazia doer

os olhos.

O trinco deslizou e a porta rangeu baixinho ao abrir-se. Estavam dois homens à entrada, o mais

alto uns passos atrás do outro. Reconheci-o de imediato. Ainda trazia a mesma camisa xadrez e as

mesmas botas de antes. Os nossos olhares colidiram e, por momentos, a expressão dele acusou

apenas a mais pura perplexidade. Olhou-me fixamente, e ao aperceber-se de quem eu era, o rosto

dele endureceu.

– *Mason?* – disse eu.

Capítulo quatro

– Ena, duas vezes no mesmo dia – comentei, sorrindo-lhe com os dentes a bater de frio. – Ou isto

é uma grande coincidência, ou o destino está a tentar dizer-nos qualquer coisa.

O Mason continuou a fixar-me, mal-encarado, com os lábios apertados e uma expressão pouco

convidativa no olhar. Um redemoinho de neve invadiu o interior através da porta aberta, mas ele não

nos convidou a entrar.

– O que estás aqui a fazer?

O tipo que estava encostado à ombreira da porta, ao lado do Mason, olhava para nós as duas,

curioso.

– Conhece-la?

Parecia ter a idade do Mason, 20 e poucos, mas era mais baixo e robusto como uma prancha. A

t-shirt justa revelava um peito magro e ossudo. Uma franja de cabelo loiro e hirsuto caía-lhe sobre a

testa e, por detrás dos óculos pretos de aros redondos, os olhos dele eram de um azul glacial. O que

captou a minha atenção foi o nariz torto. Perguntei-me como o teria partido.

– De onde é que vocês se conhecem? – perguntou-me a Korbie com uma pequena cotovelada

impaciente.

Nem acreditava que me tinha esquecido de lhe falar no Mason. Se não estivesse tão enregelada,

talvez me risse ao lembrar-me da expressão ciumenta do Calvin, quando eu e o Mason o

convencemos de que éramos namorados. Teria de pôr a Korbie a par da história antes de chegarmos

a Idlewilde, para poder manter a charada diante do Calvin com a ajuda dela.

– Conhecemo-nos... – comecei eu a dizer, mas o Mason interrompeu-me.

– Não nos conhecemos. Vimo-nos na fila da caixa quando fui encher o depósito hoje de manhã. –

Os olhos simpáticos e sensuais que encontrara de manhã mostravam-se agora frios e velados. O tom

de voz dele era brusco e irritado. Era difícil imaginar que se tratava do mesmo rapaz com quem

namoriscara há poucas horas. Não percebia o que o levava a ser tão antipático agora, nem por que é

que de repente deixara de ter interesse em manter a nossa charada. O que teria mudado?

Os nossos olhares voltaram-se a encontrar e se ele percebeu a minha confusão, não pareceu

importar-se.

– O que é que queres? – repetiu ele de forma mais ríspida.

– O que é que te parece? – A Korbie apertou os braços à volta do corpo para se aquecer e

começou a saltitar de um pé para o outro com impaciência.

– Ficámos atascadas – titubeei, perplexa com a receção hostil. – Fomos apanhadas no nevão.

Estamos geladas. Podemos entrar?

– Deixa-as entrar – disse o amigo do Mason. – Não vês que estão encharcadas?

Sem esperar permissão, a Korbie disparou para dentro da cabana e eu fui atrás dela. Quando o

amigo do Mason fechou a porta, senti o calor a entranhar-se na pele e estremeci de alívio.

– Elas não podem ficar aqui esta noite – disse o Mason de imediato, posicionando-se de forma a

obstruir o corredor que conduzia ao interior da cabana.

– Se não passarmos aqui a noite – disse a Korbie –, vamos acabar transformadas em cubos de

gelo humanos. Não queres uma coisa dessas na tua consciência, pois não?

– Parece-me grave – comentou o amigo do Mason com um brilho divertido no olhar. – E não,

definitivamente não queremos ser responsabilizados por dois cubos de gelo humanos. Especialmente

quando têm muito melhor aspeto na versão de sangue quente.

Em resposta ao piropo, a Korbie fez-lhe uma pequena vénia e um sorriso atrevido.

– Onde está o vosso carro? – quis saber o Mason. – Onde é que estacionaram?

– Lá em baixo, na estrada principal – respondi. – Caminhámos uma hora para chegar aqui.

– A esta hora, já deve estar enterrado debaixo de um monte de neve – acrescentou a Korbie.

– Inacreditável – resmungou o Mason, fuzilando-me com o olhar. Como se a culpa fosse minha.

Peço mil perdões por não poder de controlar o tempo; por ter pedido um pouco de ajuda, um pouco

de hospitalidade.

– Vieram sozinhas? – perguntou o amigo do Mason. – São só vocês as duas? Eu sou o Shaun, já

agora.

– E eu sou a Korbie – retribuiu ela com uma voz sedutora.

O Shaun apertou-lhe a mão e virou-se para mim de mão estendida, mas eu estava enregelada de

mais para tirar a minha do bolso. Em vez disso, encolhi-me ainda mais dentro do casaco e fiz-lhe um

aceno de cabeça.

– Britt.

– Sim, somos só nós as duas – disse a Korbie em resposta à pergunta dele. – Têm de nos deixar

ficar. Vai ser divertido, juro – acrescentou com um sorrisinho coquete.

Ignorei a atitude provocadora da Korbie e pus-me a observar o Mason com atenção. Não entendia

o que o levava a agir de forma tão estranha. Na estação de serviço tinha feito tudo para me ajudar.

Olhei por cima do ombro dele para o interior da cabana, em busca de algo que explicasse aquela

frieza súbita. Teríamos vindo interromper alguma coisa? Haveria algo – ou alguém – que ele não

queria que víssemos?

Tanto quanto me era dado ver, o Mason e o Shaun estavam sozinhos, como atestavam os dois

casacos de homem pendurados em ganchos do outro lado do vestíbulo, a secar.

– Vai ser divertido, nós os quatro aqui juntos – assegurou-lhes a Korbie. – Podemos manter-nos

bem aconchegadinhos para conservar o calor – acrescentou entre risinhos.

A minha companheira começava-me a irritar. Que comentário tão imbecil. Nem sequer

conhecíamos estes tipos. Parecia já se ter esquecido de que até há alguns minutos atrás estávamos

plenamente convencidas de que íamos morrer congeladas nas montanhas. Eu ainda me sentia abalada

com o susto, e vê-la lançar charme para cima do Shaun deu-me vontade de lhe dar um abanão.

Eu estava aterrorizada, lá fora na floresta. Completamente aterrorizada. O que se passava com ela

que, num estalar de dedos, era capaz de ir dos soluços aos risinhos no mesmo fôlego?

– É só por uma noite – disse eu ao Mason e ao Shaun. – Partimos assim que houver luz.

O Shaun passou o braço por cima dos ombros do Mason e disse:

– Que me dizes, bacano? Ajudamos estas pobres coitadas?

– Não – respondeu logo o Mason, afastando o braço do amigo com um gesto brusco. – Não podes

ficar aqui – disse-me ele.

– Lá fora é que não podemos ficar – retorqui. Pareceu-me irónico estar ali a suplicar-lhe para que

nos deixasse ficar, pois quanto mais falava com o Mason, menos me apetecia permanecer na mesma

cabana que ele. Era desconcertante. Não restava qualquer vestígio do rapaz descontraído e

brincalhão no tipo que tinha à minha frente. Como explicar a mudança de atitude?

– Às vezes, temos de ignorar aqui o velho Mason – declarou o Shaun com um sorriso enigmático.

– Tem talento para muitas coisas, mas ser simpático não é uma delas.

– Parem as rotativas – resmungou a Korbie entre dentes.

– Vá lá, Ás, podia ser pior – disse o Shaun ao Mason dando-lhe uma palmadinha nas costas. –

Vejamos, por exemplo... – E pôs-se a coçar o queixo com um ar pensativo. – Para dizer a verdade,

não me ocorre nada melhor do que esperar que a tempestade passe na companhia de duas miúdas

giras. Aliás, elas aparecerem aqui foi a melhor coisa que nos podia ter acontecido.

– Posso falar contigo a sós? – perguntou-lhe o Mason em voz baixa, contendo

a cólera.

– Claro, assim que ajudarmos estas meninas a aquecerem-se. Olha bem para elas: estão geladas,

pobrezinhas.

– *Já.*

– Oh, para lá com o drama – disse a Korbie ao Mason, exasperada. – Não somos nenhuma

psicopatas assassinas de machado ao ombro. Posso jurá-lo perante a Bíblia, se quiseres –

acrescentou ela, piscando o olho ao Shaun.

Este fez um grande sorriso ao Mason e deu-lhe um pequeno murro no peito.

– Ouviste bem, amigo? Perante a Bíblia.

Aquele vaivém começava a testar-me a paciência. Estava tão tolhida de frio que me senti tentada

a forçar a passagem até à lareira acesa que se via da entrada. As chamas projetavam uma animada

dança de sombras nas paredes da sala ao fundo do corredor. Imaginei-me sentada perto do calor até

me sentir bem quentinha.

– Uma noite não vai matar ninguém, pois não? – continuou o Shaun. – Que tipo de homens

seríamos nós se as deixássemos lá fora ao frio?

O Mason não disse uma palavra, mas os músculos do rosto dele contraíram-se visivelmente. Não

podia ter deixado mais claro aquilo que pensava. Não nos queria na cabana. Já o Shaun, por outro

lado, teria todo o prazer em deixar-nos ficar o tempo que fosse necessário. Teriam estado a discutir

antes de nós chegarmos? Sentia a atmosfera entre eles a chispar como um cabo sob tensão.

– Não podemos discutir o assunto diante da lareira, *por favor?* – pediu a Korbie.

– Boa ideia – disse o Shaun, tomando a dianteira. Fiquei a ver a Korbie a segui-lo pelo corredor

rumo à sala enquanto se desembaraçava do cachecol.

Quando ficámos sozinhos, o rosto do Mason assumiu uma expressão de derrota que prontamente

se transformou numa máscara rígida. De irritação? Animosidade? Olhou-me nos olhos e tive a

sensação de que me estava a tentar dizer qualquer coisa. Havia uma intensidade nos olhos dele que

parecia sugerir uma mensagem oculta.

– Qual é o teu problema? – resmunguei entre dentes, e fiz menção de lhe virar as costas e deixá-lo

sozinho. Estava mesmo à minha frente, a obstruir o corredor, e eu esperava que se desviasse para me

deixar passar, mas tal não aconteceu. Continuou especado, a encurralar-me no vestíbulo, mantendo

uma proximidade incómoda.

– Agradeço o acolhimento caloroso – disse-lhe. – Tão caloroso que já estou praticamente

descongelada.

– Isto não é boa ideia.

– O que é que não é boa ideia? – intimei, na esperança de que me explicasse o porquê de estar a

agir de forma tão bizarra.

– Vocês não deviam estar aqui.

– E porque não?

Dei-lhe tempo para responder, mas ele limitou-se a fixar-me com aquela expressão sombria e

feroz. Disse-lhe com desdém:

– Não tivemos propriamente escolha, não é? Mas calculo que seja pedir de mais que me salves

duas vezes no mesmo dia.

– O que queres dizer com isso? – rosnou ele.

– Ajudaste-me a salvar as aparências diante do meu ex, lembras-te? Mas impedir que eu morra

congelada é obviamente um fardo muito pesado para ti.

– Que estão vocês para aí a cochichar? – bradou o Shaun da sala. Estava sentado ao lado da

Korbie no sofá xadrez de dois lugares, e ela tinha as pernas cruzadas. Quase dava a impressão de

estar a tocar-lhe na perna com a biqueira da bota. Claramente já desistira de esperar que o Bear a

viesse salvar. – Venham para aqui para se aquecerem.

O Mason baixou a voz, murmurando num tom urgente:

– É tão mau como dizes? Tens mesmo o carro atascado na neve? Se eu vos levar até lá esta noite,

achas que conseguimos escavá-lo?

– Tanto trabalho só para me veres daqui para fora? – perguntei, sentida. Não merecia que ele me

tratasse assim. Não depois da cumplicidade da manhã. Precisava de uma explicação. Onde estava o

Mason de antes?

– Responde-me – exigiu ele no mesmo tom contido e urgente.

– Não. Há demasiado gelo na estrada e o declive é muito íngreme. O carro não vai a lado nenhum

esta noite.

– Tens a certeza?

– Não sejas idiota. – E passei por ele, embora não me tenha facilitado a tarefa: fez finca-pé e

toquei-lhe no braço de raspão ao encolher-me entre ele e a parede.

A meio do corredor olhei para trás. Continuava de costas para mim e vi-o passar a mão pelo

cabelo com gestos nervosos. O que o incomodava tanto? Fosse o que fosse, também me começava a

deixar em pulgas.

Embora eu e a Korbie estivéssemos a salvo da tempestade, não me sentia completamente segura

dentro da cabana. Tirando o fortuito encontro da manhã, não conhecia o Mason de lado nenhum. E o

Shaun ainda menos. E apesar de já não correremos o risco de morrermos de frio, preparávamo-nos

para passar a noite com dois tipos que, francamente, não sabíamos se podíamos confiar. Era

inquietante. De momento, não me restava outra alternativa senão manter-me alerta e esperar que o

nevão passasse rapidamente.

Reuni-me ao Shaun e à Korbie na sala.

– Mais uma vez obrigada por nos deixarem passar aqui a noite – disse eu. – Este tempo não está

com nada.

– Apoiado! – disse o Shaun, erguendo um copo de plástico com água.

– Têm telefone fixo? – perguntou a Korbie. – Os nossos telemóveis não apanham rede nesta zona.

– Telefone, não temos. O que temos é feijões e cerveja. E uma cama a mais. Onde é que estavam a

pensar passar a noite? Antes do nevão, quero eu dizer – perguntou-nos ele.

– No chalé da minha família – respondeu a Korbie. – Em Idlewilde.

O Shaun não pareceu reconhecer o nome, o que provavelmente queria dizer

que me tinha

enganado no caminho e que estávamos a quilómetros da propriedade.

– É uma cabana grande e muito bonita com chaminés em pedra – acrescentei eu, na esperança de

lhe avivar a memória. Idlewilde ficava isolada à beira do lago e constituía por si só um marco na

paisagem.

– A que distância fica a vossa cabana? – interrompeu a voz do Mason, precedendo a chegada dele

à sala. Parou à entrada. – Posso levar-vos lá a pé.

O Shaun lançou-lhe um olhar descontente, abanando a cabeça de forma subtil, mas firme. Em

resposta, o Mason franziu os lábios e senti a tensão no olhar carregado que partilharam.

– Talvez queiras verificar as condições da estrada antes de fazeres promessas – troçou a Korbie.

– Visualiza uma camada de lama com vários centímetros, e a seguir imagina 20 centímetros de neve

por cima disso e ainda a acumular-se. Esta noite, ninguém vai a lado nenhum.

– Tens toda a razão – secundou o Shaun, levantando-se do sofá. – Posso oferecer-vos qualquer

coisa para beber? Temos água e chocolate quente instantâneo, mas não garanto que esteja dentro do

prazo. E duas garrafas de cerveja.

– Água, por favor – disse eu.

– Muito bem. Korbie?

– O mesmo – disse ela, cruzando as mãos sobre os joelhos e lançando-lhe um sorriso

deslumbrado.

– Ás, amigo?

O Mason hesitava à entrada da sala com uma expressão ensombrada, quase apreensiva. Devia

estar embrenhado em pensamentos, pois só reagiu após alguns segundos de silêncio.

– Desculpa, o quê?

– Bebes alguma coisa?

– Quando quiser, vou buscar.

Quando o Shaun desapareceu no interior da cozinha, o Mason enfiou as mãos nos bolsos e apoiou

um ombro à parede sem tirar os olhos de nós. Ergui uma sobrancelha, devolvendo-lhe o olhar com

uma expressão de desafio. Procurei convencer-me de que o melhor seria ignorá-lo, mas era mais

forte do que eu. A curiosidade estava a dar cabo de mim. Porquê a atitude mal-humorada? Onde

estava o rapaz simpático e, atrevo-me a dizer, *sexy*, da manhã? Sim, porque eu queria-o de volta. De

uma forma que não conseguia explicar, naquele momento precisava mais do

rapaz que conhecera na

loja da estação de serviço do que do Calvin, o que não era dizer pouco.

– Que cantinho tão adoravelmente rústico que vocês aqui têm – comentou a Korbie, percorrendo

com o olhar as vigas de madeira que suportavam o teto. – A qual dos dois pertence a cabana?

Ambas fitámos o Mason, que não se dignou a responder. Com um suspiro exasperado, a Korbie

levantou-se do sofá, foi ter com ele e estalou-lhe os dedos à frente da cara.

– Chama-se inglês. Usa-o.

Nesse momento, o Shaun regressou à divisão.

– A cabana é aqui do Ás – disse ele. – Os pais faleceram há pouco tempo e deixaram-lha em

testamento. É a primeira vez que vimos cá acima desde o funeral.

– Ah. – Engoli em seco. – Deve ser difícil... Tantas memórias, quero eu dizer – balbuciei,

diplomática. O Mason não deu mostras de me ter ouvido, ou então preferiu não ouvir. Estava de

olhos postos no Shaun, de sobrolho franzido, o olhar dardejante.

– O Ás não gosta de falar no assunto – explicou o Shaun sem se atrapalhar, com um ar bem-

disposto. – É ateu. A morte deixa-o com os cabelos em pé, não acredita no Além. Não é, bacano?

Ninguém disse uma palavra. Tossiquei para limpar a garganta. Ainda que me

estivesse nas tintas

para os sentimentos do Mason, o Shaun estava a ser um bocadinho insensível de mais para o meu

gosto.

O Shaun quebrou a tensão com uma gargalhada desarmante.

– Vocês são demasiado crédulas para o vosso próprio bem. Deviam ver as vossas caras. A

cabana é minha, não dele. E antes que perguntem, os pais dele são um casal de reformados em

perfeita saúde e vivem em Scottsdale, no Arizona.

– És pior que o meu irmão – resmungou a Korbie, atirando-lhe uma das almofadas do sofá. O

Shaun fez um sorriso de orelha a orelha.

– É o preço a pagar por dormirem cá esta noite: aturar o meu sentido de humor doentio. –

Esfregou as mãos. – Então, digam lá: o que fazem duas miúdas sozinhas cá em cima nas montanhas?

– Estamos a morrer de fome – anunciou a Korbie sem papas na língua. – É hora de jantar. Não

podemos comer e guardar a conversa para depois? Sou capaz de jurar que perdi uns cinco quilos só

na caminhada até à cabana.

O Shaun olhou para mim e para o Mason e encolheu os ombros.

– Por mim, tudo bem. Vou preparar-vos o melhor *chili* com carne das vossas

vidas, esperem só

para ver.

– Vai lá fazer a tua magia – encorajou a Korbie, enxotando-o com um gesto do pulso. – Mas estás

por tua conta. Eu não faço trabalho manual, incluindo cozinhar. E não te dêes ao trabalho de pedir

ajuda à Britt, ainda é pior do que eu na cozinha – acrescentou, lançando-me um olhar que dizia: *Não*

te atrevas a oferecer-lhe ajuda – esse é meu.

Percebia os motivos da Korbie para não me querer a sós na cozinha com o Shaun, mas

surpreendeu-me ver o Mason subitamente em estado de alerta, como se pretendesse intervir caso eu

decidisse abandonar a divisão com o amigo dele. Fixou-me com um olhar insistente, como que a

advertir-me. Tudo aquilo me parecia estranhamente cómico. Não me queria aqui, nem acolá, nem em

parte alguma. E não queria mesmo nada que eu ficasse a sós como Shaun. Bem, azar o dele. Se isso

pudesse fazê-lo voltar ao que era antes, não ia deixar passar a oportunidade.

– A Korbie tem razão, sou *péssima* na cozinha – confessei. – Mas não ter jeito para uma coisa

não quer dizer que me recuse a fazê-la – acrescentei, numa indireta subtil dirigida à Korbie. –

Adorava ajudar-te a preparar o jantar.

E antes que alguém me pudesse impedir, entrei na cozinha.

Capítulo cinco

A cozinha estava totalmente equipada, com uma mesa tosca de pinho, um tapete índio e

fotografias emolduradas da cordilheira de Teton em diferentes estações do ano. Os tachos e as

frigideiras de alumínio pendiam de ganchos por cima da ilha central. Uma camada de pó roubava o

lustro aos utensílios e teias de aranha pendiam dos ganchos como serpentinas cor de prata. Era óbvio

que o Shaun não utilizava a cabana com frequência.

O lume ardia na lareira que comunicava com a sala através da parede comum. A divisão tinha um

cheiro agradável a fumo e a lenha. Admirava-me que o Shaun fosse proprietário de um sítio

daqueles. Não possuía o luxo do chalé dos Versteeg, mas a mãe da Korbie era uma bem-sucedida

advogada de divórcios com muitos anos de carreira.

– O que fazes na vida? – quis eu saber. Já teria concluído os estudos universitários? Seria

magnata de algum banco de investimento, uma espécie de génio do mundo da alta finança?

Ele lançou-me um sorriso modesto, mas descontraído.

– Sou apenas um amante do esqui. Interrompi os estudos até saber o que quero da vida.

Tecnicamente, este sítio pertence aos meus pais, mas como já não praticam esqui, deram-me carta-

branca. Passo imenso tempo cá em cima.

E devia mandar vir imensa comida de fora, pensei. Os tachos não eram usados há décadas.

– Mas ainda ficas um bocado longe da estância, não?

– Não me importo de conduzir.

Lavei as mãos no lava-loiça, mas como não havia panos de cozinha, sequei-as às calças de ganga.

– Por onde queres que comece? Sou perita em abrir latas de comida. – Antes que o Shaun tivesse

tempo de me impedir, fui até à despensa e abri a porta. Para minha surpresa, à exceção de duas latas

de *chili* com carne e uma embalagem de chocolate quente instantâneo com o rótulo desbotado, as

prateleiras estavam completamente vazias.

O Shaun apareceu por trás de mim.

– Esquecemo-nos de ir às compras antes de vir – explicou.

– Não há comida nenhuma – disse eu, perplexa.

– Amanhã de manhã já não deve nevar e nessa altura vamos ao supermercado.

O armazém mais próximo ficava a muitos quilómetros. Tínhamos passado por lá à vinda.

– Vocês vieram para as montanhas sem comida?

– Estávamos com pressa – respondeu o Shaun num tom quase brusco.

Não insisti porque era óbvio que ele não queria discutir o assunto, mas aquela falta de

preparação pareceu-me alarmante. O Shaun tinha dito que vinha muitas vezes à montanha praticar

esqui, mas a cabana quase dava a impressão de não ser habitada há muito tempo. E não era só isso

que me incomodava. Havia qualquer coisa na atitude dele que não batia certo. Mostrava-se simpático

e galante, mas não necessariamente afável ou sincero.

Ou, se calhar, eu é que estava com a mania da perseguição por me ver presa numa cabana com

dois tipos que não conhecia de lado nenhum. A verdade é que o Shaun nos tinha acolhido e estava a

preparar o jantar. Eu tinha era de relaxar e aceitar a hospitalidade dele.

Abri as latas de *chili* com gestos vagarosos, ciente da necessidade de as conservar. Sabia que era

a única comida de que dispúnhamos enquanto a tempestade durasse, e se esta se transformasse em

algo pior, podia muito bem constituir a nossa única fonte de subsistência durante dias. Havia barras

de cereais no jipe e desejei tê-las trazido comigo. Com alguma hesitação, passei as latas ao Shaun,

que já tinha colocado uma caçarola grande ao lume.

Por força do hábito, verifiquei se havia mensagens novas no telemóvel.

Talvez o Calvin tivesse

tentado ligar. Ele sabia que tínhamos ficado de chegar a Idlewilde por volta das 18h00, e já eram

quase 21h00.

– Nesta altitude e no meio das árvores, esse telemóvel não passa de um peso morto dentro do teu

bolso.

Abafei um gemido. O Shaun tinha razão.

– Aparentemente, não sou capaz de passar cinco minutos sem pegar no telemóvel. Maus hábitos...

Sinto-me uma inútil sem ele.

– E tu? – perguntou ele. – Vens cá acima muitas vezes?

Numa tentativa vã, agitei o telemóvel por cima da cabeça, como se, por artes mágicas, pudesse

fazer aparecer as barras de sinal.

– Claro – respondi absorta.

– Conheces bem a região?

– Melhor do que a Korbie. – Ri-me. – E sim, isso que tu ouviste foi uma pontinha de orgulho, já

que o chalé é da família dela. Sempre tive melhor sentido de orientação. – Não que me tivesse

servido de muito no caminho até ali, à chuva. Mas estas considerações guardá-las-ia para mim

própria.

– E a Korbie, suponho, é a melhor a representar o papel de donzela em apuros.

Não me dei ao trabalho de lhe dizer que normalmente também era eu quem fazia as honras da casa

nesse departamento, pois o tom de voz com que ele se referiu à Korbie não me pareceu

particularmente elogioso.

– Então, vieram passar as férias às montanhas? – continuou ele, retomando o tema da viagem. –

Deixa-me adivinhar: um fim de semana só para miúdas na cabana da floresta. Montes de filmes com

o Christian Bale, gelado e cusquices.

– Troca o Christian Bale pelo James McAvoy e estás no bom caminho para uma bem-sucedida

carreira de vidente – gracejei.

– A sério, quero mesmo saber o que é que vocês fazem cá em cima. Já sabes a minha história,

agora é a minha vez de ficar a saber mais sobre vocês.

Apeteceu-me dizer-lhe que na realidade não sabia praticamente nada sobre ele, mas não me

importava de falar sobre mim.

– Eu e a Korbie vamos percorrer a crista da cordilheira de Teton. 60 quilómetros. Andámos o ano

inteiro a preparar-nos para esta viagem.

Ele ergueu as sobrancelhas, admirado.

– A crista inteira? Estou impressionado. Não leves a mal, mas a Korbie não parece ser do género

de apreciar a vida ao ar livre.

– Ah, ela ainda não sabe da parte dos 60 quilómetros.

O comentário mereceu uma sonora gargalhada.

– Quem me dera poder ver a cara dela quando lhe deres a notícia.

Sorri.

– Vai ser um momento memorável, sem dúvida.

– Aposto que trazes no carro montes de equipamento do melhor.

– Topo de gama.

A Korbie incumbira a mãe de comprar o nosso equipamento, e a sra. Versteeg passara de

imediate a tarefa ao assistente que não mostrara qualquer problema em gastar o dinheiro da patroa.

Tinha chegado tudo por via aérea no dia seguinte, e da loja *online* mais cara. Não seria eu a lamentar

aquela dádiva dos céus, mas havia um pequeno senão. Eu sabia que o sr. Versteeg fizera questão de

que fosse o Calvin a pagar o seu próprio equipamento ao longo dos anos. Se ele descobrisse que

tinham sido os pais a pagar o nosso, teria um ataque de raiva. Estava-se

sempre a queixar de que

protegiam de mais a Korbie, e na época em que namorávamos ressentia-se muito por nem sequer se

esforçarem por tratar os dois irmãos de forma igual. Duvidava que o panorama tivesse sofrido

grandes alterações desde que ele partira para Stanford. Para manter a paz, teria de lembrar à Korbie

que não dissesse nada ao irmão sobre o nosso equipamento.

– E aposto que percebes muito sobre o assunto – disse o Shaun.

Ele introduzira o tema com uma palmadinha no ego e eu dei por mim a mergulhar de cabeça.

– Venho muitas vezes às montanhas para fazer caminhadas – disse eu. A mentira saiu-me da boca

antes que a pudesse parar. – Tenho percorrido distâncias mais curtas aos fins de semana para treinar

para esta viagem. – Aquilo, pelo menos, era verdade. – Queria vir completamente preparada. Quase

todos os meus amigos foram passar as férias ao Havai, mas eu queria fazer algo que fosse

verdadeiramente um desafio, entendes?

– E são mesmo só vocês as duas? Não vêm encontrar-se com os vossos pais?

Hesitei, prestes a mencionar o Calvin e o Bear, mas à última hora mudei de ideias. Regra número

um quando falamos com um rapaz: nunca trazer à baila o ex-namorado. Faz-nos parecer carentes. E

ressabiadas.

– A minha mãe morreu quando eu era pequena, agora somos só eu e o meu pai. – Encolhi os

ombros numa atitude de descaso. – Ele tem plena confiança em mim, sabe que sei tomar conta de mim

própria. Disse-lhe que voltaria lá para o fim da semana. Se tiver algum problema, o meu pai sabe que

sou capaz de me safar sozinha.

Agora estava mesmo a exagerar. Ainda estava para chegar o dia em que o meu pai me deixaria

resolver as minhas próprias trapalhadas. O conceito em si era impensável. O meu pai era um modelo

de benevolência paternal. Eu supunha que era por ser rapariga, a mais nova da família e por ter

perdido a minha mãe por via de um cancro antes de ter idade suficiente para me lembrar dela. Estava

sempre presente, pronto para me salvar até das contrariedades mais insignificantes. A verdade é que

me sentia confortável debaixo da asa dele. Dele, e dos outros homens da minha vida. Tinha

funcionado na perfeição... até ao dia em que um deles me deixara de coração partido.

O Shaun fez um sorriso cómico.

– O que foi? – perguntei.

– Nada. Fiquei apenas surpreendido. Julgava-vos duas cabeças de vento do

secundário. Do tipo

que se ri por tudo e por nada, frágil e desastrado.

Pestanejei de forma sedutora.

– Nem sei o que fazer com tantos elogios...

E rimo-nos os dois.

– Corrijo o que disse – continuou ele, baixando a voz para que a conversa não se ouvisse fora da

cozinha. – Quando vocês apareceram, topei logo o género da Korbie. Mas foi mais difícil tirar-te a

pinta. És gira e tens cabeça, e isso confundiu-me. A maior parte das miúdas giras que conheço não

vem com o pacote completo. São alucinadas, sim, estão sempre prontas para a aventura, mas não

para coisas deste tipo. Não para percorrer a crista de Teton.

A resposta do Shaun não podia ter sido mais perfeita. Quem me dera que o Calvin ouvisse as

palavras dele, alto e bom som. Quem me dera que visse que havia um rapaz mais velho, mais velho

até do que ele, que acreditava em mim e que partilhava os meus interesses. Fiz-lhe um sorriso

maroto.

– Estarás a tentar provocar-me, Shaun?

– Deixo esses jogos para a Korbie, são a especialidade dela – respondeu ele.

Não contava com aquilo, e precisei de alguns momentos para compor uma resposta igualmente

evasiva.

– A Korbie é boa em tudo o que faz.

– E tu? – Aproximou-se um pouco mais. – Também gostas de provocar os rapazes, Britt?

Hesitei. Mal conhecia o Shaun. Além disso, a Korbie já marcara aquele território. Se bem que ela

já tinha namorado. Quando muito, eu era a única que devia poder marcar o território.

– No momento certo – disse eu com o mesmo sorriso. – Se estiver com o rapaz certo.

– E este momento? – Estava tão perto de mim que sentia o roçar dos sussurros dele no meu

ouvido. – Este momento tem potencial e ambos sabemos disso.

Perguntei-me se teria a pulsação acelerada como eu. Se não conseguiria deixar de olhar para a

minha boca da mesma forma que eu observava a dele.

– E a Korbie? – disse eu num fiozinho de voz.

– O que é que tem a Korbie?

– Ela gosta de ti.

– E eu gosto de ti. – Encheu dois copos de plástico com água e ergueu o dele num brinde. – Ao

nevão. Por te ter deixado aqui fechada comigo.

Toquei no copo dele com o meu, contente por ter encontrado o Shaun, pois por alguns instantes, lá

fora, julgara que ia ter de lutar para me salvar a mim própria. Ao invés, tinha encontrado a proteção

de um rapaz *sexy* mais velho.

Duvidava seriamente que alguma das minhas amigas regressasse das férias com uma história

melhor para contar.

Enquanto o *chili* fervilhava na caçarola, eu e a Korbie fomos à casa de banho para nos

arranjarmos para o jantar.

– Divertiste-te na cozinha com o Shaun? – perguntou-me ela, picada.

– Não foi mau – disse eu num tom neutro, fazendo-me desentendida. Uma parte mesquinha de mim

estava a gostar de a manter em suspenso. Era o troco pelos ataques dela no Wrangler.

– Deixaste-me sozinha com o Frankenstein.

– Frankenstein é o nome do doutor. O que tu queres dizer é que te deixei sozinha com o monstro

do Frankenstein. E seja como for, ninguém te obrigou a ficar na sala. Podias ter vindo à cozinha para

nos ajudar.

– Como, depois de ter dito que não cozinhas?

Encolhi os ombros como quem diz. *Problema teu.*

– De que é que vocês falaram? – interrogou ela.

– Que tens tu que ver com isso? Tens o Bear.

– O Shaun está aqui, o Bear não. E então? De que falaram?

Acabei de lavar as mãos, mas como também ali não havia toalhas, tive de voltar a enxugá-las às

calças.

– Oh, tu sabes. Trivialidades. Falámos sobretudo da nossa expedição às montanhas.

A Korbie parecia aliviada.

– Só isso? Só falaram da expedição? Não te tentaste atirar a ele?

– E se tentei? – retorqui eu na defensiva.

– Estás no meu território.

– Tens o *Bear*.

– O Bear e eu vamos para universidades diferentes no outono.

– E?

– E depois, não é para sempre. De que me serve ser totalmente fiel quando sei que a relação vai

acabar? E não aprecio essa tua atitude moralista. Tu e o Calvin não eram propriamente um casal

exemplar.

Virei as costas à bancada do lavatório para a encarar.

– Como assim?

– Ele beijou a Rachel. Na festa da piscina que organizei no verão passado.

Fiquei de queixo caído.

– A *ranhosa* da Rachel?

A Korbie ergueu as sobrancelhas com ar de superioridade.

– Ninguém é perfeito, Britt. É viver e aprender.

Imaginar o Calvin aos beijos com a Rachel fez-me apertar a borda da bancada com toda a força.

Tínhamos começado a namorar em abril, há um ano. A festa da Korbie tinha sido em julho. Eu

dedicara-me de corpo e alma à relação com o Calvin até ele romper comigo em outubro, mas era

evidente que ele não me tinha retribuído o gesto. Seria a Rachel um deslize sem exemplo ou ter-me-ia

ele enganado várias vezes? E a Rachel? Como justificaria ela o que me tinha feito pelas costas?

– E só agora te ocorreu que talvez eu quisesse saber?

– Tens de acordar para a realidade. Vamos ter o resto das nossas vidas para assumir um

compromisso sério. Agora, há que aproveitar a vida ao máximo.

Teria sido isso que o Calvin dissera a si próprio enquanto beijava a Rachel? Que passar um bom

bocado era mais importante do que o compromisso dele para comigo? E como teria a Rachel

justificado as ações dela? Mal podia esperar para lho perguntar.

Mudança de planos. Não queria *nada* com o Calvin nestas férias.

– O jantar está pronto! – gritou o Shaun da cozinha.

A Korbie agarrou-me pela manga antes que eu pudesse sair da casa de banho.

– Estás no meu território – repetiu ela, teimosa.

Baixei os olhos para a mão que me arrepanhava a manga da camisa.

– Só o queres para ti porque eu estou interessada nele – continuou ela com uma cólera irracional.

– Estás sempre a querer ficar com o que é meu e, francamente, começo a ficar farta dessa tua mania.

Deixa de ser tão impostora, Britt. Deixa de tentar ser como eu.

O que ela disse magoou-me, mas não porque fosse verdade. Detestava quando a Korbie se virava

contra mim desta forma. Em momentos como este, a nossa relação parecia tão disfuncional que eu até

me questionava porque é que continuávamos amigas. Senti-me tentada a trazer à baila a lista secreta

do diário dela. Estive mesmo para lhe perguntar, se era verdade que eu me esforçava tanto para a

copiar, porque se dava ela ao trabalho de apontar tudo o que eu tinha, fazia e dizia, só para me tentar

superar? Porém, ao fazê-lo, estaria a admitir que tinha lido o diário e o meu orgulho não mo permitia.

Além do mais, se revelasse conhecer o segredo da Korbie, nunca mais voltaria a ter a oportunidade

de investigar o diário dela e não me interessava, para já, abrir mão desse trunfo.

Estampeí um sorriso paciente no rosto, sabendo que a deixaria furiosa. Queria arrastar-me para

uma discussão para me ver amuada durante toda a noite, mas eu não lhe ia dar esse gostinho. Naquele

momento, decidi colar-me ao Shaun como uma lapa.

– Acho que o melhor é irmos jantar. Os rapazes estão à nossa espera – disse eu num tom leve e

descontraído. Saí da casa de banho antes dela.

Antes de chegar à cozinha, ouvi o Shaun e o Mason a discutirem em vozes tensas e abafadas.

– Onde tinhas tu a cabeça? Mas tu pensas, sequer? – barafustava o Mason.

– Tenho tudo controlado.

– Tens tudo controlado? Estarás a falar a sério? Olha bem à tua volta, pá.

– Eu vou tirar-nos desta montanha. Está tudo bem. Confia em mim.

– Ninguém quer sair desta montanha mais do que eu, acredita – sibilou o Mason. O Shaun abafou

uma gargalhada.

– Agora tens de me aturar, bacano. Que tempo de treta. Mas o que é que se há de fazer?

Franzi o sobrolho, perguntando-me qual seria o tema da discussão, mas nenhum deles acrescentou

mais nada.

O Mason não se juntou a nós ao jantar. Retirou-se para o extremo oposto da cozinha, onde ficou

com ombro encostado à moldura da janela, a fixar-nos alternadamente aos três com um ar quase tão

carrancudo como a cabeça de alce empalhada que estava pendurada na sala por cima da lareira. De

tempos a tempos, corria a mão pelo cabelo curto ou esfregava a parte de trás do pescoço, mas de

resto mantinha as mãos enfiadas nos bolsos. Sombras de fadiga ou preocupação encovavam-lhe os

olhos. Ignorava o que o deixara tão emburrado ou por que motivo não lhe agradava a nossa presença

na cabana, mas era mais do que evidente que nos queria dali para fora. Se o Shaun ali não estivesse,

ter-nos-ia enxotado ao pontapé, com ou sem nevão.

A certa altura ergueu a cabeça e viu-me a observá-lo. Abanou discretamente a cabeça. Ignorava o

que ele queria dizer com aquilo. Se tinha alguma coisa para me dizer, porque não falava de uma vez?

– Tens fome, Ás? – perguntou-lhe o Shaun enquanto colocava taças, colheres e guardanapos em

cima da mesa. A seguir, começou a abrir portas e gavetas ao acaso. Estranhei que não soubesse onde

estavam as coisas na sua própria cozinha. Por outro lado, o meu irmão Ian nunca sabia o lugar dos

utensílios de cozinha, e toda a vida tínhamos vivido na mesma casa. Por fim,

o Shaun encontrou o que

procurava. Retirou um suporte para a caçarola da gaveta ao lado do forno e depositou-o no centro da

mesa.

O Mason, que tinha estado a perscrutar a escuridão lá fora através da janela, deixou cair a ponta

da cortina.

– Não.

– Mais fica – disse a Korbie. Via-se que não simpatizava com o Mason. Não podia censurá-la. O

tipo mal dissera uma palavra e a expressão dele – quando tinha uma – era um misto de ameaça e má

disposição.

– Continua a nevar? – perguntou-lhe o Shaun.

– E não é pouco.

– Bem, não pode durar para sempre.

O Shaun encheu três taças de *chili* com carne e, assim que se sentou, a Korbie apoderou-se da

cadeira ao lado dele.

– A propósito, que fazem vocês por estas bandas? Não nos chegaram a dizer.

– Viemos esquiar.

– A semana inteira?

– O plano é esse.

– Mas não trouxeram comida nenhuma. Abri o frigorífico e estava vazio. Nem sequer há leite.

O Shaun enfiou uma colherada de *chili* na boca e fez uma careta.

– Este é o pior *chili* que já comi. Sabe a ferrugem.

A Korbie provou e franziu o nariz.

– Não, sabe a areia. Está cheio de grumos. Verificaste o prazo de validade?

O Shaun bufou.

– A cavalo dado não se olha o dente.

Ela afastou a taça.

– Bem, prefiro passar fome a comer *isto*.

– Não pode ser assim tão mau – disse o Mason, e ficámos todos a olhar para ele. O Mason fixava

ora o Shaun, ora a Korbie com um ar inquieto, como se estivesse prestes a acontecer qualquer coisa

terrível.

– Diz o único que não provou – retorquiu a Korbie com desdém. – Neste momento, dava tudo por

um filete de salmão. A minha família come sempre salmão no chalé. Salmão com arroz de jasmim e

feijão-verde ao vapor. No verão, comemos salmão com rúcula e pinhões. Às vezes, a minha mãe faz

um *chutney* de manga incrível para acompanhar.

– Bem, não pares agora – disse o Shaun, pousando a colher com mais força do que a necessária. –

Conta-nos o que costumam beber e o que comem à sobremesa.

– Estás a fazer pouco de mim? – disse ela amuada.

– Come o *chili* e não faças ondas – disse o Mason do outro lado da divisão, e perguntei-me

porque se teria ele envolvido na conversa. Deixara bem claro que não queria nada connosco. Teria,

com certeza, coisas mais interessantes para fazer do que estar ali ao alto enquanto jantávamos.

– Não, obrigada. O risco de apanhar botulismo começa a parecer-me bastante elevado – disse a

Korbie com um ar pedante. – Desta vez, passo. E aqui está a paga por teres pedido à Britt que te

ajudasse a preparar o jantar. Bem te disse que ela era péssima na cozinha.

O Shaun abafou uma gargalhada seca, um tanto ríspida. Julguei estar a imaginar coisas até o ouvir

a adverti-la numa voz sinistra, espectral.

– Não sejas ingrata, Korbie.

– Estou a ver... Quer dizer, tu podes mandar bocas sobre o *chili*, mas eu não? Não achas isso um

pouco frívolo da tua parte? – Disse ela para o provocar. – Além disso, eu estava a culpar a Britt.

– Come o raio do *chili*. – A ameaça velada no tom do Shaun arrepiou-me os pelos dos braços.

– É por isso que vocês deviam ter trazido alimentos frescos – disse a Korbie de nariz empinado.

– Vá lá, não maces o rapaz – segredei-lhe. A Korbie, visivelmente ofendida, parecia ainda não se

ter dado conta da tensão no ar.

– Se acordarmos a meio da noite com cólicas, já sabemos de quem é a culpa – disse ela,

fuzilando-me com o olhar. Não tinha a certeza se a Korbie percebia que, embora fosse eu o alvo das

críticas dela, estava inadvertidamente a ser mal-educada e ingrata com o Shaun. E aquilo parecia ter

o condão de o tirar do sério. Pedi aos céus que superasse a raiva contra mim e se desse conta de que

estava a dificultar as coisas para toda a gente.

Lancei ao Shaun um olhar de esguelha. Tinha uma expressão dura no rosto, os músculos

retesados, os olhos azuis a faiscar. Remexi-me na cadeira. Sentia o coração a martelar, mais de

incerteza do que propriamente de medo. Novamente aquela sensação de que algo não batia certo. A

atmosfera na cozinha parecia uma coisa viva, elétrica, mas eu não queria acreditar que o Shaun se

sentisse realmente insultado. A Korbie era mesmo assim. Nunca sabia quando devia ficar calada. E

quando se dava conta do mal que tinha feito, já era tarde de mais – a boca dela funcionava em piloto

automático. Tinha de ter sempre a última palavra. Será que ele ainda não tinha dado por isso?

– Dá-me cá isso – disse o Mason, aproximando-se e quebrando a tensão que parecia crepitar à

volta da mesa como eletricidade estática. Pegou na taça da Korbie, mas não antes de lhe lançar um

olhar reprovador.

A Korbie ficou embasbacada a olhar para ele, demasiado perplexa para reagir.

Após alguns instantes, o Shaun inclinou para trás a cadeira, equilibrando-a nas duas pernas

traseiras, e cruzou as mãos atrás da cabeça. Sorriu-nos como se nada tivesse acontecido.

– Ás, acho que chegou a hora de deitar mãos à obra.

– Se te referes à louça, não contem comigo – disse a Korbie. – O meu voto vai para o Mason –

acrescentou ela com um brilho rancoroso no olhar. – Parece gostar muito da minha taça. Vê bem

como lhe pega com tanto carinho. Deixa-o viver a fantasia romântica durante mais alguns minutos.

Gostas delas quando não te respondem, não é assim, Ás? Gostas delas com tão boas maneiras e tão

conversadoras como tu?

Tapei a boca com a mão para disfarçar o riso, em parte devido aos nervos, e em parte para

amenizar os ânimos. A tensão no ar era de cortar à faca.

– Que equipamento é que vocês trouxeram?

Demorei algum tempo a perceber que o Mason estava a falar comigo. Levara a taça da Korbie

para o lava-loiça e tinha feito a pergunta sem sequer se dignar a olhar para mim.

– No carro. Que equipamento é que tens? – repetiu. – O que é que trouxeste para as montanhas?

– Porquê? – Não estava a ver o que é que o nosso equipamento tinha que ver com o que quer que

fosse.

– Sacos-cama, tendas, alimentos secos ou enlatados? Alguma coisa útil?

– Útil para quem? Já tens uma cabana equipada.

– Temos sacos-cama, uma tenda, uma mala de primeiros socorros e alguma comida – informou a

Korbie. – Mas ficou tudo no carro. Que ficou preso na neve no meio da estrada. E é por isso que

estamos aqui. – Pronunciou devagar as palavras, insinuando que já tínhamos discutido o assunto e

que o Mason era de compreensão lenta.

O Mason ignorou-a e perguntou-me:

– E fósforos?

– Não, um acendedor.

– Bússola, mapa?

– Bússola. – Por qualquer motivo, decidi omitir o mapa do Calvin. Ainda o tinha no bolso de trás

das calças.

– Lanternas?

– Sim, e também daquelas com suporte para a cabeça.

– Picareta?

– Não. – Tinha pensado trazer uma, mas não vi necessidade, tendo em conta o estilo de

caminhadas da Korbie.

– Que importa o equipamento que temos ou deixamos de ter? – interpôs a Korbie, exasperada.

– Importa porque – disse o Shaun, levantando-se – eu e o Ás também estamos aqui presos, à

espera que a tempestade passe. Só que não trouxemos equipamento porque não contávamos ficar

muito tempo. Se queremos sair daqui antes que a neve derreta e as estradas estejam desimpedidas,

vamos precisar do vosso equipamento. E é isso mesmo que vamos fazer: sair desta maldita montanha

o mais depressa possível.

Levei alguns instantes a perceber que o objeto que ele tinha sacado da cintura das calças de ganga

era uma arma. Agitou-a de forma indolente na minha direção, e senti

borbulhar-me na garganta uma

estranha vontade de rir. A imagem que via à minha frente e a imagem que tinha na cabeça não

coincidiam. Uma arma. Apontada à minha pessoa. A cena parecia irreal.

– Shaun? – questionei, convencida de que aquilo não passava de uma piada de mau gosto, o

humor típico dele.

Ele ignorou-me.

– Vocês as duas, para a sala – ordenou ele num tom frio e indiferente. – Podemos fazer isto a bem,

ou a mal, caso queiram ir desta para melhor. E acreditem em mim: se começam aos gritos ou a tentar

armar confusões, levam um tiro.

Fiquei pasmada a olhar para ele, numa espécie de torpor. Aquela vontade bizarra de desatar a rir

como uma histérica continuava a fazer-me cócegas na garganta. Foi então que reparei nos olhos do

Shaun, frios e completamente desprovidos de emoção, e perguntei-me como é que não os tinha visto

antes.

Ele disse:

– Se há alguma coisa que precisam de saber sobre mim, é que não faço ameaças que não tenciono

cumprir. Passariam vários dias até alguém encontrar os vossos cadáveres e,

por essa altura, eu e o

Ás já estaríamos do outro lado das montanhas, bem longe daqui. Não temos nada a perder. Por isso,

meninas... – Observava-nos com um ar vigilante. – Como é que vai ser?

Capítulo seis

O medo gelou-me o sangue nas veias, mas fiz exatamente como ele mandou.

Levantei-me da mesa e deixei-o arrebanhar-nos para fora da cozinha. A Korbie vinha mesmo

atrás de mim, e ouvi-a fungar. Sabia aquilo em que estava a pensar, porque o mesmo pensamento não

me saía da cabeça: quanto tempo demoraria o Calvin a perceber que estávamos em apuros e viesse à

nossa procura?

E quando viesse, como nos encontraria, tendo em conta a neve, a possibilidade de nos termos

enganado no caminho e o facto de nos termos afastado tanto do carro? A lógica dizia-me que ele não

teria forma de nos encontrar.

O Shaun fez-nos atravessar a sala e abriu uma porta, revelando uma pequena arrecadação sem

acabamentos e com prateleiras de plástico vazias ao correr das paredes. A princípio julguei ter visto

um cano de água que ia do chão ao teto, mas quando ele acendeu a luz percebi que se tratava de um

varão metálico. Havia qualquer coisa naquele varão que tornava a divisão ainda mais aterradora. Vi

pequenas lascas no metal, lascas que podiam muito bem resultar da fricção com uma corrente de

ferro. O fedor a urina e a cão molhado permeava o espaço acanhado. Tive de me obrigar a parar com

as especulações. O Shaun disse ao Mason:

– Não deixes a Korbie sair daqui. Quero falar a sós com a Britt.

– Não podes fazer uma coisa destas! – berrou a Korbie. – Sabes quem eu sou? Fazes *ideia* de

quem eu sou?

Mal tinha proferido a última palavra quando o Shaun desferiu um golpe seco com a arma,

deixando-lhe um vergão vermelho no rosto.

Pulei de susto. O meu pai nunca me levantara a mão. Nunca me gritara. À exceção dos filmes e da

televisão, só vira um homem a bater noutro uma única vez. Há muitos anos, tinha ficado a dormir em

casa da Korbie, e a meio da noite levantei-me para beber água. Das sombras do corredor à porta do

quarto dela vi o sr. Versteeg aplicar um valente cachaço ao Calvin, deixando-o estendido no chão.

Rosnou-lhe para que se levantasse e recebesse o castigo como um homem, mas o Calvin não moveu

um músculo. Não dava para perceber se ainda respirava. O pai levantou-lhe

as pálpebras, palpou-lhe

o pescoço para lhe sentir a pulsação e, em seguida, carregou-o até à cama. Apressei-me a voltar para

dentro do quarto da Korbie, mas não tornei a adormecer. Não sabia se o Calvin estava bem. Senti o

impulso de ir ver como ele estava, mas, e se o sr. Versteeg regressasse? Nunca falei ao Calvin sobre

o assunto. Passei anos a tentar suprimir a memória do que tinha visto.

A Korbie gemia, agarrada à cara.

Como naquela noite à porta do quarto dela, senti-me adoentada, febril e apeteceu-me chorar,

embora não tivesse sido eu a sofrer a agressão, e sim a Korbie.

Vislumbrei um lampejo de algo negro e repulsivo no olhar do Mason que este se apressou a

disfarçar. Obediente, conduziu a Korbie para dentro da arrecadação, enquanto o amigo se servia da

arma para me empurrar pelo corredor até à casa de banho. O Shaun indicou a tampa da sanita com um

aceno.

– Senta-te.

A porta que ele deixara entreaberta permitia a passagem de um rasgo de luz. Aguardei que os

meus olhos se habituassem às sombras. Pouco a pouco, o rosto do Shaun ganhou forma e os olhos

dele tornaram-se dois buracos negros que me observavam, calculistas, a sondar-me e a maquinar.

– A cabana não é tua, pois não? – perguntei baixinho. – Não te pertence.

Ele ignorou-me, mas eu já conhecia a resposta.

– Forçaste a entrada? – continuei. – A polícia anda à vossa procura?

Se fosse esse o caso, temia as consequências para mim e para a Korbie. Podíamos identificá-los

e tínhamos também outras informações, como quais os carros que conduziam. Eu podia falar à polícia

das câmaras de segurança da loja da estação de serviço e indicar-lhes o Mason. Eu e a Korbie

éramos um inconveniente. Nada impedia o Shaun de acabar connosco.

Ele soltou uma gargalhada áspera e cruel.

– Achas mesmo que vou responder às tuas perguntas, Britt? – Apoiou um punho fechado na

parede e inclinou-se sobre mim. – O equipamento de que nos falaste há pouco. Precisamos dele.

– Está no meu carro.

– És capaz de encontrar o caminho até lá?

Preparava-me para lhe responder que não com maus modos quando um vago alarme me deteve.

Instintivamente, disse:

– Sim, acho que sim.

Ele fez um aceno de cabeça, a mão que empunhava a arma relaxou e eu soube que tinha dado a

resposta certa.

– A que distância está?

– Na neve, devemos demorar mais ou menos uma hora a pé.

– Ótimo. Agora, diz-me qual é a melhor maneira de descer as montanhas a pé. Nada de trilhos ou

estradas. Quero restringir-me à floresta.

Estremeci.

– Queres percorrer a montanha a corta-mato?

– Partimos esta noite, assim que recuperarmos o equipamento e os mantimentos.

Definitivamente, o Shaun estava metido em sarilhos. Se íamos pela floresta, era para não sermos

vistos. Não me ocorria nenhuma outra explicação. Trilhar a floresta de noite, em pleno nevão, era

muito perigoso. Até eu, que não tinha a experiência do Calvin, sabia disso. Por esta altura, já havia

uma grossa camada de neve a cobrir o terreno. A marcha nestas condições, e com um frio destes,

seria lenta e penosa. Se ficássemos isolados ninguém nos viria socorrer.

– Sabes o caminho ou não? – perguntou o Shaun.

Nesse momento, a persistente sensação de inquietude para a qual não arranjava explicação

ganhou nitidez, e fez-se luz sobre a atitude do Shaun. Aquilo era um teste. Eu era a primeira, e a

seguir viria a Korbie. O Shaun ponderaria as nossas respostas. Precisava de saber que podíamos

orientá-lo através da montanha, caso contrário não teríamos qualquer utilidade para ele.

Reuni coragem e obriguei-me a encará-lo.

– Há anos que venho a estas montanhas. Conheço bem os cantos à casa. Já percorri diferentes

secções do trilho de Teton de mochila às costas várias vezes e já fiz caminhadas por toda a

cordilheira. Consigo tirar-vos daqui. Vai ser muito mais difícil viajar nesta tempestade, mas sou

capaz.

– Isso é útil, Britt. Bom trabalho. Tens de nos levar a qualquer lado onde eu possa deitar a mão a

um carro. Que me dizes a isto? – Inclinou-se para a frente, apoiando as mãos nos joelhos, até

ficarmos cara a cara. Os olhos dele espelhavam um raciocínio rápido, a considerar todas as

hipóteses. Se eu desse um passo em falso, era o fim.

– O melhor é levar-vos pelo meio da floresta até à autoestrada. É sempre das primeiras vias a

serem desimpedidas. – Não fazia ideia de onde se situava a autoestrada em relação ao local onde nos

encontrávamos. Nem sequer sabia onde estávamos. Todavia, tinha o mapa do Calvin. Se o Shaun me

deixasse sozinha durante alguns minutos, talvez pudesse usá-lo para determinar a nossa localização e

decidir que direção tomar. Eu *queria* levar o Shaun até à autoestrada. Uma autoestrada implicava

carros. Pessoas. Ajuda.

– A que distância fica a autoestrada?

– A pouco menos de 10 quilómetros – alvitrei. – Mas não vamos poder seguir pelo caminho mais

direto. Uns 11 quilómetros, talvez?

– Boa. – Esticou a cabeça para fora da porta e gritou qualquer coisa ao Mason. Enquanto isso,

fechei os olhos de alívio.

Tinha passado esta parte do teste. Tinha conseguido manter-nos vivas por mais algum tempo. Era

certo que o pior – convencê-los de que sabia o que estava a fazer durante a caminhada pela floresta –

ainda estava por vir.

– Está na hora de trocarmos de lugar. A Korbie é a seguir.

Não dissemos uma palavra quando passámos uma pela outra. Entreolhámo-nos por breves

instantes, e vi que ela tinha os olhos baços e vermelhos, o nariz inchado e o queixo trémulo. Senti as

mãos a tremer e cerrei os punhos. Fiz-lhe um aceno de cabeça, uma mensagem só entre nós: *O Calvin*

e o Bear hão de nos encontrar.

Porém, eu própria não acreditava muito nisso.

Lá fora, o vento projetava grandes flocos de neve contra a janela da arrecadação. A neve

revoluteava pelos ares, lembrando cardumes de peixinhos prateados.

Escolhendo um canto mais afastado para que o varão não ficasse diretamente na minha linha de

visão, encostei-me à parede e apertei os joelhos contra o peito. Porém, a temperatura gélida do

exterior parecia permear as paredes de cimento. Endireitei-me de imediato.

– Tenho frio – disse eu ao Mason, que se metera entre mim e a porta, a guardá-la. O quadro tinha

o seu quê de cómico. Julgaria o tipo que eu ia tentar passar por ele à força? E fugia para onde? Para

o meio da tempestade?

– Podes, pelo menos, trazer o meu casaco? – insisti. Ainda tinha o cachecol vermelho, que não

tirara toda a noite, mas não chegava para afastar o frio. – Acho que o deixei na cozinha.

– Boa tentativa.

– O que é que tu achas que eu estou a “tentar” fazer?

Ele não respondeu.

– Seria uma tragédia se eu fugisse e me perdesse no meio da floresta, não achas? – continuei,

subitamente furiosa. – Assim, vocês não teriam ninguém para vos ajudar a sair desta montanha. Tu e o

Shaun estão metidos em algum sarilho? Que fizeram vocês? Andam a fugir à polícia? É isso, não é?

O Mason continuou sem dizer uma palavra.

– Que diabo foi aquilo na loja da estação de serviço, hoje de manhã? – Tencionava parecer

severa e acusatória, mas a voz falhou-me na última sílaba, revelando o meu orgulho ferido. – Se és

mesmo um criminoso empedernido, porque me ajudaste?

Ele olhou-me de soslaio, frio e distante. Pelo menos era um sinal de que tinha dado pela minha

presença. Meio caminho andado para uma interação.

– Entraste na brincadeira – continuei. – Passaste a perna ao meu ex-namorado. Sabias o meu

nome. Quem era aquele tipo?

– Trazias o teu nome estampado na *t-shirt*.

– Sei muito bem disso – respondi com maus modos. – O que interessa é que te deste ao trabalho

de o ler e foste um cavalheiro. Eras uma pessoa diferente. Ajudaste-me. E agora sou tua refém. Exijo

uma explicação.

O rosto dele voltou a ficar impassível.

– Açam mesmo que conseguem levar por diante um esquema destes? O nevão não pode durar

para sempre e a montanha vai voltar a encher-se de gente. Não nos vão conseguir manter reféns sem

que ninguém descubra. As pessoas – alpinistas, campistas, guardas florestais – vão-nos ver aos

quatro na floresta e vão querer meter conversa, porque é assim que as pessoas se comportam nas

montanhas. São cordiais e observadoras. Vão perceber que há qualquer coisa que não está bem.

– Então, mantém-nos afastados dessas pessoas.

– Pois, só que quanto mais nos afastarmos dos trilhos, maior será a probabilidade de nos

perdermos.

– Não te percas.

– Ouve, eu sei que tu não és como o Shaun – disse-lhe eu, recusando-me a baixar os braços. –

Não nos querias deixar entrar na cabana esta noite porque sabias que isto ia acontecer, não foi?

Sabias que o Shaun iria fazer de nós reféns. E tentaste evitar que isso acontecesse.

– Mesmo que tenha sido como tu dizes, não resultou.

– Achas mesmo que o Shaun nos vai matar? Porque não me dizes o que se passa?

– E porque havia eu de fazer uma coisa dessas? – retorquiu ele irritado. – Estou nisto por motivos

totalmente egoístas. Se estás preocupada com o que te vai acontecer, começa a concentrar-te em tirar-

nos desta montanha. Faz isso e deixamos-te ir.

– E como é que eu posso ter a certeza disso?

O Mason limitou-se a olhar para mim.

– Estás a mentir – disse-lhe eu com voz sumida, um pouco arranhada. – Vocês não nos tencionam

libertar.

Os músculos do rosto dele retesaram-se. Receei ter ali a minha resposta.

De repente, ocorreu-me uma ideia maluca. Era arriscada, mas se eu e a Korbie íamos mesmo

morrer, tinha de fazer *qualquer coisa*. O Mason e o Shaun não precisavam das duas para sair da

montanha – só precisavam de mim. O Shaun já considerava a Korbie um peso morto. Não se tinha

preparado para esta viagem como eu, e isso via-se. Sabia que não podia livrar-nos às duas daquela

trapalhada, mas podia tentar salvá-la. Só tinha de reforçar na mente do Shaun a ideia de que ela não

nos serviria para nada e não constituía uma ameaça. E que seria melhor deixá-la para trás.

Engoli em seco. Nunca me tinha considerado uma pessoa corajosa. Era mimada, a menina do

papá. Se decidisse levar aquilo por diante, a Korbie teria de ficar para trás. Não sabia se tinha a

coragem necessária para me internar na floresta sozinha com o Shaun e o Mason.

No entanto, não me ocorria outra alternativa.

– A Korbie tem diabetes tipo 1 – declarei. – Tem de tomar insulina. Sem isso, mais cedo ou mais

tarde, vai acabar por entrar em coma. Se o coma se prolongar, pode ser fatal.

Certa vez, num acampamento de verão, eu e a Korbie convencemos o monitor de que ela sofria de

diabetes e não podia ajudar no projeto de serviço cívico porque não se sentia bem. Enquanto o resto

das raparigas catava lixo nas margens do rio, surripiámos sanduíches de gelado da cozinha e

comemo-las na nossa cabana. Tinha a certeza de que se o Shaun ou o Mason perguntassem à Korbie

se tinha diabetes, ela lembrar-se-ia da nossa artimanha, veria que eu andava a tramar alguma e

confirmaria a minha história.

– Estás a mentir.

– Toma Humalog e Lantus todos os dias. Tem de manter o nível de açúcar no sangue tão próximo

do normal quanto possível. – Sabia do que estava a falar porque o meu irmão mais velho, o Ian,

sofia de diabetes tipo 1. Mesmo que o Mason continuasse a apertar comigo,

informação não me

faltava. Saberia ser convincente.

– Onde está a medicação dela?

– No carro. A esta hora já deve ter congelado, o que quer dizer que já não serve de nada, e a

Korbie não vai aguentar muito tempo sem insulina. Isto não é brincadeira nenhuma, Mason. Tens de a

deixar ir. Vê-se que o Shaun se está nas tintas sobre se vivemos ou morremos, mas tu não queres ficar

com a morte da Korbie na tua consciência, pois não?

O Mason observou-me atentamente.

– Vocês não estão aqui assim há tanto tempo. A medicação ainda pode estar boa. Diz-me como

chegar ao carro e eu vou buscar a insulina.

– Estamos aqui há duas horas. A insulina já congelou, acredita.

O rosto dele deixou transparecer algo indecifrável. Antes que eu pudesse identificar a expressão,

vi uma sombra a mover-se à entrada e dei-me conta de que o Shaun também ali estava. Não sabia ao

certo que parte da conversa teria ouvido, mas os olhos dele pareciam atentos, alerta. Trazia uma

expressão pensativa nos lábios franzidos.

– Insulina? Isso não me soa nada bem – declarou ele, por fim.

– Eu vou buscá-la – interveio o Mason. – Aproveito e trago o equipamento. A Britt vai comigo

para me mostrar o caminho.

Senti o coração a bater descompassado com esta reviravolta nos acontecimentos. Se fosse com o

Mason, podia tentar encontrar o Calvin. A esta hora, já devia andar à nossa procura nas estradas ao

redor de Idlewilde. Quantas vezes podia eu ter-me enganado no caminho? Uma? Não podíamos estar

muito longe de Idlewilde. Uns oito quilómetros, no máximo.

– Não – disse o Shaun. – A Britt fica. Não quero correr o risco de lhe acontecer alguma coisa. É

o nosso passe para fora desta montanha. Britt, diz-lhe onde tem de ir. Nada de truques. Se o Mason

não regressar dentro de duas horas e meia, vou ter de assumir que mentiste. – A expressão crispada

dele acentuou-se. – E acredita, não é do teu interesse mentires-me.

Tinha de conseguir convencê-lo a deixar-me sair.

– Não vais saber o que procurar – disse eu ao Mason. – Já alguma vez viste insulina ou uma

caneta de insulina?

– Eu cá me arranjo.

– Não me lembro exatamente onde as arrumei...

– É apenas um carro – interrompeu ele. – Não é preciso assim tanto tempo

para revirar tudo. Tens

um Wrangler cor de laranja, certo?

Aquilo sobressaltou-me.

– Como é que sabes?

– A estação de serviço – replicou ele, lacónico.

Antes que eu pudesse continuar a insistir no assunto, acrescentou:

– Como é que se chega daqui ao teu carro?

– Era mais fácil se eu fosse contigo.

– Não – repetiu o Shaun, irredutível.

Comecei a sentir o suor na pele. Estava a deixar escapar a oportunidade. Se não encontrasse o

Calvin antes de nos embrenharmos na floresta, o mais certo era já não sair de lá viva. E igualmente

preocupante, o Shaun iria acabar por perceber que eu tinha mentido sobre a insulina. A história que

eu inventara não tinha pernas para andar.

Podia dar indicações falsas ao Mason, mas se o fizesse andar às voltas durante horas a fio, o

Shaun saberia que eu o tinha enganado. A única solução era dizer-lhe onde o carro tinha ficado. E

pensar numa mentira de recurso.

Quando o Mason regressasse sem a insulina diria que me devia ter esquecido de a empacotar com

o resto das coisas. De repente, lembrar-me-ia de a ter deixado em cima da bancada da cozinha, em

casa. Talvez fosse melhor assim. Se julgassem que não tinham a medicação necessária para salvar a

Korbie talvez houvesse mais hipóteses de a deixarem para trás. Sobretudo se estivessem

convencidos de que morreria de qualquer maneira. O Shaun podia até pensar que não seria implicado

no homicídio da Korbie se ela morresse de causas naturais.

– Viemos da esquerda, isto para quem está de frente para a cabana – informei.
– Corta a direito

pelo meio das árvores até chegares à estrada principal. Daí é só seguir estrada abaixo até ao carro.

– Devo poder seguir as vossas pegadas ao longo de quase todo o caminho – disse o Mason. –

Está a nevar bastante, mas ainda deve dar para ver as depressões no terreno.

Quando o Mason partiu, o Shaun apontou-me o dedo com uma advertência:

– Fica onde estás e não faças barulho. Preciso de raciocinar.

Desligou a luz da arrecadação, mas deixou uma frincha na porta. Fiquei parada no escuro, a

esforçar-me para não chorar. Sentia-me ofegante, em pânico, e mordi o punho para abafar o som. O

que antes não passava de uma vaga preocupação começava agora a incomodar-me: e se não

conseguisse convencer o Shaun a deixar a Korbie para trás? Se a obrigasse a

vir connosco, ela nunca

sobreviveria. Mesmo que superasse a árdua e perigosa caminhada até à autoestrada, a personalidade

dela acabaria por levar o Shaun ao limite.

Pestanejei para conter as lágrimas, fungando até me sentir mais recomposta. Tinha de manter a

cabeça fria. Naquele momento, o meu cérebro era a melhor ferramenta de que dispunha. Tinha de

aproveitar o tempo morto para avaliar a situação.

Passei em revista tudo o que sabia sobre o Mason e o Shaun. O Shaun estava armado, o que

provavelmente queria dizer que era o líder do grupo. Ou talvez não. O Mason não agia como um

subalterno, não era o estilo dele. A dinâmica entre os dois homens não era clara. Havia uma certa

tensão competitiva entre eles, uma luta relutante pela supremacia. Na maior parte das vezes, o Mason

deixava que fosse o Shaun a levar a melhor, mas não por medo. Já tinha reparado na forma como ele

olhava para o Shaun quando o apanhava distraído. O gelo cortante nos olhos dele ia para além da

arrogância. Desprezo, talvez. E podia ser imaginação minha, mas o Mason parecia calcular todos os

passos do Shaun, quase como se andasse à caça de pontos fracos, guardando a informação para

utilizar no momento mais oportuno. Mas porquê?

Pela frincha da porta via o Shaun a andar de cá para lá diante da lareira, onde as chamas

começavam a esmorecer. Trazia um chapéu à *cowboy*, um Stetson preto, a descair-lhe para os olhos.

Talvez não passasse de uma especulação sem fundamento, mas não pude deixar de me lembrar que,

alegadamente, a Lauren Huntsman tinha desaparecido de Jackson Hole na companhia de um *cowboy*

que envergava um Stetson preto. A ideia de que o Shaun e o *cowboy* pudessem ser o mesmo homem

provocou-me calafrios.

Fiquei parada a observá-lo enquanto ele marchava de um lado para o outro a roer um espigão na

unha do polegar da mão esquerda. Tinha os ombros encolhidos, um andar nervoso, os músculos dos

maxilares retesados de concentração. Parecia terrivelmente tenso.

Como se pudesse explodir a qualquer momento.

Capítulo sete

Tinha adormecido sem dar por isso.

Rebolei vagorosamente até ficar de joelhos, encolhida com a dor que me ia do ombro até à anca.

O chão de cimento não oferecia calor nem conforto. Limpei um fio de baba ao canto da boca e

estremeci violentamente. Alguém fechara a porta, deixando-me totalmente às escuras. A corrente de

ar gelado que provinha da fina vidraça arrepiava-me a pele. A neve continuava a cair, mas em lugar

dos enormes flocos do início da noite, grãos minúsculos fustigavam o vidro como areia transportada

pelo vento.

Ignorava quanto tempo tinha passado, mas o céu lá fora escurecera por completo. Já não ouvia o

Shaun às voltas na sala. Não ouvia os soluços abafados da Korbie na casa de banho.

Para manter a mente ocupada e não pensar tanto no medo que sentia, passei em revista o traçado

da cabana ou, pelo menos, o que dela tinha visto, e procurei fazer um inventário das rotas de fuga. A

porta da frente era a única saída para o exterior de que tinha conhecimento, e ficava do outro lado da

cabana. Teria de atravessar o corredor para ir buscar a Korbie e depois refazer o percurso até à sala

para chegar ao corredor da entrada, tudo sem que o Shaun se apercebesse dos nossos movimentos.

Além do mais, não sabia onde ele tinha guardado os nossos casacos. Sem eles não sobreviveríamos

muito tempo em plena tempestade de neve. E mesmo que conseguíssemos alcançar o exterior, para

onde havíamos de ir? Ninguém se atreveria a conduzir com um tempo destes.

Não haveria ninguém

para nos ajudar.

Perguntei-me se o Shaun teria saído em busca do Mason. Ou, se calhar, tinha-se deixado dormir.

Perguntei-me se seria boa altura para arriscar a fuga.

Preparava-me para encostar o ouvido à porta para ver se ouvia o Shaun, quando esta se abriu de

rompante.

O Shaun trazia uma cadeira metálica desdobrável numa mão e uma garrafa de cerveja na outra.

Afundou-se na cadeira e olhou para mim, carrancudo.

– O que é que se passa? – perguntei-lhe.

Ele apontou-me um dedo com uma expressão furiosa.

– Não fales comigo.

Qualquer sensação de frio que eu pudesse ter tido evaporou-se; comecei imediatamente a

transpirar. O Shaun tinha os cantos da boca descaídos e aqueles olhos semicerrados... faiscavam de

ódio. Fechou a porta com um safanão e o meu coração começou a martelar de tal forma que tinha a

certeza de que ambos podíamos ouvi-lo.

Ele bebeu um trago de cerveja e continuou a fuzilar-me com o olhar.

– O Mason ainda não voltou.

Hesitei, sem saber se ele esperava que lhe respondesse.

– Há quanto tempo saiu? – perguntei, receosa.

– Há mais de três horas. Já passa da 1h00. Mentiste-me, Britt? Mentiste sobre o sítio onde

deixaste o carro?

– Se calhar, perdeu-se – apressei-me a sugerir. – E o equipamento é pesado, pode estar a atrasá-

lo.

– Ele levou um trenó. O problema não é o equipamento.

– Se me tivesses deixado ir com ele...

O Shaun saltou tão depressa da cadeira que nem o vi a aproximar-se.

Agarrou-me pela garganta

com uma mão, arrastou-me para trás, e atirou-me contra a parede. Foi tal a minha surpresa que só me

apercebi da dor momentos mais tarde. Quanto mais me debatia, arranhando-lhe a mão na tentativa

frenética de me libertar, mais os nós dos dedos dele se enterravam no tecido mole abaixo do queixo,

cortando-me as vias respiratórias. Os contornos da divisão começaram-se a esbater.

– *Mentiste-me.*

Afrouxou um pouco a mão para me deixar respirar. Engoli o ar a custo, abanando a cabeça. *Não,*

não, não.

– Se o Mason se perdeu é porque lhe deste as indicações erradas. Anda lá fora à procura de um

carro que está a quilómetros de distância. Tenho ou não razão? Pensaste que podias equilibrar um

pouco o jogo? Livrar-te dele para ficar só eu contra vocês as duas? Depois de uma gracinha destas,

começo a desconfiar que és mais estúpida do que eu julgava.

Tentei torcer-lhe as mãos para as afastar do meu pescoço. Não conseguia respirar. Receei que me

pretendesse matar; a possibilidade aterrorizava-me.

– Tiraste-me o Mason. Se calhar, devia-te tirar a Korbie.

Fiquei com os olhos esbugalhados de medo.

– Já que estamos com joguinhos, também tenho alguns na manga. – Tinha o rosto tão perto do meu

que mesmo no escuro conseguia distinguir-lhe o azul metálico dos olhos carregados de raiva. – É

isso mesmo, Britt, ouviste bem. Mostraste a tua mão e agora chegou a minha vez. Não é assim que

funciona?

Afrouxou o punho mais uma vez, permitindo-me engolir um pouco de ar. Assim que o fiz, voltou-

me a apertar o pescoço contra a parede.

– Mandaste o Mason na direção errada? Se o fizeste, não vou gostar nem um bocadinho. Mas se

confessares a verdade agora, verei o que posso fazer. Faz que sim com a cabeça se percebeste.

Zonza, fiz-lhe um aceno de cabeça.

– Estás pronta para começar a contar a verdade?

Sim, sim, disse eu por gestos. Tinha os pulmões a arder. Sentia-me como se tivesse um bloco de

cimento em cima do peito.

Quando o Shaun me largou, deixei escapar um grito de alívio.

– Dá-lhe mais meia hora, peço-te – implorei. – Ainda está a nevar. Acumulou-se muita neve no

terreno e é natural que o Mason leve mais tempo a chegar ao carro e a regressar, ainda por cima

carregado com o equipamento. Ele está bem, só está a ter mais dificuldades em deslocar-se do que

esperávamos.

Esperei, com medo de que ele tivesse outro ataque de fúria.

A porta da arrecadação foi sacudida contra a ombreira, como se a pressão de ar dentro da cabana

se tivesse alterado de repente. Logo a seguir, uma rajada de vento gelado varreu o chão por baixo da

porta. Virámo-nos para a entrada. A porta da frente fechou-se sonoramente e ouvimos passos no

soalho da sala.

– Ás? – chamou o Shaun. – És tu, companheiro?

A porta da arrecadação abriu-se. O Shaun deixou cair a mão com um gesto inocente e eu encolhi-

me ao canto da divisão, desejando poder desaparecer através da parede.

O Mason tateou a parede ao lado da porta até encontrar o interruptor.

– O que vem a ser isto? – perguntou ele olhando para mim e para o Shaun.
Trazia o rosto corado

do frio, com gotas de neve derretida no cabelo e nas sobrancelhas. Os ombros
e os braços do casaco

ostentavam uma espessa camada de neve.

– Estávamos só a ter uma conversinha – disse o Shaun no seu tom de voz
mais normal. – Não é

assim, Britt?

Não respondi. Tinha a respiração entrecortada. O ar parecia arranhar-me a
garganta quando

inspirava. Apalpei cuidadosamente o pescoço e os olhos toldaram-se ao sentir
as nódoas negras sob

a pele.

Olhei para o Shaun e ele fez-me um sorriso demente. Tive ganas de vomitar.
Ainda era capaz de

sentir aquela mão de aço a apertar-me o pescoço. Quando fechava os olhos,
via os dele, cheios de

ódio, de forma ainda mais vívida.

– Tens o equipamento? – perguntou o Shaun ao Mason.

O pânico começou a tomar conta de mim. Tinha de conseguir sair dali. Tinha
de fugir. Talvez não

congelasse na floresta; talvez conseguisse sobreviver. Estava disposta a correr
esse risco para

escapar ao Shaun. Tinha de correr sem parar até estar em segurança.

– O equipamento é bom? Achas que vai funcionar? – insistiu o Shaun.

O Mason não respondeu de imediato. Continuei a sentir o peso opressivo do olhar dele. Queria

poder furar a parede e fugir para a floresta. Tinha de aproveitar a primeira oportunidade que

surgisse, pois poderia não ter uma segunda.

– O que é que aconteceu ao pescoço dela? – perguntou ele.

– Apanhei-a a tentar atar o cachecol à volta do pescoço com um nó cego – disse o Shaun com uma

gargalhada abafada, a apontar para o cachecol vermelho no chão. Eu tinha-o tirado antes de

adormecer, enrolara-o numa bola e apertara-o contra o peito para ter algo reconfortante a que me

agarrar. – Acreditas nisto? Mais um ou dois minutos e tinha-se enforcado. Esta tem de ter sempre

alguém de olho nela.

Encolhi-me quando me deu umas palmadinhas no rosto com uma mão fria.

– Chega de truques, Britt. Podes conhecer melhor estas montanhas, mas ali a tua amiga dá muito

menos trabalho. Não me faças mudar de ideias em relação a ti.

– Posso falar com a Korbie? – disse eu num fiozinho de voz, com a garganta arranhada.

– Que raio de pergunta é essa? – resmungou ele, irritado. – Qual achas que vai ser a resposta?

– Só quero ter a certeza de que ela está bem.

– Está bem, está, não te preocupes.

– Posso vê-la, por favor? Não vou tentar nada, prometo. – Tinha de lhe dizer que íamos tentar

fugir assim que pudéssemos. Não havia como prever o que o Shaun faria à medida que as horas

fossem passando.

– E que garantias tenho eu disso? – declarou o Shaun. – Já te tentaste suicidar. A única coisa que

eu sei é que não posso confiar em ti.

O Mason permanecia em silêncio. Olhei para ele e vi-o a revirar o cachecol nas mãos, os olhos

castanhos fixados no tecido. Talvez fosse só imaginação minha, mas pareceu ficar tenso e cerrar os

dentes. Teria engolido a história do Shaun? Não havia forma de saber ao certo. Podia ser vantajoso

para mim e para a Korbie se as divergências entre eles se agravassem. Talvez pudéssemos trazer o

Mason para o nosso lado. Talvez até nos ajudasse a fugir.

Mais uma vez, tentei destrinçar a misteriosa relação entre os dois homens. O Shaun mentira ao

Mason para ocultar o que tinha feito. Mais uma pista. Outra prova de que não era ele quem dava as

cartas. Teria receio de que o amigo pudesse retaliar caso me fizesse mal? Eu não sabia nada sobre o

Mason, definitivamente não o suficiente para poder confiar nele, mas não tinha tanto medo dele como

do outro. Acontecesse o que acontecesse, tinha de me manter perto do Mason. Ou muito me enganava,

ou ele não deixaria que o Shaun me voltasse a fazer mal.

– Devíamos fazer um inventário do equipamento – disse o Mason, por fim, ao Shaun. – Decidir

aquilo de que vamos precisar e o que podemos deixar para trás.

– Não devias ter trazido equipamento desnecessário – criticou o Shaun.

– Estava a gelar, agarrei tudo à pressa – retrucou o Mason. – Já olhaste bem lá para fora? Está a

nevar forte e feio. Foi por isso que demorei o dobro do tempo a chegar lá e a regressar. Podemos

fazer uma escolha agora.

O Shaun soltou um grunhido à laia de assentimento.

– Seja. Temos tempo. Não podemos arrancar até parar de nevar.

Enquanto seguia o Shaun para fora da arrumação, o Mason olhou para trás por cima do ombro,

como se lhe tivesse ocorrido uma ideia repentina. Os nossos olhares cruzaram-se por breves

instantes.

– A propósito, encontrei a insulina da Korbie. Ainda não estava congelada. Parece que cheguei

mesmo a tempo.

Capítulo oito

Sozinha na arrecadação, fiquei imóvel por momentos, com o coração a bater descompassado.

Arrastei as costas pela parede abaixo e sentei-me no chão. Desta vez, nem dei conta do frio do

cimento. Tinha a cabeça a mil. Não havia insulina nenhuma, pois a Korbie não era diabética. O

Mason tinha de ter chegado a essa mesma conclusão. Encontrara o equipamento, por isso devia ter

vasculhado o Wrangler à procura da medicação. Inventara a história de ter encontrado a insulina, mas

eu não conseguia perceber porquê.

O que estaria o Mason a tentar dizer-me?

Revi mentalmente, palavra a palavra, o que dissera, o tom de voz dele, a linguagem corporal. Já

com uma mão na maçaneta, tinha levantado a questão da insulina com descaso, mas de forma

claramente deliberada. Como se pretendesse tranquilizar-me. *O teu segredo está seguro comigo. Por*

agora.

Senti uma necessidade urgente de o apanhar a sós. Tinha de descobrir por que razão me estava a

encobrir, o que queria em troca. Esfreguei a testa com as costas da mão. E tinha de me preparar,

também.

Quando parasse de nevar, abandonaríamos a cabana de mochilas às costas, e cabia-me a mim

orientar o grupo na descida ao longo de uma encosta que nunca tinha explorado. Saquei o mapa do

Calvin do bolso, com cuidado para não rasgar as margens desgastadas, e agachei-me junto à fresta de

luz que entrava por baixo da porta. Estudei cuidadosamente as indicações contidas no mapa: trajetos

de caminhadas fora dos trilhos, cavernas, cursos de água, cabanas abandonadas, antigos redutos de

caçadores de peles – todos os locais que o Calvin explorara e registara criteriosamente.

Não tardei a localizar Idlewilde e a autoestrada, ambas identificadas pelo Calvin. Quanto mais

estudava o mapa, mais certa estava da nossa atual localização. O Calvin tinha assinalado uma cabana

a sul de um dos lagos mais extensos, arredada da estrada principal, e escrevinhara

«desocupada/mobilada/eletricidade». Se, de facto, se tratava da cabana onde estávamos, tinha-me

afastado de mais. Tinha-me desviado aproximadamente uns oito quilómetros de Idlewilde.

Detive-me. E se em vez de conduzir o Shaun e o Mason à autoestrada, os convencesse a

seguirem-me até Idlewilde? O problema é que a propriedade ficava a uma altitude mais elevada, e

eles ficariam logo desconfiados se os fizesse subir a encosta. Para já, teria de os levar para baixo, na

direção da autoestrada. Afastar-me ainda mais de Idlewilde e do Calvin.

Contemplando a noite através da janela, procurei convencer-me de que quando o nevão passasse

e as nuvens se dissipassem, poderia avistar as estrelas e a escuridão deixaria de ser tão absoluta e

desoladora. Com um dedo escrevi SOCORRO no vidro embaciado. As letras escorreram pela

condensação antes de desaparecerem por completo. Perguntei-me onde estaria o Calvin. Queria

muito acreditar que ele tinha encontrado o Wrangler e estava a reconstituir os nossos passos. Tinha

de ter *esperança*. Mas encontrar-nos-ia ele antes de partirmos? Fechei os olhos e murmurei uma

oração desesperada. *Guia os passos dele e que não se demore.*

O Calvin conhecia as montanhas melhor do que ninguém. E era engenhoso. Podia levar a melhor

sobre o Mason e o Shaun – isto assumindo que nos conseguiria encontrar. Na escola fora um aluno

mediocre, mas só porque não se esforçava. Sobretudo para irritar o pai, a meu ver. Tinha completado

o secundário em velocidade de cruzeiro, fazendo o mínimo possível, e quanto mais o sr. Versteeg o

castigava, mais desleixado o Calvin se tornava relativamente aos estudos. Certa vez, depois de um

boletim de notas particularmente mau, o sr. Versteeg pôs o filho fora de casa. O Calvin alojou-se num

hotel durante três dias, e lá ficou até a Korbie conseguir convencer o pai a deixá-lo regressar a casa.

Quando o Calvin obteve uma classificação média de 31, numa escala de 1 a 36, seguida de uns

impressionantes 2100, em 2400 valores, nas provas de acesso à universidade, em vez de orgulhoso

ou aliviado, o sr. Versteeg mostrou-se furioso, pois o filho provaria-lhe que estava errado e que

possuía capacidades para entrar numa universidade de topo como Stanford fazendo as coisas à sua

maneira.

No ano anterior, circulara pela secundária o boato de que o sr. Versteeg tinha feito uma doação

substancial à universidade de Stanford para comprar a admissão do Calvin, mas a Korbie tinha

jurado que não era verdade.

– O meu pai nunca ajudaria o Calvin, principalmente depois da forma como ele se comportou

antes de ser admitido em Stanford – confidenciara-me ela em privado.

Pus-me a andar de cá para lá no espaço confinado da arrecadação, na tentativa de combater o frio

que se manifestava na pele arrepiada dos meus braços. Ao fundo da divisão, quando me preparava

para dar a volta e marchar até ao outro extremo, os meus olhos pousaram numa caixa de ferramentas

de grandes dimensões, uma antiguidade que já vira melhores dias, numa das prateleiras mais baixas.

Estivera de tal forma distraída e assustada que ainda não tinha reparado nela. Talvez houvesse algo

lá dentro que me pudesse servir de arma.

Com muito cuidado para que não me ouvissem, arrastei a ferrugenta caixa de ferramentas para o

chão de cimento. Soltei os grampos e levantei a tampa.

O reconhecimento do que vi envolveu-me como uma névoa fria e húmida.

O meu cérebro debatia-se para dar sentido às formas dentro da caixa. Longas e pálidas hastes e

uma esfera com duas grandes concavidades abaixo da curvatura da testa, e um terceiro buraco, o

nariz, em baixo e ao centro. Os membros encontravam-se fletidos para caber na caixa. Só a pele dura

e ressequida e o que restava do tecido conjuntivo mantinham o cadáver, já praticamente decomposto,

numa só peça.

Quase paralisada, sobressaltei-me debilmente. Naturalmente, sabia que aquilo – *ela*, a julgar pelo

vestido preto manchado – não me podia fazer mal. Eram apenas os restos mortais de uma vida que se

extinguiu. O que mais me horrorizava era saber que alguém tinha morrido

naquela arrecadação. Uma

pessoa que, como eu, estivera ali encarcerada. Era como se estivesse a espreitar por uma janela no

meu cérebro e vislumbrasse o fim que me esperava.

Fechei os olhos com toda a força. Quando os voltei a abrir, o cadáver ainda ali estava. A caveira

sorridente, com as suas fileiras de dentes expostos, parecia fazer troça de mim. *A seguir és tu.*

Fechei a tampa e recuei com um grito preso na garganta.

Não podia contar ao Mason ou ao Shaun o que vira. Provavelmente, já sabiam do corpo. O mais

certo era terem sido eles a metê-lo lá. Não precisava de acrescentar mais um segredo deles para

guardar. Em todo o caso, a minha situação já era precária.

Afugentando a imagem do cadáver, mordi um lábio trémulo e tentei não pensar na morte.

Capítulo nove

Ouvi dizer que quando estão às portas da morte, as pessoas veem a vida a passar diante dos

olhos. Enquanto esperava para ver que destino o Shaun e o Mason me reservavam, vieram-me à

cabeça memórias do Calvin que, naquele momento, constituía o repositório das minhas mais

fervorosas esperanças de sermos resgatadas.

A primeira vez que tinha ido acampar com os Versteeg tinha 11 anos e o Calvin 13. Estávamos em

julho, e as montanhas eram uma alternativa refrescante ao calor abafado da cidade. Finalmente, eu e a

Korbie tínhamos idade suficiente para dormir lá fora sozinhas, e o sr. Versteeg ajudou-nos a montar

uma tenda no viçoso relvado das traseiras da propriedade. Prometeu deixar a porta da cozinha aberta

para o caso de precisarmos de usar a casa de banho durante a noite.

Eu e a Korbie tínhamos espalhado tubos de batom e vários frascos e estojos coloridos de rouge e

sombras para os olhos pelo chão da tenda, e estávamos a experimentar diferentes visuais estilo Katy

Perry. Quando terminássemos, íamos filmar a nossa própria versão do videoclipe *Hot N Cold*. A

Korbie tinha aspirações a tornar-se famosa e mal podia esperar para começar.

A Korbie estava a aplicar Vermelho Maçã Caramelizada nos meus lábios quando ouvimos falsos

ruídos de fantasmas vindos do exterior. Um raio de luz bruxuleava através do tecido da tenda.

– Deixa-nos em paz, Calvin! – gritou ela.

– Não te passes – disse o irmão enquanto corria o fecho da tenda e entrava de gatas. – Só vim

deixar a lanterna. A mãe disse que se tinham esquecido dela.

– Está entregue – disse a Korbie, arrancando-lhe a lanterna da mão. – Agora,

desaparece. Vai

brincar com o Rohan Larsen – acrescentou ela em tom de troça.

O Calvin arreganhou-lhe os dentes como um cão.

– Que tem o Rohan de mal? – perguntei eu. A Korbie tinha-me convidado a acampar com ela e o

Calvin tinha convidado o Rohan. Julgava que eram amigos.

– Foi o meu pai que o obrigou a convidar o Rohan – anunciou a Korbie com mesquinha

satisfação. – Mas o Calvin não o suporta.

– O meu pai gosta do Rohan porque é inteligente, sabe jogar ténis e os pais são podres de ricos –

explicou-me o Calvin. – Acha que é uma boa influência para mim. Nem sequer me deixa escolher os

meus próprios amigos. Estou no 8.º ano e ele continua a querer arranjar-me companheiros de

brincadeiras. É estúpido. *Ele* é estúpido.

Lancei um olhar preocupado à Korbie.

– Também foi ele quem te disse para me convidares? – Não suportava a ideia de o Calvin e a

Korbie se rirem de mim pelas costas.

– O meu pai só faz esse tipo de coisas ao Calvin – assegurou-me ela.

– Sim, porque *tu* és a *princesa* dele – retorquiu o Calvin num tom lúgubre, carregado de

desprezo. – Podes fazer o que te apetece.

– *Desaparece* – rosnou-lhe a Korbie, colando o nariz ao do irmão.

– Não precisas de insistir. Mas primeiro, sabem que dia é hoje, não? – disse o Calvin.

– Sexta-feira – respondi.

Os olhos dele brilhavam.

– Dia 13.

– A sexta-feira 13 é uma superstição idiota – disse a Korbie. – Sai lá antes que comece aos

gritos. Vou dizer à mãe que estavas a tentar ver as cuecas da Britt. Arriskas-te a ficar o fim de semana

inteiro sem jogos de computador.

O Calvin olhou para mim e eu corei. Trazia as minhas velhas cuecas de algodão cheias de

buracos por baixo do elástico. Era capaz de morrer de vergonha se ele as visse.

– A Britt não fazia queixinhas de mim, pois não, Britt? – perguntou-me ele.

– Não me metam nisso – resmunguei.

– Se a sexta-feira 13 não passa de superstição, então porque é que os hotéis não têm 13.º andar? –

perguntou o Calvin à irmã.

– Os hotéis não têm 13.º andar? – repetimos as duas ao mesmo tempo.

– Não. Dá azar. Era onde aconteciam os incêndios, os suicídios, os

homicídios e os raptos. Até

que, finalmente, as pessoas ganharam juízo e cortaram o 13.º andar.

– A sério? – perguntou a Korbie de olhos esbugalhados.

– Não com uma serra, idiota. Só precisaram de mudar o nome. Passaram todos a ser o 12A. Seja

como for, há uma boa razão para termos medo da sexta-feira 13. É quando os fantasmas se erguem

das campas para trazerem mensagens aos vivos.

– Que tipo de mensagens? – perguntei eu, sentindo um arrepio de emoção na nuca.

– Mesmo que acreditássemos em ti, coisa que não acontece, a que propósito é que nos estás a

dizer isso? – exigiu saber a Korbie.

O Calvin enfiou a mão pela abertura da tenda e arrastou lá para dentro uma mochila azul. Pela

forma como a tela repuxava via-se que continha qualquer coisa esquinada.

– Acho que devíamos ver se os fantasmas têm uma mensagem para nós.

– Vou dizer à mãe que está a nos tentar assustar de propósito – disse a Korbie, lançando à

mochila um olhar receoso antes de se pôr de pé.

O Calvin agarrou-a pela manga do pijama e fê-la sentar-se outra vez.

– Se ficares calada durante cinco segundos mostro-te uma coisa gira. Muito gira, mesmo. Queres

ver?

– Eu quero – respondi eu. Ao olhar para a Korbie percebi que não devia ter dito o que disse, mas

estava-me nas tintas. Queria manter o Calvin dentro da tenda tanto tempo quanto possível. Tinha a

pele bronzeada dos dias passados à beira do lago e estava quase tão alto como o pai. A Korbie tinha-

me dito que ele começara a fazer flexões e abdominais durante o verão e isso via-se. Era muito mais

giro do que qualquer um dos rapazes do meu ano. Parecia um homem.

O Calvin retirou da mochila um tabuleiro de madeira. A face do tabuleiro mostrava o alfabeto

gravado em letras góticas, com os algarismos de 1 a 10 por baixo das letras. Percebi logo que era

dos que se usavam em sessões espíritas. O meu pai não nos deixava brincar com tabuleiros daqueles.

Na catequese, o professor tinha-nos dito que os tabuleiros Ouija eram artefactos do diabo. Senti um

calafrio percorrer-me a espinha.

A seguir, o Calvin sacou de uma pequena engenhoca triangular com uma janela no meio e

colocou-a em cima do tabuleiro.

– O que é isso? – perguntou a Korbie.

– Um tabuleiro Ouija – respondi. Lancei um olhar de fuga ao Calvin e ele confirmou com um

gesto de aprovação.

– Para que serve?

– Utiliza médiuns, ou seja, *espíritos*, para responder às tuas perguntas – afirmou o Calvin.

– Não temos de dar as mãos quando usamos um tabuleiro destes? – perguntei, esperando que os

rumores que tinha ouvido fossem verdade. Queria parecer culta à frente do Calvin.

– Mais ou menos – disse ele. – Para funcionar, duas pessoas têm de pôr um dedo no ponteiro. É

possível que os dedos se toquem.

Ceguei-me um pouco mais a ele.

– Não penses que vou tocar nessa tua mão nojenta e transpirada – disse-lhe a Korbie. – Não

quero ficar a cheirar como a tua coquilha. Já te vi com a mão dentro das calças quando pensas que

não há ninguém a ver.

Eu e a Korbie tapámos a boca para conter um ataque de riso, mas o Calvin disse simplesmente:

– Vocês são tão imaturas... Mal posso esperar até podermos ter uma conversa inteligente.

Eu também, pensei com um ar sonhador.

– Estão prontas? – perguntou-nos ele, cheio de entusiasmo. – Só há uma regra: é proibido guiar o

ponteiro. Temos de o deixar mover-se sozinho. Têm de ser os espíritos a guiá-lo, pois só eles

conhecem o futuro.

– Achas que há um fantasma aqui dentro? – segredou-me a Korbie de forma teatral, ainda a abafar

o riso.

O Calvin apontou a lanterna aos cantos da tenda. Não era uma tenda muito espaçosa, mas ele

queria que víssemos que não havia mais ninguém. Se o ponteiro se movesse, tal dever-se-ia apenas à

intervenção do sobrenatural.

– Perguntem o que quiserem – disse-nos ele. – Façam-lhe perguntas sobre o vosso futuro.

Será que vou casar com o Calvin Versteeg? pensei para comigo.

– Se isto funcionar mesmo, vou fazer chichi nas cuecas – disse a Korbie.

Tinha medo do tabuleiro Ouija e temia que o meu pai descobrisse que tinha brincado com uma

coisa daquelas, por isso fiquei aliviada quando o Calvin disse:

– Eu primeiro.

Numa voz contida e solene, perguntou ao tabuleiro:

– Dos três que aqui estão, quem é que vai morrer primeiro?

Engoli em seco, nervosa, sem tirar os olhos do ponteiro. Sentia o coração apertado e dei-me

conta de que tinha deixado de respirar. A Korbie estava só a ser engraçada quando disse que faria

chichi nas cuecas, mas eu era bem capaz de o fazer.

A princípio o ponteiro não se mexeu. Olhei para a Korbie e ela encolheu os ombros. Mas nisto,

pouco a pouco, a engenhoca começou a deslizar em direção às letras negras.

C.

– Não estou a empurrar, juro! – disse a Korbie, olhando ansiosa para o irmão.

– Silêncio – ralhou ele. – Eu não disse que tinhas empurrado.

A.

– Ai, mãezinha – lamentou-se a Korbie. – Ai, mãezinha. Ai, mãezinha!

L.

– Tenho medo – disse eu, tapando os olhos com as mãos. Porém, incapaz de resistir à

curiosidade, espalmei-as para poder espreitar por entre os dedos.

– Como morre o Calvin? – sussurrou a Korbie ao tabuleiro.

C. O. R. D.

– Cord? – disse eu, pouco convencida com aquela resposta. – Será que quer dizer «corda»?

O Calvin ordenou-me que estivesse quieta com um gesto vigoroso.

– Quem é que me mata? – perguntou ele de sobrolho franzido.

P. A. I.

Naquele momento, algo mudou na atmosfera dentro da tenda. Um músculo no maxilar do Calvin

pulsava como se ele estivesse a cerrar os dentes com muita força. Endireitou-se, balançando para

trás, e lançou ao tabuleiro um olhar carrancudo, de repugnância.

– O pai nunca seria capaz de te matar – insistiu a Korbie baixinho. – É só um jogo, Calvin.

– Não tenhas tanta certeza – murmurou ele por fim. – Escolhe os meus amigos a dedo e é ele

quem decide que desportos é que eu hei de praticar. Insiste em rever todos os meus trabalhos de casa

e obriga-me a refazer quase tudo. Provavelmente, vai fazer questão de ser ele a escolher a

universidade para onde vou e com quem me vou casar. A Britt tinha razão: o tabuleiro queria dizer

«corda». Já começo a sentir-me estrangulado.

Não era uma memória agradável, mas seria impossível ter pensamentos agradáveis enquanto

estivesse fechada na arrecadação com um cadáver. Pensar no Cal aos 13 anos lembrou-me que devia

ser mais tolerante com ele. Não tinha tido uma infância fácil. Pode ter sido infiel, e pode ter-me

magoado quando acabou com o que havia entre nós, mas não era má pessoa.

E prometi a mim própria que lhe perdoaria tudo se ele nos salvasse.

Capítulo dez

O corpo dentro da caixa das ferramentas ainda assombrava os meus pensamentos quando os

últimos flocos de neve caíram. Estava encolhida no chão, a tentar adormecer para não pensar no frio

que sentia, quando o Shaun abriu a porta da arrecadação. Estava tão escuro na divisão que a fresta de

luz que vinha da porta parecia ofuscar-me.

– Levanta-te. Vamos embora.

Sentia-me um pouco grogue, naquele estado modorrento entre a vigília e o sono. Ele enterrou-me

a biqueira da bota nas costelas e eu endireitei-me como uma mola.

– Onde está o Mason? – perguntei automaticamente.

– Foi buscar a Korbie. Esperam por nós lá fora. – Largou o meu casaco e uma trouxa volumosa

aos meus pés. – Põe isto às costas.

Tentei não mostrar o meu desespero. Sempre decidira levar a Korbie. Eu arriscara o pescoço

com a história da insulina, mas não fora o suficiente para o convencer a deixá-la para trás. Não podia

contar com ela para procurar ajuda e tinha de me resignar com esse facto. Agora, ninguém nos

encontraria. Senti o pesadelo a subjugar-me.

Depois de vestir o casaco, icei a mochila de campismo para os ombros. O peso excessivo

deslocava o meu centro de gravidade. Ainda bem que tinha passado todos aqueles meses a treinar de

mochila às costas, aumentando gradualmente o peso. Tinha de arranjar forma de passar algumas das

provisões da Korbie para a minha mochila sem que eles dessem por isso. De outro modo, ser-lhe ia

impossível resistir à viagem. Não tinha treinado comigo, já que contava com o Bear para as cargas

mais pesadas.

– Levas dois sacos-cama, esteiras, papel higiénico e alguma roupa que o Ás trouxe do carro –

disse o Shaun. – Eu e o Ás temos as barras de cereais, a água, o acendedor, as lanternas, os cantis,

cobertores e bússolas, a que lhe deste e uma que ele já tinha. – Olhou-me nos olhos com um ar

ameaçador. – Se fugires, não vais muito longe.

– Que horas são?

– 3h00.

3h00. Então, ainda tinha dormido qualquer coisa. Com sorte, a Korbie também dormira. Iríamos

precisar de energia para palmilhar o terreno íngreme.

– Preciso de ir à casa de banho.

– Despacha-te.

Na casa de banho, voltei a dar uma vista de olhos ao mapa do Calvin. Fechei

os olhos para

melhor interiorizar as referências geográficas. A seguir, dobrei o mapa e guardei-o dentro da camisa,

junto ao coração, para sentir o Calvin mais perto de mim. Enrosquei o cachecol vermelho à volta da

cabeça, improvisando uma espécie de máscara de esqui. Sentir o toque do tecido no rosto trouxe-me

à memória o meu pai, que mo tinha oferecido. Tentei lembrar-me se o abraçara com força,

prolongando o momento, antes de nos despedirmos.

Saímos da cabana rumo à escuridão. A neve chegava-me ao topo das botas e as árvores à nossa

volta pareciam ter sido pintadas de branco. O vento amainara e a lua cheia derramava uma

fantasmagórica luz azulada sobre o manto cintilante. Ouvia-se o ruído das botas a triturar a neve a

cada passo. A camada superior estava gelada, mas abaixo da superfície as minhas botas enterravam-

se facilmente no pó fino e solto. O meu bafo condensava no ar frio quando falava.

– Onde estão a Korbie e o Mason?

– Devem ter-se adiantado. Já os apanhamos.

– Mas... eles sabem o caminho para a autoestrada? – perguntei, baralhada. Julgava que era por

isso que o Mason e o Shaun precisavam de mim.

– Estamos só a testar as bússolas. Cala-te e segue-me.

O Shaun tinha na mão uma das bússolas, mas havia ali qualquer coisa que não batia certo.

Estavam a testar as bússolas? Em separado? Franz o sobrolho e disse:

– Devíamos ter-nos mantido todos juntos.

– Tu – disse ele, virando-se de repente e colando o nariz ao meu. – Não dás ordens.

Retraí-me, acabrunhada. Ele continuou-me a fuzilar com o olhar. De repente, quebrou o silêncio

tenso com uma gargalhada demoníaca. O que eu menos queria era viajar sozinha com o Shaun, mas

não tinha escolha. Naquele momento, a melhor estratégia era fazer-me invisível. Em breve,

voltaríamos a juntar-nos ao Mason e à Korbie. Não acreditava que, se o Mason estivesse por perto, o

Shaun me fizesse mal. Não que tivesse decidido confiar no Mason, mas ele tinha mentido sobre a

insulina para me proteger, e isso sempre devia querer dizer qualquer coisa.

Retomámos a nossa marcha lenta, mas regular, pela encosta abaixo. O Shaun dividia a atenção

entre a bússola e o túnel de sombras à nossa frente. Se não recomeçasse a nevar, deixaríamos atrás

de nós um trilho de pegadas a afastar-se da cabana. Pedi aos céus para que o Calvin o encontrasse.

Alguns minutos mais tarde, vi uma forma indistinta emergir das árvores mais

adiante. A princípio,

pensei tê-la imaginado, mas a silhueta masculina foi adquirindo nitidez à medida que nos

aproximávamos. Rejubilei com esta mudança imprevista no rumo dos acontecimentos. Estava ali

alguém, alguém que talvez me pudesse ajudar. O Shaun também devia ter visto o homem, pois

apontou a lanterna naquela direção, banhando-o num cone de luz.

– Encontrei-nos – chamou ele, bem-disposto.

Senti-me desolada ao verificar que era o Mason, a proteger os olhos da luz intensa.

– Baixa o foco.

O Shaun colocou a bússola lado a lado com a que o Mason trazia, comparando-as.

– Parece que agora já estão as duas a funcionar. Problema resolvido.

O Mason lançou-me um olhar breve.

– O gerador da cabana estava a inverter a polaridade da tua bússola. Agora, parece que já está a

funcionar.

– Onde está a Korbie? – perguntei, sondando a linha das árvores atrás do Mason à espera de a

ver surgir da escuridão.

O Mason e o Shaun trocaram um olhar, mas nenhum deles respondeu.

– Onde está ela? – insisti, sentindo o primeiro travo de esperança – e de pânico. O Mason

desviou o olhar, evitando o meu. Que me estariam a esconder?

– Ficou na cabana – disse o Shaun, por fim.

Pestanejei várias vezes, baralhada.

– O quê?

– Temos poucos mantimentos – rosnou ele. – Só trouxemos o estritamente necessário. E ela não

nos serve de nada, muito menos doente.

As palavras dele deixaram-me radiante, mas também de pé atrás. Não queria cantar vitória antes

do tempo.

– Mas tu tinhas dito que vínhamos todos.

– Sei muito bem o que disse, mas os planos mudaram. A Korbie fica. Não conhece as montanhas

como tu e só ia atrapalhar.

Detive-me a meio de um passo. Sentia-me trémula de esperança e alívio. Tinham deixado a

Korbie para trás. Se conseguisse aguentar mais um dia sem comer, até que a neve derretesse, estaria

salva. Podia procurar ajuda.

Ainda melhor: talvez o Calvin visse as luzes da cabana e encontrasse a irmã. Ela contar-lhe-ia

tudo e ele viria à minha procura. Só tinha de manter a calma por mais algum tempo. E reagir a esta

alteração nos planos da forma que o Shaun esperava. Não lhe podia dar a entender que alimentara

esperanças de que aquilo acontecesse, que tinha um plano secreto.

– Temos de voltar para trás! – exclamei. – Eu tiro-vos da montanha, mas primeiro temos de ir

buscar a Korbie. Comemos tudo o que havia na cabana. Se os canos congelarem, fica sem água.

Podem passar dias até que alguém a encontre. Temos de voltar para trás.

Pelo canto do olho vi o Shaun sacar a arma do bolso do impermeável. Tinha uma expressão cruel

no rosto.

– Quanto mais depressa nos tirares da montanha, mais tempo terás para voltar atrás e salvar a tua

amiga.

Olhei-o bem de frente, embora estivesse a morrer de medo. Senti o estômago às voltas ao

lembrar-me de ter desejado beijá-lo. Nunca me tinha enganado tanto a respeito de uma pessoa.

Subiu-me à garganta um gosto quente e amargo. Sentia-me de tal forma sedenta de atenção, com uma

vontade tão forte de provar qualquer coisa à Korbie, que chegara a acreditar nas aldrabices daquele

monstro.

Agora, porém, começava a ver a situação com verdadeira clareza. O Shaun deixara a Korbie na

cabana, acreditando que iria morrer, e não sentia remorsos de qualquer espécie. Assim que o

ajudasse a sair da montanha, nada o impediria de me dar o mesmo destino. Conseguiu salvar a

Korbie, mas a minha vida continuava em risco.

Debrucei-me para o lado e vomitei.

– Deixa-a em paz – disse o Mason ao Shaun. – Só estás a piorar as coisas. Precisamos dela

concentrada.

Com um pé, cobriu de neve a porcaria que eu tinha feito e passou-me um rolo de papel higiénico

que trazia no bolso do casaco. Quando hesitei em aceitá-lo, limpou-me a boca com gestos suaves.

Esperava ouvi-lo falar num tom áspero, mas nas palavras dele li apenas cansaço.

– Para um minuto para te recompores, Britt. Depois, indica-nos o caminho até à autoestrada.

Capítulo onze

O Calvin Versteeg foi a minha primeira paixão. O fascínio que sentia por ele em criança foi

crescendo ao longo dos tempos e cristalizou-se no dia em que completou 10 anos. Ainda me

lembrava da sensação mágica e eufórica de saber com absoluta certeza que

ele era *o tal*.

Embora fosse dois anos mais velho do que eu, só estava um ano à minha frente na escola. O

aniversário do Calvin era em agosto e os pais tinham preferido retê-lo em casa um ano antes do

básico, com o propósito de lhe dar mais tempo para crescer e mais hipóteses de se distinguir no

desporto. A estratégia dera frutos. No 10.º ano, o Calvin conquistara um lugar na equipa de

basquetebol da escola secundária. No 11.º, o nome dele já fazia parte do cinco inicial.

Nesse dia, fomos ao lago no utilitário todo-o-terreno dos Versteeg. O Calvin e os dois amigos que

o acompanhavam reclamaram para si o banco de trás, e eu e a Korbie tivemos de nos contentar com o

banco do meio, mais perto dos pais. Sempre que nos virávamos para trás para escutar a conversa dos

rapazes, ele agarrava-nos pelas cabeças e fazia-as chocar uma contra a outra.

– Mãe! – uivou a Korbie a certa altura. – O Calvin está-nos a magoar!

A sra. Versteeg olhou por cima do ombro.

– Deixa o teu irmão em paz. Conversa com a Britt ou brinca com os teus pequenos póneis. Estão

aí nessa malinha, debaixo do assento.

– Sim – riu-se o Calvin. – Brinca com os teus póneis. Aposto que têm uma surpresa para ti.

A Korbie deitou as mãos à malinha e abriu-a no colo com um safanão.

– *Mãããee!* – guinchou ela de forma tão estridente que até senti os tímpanos a vibrarem. – O

Calvin cortou o pelo todo aos meus póneis! – Virou-se para trás no assento, vermelha como um

tomate. – Vou dar cabo de ti!

– Qual é o drama? – disse o Calvin com um sorriso endiabrado. – A mãe compra-te mais.

Lembro-me de pensar que o Calvin era o irmão mais velho mais terrível de todos os tempos. Pior

ainda do que o meu irmão, o Ian, que tinha o hábito de se esconder dentro do armário do meu quarto

para me pregar grandes sustos quando eu ficava às escuras. Apanhar uns sustos de vez em quando era

muito melhor do que ter póneis carecas.

Como seria de esperar, a meio do dia o Calvin fez-me reconsiderar a má impressão que tinha

dele. Depois de uma tarde a praticar esqui aquático, ele e os amigos decidiram caçar sapos, e o

Calvin deixou-me escolher um nome para o dele. Apesar de eu ter escolhido um nome piroso –

Smoochie –, o Calvin deixou-o ficar.

Ao fim do dia, quando formámos uma fila para ir à casa de banho antes da longa viagem de

regresso, sussurrei-lhe ao ouvido:

– Afinal, não és assim tão mau.

O Calvin tocou-me na ponta do nariz com o dedo.

– É bom que não te esqueças disso.

Entrámos à toa no carro, pois ninguém reclamou para si lugares específicos. Estávamos

demasiado cansados para isso. Sem saber bem como, dei por mim sentada ao lado do Calvin. A meio

da viagem adormeci com a cabeça no ombro dele, e ele não fez nada para me repelir.

Capítulo doze

– Tens a certeza de que estamos a ir bem?

Com cuidado para que não me vissem, dobrei o já bem vincado mapa do Calvin, enfiei a mão por

dentro do colarinho e meti-o no sutiã. Fechei os olhos por breves instantes, enquanto memorizava a

topografia e as anotações feitas à mão, para me abstrair da voz do Shaun que ecoava por entre as

árvores. Quanto maior a distância percorrida, mais pontos de referência ia reconhecendo e mais

certezas tinha de que sabia onde estávamos.

Corri o fecho das calças, afastei-me do pinheiro que me servira de biombo e respondi,

imperturbável:

– Diz-me tu, vocês é que levam as bússolas. Estamos a ir para sul?

– A paisagem não mudou nada – queixou-se ele, levantando a tampa da bússola para se certificar

de que seguíamos na direção certa. – Dá a sensação de que estamos a andar às voltas.

E tinha razão. Já caminhávamos há horas, mas era tudo uma questão de perspetiva. No mapa do

Calvin tínhamo-nos deslocado uns meros milímetros.

– Pensei que a autoestrada ficasse a sudeste da cabana – disse o Mason, franzindo ligeiramente o

sobrolho.

Senti um tremor de medo, mas consegui manter uma expressão impassível.

– E fica, mas temos de contornar um pequeno lago. Viramos para leste assim que o passarmos.

Julguei que não conhecias a zona.

– E não conheço – respondeu ele, hesitante. – Mas ontem, na estação de serviço, calhei de dar

uma vista de olhos a um mapa. – Fez uma expressão de intensa concentração, franzindo ainda mais o

sobrolho. – Posso estar a dizer um disparate.

– Como é, afinal? – rezingou o Shaun. – Quem é que tem razão?

– Eu – respondi confiante.

– Ás? – insistiu o Shaun.

O Mason coçou o queixo com um ar pensativo, mas não disse mais nada. Deve ter passado um

minuto até que eu conseguisse respirar à vontade, pois ele não se enganara: a forma mais rápida de

alcançar a autoestrada *era* viajar para sudeste. Porém, agora que sabia onde estávamos, não

pretendia levá-los lá. Segundo o mapa do Calvin, se nos desviássemos para sul passaríamos por uma

cabana da guarda-florestal.

De acordo com os meus cálculos, estaríamos lá antes do nascer do sol.

A lua acompanhou-nos quase toda a noite, mas pouco antes do amanhecer surgiu um novo banco

de nuvens, deixando-nos mais uma vez às aranhas no meio daquele indescritível matiz de negro dos

montes bravios. O vento voltou a soprar, varrendo as árvores e queimando-nos a pele do rosto.

Socorremo-nos das lanternas com suportes para a cabeça, embora o Mason tivesse deixado bem

claro que tínhamos de poupar as pilhas. As instruções das embalagens diziam que cada lanterna

possuía apenas um tempo de vida de três horas.

As costas doíam-me devido ao peso da mochila. Sentia as pernas perras de frio e os meus passos

na neve eram cada vez mais curtos e vagarosos. Excetuando a pequena sesta na cabana, não dormia

há quase 24 horas. A minha visão desfocava-se quando me procurava concentrar no monótono manto

cristalino que se estendia em todas as direções. Imaginei como seria deitar-me na neve, fechar os

olhos e sonhar que estava noutro lugar qualquer.

– Preciso de ir outra vez à casa de banho – disse, parando para recuperar o fôlego. O ritmo da

caminhada não era muito exigente, mas o peso contínuo da mochila e o impacto da descida pelo

terreno acidentado das escarpas começavam a fazer-se sentir.

– Dás-lhe demasiada água – reclamou o Shaun. – Por causa dela, temos de parar de hora a hora. –

Voltou-se para mim. – Vê se te despachas.

O Mason ajudou-me a tirar a mochila e apoiou-a ao tronco de uma árvore antes de, por sua vez,

se desembaraçar do equipamento que carregava. Fez alguns movimentos circulares com os ombros e

vi que o peso também começava a afetá-lo.

– Não lhe liguês – disse-me, e embora não houvesse amabilidade na voz dele, também não detetei

desprezo. Apenas sentido prático. Entregou-me a lanterna dele. – Leva o tempo de que precisares.

Percorri uma distância curta e escondi-me atrás de um pinheiro. Depois de desligar a lanterna,

espreitei por entre os ramos para os observar. O Shaun estava a urinar à vista de todos, e o Mason

apoiara um antebraço ao tronco de uma árvore e tinha a cabeça enterrada na

dobra do cotovelo. Se

fosse possível dormir em pé, pensei, aquele seria o aspeto de alguém a fazê-lo. Dos três, o Mason

era o mais atlético, por isso surpreendeu-me vê-lo lidar tão mal com a caminhada. Descalçou uma

luva e esfregou os olhos, parecendo cada vez mais extenuado.

Perguntei-me se algum deles daria conta da minha ausência caso não voltasse a aparecer dentro

de 10 minutos. Podia tentar fugir. Era uma opção que me ocorria de tempos a tempos, como a luz

intermitente de uma lâmpada mal enroscada. Tinha prometido a mim própria que aproveitaria a

primeira oportunidade que surgisse. Podia regressar para junto da Korbie e irmos as duas procurar

ajuda. Porém, se o mapa do Calvin estivesse correto, veríamos a cabana da guarda-florestal a seguir

à próxima encosta. Podia tentar escapar agora, e enfrentar a floresta sozinha, ou podia ficar e rezar

para que houvesse um guarda-florestal na cabana.

Procurei antecipar o desenrolar dos acontecimentos neste último cenário. Quando avistássemos a

cabana da guarda-florestal, o Mason e o Shaun seriam totalmente apanhados de surpresa, e eu teria

de me fingir igualmente espantada. Teria de conseguir convencê-los de que não contara deparar-me

com a construção e que devíamos bater à porta. Depois, restar-me-ia dar a entender disfarçadamente

ao guarda-florestal que me encontrava em perigo. Ou melhor, que estávamos ambos em perigo

porque, quer quisesse, quer não, se conduzisse o Mason e o Shaun à cabana, estaria a arrastar outra

pessoa para a mesma trapalhada. A diferença, pensei eu para me tranquilizar, era que o guarda-

florestal estava preparado para lidar com o pior.

Depois de confirmar que não me viriam controlar, puxei do mapa e examinei-o de perto à luz da

lanterna. A pouca distância da cabana da guarda-florestal havia um pequeno lago. O Calvin

escrevinhara ao lado «fonte de água potável». Guardei a informação na memória antes de regressar

para junto do Mason e do Shaun.

– Quando é que paramos para descansar? – perguntei-lhes. – Mais cedo ou mais tarde, vamos ter

de parar para dormir.

– Descansamos quando o sol nascer – disse o Mason. – Temos de chegar à autoestrada assim que

desimpedirem os acessos.

Claro, para poderem roubar um carro antes que a polícia vos apanhe, pensei.

– Há um lago sem poluentes nas proximidades, mas é um desvio de cerca de

uma hora – afirmei.

– É a última oportunidade de arranjarmos água limpa.

O Mason respondeu com um aceno de cabeça.

– Então, podemos aproveitar para encher os cantis, montar um abrigo temporário e dormir um

bocado. – Estendeu-me a mochila e deve ter reparado na careta que fiz, pois disfarçou um pequeno

sorriso de desculpas. Baixou a voz, mantendo as palavras seguintes só entre nós. – Sei que é pesada,

mas já estamos quase lá. É só mais uma ou duas horas.

Aceitei a mochila hesitante, sem saber como interpretar aquele pequeno gesto de boa vontade.

Era refém do Mason. Que reação esperava ele? Um sorriso? Lembrei-me do cadáver na cabana,

tentando conciliar esta versão atenciosa do Mason com a possibilidade de ele ser um homicida. Seria

aquela generosidade genuína? Seria capaz de me matar, se tivesse mesmo de o fazer?

– Só mais uma ou duas horas – repeti, como que em eco.

Não lho disse, mas se tudo corresse como esperava, teríamos de parar muito antes disso.

Menos de meia hora depois, quando nos aproximávamos da bacia da encosta, descrevendo uma

diagonal por entre as árvores para apanhar o declive menos acentuado, recebi o primeiro vislumbre

da cabana da guarda-florestal. Era uma estrutura acanhada, duas ou três divisões, no máximo, com um

telhado baixo e um alpendre minúsculo.

Até àquele momento, tinha contido as minhas expectativas por receio de não encontrar a cabana,

mas de repente senti-me eufórica, com o coração a arder-me no peito. O meu alívio superava até as

chicotadas do vento. Eis a cabana da guarda-florestal, ali mesmo, à minha frente. Com um guarda lá

dentro, tinha a certeza. Depois de tudo o que correra mal, finalmente uma pequena vitória. O

pesadelo estava a chegar ao fim.

Ao meu lado, o Mason estacou de repente. Agarrou-me pelo braço e puxou-me para trás de uma

árvore. O Shaun saltou na direção oposta, ocultando-se atrás de uma árvore a poucos metros. Ouvia a

respiração ofegante do Mason.

– O abrigo ali em baixo. Sabias dele? – inquiriu ele num tom áspero e contido.

Fiz que não com a cabeça, com medo de que a minha voz me denunciasse. Sentia uma esperança

deliciosa a tremular dentro do peito e temia que o Mason desse por isso.

– Então, é só coincidência? – insistiu ele, pouco convencido.

– Não sabia, juro – disse eu, arregalando os olhos. – Pensa bem. O abrigo é minúsculo

comparado com a vastidão da floresta. É muito fácil passar por ele sem o ver. Teria de ter um mapa

para o localizar no escuro. Foi azar, só isso.

O Shaun apontou-me um dedo ameaçador.

– Se sabias disto, se nos trouxeste aqui de propósito...

– Não sabia, juro. Tens de acreditar em mim. – Estava quase lá... A cabana da guarda-florestal

ficava a pouca distância, mais abaixo na encosta. Não podia estragar tudo agora. – Vocês disseram-

me para onde queriam ir e eu limitei-me a seguir ordens. Tiveram mais controlo sobre o trajeto do

que eu.

O Mason uniu as pontas dos dedos enluvados sobre a boca, pensativo.

– Com esta luz, ninguém nos consegue ver dali. Não fomos vistos. Nada mudou.

– Então, vamos à volta – disse o Shaun. – Andamos um quilómetro a mais, se for preciso.

– E se estiver vazio? – disse eu. – Se os canos não congelaram, tem água corrente. E se calhar,

também comida e outros mantimentos. Se abastecermos aqui não teremos de desviar o trajeto até ao

lago de que vos falei. Poupa-nos imenso tempo.

O Mason observava-me.

– Estás a sugerir pilharmos o abrigo?

– O que temos não dá para chegar à autoestrada. Temos de reabastecer. Água, sobretudo.

– Olha à tua volta – disse-me o Shaun, projetando uma onda de neve para cima de mim com um

pontapé. – Água é o que não falta.

– Está um grau negativo – disse o Mason com impaciência. – Como queres tu derreter a neve? A

Britt tem razão, o abrigo deve ter água corrente.

– Não estou a gostar nada disto – resmungou o Shaun, cruzando os braços num gesto de teimosia.

– Tínhamos combinado: *nada de gente*. É muito arriscado ir ali abaixo.

– Eu vou primeiro – sugeri. – Espreito pela janela. Não vou fugir, já corri demasiados riscos. E

fugia para onde?

– Se tem de ir alguém, vou eu – declarou o Shaun. – Eu é que tenho a pistola.

A observação acabrunhou-me. Estaria o guarda-florestal igualmente armado? Não fazia ideia.

Senti-me perdida. Esperava não me arrepender do que estava a fazer.

O Mason lançou ao amigo um aceno de concordância.

– Vê o que consegues descobrir.

De arma em punho, o Shaun desceu a colina a correr, semiagachado, dirigindo-se à plácida

cabana da guarda-florestal perdida no meio do vasto maciço de árvores perenes cujos picos

pareciam varrer o céu noturno.

– Não deve demorar – disse o Mason, como se a ideia me devesse tranquilizar.

– Quando é que me vais dizer de quem é que vocês andam a fugir e porquê? – perguntei-lhe assim

que ficámos sozinhos.

Ele limitou-se a olhar para mim. Era difícil determinar se o silêncio do Mason era uma questão

de arrogância ou de prudência. Parecia ser o tipo de pessoa que pesa cada palavra, cada ato.

Prudência, decidi. Tinha muito a esconder.

– É da polícia, tenho a certeza. Por isso, podes parar de fingir que não sabes do que estou a falar.

Cometeram um crime qualquer. E agora, depois me raptarem, só estão a piorar as coisas.

– Achas que o teu pai sabe que não chegaste ao chalé? – perguntou ele, evitando a questão. –

Ficaste de lhe ligar quando chegasses lá?

– Disse-lhe que ligava, sim – admiti, perguntando-me onde queria chegar com aquilo.

– O teu pai não vai poder vir cá acima com este tempo, e mesmo que pudesse, não faz a mínima

ideia de onde estás, mas achas que ligou à gerência do parque que lhes comunicou que não chegaste

ao chalé? Ou estavas a contar a verdade quando disseste que o teu pai confia

em ti e sabe que te safas

bem sozinha?

Observei-o, de pé atrás.

– Lembro-me de dizer ao Shaun que o meu pai sabe que sei tomar conta de mim, mas não to disse

a ti. Estavas a ouvir a nossa conversa enquanto estávamos na cozinha a preparar o jantar?

– Claro que sim – disse ele, disfarçando o embaraço com um tom de irritação.

– Porquê?

– Tinha de saber o que ias dizer ao Shaun.

– Porquê?

Ele fixou-me com um longo olhar meditativo, mas não respondeu.

– Estavas a espiar-me... ou ao Shaun? Vocês são mesmo amigos? – Aquela pergunta era fruto da

estranha tensão que sentia entre os dois. Talvez estivesse equivocada desde o início. Talvez *não*

fossem amigos. Mas nesse caso, porque estariam juntos? De uma coisa tinha absoluta certeza: sentia

muito mais medo do Shaun. Nunca teria coragem de lhe fazer aquelas perguntas nem tão-pouco lhe

falaria naquele tom.

– O que é que te leva a pensar que não somos? – resmungou o Mason irritado.

– O Shaun mentiu-te. Disse-te que eu me tinha tentado matar, mas foi ele quem me fez aquelas

marcas no pescoço.

Pela falta de reação dele, via-se que já calculava que tinha sido o Shaun a agredir-me.

– Será que tinha medo do que lhe pudesses fazer? Será que sabe que tu não queres que me faça

mal? Foi por isso que mentiu?

– Achas mesmo que eu seria capaz de levantar um dedo para impedir que ele te batesse? – rosnou

ele, brusco. – Por que carga de água havia eu de fazer uma coisa dessas?

Encolhi-me ao ver a expressão de desdém com que me fulminava.

– Vocês são todas iguais – resmungou ele com uma expressão enojada.

– O que queres dizer com isso?

– Julgas que te vou salvar.

Disse-o num tom amargo, de acusação. Olhei-o bem de frente, e mesmo na semiobscuridade fria e

rosada do alvorecer apercebi-me da dor profunda nos seus olhos.

Senti um nó na garganta. A esperança que ainda albergava desfez-se em pó naquele momento. Não

podia contar com a ajuda do Mason. Tinha-me enganado a respeito dele: de nada serviria tentar

amolecê-lo. Era tão inútil para mim como o Shaun.

Apeteceu-me virar-lhe as costas, indignada, para lhe mostrar que não me podia tratar daquela

maneira, mas não me podia dar ao luxo de desperdiçar aquele tempo sozinha com ele. Afastando o

desespero, concentrei-me nas perguntas que precisava de lhe fazer.

– Porque mentiste sobre teres encontrado a insulina da Korbie?

– Para encobrir a tua mentira. O Shaun não podia saber que tinhas tentado aldrabá-lo. Como

julgas que iria reagir se descobrisse? Pensa bem, Britt. Quero que me tires desta montanha. Morta,

não me serves de nada.

– Só mentiste para te ajudares a ti próprio.

– Já vi como olhas para mim. Estás convencida de que te vou proteger. Julgas que, num dilema

moral, farei o mais acertado. Pois enganas-te. Não sou como o Shaun, mas também não sou nenhum

santo.

Já não estava a olhar para mim. Tinha o ar absorto e alienado de alguém perseguido por velhos

fantasmas. Senti um calafrio de inquietação. Começava a acreditar que o Mason era mais perigoso do

que o Shaun. Que estava apenas a dar tempo ao tempo, a jogar o jogo do Shaun de acordo com as

regras do Shaun, à espera do momento oportuno para agir...

O ruído de passos na neve alertou-nos para o regresso do Shaun. Virei-me na direção do som,

fixando os olhos na arma que ele empunhava. Não a tinha usado – o disparo ouvir-se-ia. Ainda

assim, a forma natural e experiente como lhe pegava, como se fosse uma extensão da mão, eriçou-me

os pelos da nuca. Sorriu.

– A costa está livre. Tem ar de ser um posto avançado dos vigias do parque. Está desocupado há

vários dias.

A réstia de esperança a que ainda me agarrava evaporou-se. Desocupado? Há vários dias? Senti-

me tão desalentada que só me apetecia cair de joelhos na neve e chorar.

– E o melhor é que não faltam provisões. Comida enlatada, sítio para dormir e lenha seca

debaixo de uma lona, nas traseiras – continuou ele com um brilho guloso no olhar.

Ao meu lado, o Mason pareceu relaxar.

– Boa, reabastecemos e descansamos uma ou duas horas.

Descemos até à cabana da patrulha florestal. À porta, o Shaun mostrou-nos como tinha entrado,

agitando a chave com uma expressão ufana.

– Encontrei-a debaixo do tapete – explicou. – Que crédulos.

O Mason segurou a porta para eu entrar. Em lugar de apreciar o interior como

um todo, procurei

sinais específicos de que o Shaun tinha deixado escapar qualquer coisa, indícios de que um guarda-

florestal ali tinha estado recentemente e de que não tardaria a regressar.

Cheirava a mofo e havia pó no ar. Não havia pratos sujos nas bancadas da cozinha nem vestígios

do aroma persistente do café. Não vi nem uma pegada húmida e lamacenta no linóleo. Um balcão

separava a cozinha da sala de convívio. Um sofá de bombazina, um tapete índio e um baú amolgado

que servia de mesinha de centro. Também ali não vi pratos sujos nem jornais. Ao canto, junto da

lareira, estava uma antiquada cadeira de baloiço que exibia uma fina camada de pó. Havia uma porta

do outro lado da sala que dava para um pequeno quarto estilo águas-furtadas.

O Mason foi buscar lenha, e pouco depois depositou uma braçada de achas ao lado da lareira e

começou a acender uma fogueira. O Shaun descalçou as botas, entalou a arma na parte de trás das

calças e dirigiu-se ao quarto, onde se deixou cair de barriga para baixo em cima do colchão.

– Fica de olho nela, Ás – pediu ele através da porta aberta. – Estou de rastos. O próximo turno é

comigo.

Discretamente, comecei a abrir as gavetas e os armários da cozinha. O Shaun

tinha razão: hoje

não passaríamos fome. Havia latas de milho, ervilhas, molho para sanduíches de carne picada, leite

em pó, arroz, feijão vermelho e óleo vegetal. Açúcar, farinha de trigo e de milho, vinagre... Agachei-

me diante do lava-loiça e espreitei o interior do armário. Reparei imediatamente no saco de plástico

transparente cheio de material de primeiros socorros... *e um canivete.*

– A fogueira está acesa – disse a voz do Mason acima de mim. Fechei o armário muito depressa e

levantei-me. Dei com ele do outro lado do balcão da cozinha, e escondi as mãos nos bolsos para que

não visse que estavam a tremer.

– Que bom – respondi automaticamente.

Os olhos dele ficaram instantaneamente alerta, desconfiados.

– Que fazes?

– Estava a pensar no que havia de preparar para comermos. Estou a morrer de fome.

Ele continuou a observar-me, intrigado. Contornou o balcão e pôs-se a abrir as portas uma a uma

e a olhar alternadamente para mim e para o conteúdo dos armários, como se a minha reação pudesse

indicar-lhe o que andava a tramar. Havia um suporte com facas de cozinha em cima da bancada e ele

pegou-lhe de imediato, estudando-me, pouco inclinado a acreditar em mim. Quando terminou a

vistoria aos armários por cima do fogão, passou aos da bancada. Dentro de poucos segundos, abriria

a porta por baixo do lava-loiça.

– Vais ter de me mostrar como trabalhar com este fogão – disse eu, a mexer nos manípulos. –

Posso preparar-nos qualquer coisa quando estiver ligado. Lá em casa temos um fogão a gás, por isso

não estou acostumada com os elétricos – acrescentei, procurando parecer natural.

Lançando-me um último olhar de dúvida, o Mason voltou-se para o fogão. Rodou um dos

manípulos gastos e gordurosos. De imediato, um agradável cheiro a queimado encheu a cozinha e

quando passei a mão por cima das resistências, senti o calor a aumentar.

– É bom sinal – comentei.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

– Temos luz, pelo menos para já.

– Dormimos ou comemos primeiro? – perguntei.

– Decide tu – disse ele, como se lhe fosse indiferente. Porém, num daqueles raros momentos em

que baixava a guarda sem querer, cometeu o erro de lançar um olhar nostálgico ao sofá. Senti-me

vitoriosa por ter reparado, pois aquilo significava que o Mason, afinal de contas, não era perfeito.

Também cometia deslizes e deixava escapar segredos. E isso dava-me uma certa esperança.

– Vamos descansar primeiro – disse eu, desligando o fogão. – Estamos os dois esgotados.

Quando ele adormecesse, iria buscar o canivete.

Recostei-me na cadeira de baloiço perto da lareira e o Mason estendeu-se no sofá. A

proximidade das chamas irritava-me a pele e puxei uma manta de lã até ao queixo. O calor e o fumo

que enchiam a cabana da guarda-florestal começaram-me a deixar sonolenta. Deixei escapar um

suspiro, já a sentir os músculos doridos da longa e penosa caminhada até ali. Desejei nunca mais ter

de me voltar a mexer.

Continuei a sentir o Mason a observar-me muito depois de fechar os olhos. Sabia que não se

deixaria dormir até ter a certeza de que eu adormecia primeiro. Para me manter acordada, comecei a

contar o tempo. Sentia-me exausta, mas ainda era capaz de resistir mais tempo do que ele. Tinha de

ser, se queria o canivete.

A fogueira começou a extinguir-se, ardendo lentamente na grelha. Por fim, ouvi-o a remexer-se e

a virar-se de costas para mim. A respiração dele tornou-se mais lenta, e quando entreabri um olho

para dar uma espreitadela rápida tinha as pernas totalmente relaxadas e dormia profundamente.

Capítulo treze

Era uma tarde tristonha e morrinhenta de março, andava eu no 10.º ano, e o jipe estava na oficina

com uma junta rebentada. O meu irmão tinha prometido ficar na escola até mais tarde (eu tinha

atividades do clube cívico) para me dar boleia até casa. Ao fim de 10 minutos à espera dele, deixei-

lhe uma mensagem urgente no *voicemail*. Depois de meia hora, e o Ian sem aparecer, passei às

ameaças. Ao fim de uma hora, o auxiliar expulsou-me e fechou os portões.

Em poucos segundos fiquei com o cabelo empastado às orelhas e o vestido colado ao corpo. A

chuva escorria-me pelas pestanas. Sentia os lábios roxos de frio e, para impedir que congelassem,

resmunguei todos os palavrões que conhecia, em todas as combinações possíveis e imaginárias. Ia

dar cabo do meu irmão. Assim que chegasse a casa, ia pregar-lhe um valente murro naquele nariz, e

pouco me importava se ficasse de castigo e não pudesse ir à festa que a Korbie ia dar no fim de

semana seguinte.

A meio do caminho para casa descalcei as sabrinas de cetim às bolinhas e atirei-as para a valeta,

furiosa. Completamente arruinadas. Esperava que o Ian tivesse 80 dólares a apanhar pó em qualquer

lado, pois era quanto lhe iria custar.

Estava prestes a atravessar a estrada fora da passadeira sem olhar quando ouvi uma carrinha

preta a buzinar e voltei a saltar para o passeio. O Calvin Versteeg baixou o vidro do passageiro e

gritou:

– Entra!

Atirei os livros para o banco de trás e subi para o lugar do passageiro. Sentia córregos de água a

escorrerem pelas coxas abaixo e a formarem uma poça no banco de cabedal. Ao olhar para baixo,

dei-me conta de que se via a pele através do tecido cor de alface do vestido. Não me lembrava de

que cor era a roupa interior que vestira de manhã. Ocorreu-me um pensamento embaraçoso: ver-se-ia

a roupa interior através do vestido durante todo o caminho até ali? Envergonhada, cruzei as mãos no

colo.

Se o Calvin reparou, teve a decência de não comentar. Sorriu-me.

– Alguma vez te contei a história da rapariga que tentou tomar banho à chuva?

Dei-lhe um murro no ombro.

– Cala-te.

Ele estendeu o braço para o banco de trás e pôs-se a procurar qualquer coisa às apalpadelas.

– Ainda devo ter um resto de sabonete no saco do ginásio...

Ri-me.

– És o rapaz mais idiota que alguma vez existiu, Calvin Versteeg.

– Idiota, mas cavalheiresco. É para onde?

– Para casa. Vou estrangular o Ian com as minhas próprias mãos.

– Deixou-te pendurada? – adivinhou o Calvin.

– Deve querer morrer hoje.

O Calvin aumentou a temperatura dentro do carro.

– Devias-me ter ligado.

Olhei para ele, estupefacta. Era o irmão mais velho da minha melhor amiga, mas tirando isso,

nem sequer frequentávamos os mesmos círculos. Há muitos anos que desejava que ele me visse sob

um prisma diferente, mas a verdade era que ligar ao Calvin a pedir uma boleia seria o mesmo que

ligar a qualquer outro rapaz da secundária.

– Bem... não me ocorreu – disse eu, surpreendida com a sugestão.

O Calvin ligou o rádio. Não aos berros, apenas uma melodia de fundo para

afugentar o silêncio.

Não me lembro do que falámos durante o resto da viagem. Pus-me a olhar pelo vidro, a pensar: estou

na carrinha do Calvin Versteeg, a sós com ele. Sem a Korbie. E ele acabou de se atirar a mim.

Mal podia esperar para contar a alguém, mas de repente percebi que, pela primeira vez, não

podia simplesmente ir a correr contar tudo à Korbie. Ela não queria que eu namoriscasse com o

irmão. Não iria dar importância nenhuma ao que acontecera, diria que o Calvin estava apenas a ser

simpático. Mas não. Estava a atirar-se a mim, e nunca me tinha acontecido nada que me fizesse sentir

tão envaidecida.

Chegámos a minha casa e o Calvin encostou à berma.

– Devíamos fazer isto mais vezes – disse-me ele enquanto eu saía da carrinha. Sorri-lhe,

hesitante.

– Sim. Foi bom.

Preparava-me para fechar a porta quando ele disse:

– Ei, esqueceste-te disto. – E entregou-me um pedaço de papel dobrado.

Só me lembrei de desdobrar o papel quando ele arrancou. Se alguma vez sentira curiosidade em

ver como era a letra dele, agora já sabia.

Liga-me.

Capítulo catorze

Fui bruscamente acordada por uma pancada forte na porta da cabana.

No instante seguinte, o Mason estava ajoelhado ao meu lado, a tapar-me a boca para abafar a

minha exclamação de surpresa. Levou um dedo aos lábios, impondo-me silêncio.

O Shaun não tardou a chegar à sala, de arma em punho, apontada à silhueta de contornos

imprecisos que se via através da cortina transparente da janela da porta.

A pessoa voltou a bater à porta.

– Há alguém em casa? – chamou uma voz masculina.

Quis gritar, *Socorro! Estou aqui! Ajude-me, por favor!* Tinha as palavras mesmo na ponta da

língua, a explodir de dentro de mim.

– Atende – ordenou-me o Shaun num sussurro hostil. – Diz-lhe que estás bem. Diz-lhe que só

estás à espera que a tempestade passe. Fá-lo ir embora. Um passo em falso, Britt, e é o teu fim.

Mato-vos aos dois. – Soltou a patilha de segurança da arma, para dar ênfase às palavras, e o estalido

soou-me aos ouvidos com a força do repique de um carrilhão.

Dirigi-me à porta com pés de chumbo, nervosa. Esfreguei as mãos às calças. Tinha o rosto

banhado de suor. O Shaun colou-se à parede da cozinha, sempre com a arma apontada a mim. Quando

lhe lancei um olhar de esguelha, respondeu-me com um aceno, mas não para me dar ânimo. Estava-

me a lembrar de que não fazia ameaças em vão.

Destranquei a porta e entreabri-a o suficiente para espreitar lá para fora.

– Sim?

O homem trazia um impermeável castanho e um chapéu de *cowboy*, e pareceu surpreendido

quando me viu. Recompôs-se e disse:

– Sou o guarda Jay Philliber, da reserva de caça. Posso saber o que faz aqui?

– Vim refugiar-me da tempestade.

– Esta cabana pertence à guarda-florestal, não tem autorização para estar aqui. Como é que

entrou?

– Eu... A porta não estava fechada à chave.

– Não estava fechada à chave? – Parecia pouco convencido com a explicação e tentou espreitar

por cima do meu ombro. – Está tudo bem aí dentro?

– Sim – disse eu com voz rouca, sentindo a garganta seca.

O guarda deu um passo ao lado para ver o interior da cabana.

– Vou ter de lhe pedir que abra bem a porta.

Mentalmente, ouvia-me a dizer, *Eles têm uma arma, vão-me matar.*

– Está-me a ouvir?

Um estranho zumbido encheu-me os ouvidos. Sentia-me zozna. A voz do guarda-florestal

ressoava dentro de mim como um rumorejar sem nexos – não conseguia perceber o que dizia.

Semicerrei os olhos no esforço de lhe tentar ler os lábios.

–... veio aqui parar?

Humedei os lábios.

– Estou só à espera que a tempestade passe. – Já não tinha dito aquilo? Pelo canto do olho vi o

Shaun a agitar a pistola com impaciência, o que apenas serviu para me deixar ainda mais nervosa.

Não me lembrava do que devia dizer a seguir.

–... transporte? – perguntou-me o homem.

Senti uma vontade irreprimível de fugir. Imaginei-me a correr para fora da cabana; embrenhada

na floresta. Estava tão desorientada que, por momentos, julguei realmente que o tinha feito.

– Como é que veio aqui parar? – voltou ele a perguntar, observando-me atentamente.

– Estava numa caminhada.

– Sozinha?

Por absurdo que pareça, perguntava-me se o Calvin estaria a pensar em mim naquele momento.

Teria passado a noite em claro? Teria encontrado o Wrangler e partido à nossa procura pela floresta?

Estaria preocupado comigo? Claro que sim.

– Sim, sozinha.

O guarda-florestal mostrou-me uma fotografia a preto e branco de baixa resolução, ampliada.

Tinha sido tirada de um vídeo de segurança, e mostrava o interior de uma loja de sanduíches. Havia

dois homens. O funcionário da caixa estava ao balcão, com as mãos erguidas ao nível dos ombros. O

homem de frente para ele, a apontar-lhe uma arma, era o Shaun.

– Viu este indivíduo? – perguntou-me o guarda-florestal, batendo a ponta do dedo contra o perfil

indistinto e bidimensional do Shaun.

– Eh... – Comecei a ver pintas vermelhas diante dos olhos. – Não. Não me é familiar.

– Vejo que não se sente bem.

Estava a tirar o chapéu. Preparava-se para entrar. O zumbido nos meus ouvidos tornou-se

insuportável.

– Estou bem – apressei-me eu a dizer. Olhei à minha volta, desesperada. O Shaun cravou-me um

olhar carregado de raiva.

– Por favor, fique aí fora – disse eu em pânico. Levei a mão à testa. Tinha acabado de meter o pé

na poça.

O guarda-florestal passou por mim e entrou. Ao mesmo tempo, vi um movimento ao canto da

divisão e o Shaun apareceu de arma em punho. O homem empalideceu de medo.

– De joelhos – ladrrou-lhe o Shaun. – Mãos atrás da cabeça.

O guarda-florestal obedeceu, resmungando que o Shaun devia pensar duas vezes, que era um

agente da lei, que podiam conversar sobre o assunto e que ele devia entregar a arma.

– Silêncio – cuspiu-lhe o Shaun. – Se tem amor à vida, faça o que lhe digo. Como nos encontrou?

O guarda-florestal inclinou ligeiramente a cabeça para o lado e lançou-lhe um olhar de desafio.

Após um longo silêncio, disse-lhe:

– Não julgues que vim sozinho, rapaz. Temos os Serviços Florestais dos Estados Unidos em peso

no vosso encalço. A tempestade retardou-nos, claro, mas também vos empatou. E nós somos mais.

Não vais conseguir fugir. Se queres sair vivo desta embrulhada, tens de baixar imediatamente essa

arma.

– Dá-me a pistola, Shaun. Leva a Britt e comecem a arrumar as nossas coisas.

A voz fria e imperturbável do Mason cortou a tensão como um chicote.

Aproximou-se do amigo e

estendeu-lhe a mão.

– Não te metas nisto – rosnou-lhe o Shaun, apertando ainda mais a arma. – Se queres ser útil, vai

à janela e vê se descobres como é que este tipo chegou aqui. Não ouvi nenhuma carrinha a chegar.

– Dá-me a pistola – repetiu o Mason numa voz tão baixa que mal se ouvia do sítio onde eu estava.

Embora discreto, o tom inspirava respeito.

Claramente decidido a não lhes dar tempo para estabelecer um plano, o guarda-florestal

interveio:

– Vocês roubaram uma loja e dispararam contra um agente da polícia durante a fuga. Atropelaram

uma adolescente e fugiram sem lhe prestar assistência. A vossa sorte é que está viva, a recuperar no

hospital. E por sorte, o agente também está vivo, mas ninguém no sistema de justiça criminal vai

olhar para isto com bons olhos. As coisas não estão a correr bem para o vosso lado, mas vai ser

muito pior se não baixares imediatamente a arma.

– Eu disse *silêncio* – ladrou o Shaun.

– Quem é você? – perguntou-me o homem. – De onde é que conhece estes rapazes?

– Chamo-me Britt Pheiffer – apressei-me a dizer antes que o Shaun me pudesse impedir. – Estes

dois rapazes trouxeram-me aqui contra a minha vontade e querem-me obrigar a levá-los até à

autoestrada.

Até que enfim! A polícia ficaria a saber que eu estava em perigo. Enviariam um grupo de resgate.

Alguém diria ao meu pai o que tinha acontecido. O alívio era tal que quase me levou às lágrimas.

Depois, voltou o desânimo. O quadro que eu imaginara só seria possível se o guarda-florestal

escapasse com vida. Se o Shaun não resolvesse silenciá-lo.

O Shaun varreu-me com um olhar metálico.

– Não devias ter feito isso.

– Se o amarrarmos, teremos um dia ou dois antes de o encontrarem – disse o Mason, procurando

chamá-lo à razão. – Dá-nos tempo para sair da montanha sem matar ninguém.

– E se o tipo consegue fugir? – argumentou o Shaun, passando a mão pelo cabelo. Tinha um ar

esgazeado, o branco dos olhos em redor dos círculos azuis raiado de sangue. Fechou os olhos com

força, voltou a abri-los e pestanejou repetidamente como se não estivesse a conseguir focar a vista.

– Matá-lo não nos vai ajudar – repetiu o Mason no mesmo tom de voz duro e autoritário.

O Shaun apertou a cana do nariz entre os dedos e passou o braço livre pela testa coberta de suor.

– Tens de parar com essa mania de me dar ordens, Ás. Quem manda aqui sou eu. Eu é que tomo as

decisões. Trouxe-te comigo para cumprires uma tarefa. Concentra-te nisso.

– Já trabalhamos juntos há quase um ano – disse o Mason. – Pensa em tudo o que fiz por ti. Só

quero o melhor para ti; para *nós*. Agora, baixa lá a arma. Há corda num baú no alpendre das

traseiras. Se o deixarmos amarrado, teremos pelo menos um dia.

– Já ferimos um polícia. Não há como voltar atrás. Temos de levar isto até ao fim, fazer o que for

preciso.

Havia qualquer coisa de irracional no olhar frenético e vidrado do Shaun. Ao dizer estas

palavras, engoliu em seco e acenou com a cabeça como se estivesse a tentar convencer-se de que não

havia outra opção.

O Mason voltou a repreendê-lo.

– Vamos deixá-lo aqui e continuar a descer a montanha.

– Para de gritar comigo, não consigo pensar! – vociferou o Shaun, ameaçando o Mason com a

pistola por breves instantes antes de voltar a apontá-la ao guarda-florestal. Continuava a suar

profusamente.

– Ninguém está a gritar – disse o Mason em voz baixa. – Baixa a arma.

– *Eu* é que sei – rugiu-lhe o Shaun. – A decisão é minha, e eu digo que não podemos deixar

pontas soltas.

O medo e a percepção do que estava prestes a acontecer inflamaram uma centelha nos olhos do

Mason. Tentou apoderar-se da arma com um movimento convulsivo, mas o Shaun pareceu nem dar

por ele. Tinha os olhos fixados na forma ajoelhada do guarda-florestal. Antes que o Mason pudesse

detê-lo, ouvi uma explosão ensurdecadora. O corpo do guarda-florestal tombou para o chão.

Ouvi o som do meu próprio grito a dilacerar-me e a encher a divisão.

– Como é que foste capaz? – berrei-lhe. Havia sangue por toda a parte. Nunca tinha visto tanto

sangue. Senti uma tontura e desviei a cara, com receio de desmaiar se continuasse a olhar para a

cena. Toda eu tremia devido ao choque. O Shaun tinha dado um tiro ao homem. Tinha-o *assassinado*.

Tinha de sair dali. Com ou sem tempestade, tinha de fugir.

– Para que foi isso? – gritou-lhe o Mason. Parecia enjoado com o choque, e agachou-se de

imediatamente ao lado do corpo, palpando-lhe o pescoço para lhe sentir a pulsação.
– Está morto.

– O que querias que fizesse? – gritou-lhe o Shaun, por sua vez. – A Britt não conseguiu convencê-

lo e o tipo topou-nos. Fizemos o que tínhamos de fazer. Tínhamos de acabar com ele.

– Tínhamos? Nós? – repetiu o Mason. – Ouves bem o que estás a dizer? Nós não o matámos. Tu és

que o mataste. – Os olhos dele ardiam com uma fúria incontida e pareciam refletir-lhe os

pensamentos. *Eu não pedi nada disto.* Cravou-lhe um olhar de repugnância, atento e cauteloso, e

nesse momento percebi que a dada altura tinham sido dois criminosos unidos pelas circunstâncias e

por um objetivo comum, mas isso acabara. À medida que o Shaun se tornava mais instável e

imprevisível, o Mason ia-se desligando. O desejo de se libertar do Shaun era patente no rosto dele.

O Shaun apoderou-se da fotografia tirada na loja das sanduíches e rasgou-a em vários pedaços,

arremessando-os depois contra a parede. Em seguida, revolveu os bolsos do guarda-florestal,

retirando de um deles uma pequena chave de aspeto curioso que meteu no bolso do casaco.

– Estão muito perto. Não podemos parar – disse ele, subitamente muito mais racional, como se

matar o guarda-florestal tivesse libertado a tensão que se tinha vindo a acumular dentro dele. – Não

tarda nada, vão estar espalhados por toda a montanha. Parece que este chegou aqui numa mota de

neve. Com o vento forte, não ouvimos o motor. Quase nos apanhava. Mas agora temos a mota, o que é

bom, pois vai ajudar-nos a viajar mais depressa nesta maldita neve. Agarra-lhe num braço, Ás.

Temos de esconder o corpo.

– Dá-me a pistola – disse-lhe o Mason num tom que não admitia réplicas, estendendo a mão. O

Shaun abanou a cabeça.

– Agarra-lhe num braço. Despacha-te, não podemos perder tempo.

– Já não estás a pensar com clareza. Passa-me a pistola – repetiu o Mason.

– Acabei de te salvar a pele. Eu estou ótimo, tu é que te estás a deixar ir abaixo com a pressão. O

que tem de ser tem muita força. Nunca devíamos ter vindo aqui. Devíamos ter feito como eu disse e

continuado na direção da autoestrada. De agora em diante, eu é que mando. Agarra num braço.

O Mason lançou-lhe um olhar furioso, mas agarrou um dos braços inertes do guarda-florestal.

Arrastaram-no para fora da cabana e, antes de me dar conta do que fazia, dirigi-me à cozinha, tirei o

casaco das costas da cadeira e vesti-o. Abri o armário por baixo do lava-loiça.

Tinha a cabeça turva,

mas o resto do meu corpo agia com uma vontade calculada, como se com o ligar de um botão tivesse

assumido o comando das operações. Rasguei o saco de plástico e enfiei o canivete no bolso do

casaco.

Tinha de estar preparada para fugir a qualquer momento. A oportunidade avizinhava-se,

pressentia-o. Eu e o Calvin encontrar-nos-íamos na floresta. E mesmo que falhasse, preferia congelar

a ficar ali com o Shaun.

Quando me endireitei, o Mason e o Shaun tinham dado a volta à cabana e estavam a passar à

frente da janela. Nesse momento, o Mason avistou-me. O olhar dele fixou-se na mão que eu tinha no

bolso. Continuou-me a observar durante algum tempo com aqueles olhos castanhos que não perdiam

pitada.

Disse qualquer coisa ao Shaun e pousaram o corpo. Percebi logo que vinha ter comigo.

Atravessei a cozinha, afastando-me da janela, e saquei o canivete do bolso com gestos atrapalhados.

Meti-o no único sítio seguro que me ocorreu: dentro das calças. O Mason entrou na cozinha.

– Despe o casaco.

– Como?

Abriu ele próprio o fecho com um gesto brusco e arrancou-me o casaco.
Revirou-lhe os bolsos de

dentro e de fora.

– O que é que meteste no bolso?

– N-não estás bom da cabeça – gaguejei.

– Vi-te a esconder qualquer coisa no bolso.

– Tenho frio. Sinto as mãos frias. – Se ele lhas tocasse, veria que não estava a mentir. Estava

completamente gelada de medo.

Ele apalpou-me os braços, as costas, as pernas e até espreitou por dentro do elástico das meias.

– O que é que estás a esconder, Britt?

– Nada.

Ele olhou-me de esguelha, desconfiado, e lançou-me um olhar furtivo à zona do peito. O sutiã era

um dos únicos dois sítios que não tinha revistado. Logo a seguir, pareceu envergonhado por ter tido

aquela ideia e desviou os olhos.

– Já para a casa de banho – ordenou. – Despe-te e embrulha-te numa toalha. Tens um minuto. A

seguir, vou entrar e revistar a tua roupa. E escusas de tentar esconder o que aí tens no armário, na

sanita ou deitá-lo pelo cano abaixo. Vou vasculhar tudo. A casa de banho inteira.

Capítulo quinze

– Não estou a esconder nada. – Sentia a garganta seca de terror. Se ele me revistasse encontraria

não só o canivete, mas também o mapa do Calvin. Tendo o mapa, não precisavam de mim. Seria o

meu fim.

– Maldito tempo! – praguejou o Shaun da entrada, através da porta aberta da cabana. – Está a

nevar outra vez. Põe-te cá fora, Ás, e ajuda-me com o corpo!

Mais neve? Olhei pela janela para confirmar. Lá fora, enormes e aquosos flocos de neve

esvoaçavam ao sabor do vento. Como podia eu escapar se o tempo piorasse?

– Nem acredito que vais largar o corpo na floresta – disse eu ao Mason. Fi-lo na esperança de o

fazer sentir-se culpado, mas também para o distrair da intenção de me revistar. – Pensa na família.

Ele merece melhor. O que o Shaun fez não tem nome.

Se porventura pretendia defender-se, não o pôde fazer. A conversa foi bruscamente interrompida

por uma forte rajada de vento gélido que atirou a porta contra a parede.

Com um último olhar dividido entre mim e a neve que invadia a entrada, o Mason decidiu-se.

Saiu, batendo a porta atrás de si.

Fui à janela. O Shaun apontou para o corpo do guarda-florestal e a seguir para os montes de neve

na orla das árvores. Iam enterrar o corpo na neve na esperança de que não fosse encontrado antes de

deixarem as montanhas.

Fechei os olhos para afastar a onda de náusea que parecia querer tomar conta do meu cérebro.

Ainda tinha o canivete e o mapa. Ia fugir à noite, quando estivessem a dormir. Se ficasse com eles até

alcançarem a autoestrada, o Shaun acabaria comigo. Era tão certo como a neve ser fria e o fogo ser

quente.

Teria apenas uma oportunidade. Se me apanhassem a tentar escapar, ou o Shaun me matava ali

mesmo, naquele instante, ou acabaria por se arrepender de não o ter feito.

Sentei-me no sofá, a balançar-me para a frente e para trás, em parte para me manter quente e em

parte para acalmar os nervos. Por muito cruel e insensível que fosse, tinha de me abstrair da morte

do guarda-florestal e projetar a minha próxima jogada de cabeça fria. O homem estava morto, eu

estava viva. Ainda havia esperança para mim, mas nada que eu fizesse poderia alterar o trágico

destino dele.

Por mais que tentasse interiorizar estas palavras, a imagem do corpo do guarda-florestal a tombar

para a frente eclipsava tudo o resto. Pela primeira vez, baixei os olhos para as calças de ganga.

Estavam salpicadas de sangue. Sentia-me como que a pairar num sonho, como se estivesse no mar em

plena maré viva, a sentir as ondas a puxarem-me de cá para lá – uma estranha e ébria sensação de

impotência perante uma força muito maior.

A porta da cabana fechou-se com estrondo. O Mason e o Shaun despiram os casacos ensopados e

penduraram-nos nas costas das cadeiras da cozinha para secar. Os dedos das luvas exibiam uma capa

de gelo de escavarem na neve.

– Porque tanto olhas? Nunca me viste antes? – rosnou-me o Shaun a caminho da lareira.

Acrescentou uma acha à fogueira, fazendo voar faúlhas em todas as direções. – Talvez a neve até

venha a calhar – disse ele ao Mason. – Ajuda a cobrir os nossos rastos. Vai voltar a entupir as

estradas principais e ainda vão levar algum tempo a desimpedi-las. Se não podemos viajar, eles

também não. Dá-nos tempo. Por agora, ficamos aqui e esperamos que pare de nevar.

Ao princípio da noite, o Mason aqueceu três latas de milho. Ele e o Shaun jantaram na mesa da

cozinha e eu sentei-me à lareira, a aproveitar o calor ao máximo antes de me aventurar lá fora

sozinha, durante a madrugada. Engoli a comida sem lhe sentir o sabor. Mastigava devagar, tentando

alhear-me das vozes deles e perder-me noutra memória do Calvin, uma das que ainda não tinha

revivido vezes e vezes sem conta para não enlouquecer naquele sítio horrível.

O Calvin tinha-me magoado muito, e ainda não me tinha esquecido de que beijara a Rachel nas

minhas costas, mas curiosamente, no decorrer do trauma das últimas 24 horas, perdoara-lhe. Não me

podia concentrar no que era negativo. Tinha de ser otimista e manter a esperança viva, mesmo que

para isso tivesse de me agarrar às memórias boas e afastar tudo o resto. Precisava de um farol para

me guiar, e naquele momento esse farol era o Calvin. Era a única esperança que me restava.

Quando o Mason veio recolher a minha taça, vi-lhe nos olhos uma sombra de compaixão. Virei o

rosto, rejeitando propositadamente o gesto. Ainda bem que sentia a consciência pesada – não seria eu

a aliviá-la. Nada daquilo tinha desculpa.

Tratar o Mason com frieza e hostilidade fazia-me sentir melhor – queria atingi-lo mais do que

queria fazer mal ao Shaun, pois, apesar de ele o desmentir constantemente, era o mais nobre dos dois,

e isso fazia-me esperar mais dele.

A neve gelada fustigou a cabana da guarda-florestal durante toda a noite.
Embora a fogueira fosse

suficiente para aquecer as três pequenas divisões, continuei de casaco, botas,
luvas e cachecol.

Poupar-me-ia algum tempo mais tarde, já que tinha de estar preparada para
fugir assim que a ocasião

se proporcionasse. Tinha o canivete no bolso. Só esperava ter discernimento
suficiente para saber

quando o utilizar.

Calculava que quando descobrissem que tinha fugido, o Mason e o Shaun
esperariam que

regressasse imediatamente para junto da Korbie, o que eliminava a alternativa
de a ir buscar. Não era

uma decisão fácil, mas se queria manter-nos vivas, primeiro tinha de procurar
ajuda de fora. Queria

muito poder comunicar-lhe que estava a caminho, que só tinha de ser
paciente. Só podia imaginar

como se devia estar a sentir isolada e cheia de medo.

Na casa de banho, voltei a estudar o mapa. Não teria bússola, a não ser que o
Shaun ou o Mason

deixassem uma das deles onde pudesse facilmente deitar-lhe a mão, mas o
Calvin assinalara pontos

de referência suficientes para me poder orientar até ao posto da guarda-
florestal, a cerca de 10

quilómetros. Eu sou capaz, pensei. *Tinha* de ser.

Ensaiei os meus planos em silêncio, junto à janela. A calma era apenas aparente. Por dentro,

sentia-me cada vez mais apavorada. Quanto tempo sobreviveria na floresta gelada sem água, comida

e abrigo?

O Shaun soltou um bocejo enorme e fechou-se no quarto, deixando-me sozinha na sala com o

Mason.

– Encontrei um par de meias de lã no quarto – disse-me ele, estendendo-me um par de meias

pretas de esquí bem grossas. – Podes querer trocá-las pelas que trazes calçadas para manter os pés

secos.

– Encontraste-as, fica tu com elas – disse eu, ignorando-o.

– Tinha pensado oferecer-tas.

– E o que é que te deu para fazeres uma coisa dessas?

– Sei como é incómodo sentir os pés molhados dentro das botas.

– Não quero as meias.

A verdade, porém, é que tinha os pés húmidos e frios, e teria dado tudo por um par de meias

secas – tudo, menos o amor-próprio, que não me permitia aceitar um presente do homem que me tinha

como refém.

– Como queiras – disse-me ele com um encolher de ombros.

– Se as coisas fossem como *eu* quero, não estaria aqui contigo.

– Fica com o sofá esta noite – sugeriu ele, ignorando o meu tom cortante.
Atirou a manta dele

para cima da cadeira de baloiço, apropriando-se dela, e despiu o casaco de malha polar, ficando

apenas com a camisola interior térmica. A seguir, tirou o cinto, presumivelmente para que este não

lhe magoasse os quadris enquanto dormia. Apesar de inocente, o ato de se despir pareceu, por

qualquer motivo, aumentar a tensão no ar. Girou os braços em círculos largos para relaxar os

ombros.

Ficar ali a olhar para o Mason estava fora de questão, pois não lhe queria dar a impressão

errada, mas como ele parecia nem dar por mim, continuei a observá-lo disfarçadamente. Era mais

alto do que o Calvin e mais encorpado. Não de forma exagerada, como os fanáticos do ginásio, mas

via-se que era bastante atlético. A camisola justa deixava adivinhar braços possantes, um peito largo

e abdominais de ferro. Era difícil recordar a primeira impressão que tivera do Mason quando o vira

na estação de serviço, na manhã do dia anterior. Antes de saber quem ele

realmente era. Aquele

primeiro encontro parecia tão distante... E eu tinha-me enganado tanto a respeito dele.

Finalmente, uma memória mais recente do Calvin. Ocorreu-me quando eu já tinha desistido, mas

não é sempre assim que estas coisas acontecem? Era uma das boas: a nossa primeira viagem ao lago

Jackson depois de termos começado a namorar. Eu estava estendida numa toalha à beira do lago a ler

a revista *People*. O Calvin e os amigos faziam corridas de *jet ski* à volta das boias. Acabara de ler

um artigo quando senti salpicos de água gelada nas costas.

Rebolei para o lado, sobressaltada, ao mesmo tempo que o Calvin se atirava para cima da minha

toalha e me puxava para um abraço. Estava completamente encharcado. Soltei um pequeno guincho,

debatendo-me sem grande convicção. A verdade é que adorei que tivesse deixado os amigos para vir

ter comigo.

– Cansaste-te muito depressa do *jet ski* – observei.

– Foi o tempo suficiente para manter os rapazes felizes. Agora, posso-te fazer feliz a ti.

Dei-lhe um beijo lento e deliberado.

– E como tencionas fazer isso?

Ele sacudiu-me um pouco de areia molhada do rosto com o polegar.
Estávamos apoiados nos

cotovelos, frente a frente, a trocar um olhar tão intenso que o sangue parecia ferver-me nas veias.

Mesmo antes de ele se inclinar para me voltar a beijar, o tempo parou, e lembro-me de pensar que o

Calvin era perfeito. Que éramos perfeitos um para o outro.

Desejei que aquele momento pudesse durar uma eternidade.

– Vai tu primeiro à casa de banho – disse-me o Mason, trazendo-me de volta ao pesadelo.

Procurei abstrair-me dele, agarrando-me desesperadamente à memória.
Queria poder reviver vezes

sem conta aquele momento perfeito.

O Mason deteve-se enquanto enfiava o travesseiro numa fronha lavada e lançou-me um olhar

curioso. Apercebi-me de que não tinha conseguido disfarçar a tempo a expressão nostálgica e

distante. Ele sabia refrear-se e esconder o que sentia, e eu queria poder fazer o mesmo, mas desta vez

tinha-me descuidado.

– Estavas a pensar nele? No tipo da loja da estação de serviço? – perguntou ele, compreensivo.

Senti um assomo de raiva, não porque o Mason tivesse adivinhado a verdade, mas por ter falado

no Calvin. Estava presa naquele lugar horrível e a única coisa que me

impedia de perder a sanidade

era o Calvin, as memórias que tinha dele e, admito, até a esperança, porque por mais imperfeita que

tivesse sido a nossa relação, ainda alimentava a esperança de voltarmos a estar juntos. Desta vez, as

coisas seriam diferentes. Já nos conhecíamos melhor. Já nos conhecíamos melhor *a nós próprios*. No

último ano tínhamos amadurecido, e isso não tardaria a evidenciar-se. Enquanto não estivesse bem

longe daquele lugar, novamente na companhia do Calvin, ele seria o meu colete salva-vidas secreto,

o meu santuário, a única coisa que o Mason e o Shaun não me podiam tirar. Se perdesse o Calvin,

perderia tudo. O pesadelo engolir-me-ia por inteiro.

– Não me apetece ir à casa de banho – retorqui com frieza, rejeitando mais uma vez a

amabilidade dele. Na verdade, tinha de urinar, mas sentir a bexiga apertada serviria para me manter

acordada durante a noite. O pior que me podia acontecer agora era adormecer e deixar passar a

oportunidade. – E fico eu com a cadeira de baloiço – acrescentei no mesmo tom. – Não tive

problema nenhum em dormir nela há bocado.

O Mason não pareceu muito convencido.

– Não parece nada confortável. A sério, podes ficar com o sofá. Vou-me

sentir melhor se o

fizeses. – Fez-me um sorriso breve, pouco animado. – É a tua vez de me fazeres sofrer.

– Porque é que de repente te preocupas tanto com o meu conforto? – atirei-lhe. – Tens-me aqui

presa contra a minha vontade. Obrigas-me a caminhar até à exaustão em condições perigosas e

temperaturas frígidas. Queres fazer-me crer que, de repente, te preocupas com a forma como me

sinto? Porque se queres mesmo saber, aqui vai: *odeio* tudo isto. Odeio-te, como nunca odiei ninguém

na vida!

O rosto dele deixou transparecer uma centelha de emoção antes de voltar a assumir a expressão

imperturbável do costume.

– Estás aqui presa porque fomos apanhados por uma tempestade de neve. Sozinha, não terias

hipóteses. Podes não acreditar, mas estás mais segura aqui comigo.

Reagi, cega de raiva.

– Podes crer que *não* acredito. Isso é precisamente o tipo de mentira em que queres que acredite

para me manteres passiva e obediente. Tens-me aqui presa porque precisas de mim para descer a

montanha, ponto final. Odeio-te e, se pudesse, matava-te. Adorava fazê-lo, na verdade!

Eram palavras duras, mas sabia que provavelmente nunca teria coragem de concretizar as

ameaças. Mesmo que a oportunidade surgisse, não me considerava capaz de acabar com a vida de

outro ser humano, mas fazia questão de deixar bem claro o que pensava. Aquele tratamento era

inaceitável.

Sentia-me frustrada e furiosa com ele, mas a verdade era que quanto mais tempo passava na

companhia do Mason, mais difícil era acreditar que *ele* fosse capaz de matar outro ser humano. Tinha

visto a expressão de choque e horror no rosto dele quando o Shaun assassinara o guarda-florestal

daquela forma brutal. E embora a princípio tivesse suspeitado de que o Mason estava envolvido na

morte da rapariga cujo corpo encontrara na cabana, começava a pensar que, afinal, não devia ter

nada que ver com aquilo. Se calhar, nem sabia do corpo.

– Fica com o sofá, por favor – pediu ele uma última vez com uma calma irritante.

– *Nunca* – murmurei entre dentes, cheia de ódio. Com um olhar cortante, afastei a manta dele para

o chão e sentei-me na cadeira de baloiço com a pompa de um monarca a sentar-se num trono. As

ripas curvas enterravam-se nas costelas e o assento de madeira não era estofado. Seria impossível

dormir mais de 20 minutos seguidos. Sempre que me mexesse, o desconforto despertar-me-ia. Ao

passo que o Mason, que devia estar esgotado, dormiria no sofá como um bebê.

– Boa noite, Britt – disse ele hesitante, desligando a luz.

Não respondi. Não queria que ele pensasse que estava a amansar ou que começava a simpatizar

com ele. Não cederia. Enquanto me mantivesse ali presa, continuaria a odiá-lo.

Acordei banhada em suor. Durante vários segundos senti-me desorientada, sem saber onde

estava. Havia sombras bruxuleantes nas paredes, e virei-me para ver de onde provinham – da

fogueira, que tinha esmorecido, mas continuava a emitir calor. Quando estiquei as pernas, a cadeira

de baloiço rangeu, e foi então que me lembrei de como era importante manter o mais absoluto

silêncio.

O ruído fê-lo remexer-se, mas após uma breve pausa, a respiração do Mason voltou ao normal,

um rumorejar monótono na escuridão. Estava esparramado no sofá, com a cara enterrada na

almofada, a boca ligeiramente aberta, os braços e as pernas a transbordarem o espaço acanhado.

Tinha um ar diferente com a luz das chamas a dançarem-lhe no rosto e a apertar um travesseiro contra

o peito. Um ar mais jovem, de rapazote. Inocente.

Tinha deixado tombar a manta durante a noite e, ao passar pelo sofá com pezinhos de lã, saltei

por cima dela, atenta ao ritmo suave da respiração dele. O ar parecia quase sólido durante a

travessia até à porta. De passagem, apropriei-me de uma lanterna e de um cantil que, por sorte, um

deles tinha deixado no balcão da cozinha. O cantil estava cheio, um golpe de sorte ainda maior.

Avancei pé ante pé de olhos postos no puxador da porta que, a cada passo, parecia afastar-se,

fugir do meu alcance.

Um segundo depois, tinha-o na mão. Senti um espasmo no estômago, em parte de alegria, em parte

de medo. Não podia voltar atrás. Rodei o puxador muito, muito devagarinho, até não dar mais. Agora

só tinha de puxar. A pressão de ar dentro da cabana alterar-se-ia ligeiramente quando abrisse a porta,

mas não o suficiente para que o Mason desse por isso. Estava a dormir profundamente. E a lareira

acesa afugentaria qualquer corrente de ar frio que viesse da porta.

Num abrir e fechar de olhos dei por mim no alpendre, a fechar a porta com mil cautelas. Quase

receava ouvir o Mason a saltar do sofá e a vir a correr atrás de mim, aos berros para acordar o

Shaun, mas o único som era o do vento agreste a lançar-me à cara neve fina como areia.

A escuridão nos bosques era abismal. Tinha-me afastado uns meros 100 passos da cabana da

guarda-florestal quando, ao olhar por cima do ombro, deixei de a conseguir ver. A noite envolvia-a

como um manto de veludo negro.

O vento trespassava-me a roupa e açoitava a pele que não tinha conseguido tapar, mas quase me

sentia agradecida por isso. O frio mantinha-me bem acordada. E se o Mason e o Shaun viessem à

minha procura, ser-lhes-ia impossível ouvir os meus movimentos acima do zunido feroz que varria as

encostas. Animada por esta linha de raciocínio, encolhi-me ainda mais dentro do casaco, resguardei

os olhos da precipitação e do pior da ventania e predispus-me a escalar a colina íngreme,

encontrando cautelosamente o meu caminho por entre fragmentos de rocha e tocos de árvores

escondidos sob a neve. As rochas eram duras e recortadas, e uma queda no ângulo certo podia

facilmente resultar num osso partido.

Ouvi o piar de um mocho. O som propagou-se pelo negrume dos bosques, confundindo-se com o

uivar do vento que zurzia as árvores e fazia entrechocar os ramos com um efeito horripilante. Tentei

apressar o passo, mas a camada de neve era muito grossa, e estava constantemente a afundar e a

tropeçar para a frente, quase deixando cair o cantil e a lanterna que trazia nos braços. Embora me

sentisse tentada a ligar a lanterna, ainda não me atrevia a fazê-lo. Enquanto não me encontrasse a uma

distância segura da cabana, seria como um farol para o Mason e o Shaun seguirem.

Quando alcancei o cume, já a arrastar o passo e a respirar a custo, as minhas pernas tremiam de

exaustão e sentia nós nos músculos da zona dos rins. A ansiedade constante das últimas 24 horas

começava-me a afetar: nunca me sentira tão sem energia, tão insignificante e tão indefesa perante os

caprichos da montanha.

Segundo o mapa do Calvin, tinha de transpor o desfiladeiro mais adiante, descer à bacia e seguir

daí até ao posto da guarda-florestal, mas não havia trilhos desimpedidos e a neve acumulava-se nas

botas, tornando cada passo mais pesado do que o anterior.

Comecei a sentir calor e comichão debaixo dos braços e nas zonas onde as costuras da roupa

entravam em atrito com a pele. Estava a transpirar, o que era um erro. Mais tarde, quando parasse

para descansar, o suor arrefeceria contra a pele, diminuindo rapidamente a temperatura do meu

corpo. Mas isso era um problema para mais tarde. O posto da guarda-florestal ainda ficava a vários

quilómetros. Tinha de continuar. Porém, como medida de precaução, abrandei um pouco mais o

ritmo.

Fiz uma bola de neve com as mãos enluvadas e enfiei-a na boca, deixando-a derreter e escorrer

pela garganta abaixo. Era doloroso, mas revigorante. Se estava a transpirar, tinha de ingerir líquidos.

Parecia impossível ficar desidratada com um tempo tão frio, mas confiava nos guias que tinha lido e

no meu treino.

A certa altura, avistei um raio de luz difusa a deslocar-se por entre as árvores, a alguma

distância. Instintivamente, escondi-me atrás do tronco mais próximo. De costas para o tronco,

depressa concluí que a luz surgira por trás de mim, e não de muito longe. Agucei os ouvidos, à

escuta. Uma voz masculina a chamar. O vento distorcia as palavras, mas consegui distinguir o meu

nome.

– Britt!

Não dava para perceber se era o Mason ou o Shaun, mas quase rezei para que fosse o Shaun. A

ele ainda podia escapar. A floresta era um labirinto interminável, nunca me

apanharia o rasto.

– Britt! Não... fazer-te mal. Para... fujas!

Não estávamos acima da linha das árvores, mas ali a vegetação não era tão densa como no sopé

da montanha. Não dispunha da camuflagem necessária, e embora fosse noite cerrada, ele trazia uma

lanterna. Assim que me mexesse, avistar-me-ia. Não tinha como fugir.

A luz afastou-se noutra direção. Sem tempo para pensar, resolvi arriscar a fuga. Em terreno

aberto, corri para o próximo maciço de árvores, utilizando o braço livre para avançar mais depressa.

Muito antes de atingir o meu alvo tropecei, e largando o que trazia para aparar a queda, estatelei-me

na neve, escapando por milésimos de segundo ao cone de luz que varreu o espaço por cima da minha

cabeça. Rastejei mais alguns metros, arrastando a carga atrás de mim, e ocultei-me atrás de um

afioramento de rocha que se erguia como um icebergue acima do mar de neve.

A lanterna dele espalhava uma luz intermitente pelos ramos mais adiante. Continuava a

aproximar-se, ascendendo a encosta a uma velocidade muito superior à minha. Apertei o cantil e a

lanterna contra o peito, pus-me de pé e corri para outro grupo de árvores.

– ... ajudar-nos um ao outro!

Ajudar-nos um ao outro? Tive uma vontade louca de rir... Mas ele achava que eu ia em cantigas?

O tipo só queria desaparecer da montanha. Assim que o ajudasse, seria o meu fim. Tinha mais

hipóteses de sobreviver sozinha na floresta.

Depositei os apetrechos na neve, ao meu lado, e debrucei-me para a frente com as mãos apoiadas

às coxas, dando à parte superior do corpo um momento de descanso. Estava tão ofegante que tinha a

certeza de que ele me podia ouvir. Custava-me respirar e o ar arranhava-me a garganta. Sentia-me

zozza e tive medo de desmaiar.

– Britt? É o Mason.

Bolas, bolas, bolas.

Chamou por mim num tom conciliador, pretendendo apaziguar-me, mas eu não me ia deixar

enganar.

– Sei que me consegues ouvir – continuou ele. – Não podes estar longe. Vem aí outra tempestade;

por isso é que o vento piorou. Não podes ficar aqui fora. Vais congelar.

Fechei os olhos contra as rajadas de vento carregadas de neve. *Estás a mentir, estás a mentir.*

Repeti mentalmente as palavras porque sentia a minha determinação a fraquejar. Estava assustada,

desesperada, cheia de frio e, para minha grande surpresa, descobri que queria muito acreditar nele.

Queria confiar nas boas intenções do Mason. E era isso que mais me assustava, pois bem lá no fundo

sabia que assim que saísse de trás daquela árvore, estaria morta.

Do meu esconderijo, vi-o a ajoelhar-se a pouca distância para examinar as minhas pegadas na

neve. Mesmo que tentasse fugir, era inevitável: mais tarde ou mais cedo, o Mason acabaria por me

apanhar.

– Pensa bem, Britt – chamou ele. – Tu não queres morrer aqui. Se me ouves, chama por mim.

Nunca, pensei eu.

Vi-o a seguir o meu rasto na direção do esconderijo. Sabia o que me esperava, mas a antevisão

do meu destino não diminuía um instinto de sobrevivência profundamente enraizado. Endireitei-me e

desatei a correr o mais que pude.

– Britt, para! – gritou ele.

– Não! – disse eu, virando-me de repente para o encarar. – *Nunca* – rosnei-lhe entre dentes.

Recusava-me a voltar para trás. Iria *lutar*. Preferia lutar até à morte a deixar-me arrastar de volta à

cabana.

Ele fez menção de me apontar a lanterna, mas mudou de ideias, e em vez de me encandear,

perguntou:

– Estás bem?

– Não.

– Magoaste-te? – O alarme era evidente no tom de voz dele.

– Não estar magoada não quer dizer que esteja bem.

Aproximou-se com cautela e andou num círculo à minha volta para ver se estava ferida. Deteve o

olhar nos meus apetrechos roubados.

– Trouxeste um cantil e uma lanterna – disse. Parecia impressionado, o que me fez sentir um misto

de orgulho e irritação. Claro que tinha deitado a mão ao pudera. Não era completamente

incompetente.

A seguir, falou num tom mais sério, reprovador.

– Três horas, Britt. Não ias durar mais do que isso sozinha cá fora. Menos, se a tempestade

piorar.

– Não penses que vou voltar. – Sentei-me na neve, cimentando a minha posição.

– Preferes morrer aqui?

– Vocês vão-me matar, seja como for.

– Não, eu não vou deixar que ele te mate.

Ergui o queixo.

– E porque é que eu hei de acreditar em ti? Não passas de um criminoso. O teu lugar é na cadeia.

Espero que sejas apanhado e condenado a prisão perpétua. Não impediste o Shaun de matar o

guarda-florestal nem de acertar naquele polícia. E nem de matar aquela rapariga lá na cabana –

acrescentei, sem pensar. Não tivera o intuito de lhe revelar que sabia do cadáver, mas era tarde de

mais para manter segredos.

O Mason franziu o sobrolho.

– Que rapariga?

Pareceu-me genuinamente baralhado, mas era um mentiroso de primeira. Diabos me levassem se

ia deixá-lo enganar-me outra vez.

– A arrecadação da cabana, onde vocês me trancaram. Tinha uma enorme caixa de ferramentas

com um cadáver lá dentro. Esperas mesmo que acredite que não sabes nada sobre o assunto?

Fez-se um silêncio constrangedor.

– Falaste do corpo ao Shaun? – quis ele saber, com uma calma sobrenatural, mas hirto e tenso

como uma mola.

O medo gelou-me o sangue nas veias.

– Porquê? Foste tu?

– Não disseste ao Shaun.

– Mais valia ter dito! – disparei, inquieta e abalada. Teria o Mason matado a rapariga? Por vezes,

dava a impressão de ser um tipo às direitas, mas talvez estivesse equivocada. Talvez tivesse deixado

que uns quantos gestos generosos me impedissem de ver a verdadeira personalidade dele. – Vocês

nunca tiveram intenções de me deixar viver. O meu destino estava traçado desde o primeiro

momento.

– Estou a falar a sério: não te vou matar. E o Shaun também não, eu não deixo.

– Não me digas – bufei-lhe. – Não vês como essa promessa é estúpida e vazia? Quem tem a arma

é o Shaun. Ele é que manda. Tu... não passas de um lacaio!

Em vez de se ofender, o Mason continuou a observar-me atentamente, tentando perceber o meu

verdadeiro estado de espírito.

– Levanta-te – disse ele por fim. – Vais congelar dentro dessa roupa molhada.

– E depois? Deixa-me morrer em paz. Não vos vou ajudar a sair da montanha, estou farta. Não

me podem obrigar. Não tenho utilidade nenhuma para vocês. Deixa-me ir.

O Mason levantou-me e sacudi a neve da minha roupa.

– Onde está a lutadora de antes? A rapariga que queria percorrer a cordilheira de Teton de

mochila às costas, contra tudo e contra todos?

– Desapareceu. Só quero ir para casa – declarei, com os olhos marejados de lágrimas. Tinha

saudades do meu pai e do Ian. Deviam estar mortos de preocupação.

– Recompõe-te – instruiu ele. – Foste posta à prova, fisicamente, e agora tens de ser mentalmente

forte. Vamos regressar ao abrigo e fingir que nada se passou. Não dizemos nada ao Shaun. Amanhã

de manhã vais tirar-nos da montanha, e depois deixamos-te ir.

Abanei a cabeça.

– Carrego-te, se tiver de ser, mas não penses que te vou deixar morrer aqui – disse o Mason.

– Não me toques.

Ele levantou as mãos.

– Então, começa a caminhar.

– Não me vais mesmo deixar ir, pois não?

– Ir para onde? Para a floresta, durante uma tempestade de neve, para morreres congelada? Não.

– Odeio-te – disse eu, infeliz.

– Sim, já tinhas dito. Toca a andar.

Capítulo dezasseis

A descida até à cabana da guarda-florestal devia ter sido muito mais fácil do que a recente

escalada, mas sentia cada passo mais pesado do que o anterior. Falhara miseravelmente. O Mason

prometera guardar segredo, mas que garantia tinha eu de que o Shaun não estaria à minha espera de

pistola na mão quando chegássemos? Podia estar a caminhar para a minha própria execução.

O Mason tinha tentado impedir o Shaun de matar o guarda-florestal – estava certa de que era essa

a intenção dele quando tentou agarrar a arma – e, se calhar, nem era tão má pessoa como eu julgava.

Porém, pouco importava onde o Mason estabelecia o limite entre o bem e o mal. Era o Shaun quem

tinha a arma.

E ainda havia a questão do cadáver da rapariga, na primeira cabana. Não sabia quem era o

assassino, mas a reação do Mason, quando lhe falara no assunto, não me agradara. Estava a

esconder-me alguma coisa, e ao Shaun também, aparentemente.

Por fim, avistámos a cabana. Estava quase a chegar ao alpendre quando dei por mim a voar na

direção oposta. O Mason puxou-me para trás, tapou-me a boca com uma mão enluvada e, num

momento de pânico, julguei que me ia sufocar. Sentia a respiração ofegante dele junto ao meu ouvido

e o seu corpo era um muro de pedra contra as minhas costas.

A porta da entrada estava aberta e ouvi a voz do Calvin no interior.

O meu coração disparou. O Calvin, *aqui*, pensei. Tinha conseguido encontrar-me!

– Onde estão elas? – perguntava ele, ainda fora do meu campo de visão.

– Não sei de que é que estás a falar – respondeu o Shaun, de mau humor.

O Mason ergueu-me nos braços, imune aos meus esforços para me libertar, e transportou-me

silenciosamente pelas escadas acima até ao alpendre. Podíamos vê-los da janela da cozinha. O

Calvin devia ter apanhado o Shaun de surpresa enquanto dormia, pois estava-lhe a apontar uma arma

que não reconheci. Devia tê-la trazido de Idlewilde; eu sabia que os Versteeg tinham armas na

propriedade. A pistola do Shaun não estava à vista. Infelizmente, alguém tinha ligado uma luz na sala,

o que impedia o Calvin de me avistar do lado de fora da janela da cozinha, na escuridão contrastante.

Se olhasse para a janela, veria apenas o interior da cabana refletido no vidro.

Tentei gritar o nome dele, mas a mão do Mason era uma mordalha implacável. Comecei a atirar-

lhe pontapés aos tornozelos, e quando o meu calcanhar lhe acertou no osso, ele empurrou-me contra a

parede com uma força prodigiosa. Tinha claramente subestimado o meu rival e encontrava-me em

óbvia desvantagem. O Mason prendeu-me ambos os pulsos com a mão livre e enterrou-me um joelho

na parte de trás da perna até que não aguentei a dor e deixei de oferecer resistência. Ele aproveitou

este interregno para se apertar contra mim sem dó nem piedade, esmagando-me contra a parede. Com

o rosto colado à portada da janela, tinha de esticar o pescoço para conseguir ver o Calvin.

– Há três taças na pia do lava-loiça, três copos na bancada! – rugiu este. – Sei que a Korbie e a

Britt estiveram aqui contigo. – Dirigiu-se ao lava-loiça e inspecionou apressadamente as taças com a

passagem de um dedo. – A comida ainda não secou, estiveram aqui há pouco tempo. Onde estão elas

agora?

– Se calhar, fui eu que sujei as três taças – rezingou o Shaun com maus modos.

O Calvin atirou-lhe um copo à cabeça. O Shaun desviou-se e o copo estilhaçou-se contra a

parede atrás dele. Quando voltou a encarar o Calvin, estava ligeiramente pálido.

O Calvin avançou sobre ele com grandes passadas, apontando-lhe a arma à queima-roupa. A voz

tremia-lhe de raiva, mas a mão que segurava a arma permaneceu firme.

– Mataste-as, foi?

O Shaun, pouco à vontade, parecia não saber o que fazer com as mãos.

– Não sou nenhum assassino – respondeu ele com uma expressão demasiado ingénua para ser credível.

– Ai, não? – disse o Calvin num tom viperino. – Sei bem quem tu és. Tenho-te visto por aí. No

Dólar de Prata, o bar dos *cowboys*. És o tarado que gosta de embebedar as miúdas e tirar-lhes

fotografias.

Observei o palco de emoções no rosto do Shaun. A falsa inocência desvanecera-se para dar lugar

ao medo.

– Não sei o que viste, mas não era eu. Não tiro fotografias a miúdas, nem sequer tenho máquina

fotográfica. Nunca venho para estes lados...

– Que tipo de taradices fazes tu com as fotografias? – exigiu saber o Calvin. – Vi-te com aquela

miúda, a vedeta que desapareceu. Se calhar devia contar à polícia.

– Estás, estás... a falar com a pessoa errada – gaguejou o Shaun.

– Onde está a minha irmã? Onde está a Britt? Desembucha ou vou mesmo à polícia! – gritou-lhe o

Calvin. – Também lhes tiraste fotografias? Julgavas que podias extorquir a minha família ou publicar

as fotografias na Internet para assediar a minha irmã? Ou vendê-las?

O Shaun engoliu em seco.

– Não.

– Não te volto a perguntar: onde estão as raparigas?

– Tens de acreditar em mim, as nossas intenções eram as melhores. Só as acolhemos porque o

carro delas tinha ficado preso na neve e não as podíamos deixar lá fora com a tempestade a piorar,

e...

– Nós?

– Eu e o meu companheiro, costumo chamar-lhe Ás. Estava aqui quando fui dormir; deve ter dado

à sola com ela. É ele quem tu procuras...

– «Ela»? Ela, quem?

– A Britt. Ele levou a Britt. Estava aqui connosco. Acho que o Ás tinha um fraco por ela, mas eu

nunca lhe toquei, posso jurar pelo túmulo da minha mãe. Procura nos bosques. Se calhar, arrastou-a à

força, queria privacidade. Devias ir ver.

– E a Korbie, onde está?

– O Ás obrigou-me a deixá-la na cabana, antes de virmos para aqui. Disse que não tínhamos

mantimentos suficientes para trazer as duas. Deixei-lhe comida e água, apesar

de ele me ter dito para

não o fazer. Tratei de garantir que ficava bem.

– Deixaste a minha irmã sozinha numa cabana? – interrogou o Calvin. – Qual cabana?

– Fica a alguns quilómetros daqui, longe da estrada. Cortinas azuis nas janelas. O relvado é só

urtigas. Ninguém lá vai há anos.

– Eu sei qual é. A mota de neve à porta, onde está a chave?

O Shaun não respondeu logo, claramente relutante em abrir mão da sorte grande que lhe calhara.

– Não sei. Estava estacionada lá fora quando chegámos. Não é nossa – disse ele. – Devem ter

ficado sem gasolina e deixaram-na aí. Duvido que valha a pena tentar fazê-la arrancar sem chave.

O Calvin apontou-lhe a arma.

– Não me mintas. Dá-me a chave. *Já.*

– Não eras capaz de me matar. Iam descobrir que tinhas sido tu. Não há mais ninguém nas

montanhas, não com esta tempestade. Só tu, eu, o Ás e as miúdas.

– Não te preocupes. Não vão encontrar nada.

E disparou.

A rápida sucessão de tiros ensurdeceu-me e deixou-me perplexa. Atrás de mim, o Mason

estrebuchou. Estava tão chocado como eu.

Tinha visto o Shaun a matar o guarda-florestal, e fragmentos de tecido humano a pintar as

paredes, mas nada me preparara para a visão do Calvin a matar a sangue-frio.

Aquilo não podia estar a acontecer. O meu cérebro esforçava-se por dar sentido à loucura,

encontrar uma justificação plausível para o ato de violência do Calvin. Porque não amarrara ele o

Shaun e o entregara às autoridades? Era inconcebível que o tivesse matado sem provas concretas de

que tinha feito mal à Korbie e a mim. Estaria tão preocupado connosco que não conseguiria

raciocinar?

Tinha de ir ter com ele. Tinha de lhe mostrar que estava viva, tranquilizá-lo. Deixaríamos aquele

sítio horrível juntos.

Mais determinada, redobrei os esforços para me libertar da prisão dos braços do Mason. Senti-o

a enterrar os dedos na minha pele, mas nem tive noção da dor. O meu único pensamento era chegar ao

Calvin. *Estou aqui!* , gritava-lhe eu mentalmente. *Estou cá fora!*

No interior da cabana, o Calvin deu um pontapé à figura inerte do Shaun para se certificar de que

estava morto. Revistou-lhe os bolsos. Com toda a calma, sacou-lhe o dinheiro da carteira e a chave

da mota de neve. Deslocou-se até ao quarto onde o Shaun tinha dormido e instantes depois voltou a

aparecer com a pistola dele, que entalou no cinto. Após uma apressada exploração das gavetas da

cozinha, encontrou um isqueiro.

A princípio não percebi por que motivo estava a deitar fogo às cortinas da sala. Depois, fez-se

luz: o Shaun tinha razão. A polícia iria implicar o Calvin na morte dele. Podiam até querer culpá-lo

pelo homicídio do guarda-florestal. *Tinha* de destruir todas as provas.

O sofá, que ele incendiou a seguir, libertava um denso fumo negro, e as chamas começaram a

subir pelas paredes. O fogo alastrava com uma rapidez incrível. Passava de uma peça de mobiliário

para outra num abrir e fechar de olhos, enchendo a divisão de fumo.

Quando o Calvin se dirigiu à porta, o Mason arrastou-me para um canto sombrio do alpendre. Do

nosso esconderijo ouvi o baque das botas do Calvin a descer as escadas de madeira.

Ia-se embora. Sem mim.

Voltei a debater-me desesperadamente, mas o Mason era demasiado forte; tinha uns braços como

cabos de aço. Não podia gritar. Não tinha como fugir. Os meus gritos abafados eram fracos de mais

para se ouvirem acima do vento e do crepitar das chamas. O Calvin estava-se

a ir embora. Tinha de o

deter. Não suportava ficar nem mais um minuto com o Mason.

A mota de neve pegou com um estampido. Segundos depois, o ruído do motor dissipou-se ao

longe.

O Mason soltou-me. Deixei-me cair contra o gradeamento do alpendre. Sentia o coração a partir-

se em mil bocados. Com as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto, enterrei a cabeça nos braços

cruzados para abafar um gemido de angústia. O pesadelo voltava-se a apoderar de mim, arrastando-

me para profundezas que eu desconhecia.

– Fica aqui – pediu o Mason com urgência. – Vou lá dentro buscar o nosso equipamento.

Puxou o casaco para cima, a fim de proteger a cabeça, e entrou a correr pela porta aberta.

Naquele momento, podia ter fugido, podia ter corrido para as árvores, mas sabia que ele acabaria

por me apanhar. E tinha o equipamento. O Mason tinha razão: não sobreviveria muito tempo sem

ajuda.

Com movimentos lentos, desci as escadas do alpendre a andar para trás, demasiado abalada por

ter visto o Calvin partir sem mim para dar importância ao fogo. Numa espécie de torpor, vi as

chamas lamberem o chão e chispas a chover do teto. O crepitar das labaredas transformara-se num

fragor. Através da fumarada, vislumbrava o Mason a enfiar nas mochilas tudo o que lhe vinha à mão.

Mesmo àquela distância, sentia o calor que provinha do interior a banhar-me o rosto em suor. O

Mason devia estar a derreter.

Finalmente saiu aos tropeções, a tossir violentamente, com duas mochilas ao ombro. O rosto

coberto de fuligem contrastava com o branco dos olhos quando ele pestanejava. A minha expressão

devia ter acusado a visão monstruosa, pois o Mason passou a manga do casaco pelo rosto, limpando

grande parte da fuligem.

A neve continuava a cair à nossa volta, salpicando-lhe o rosto enegrecido.

– A tempestade regressou em força – disse-me. – Temos de encontrar abrigo antes que seja tarde

de mais.

Capítulo dezassete

O Mason tinha razão. Um nevão denso abatia-se sobre a face da montanha. Como o terreno já

estava coberto devido às tempestades anteriores, a neve acumulava-se rapidamente, soterrando os

troncos das árvores, cujos ramos descaíam a olhos vistos sob o peso do gelo. Tão cedo ninguém

subiria à montanha. Nem a polícia nem o meu pai. Estávamos por nossa conta e não me ocorria nada

mais aterrador.

Tínhamos de nos abrigar, mas tanto quanto sabia não havia outras cabanas por perto. Só nos

restava encontrar um tronco caído ou uma caverna. A certa altura, durante a penosa marcha, o Mason

tirou o gorro de malha polar que trazia e ofereceu-mo. Os pequenos gestos de boa vontade que ele

demonstrara no último dia e meio tendiam a deixar-me cada vez mais irritada e de pé atrás, mas desta

feita aceitei a oferta, agradecida. Tinha as meias encharcadas e os dentes a bater. Estava mais que

disposta a sacrificar o meu orgulho por qualquer migalha de calor que pudesse arranjar.

– Obrigada – disse-lhe.

Ele fez-me um aceno de cabeça. Tinha os lábios roxos de frio e o cabelo curto salpicado de neve.

Sabia que devia devolver-lhe o gorro, mas também estava enregelada, por isso desviei a cara e fingi

não ter reparado.

O mais inteligente teria sido consultar o mapa do Calvin para encontrar o abrigo mais próximo,

mas não me ocorria nenhuma forma de o fazer sem que o Mason visse. Se soubesse do mapa já não

precisaria de mim. Ficaria com ele e a partir daí seria cada um por si. Além disso, se o mapa se

molhasse a tinta poderia diluir-se ou, pior ainda, o papel poderia desfazer-se.

Caminhámos durante muito tempo, de forma lenta e cautelosa, verificando a cada passo se não

havia irregularidades escondidas sob a neve antes de apoiar o pé no chão com todo o nosso peso. As

nuvens de tempestade ocultavam o luar, tornando a noite mais escura do que nunca, mesmo à luz das

lanternas. Sentia os dedos dos pés dormentes de frio. Os meus dentes não paravam de bater, mesmo

quando os cerrava com força. Embora mal os pudesse abrir contra as rajadas de vento gélido, não

tirava os olhos das botas do Mason, e a cada passo que ele dava forçava-me a fazer o mesmo. A

estatura e os ombros largos do Mason resguardavam-me do pior do vento, mas mesmo assim este

arranjava forma de atravessar o meu casaco para me arrepiar a pele. A breve trecho o meu cérebro

desligou-se e limitei-me a seguir adiante como um autómato.

E foi então que os meus pensamentos se voltaram para o objeto do costume. O Calvin.

Capítulo dezoito

– Vou sair – anunciou a Korbie de dentro do gabinete de prova da JCPenney. Ouvi o farfalhar do

tecido sedoso quando se aproximou da porta e correu o trinco. – Não mintas, porque vou perceber

imediatamente se estiveres a mentir.

Eu estava sentada no banco do gabinete de prova que ficava de frente para o dela, do lado oposto

do corredor, com a porta escancarada. Terminei à pressa a mensagem que estava a escrever, enviei-a

e enfiei disfarçadamente o telemóvel dentro da mala. Ao fazê-lo, senti uma pontada de culpa. Não

gostava de esconder coisas à Korbie.

– Ofende-me que penses que te ia mentir – disse eu, de consciência pesada.

A Korbie saiu do gabinete num vestido violeta espartilhado que lhe dançava à volta dos

tornozelos quando completou uma pirueta estilo princesa da Disney.

– E então? O que é que achas?

– É roxo.

– Sim, e depois?

– Tinhas-me dito que o Bear detesta roxo.

Ela fez um gesto exasperado.

– Foi por isso mesmo que escolhi este. Para o ajudar a mudar de ideias. Se vir como fico

espantosa de roxo, vai passar a gostar.

– Vais obrigá-lo a usar um laço da mesma cor?

– Hum, *óbvio* – disse ela, revirando os olhos ante a estupidez da pergunta. – É o baile dos

finalistas. Temos de ir a condizer. A nossa fotografia pode aparecer no anuário.

– As fotografias dos anuários são a preto e branco.

– Estás a ser uma desmancha-prazeres. Ao menos experimenta *um* vestido – implorou, puxando-

me pelas mãos para me obrigar a pôr de pé. – No ano passado fomos juntas às compras para o baile

e participámos *as duas*. Quero que este ano seja como o ano passado. O que é que se passa com os

rapazes da secundária? Nem acredito que ainda nenhum te convidou.

Não tinha dito à Korbie que o Brett Fischer me tinha convidado e que eu recusara. Não estava

disponível, pois a título *não* oficial tinha namorado. Não sabia por quanto tempo mais poderia

manter segredo, um segredo que tinha prometido guardar, mas que me começava a roer por dentro. O

meu telemóvel soou de dentro da mala.

– De quem é a SMS? – quis saber a Korbie.

– Provavelmente do meu pai – disse eu, fingindo tédio enquanto ajeitava o rabo de cavalo.

Um sorriso escandalizado espalhou-se pelo rosto da Korbie.

– Tens um amante secreto, Britt, fofa? – provocou ela.

– Apanhaste-me – disse eu inexpressiva, mas baixei a cabeça para que não me visse corar.

– Bem, espero que não demores muito a arranjar um par – disse ela, séria. – Não me vou divertir

nada no baile se ficares em casa a ver filmes, a comer gelado e a engordar. Ah, já sei! E que tal

aquele tipo que fala sempre contigo à saída da aula de matemática?

– Hum, o professor Bagshawe?

A Korbie estalou os dedos, agitando o braço de um lado para o outro como uma dançarina de

apoio num videoclipe.

– Esse mesmo. Um amante mais velho, ilícito. É a tua cara.

– Venha o próximo vestido – disse eu.

Assim que ela voltou a desaparecer atrás da porta do gabinete de prova, agarrei no telemóvel. A

mensagem do Calvin estava à minha espera.

Podemos ver-nos esta noite?

Qual é a tua ideia?, respondi

Arranja maneira de sair por volta das 23h00. Traz o fato de banho. Fico à espera no jacúzi

com as bebidas.

A família Versteeg tinha uma piscina e uma banheira de hidromassagem no jardim das traseiras,

mas por muito que me apetecesse estar com o Calvin naquela noite, estava cansada de todo o

trabalho adicional que estes encontros noturnos secretos envolviam.

O Calvin tinha-me dito que a Korbie ainda não podia saber da nossa relação – ninguém podia.

Convencera-me de que manter o nosso relacionamento em segredo ia torná-lo mais excitante.

Apetecia-me dizer-lhe que, aos 17, já não tinha idade para jogos e segredinhos, mas receava que

pudesse levar a mal. Afinal de contas, ele já tinha quase 19 anos. Quem era eu para lhe dar conselhos

sobre a vida amorosa dele?

– Consigo ouvir-te a escrever ao telemóvel – cantarolou a Korbie do outro lado da porta. Ouvi

um fecho de correr a emperrar enquanto ela experimentava outro vestido. – É suposto que me dê

toda a tua atenção. Grrrrr, porque é que não temos direito a um armazém em condições? É incrível

que nesta terra haja 10 McDonald's por cada pessoa, mas nenhum Macy's. Estou a ver que vou ter de

encomendar um vestido pela Internet.

Era difícil pensar no baile dos finalistas quando sabia de antemão que não podia ir. Eu *queria*,

mas o Calvin não estava preparado para divulgar o nosso romance. Em vez de me concentrar na

deprimente percepção de que não iria ao baile nem participaria no ritual feminino dos preparativos,

forcei-me a manter uma atitude positiva. Namorava com o Calvin Versteeg, o amor da minha vida. No

panorama geral, que importância tinha um bailezinho de nada?

Ainda há poucas horas o Calvin se tinha despedido de mim com um beijo depois das aulas,

quando nos enfiámos numa sala de aulas vazia e curtimos até ouvirmos um funcionário a puxar o

carrinho das limpezas pelo corredor abaixo. Mordi o lábio para reprimir um sorriso. Conhecíamos-

nos desde sempre, e era raro o dia que passava sem nos vermos. Quando éramos pequenos, ele

costumava puxar-me pelo rabo de cavalo e chamar-me Britt, a Pestinha. Agora, passava

carinhosamente um dedo pelo rosto quando conversávamos e beijava-me em momentos fugazes e

encontros proibidos.

Tinha de admitir que *até* era excitante.

Às vezes.

E depois, havia as outras vezes.

Como na semana anterior, quando o melhor amigo do Calvin, o Dex Vega, nos tinha apanhado aos

beijos atrás dos campos de baseball muito depois do treino. Eu estava encostada à porta do lado do

condutor da carrinha do Calvin e ele estava colado a mim. O Dex, que não era muito criativo,

lançara-nos o costumeiro «arranjem um quarto». Praticava atletismo com o Calvin e era excelente

nas corridas de obstáculos, mas no restante deixava muito a desejar.

– Já lá estive e já o fiz – respondeu-lhe o Calvin, piscando-me o olho de forma conspiratória. Eu

sabia que ele não ia gostar se disputasse aquela afirmação à frente do amigo, mas nós *não* tínhamos

dormido juntos.

O Dex percorreu-me com o olhar. A forma como me sorriu fez com que me sentisse repugnante.

– Pensei que não tinhas namorada, Versteeg.

Sabia que tínhamos combinado manter o nosso relacionamento em segredo, mas não seria aquela

a ocasião perfeita para finalmente deixar tudo às claras? Porque sentia o Calvin necessidade de

mentir ao melhor amigo? Porque continuava ele a pedir-me para mentir à *minha* melhor amiga? O

Calvin tinha fama de ser um engatatão que fugia dos compromissos, e nunca tivera uma namorada a

sério, mas o nosso caso era diferente. *Eu* era diferente. Ele gostava mesmo de mim, tinha a certeza.

Oxalá não fosse apenas eu a tentar convencer-me a mim própria disso.

– E não tenho – respondeu o Calvin. Riram-se, trocaram socos amigáveis e

um aperto de mão

elaborado.

– Parece que trazes um porco-espinho na cabeça, bacano – comentou o Dex.

E tinha razão. Eu tinha estado a despentear o denso cabelo castanho do Calvin e deixara-lho todo

espetado.

Em vez de achar piada, o Calvin debruçou-se para olhar pelo espelho lateral e resmungou:

– Bolas, Britt, tenho um jantar com os meus pais depois disto. – E tentou, em vão, alisar o cabelo.

– E depois? Vais tomar banho antes do jantar, não vais? – ripostei, cansada de permanecer calada

enquanto ele e o amigo me faziam sentir invisível.

– Já pareces o meu pai, sempre a dizer-me o que devo fazer a seguir – queixou-se ele. – Fica-te

pelos beijos, está bem? É o que fazes melhor.

O Dex soltou uma gargalhada mal disfarçada e afastou-se.

Quando voltámos a ficar a sós, censurei-o.

– Porque é que deste a entender ao Dex que tínhamos dormido juntos?

– Porque, fofa – disse ele, passando-me um braço por cima dos ombros. – Já não falta muito.

– Ai, sim? Tem piada, porque eu quero esperar. Quando é que estavas a pensar dizer-me isso?

Ele riu-se para desviar o assunto, mas eu não estava a brincar. Queria mesmo ouvir a resposta

que tinha para mim.

– Diz ao professor Bagshawe para me dar uma abébia no próximo teste, se não quer que conte a

toda a gente as obscenidades que vocês têm andado a fazer – riu-se a Korbie, interrompendo a

memória.

Como não respondi, acrescentou:

– Não ficaste ofendida, pois não? Estava só a brincar, já sabes. Sei que não andas metida com o

professor Bagshawe. Se andasses com alguém, tinhas-me dito.

Aquilo foi a gota de água que fez transbordar o copo. *Hoje não dá*, escrevi eu ao Calvin,

esperando que ele não assumisse que era por estar com o período. Já namorávamos há semanas, e

conhecia-o como nunca conhecera outro rapaz, mas ainda não estávamos na fase de eu querer que ele

me trouxesse comprimidos e uma botija quente para as cólicas.

Quando é que te vou ver de biquíni? respondeu ele. *Um daqueles de fitas, fáceis de*

desapertar...

Quando deixarmos de andar às escondidas, escrevi-lhe. Hesitei antes de carregar na tecla de

enviar.

No fim, acabei por apagar a mensagem. Recusava-me a manipular o meu namorado. Afinal, aos

17, já estava velha para entrar em joguinhos de poder.

Capítulo dezanove

Não sei quanto tempo caminhámos, com o Mason sempre a amparar-me com um braço por baixo

dos ombros, forçando-me a avançar. Durante a descida, enquanto procurávamos abrigo, dei por mim

a sacudir a cabeça para me manter acordada, e apercebi-me de que devia ter dormitado. Noutras

circunstâncias, ter-me-ia afastado do Mason, pois a ideia de lhe tocar era repelente, mas estava

demasiado cansada para dar importância ao facto.

Ele falou-me ao ouvido. Pelo tom de voz percebi que estava entusiasmado. Levantei as pálpebras

pesadas de sono para fitar a infinita paisagem branca varrida pelo vento. Ele apontou qualquer coisa

à distância. Quando vi o que era, o meu coração encheu-se de alegria.

Encaminhámo-nos aos tropeções até à árvore caída com a sua intrincada rede de raízes agora

expostas acima do solo. Torrões de lama congelada preenchiem os espaços vazios, criando uma

espécie de gruta, um refúgio secreto contra a intempérie. O Mason ajudou-me a rastejar para baixo

do dossel de raízes retorcidas, e entrou depois de mim. Protegida da neve e do vento, senti o peso do

desespero a abandonar-me. A árvore cheirava a terra e a decomposição, mas o local estava seco e,

em comparação com os ventos fortes lá fora, quase aprazível.

O Mason descalçou as luvas para soprar para as mãos, que esfregou vigorosamente.

– Como estão os teus pés?

– Encharcados.

Era a resposta mais completa que lhe podia dar naquele momento. Os maxilares doíam-me de

tanto cerrar os dentes para que não batessem e os meus lábios pareciam tiras de gelo. Ele franziu o

sobrolho.

– Receio que possas ter queimaduras de gelo. Devias ter... – interrompeu-se a meio da frase, mas

percebi o que queria dizer. Devia ter aceitado as meias de lã que ele me oferecera quando tivera

oportunidade.

Não sentia os pés, nem mesmo o formigueiro incómodo de antes. Era difícil preocupar-me com

queimaduras de gelo quando não sentia qualquer dor... e quando estava tão esgotada que nem

conseguia sequer raciocinar.

– Toma, bebe um pouco de água antes de adormeceres – instruiu o Mason, passando-me um cantil.

Bebi um trago, já a sentir as pálpebras a pesar-me. Naquele momento semiconsciente, imaginei o

meu pai e o Ian a rezarem por mim. Sabiam-me em apuros e estavam de joelhos, a pedir a Deus para

que me desse forças. Uma sensação de serenidade e calor espalhou-se por mim e deixei escapar um

suspiro.

Não desistam de mim, pensei, tentando atravessar a vasta distância que nos separava. Foi o

último pensamento que tive antes de adormecer.

Quando acordei, uma luz leitosa atravessava a complexa malha de raízes acima da minha cabeça.

Era de manhã e o sol brilhava. Tinha dormido várias horas. Senti o Mason remexer-se ao meu lado e

sobressaltei-me ao perceber que tinha dormido enroscada a ele. Cheguei-me para trás, mas

arrependi-me logo, quando o ar frígido ocupou o vazio onde os nossos corpos se tinham tocado.

– Estás acordada? – perguntou-me ele com a voz ainda embargada de sono.

Endireitei-me até tocar com a cabeça nas raízes, e foi então que reparei que o Mason tinha

estendido esteiras impermeáveis no chão por baixo de nós e utilizado os cobertores e o saco-cama

para nos cobrir. Também me surpreendeu verificar que tinha as botas dele nos pés. Ficavam-me

largas, mas ele apertara bem os atacadores. Sentia os dedos dos pés bem quentes e aconchegados.

Os pés dele exibiam um par de meias de lã bem grossas de excelente qualidade, próprias para o

montanhismo, mas eu duvidava seriamente que conseguissem protegê-lo do frio cortante.

– Tinhas as meias ensopadas – explicou o Mason.

– Não eras obrigado a dar-me as tuas botas – disse eu, sentindo-me, no entanto, muito grata por

ele o ter feito.

– Pendurei as tuas botas e as meias para secarem. – Apontou para o estendal que improvisara a

partir de uma das raízes mais baixas do interior. – Mas enquanto não acendermos uma fogueira não

vão ficar lá muito secas.

– Uma fogueira – disse eu vagarosamente, saboreando a ideia. Senti uma deliciosa onda de

nostalgia ao imaginar o calor de um braseiro crepitante.

– Agora não está a nevar. É uma boa altura para ir apanhar lenha. – Esticou os braços e começou

a desapertar-me os atacadores das botas. Era evidente que ia precisar delas para ir lá fora recolher

lenha, mas a descontração e a familiaridade com que me tocava apanharam-

me desprevenida. O

único rapaz que alguma vez me tocara com tanta intimidade fora o Calvin.

O Mason fez-me deslizar as botas dos pés e calçou-as. Com alguma timidez, devolvi-lhe também

o gorro de malha polar.

– Há muita neve? – perguntei.

– Vários centímetros. As estradas que estiveram desimpedidas voltaram a encerrar, sem dúvida.

Vamos ficar isolados durante um ou dois dias, até passarem os limpa-neves. Mas não te preocupes –

acrescentou ele, olhando de repente para mim como se temesse que aquelas notícias me pudessem

alarmar. – Enquanto nos mantivermos de cabeça fria, não haverá problemas. Já sobrevivi a coisas

piores.

Sentia-me estranhamente reconfortada pela companhia dele, mas não pude deixar de me perguntar

se a confiança do Mason não derivava de saber que as estradas estavam encerradas e que a polícia

não podia vir atrás dele. Tinha tempo para planear a próxima jogada, e isso parecia animá-lo, mas a

mim deixava-me ainda mais desmoralizada. Ninguém me viria resgatar. Sabia que o Calvin não iria

desistir de procurar por mim – primeiro tinha de ir ter com a irmã, mas depois, assim que pudesse,

viria buscar-me –, mas não podia contar com ele. Não podia contar com o meu pai. Não podia ficar

simplesmente à espera da polícia. Senti-me como se me estivessem a largar pedras, uma a uma, em

cima do peito.

– Não vais para longe, pois não? – perguntei eu ao Mason enquanto ele rastejava para fora do

abrigo. Por alguns instantes, estudou-me, curioso, e depois fez um ar divertido.

– Tens medo de que não volte?

– Não, é só que...

Sim, resumidamente, era isso.

Estranhamente, poucas horas antes só pensava em fugir-lhe. Não confiava nele, e não sabia bem

se seria prudente fazê-lo agora. Ao fim e ao cabo, continuava a precisar da minha ajuda para se

orientar na montanha, razão pela qual ainda estava viva. Ou não? Acreditaria eu realmente que o

Mason seria capaz de me matar, que tinha intenções de o fazer? Se fora ele a matar a rapariga cujo

corpo eu encontrara na cabana, nada o impediria de voltar a matar. Porém, hesitava em culpá-lo pela

morte dela. E nem pensar em voltar a perguntar-lhe – não era do meu interesse provocá-lo.

– Vou ver se escavo alguns ramos secos à volta dos troncos das árvores –

disse o Mason. – Devo

regressar daqui a meia hora.

– Vê se consegues arranjar também seiva de pinheiro – disse eu.

– Seiva de pinheiro?

– Resina. É pegajosa, mas fácil de extrair e arde como gasolina quando lhe pegamos fogo. – Um

truque que o Calvin me ensinara há alguns anos.

Vi surgir-lhe nos olhos um pequeno sorriso de aprovação. Por instantes, pareceu suavizar-lhe a

expressão séria e fechada.

– Resina. Seja.

Dormi até ele regressar. Ouvi-o rastejar para baixo do coberto de raízes e, embora estivesse hirta

de frio, aproximei-me para o ver acender a fogueira. Não queria exhibir-me nem ser um incómodo,

mas talvez lhe pudesse dar algumas dicas. Não contara pôr à prova o meu treino em condições tão

adversas, mas de repente senti-me imensamente satisfeita por ter dominado pelo menos algumas

técnicas básicas de sobrevivência.

O Mason formou uma plataforma com quatro cepos de lenha mais pequenos. Depositou os globos

de resina pegajosa em cima da plataforma, detendo-se apenas para me piscar o olho. A seguir,

serviu-se de ramos finos para construir uma tenda ventilada. Tudo isto, tal como conseguir fazer

arder os ramos com o acendedor, levou o seu tempo. Finalmente, uma das chamas pegou e os ramos

começaram a libertar fumo e a queimar.

– Daqui a nada começamos a aquecer – prometeu ele.

Calor. Já mal me lembrava de como era a sensação.

– Porque me estás a ajudar, Mason? – perguntei-lhe.

Ele remexeu-se, pouco à vontade, e deixou-se ficar num silêncio contemplativo. Por fim, disse:

– Sei que não acreditas em mim, mas nunca te quis fazer mal. Quero ajudar-te. Quis ajudar-te

desde o início, mas as coisas... descontrolaram-se – afirmou ele com um olhar distante.

– Tinhas medo do Shaun? Medo de lhe fazer frente? – A certa altura tivera a impressão de que era

o Shaun quem temia o Mason, mas podia-me ter enganado.

Ele não respondeu.

– Não lamento a morte dele, mas lamento que o tenhas perdido. Lamento que tenhas visto morrer.

O Mason deixou escapar uma gargalhada seca, amarga, ao mesmo tempo que agitava a cabeça

entre os joelhos.

– Eu também – disse ele num tom lúgubre. – Nem sabes como.

– Nunca pensei que ele fosse morrer daquela... daquela maneira – acrescentei baixinho, ainda

perturbada pela forma leviana como o Calvin matara o Shaun.

– Esquece o Shaun – disse o Mason com um olhar cheio de remorsos. Pestanejou como que para

afastar qualquer relutância em aceitar que o amigo estava realmente morto. – A partir de agora somos

só tu e eu. Somos uma equipa, certo? – E estendeu-me a mão.

Olhei-a, mas não retribuí o gesto.

– Porque hei de confiar em ti?

– Isto começa a parecer uma entrevista de emprego. «Porque devo contratá-lo? O que o leva a

pensar que é a pessoa certa para o cargo?»

– Estou a falar a sério.

Ele encolheu os ombros.

– Só me tens a mim.

– Isso não é razão para confiar em ti. Se estivesse presa nesta gruta vegetal com o Shaun, não

confiaria nele nem que fôssemos os únicos seres humanos num raio de centenas de quilómetros.

– É mais uma toca, se virmos bem.

Resisti à vontade de gemer de impaciência.

– Para que precisas de mim, afinal? Sabes acender uma fogueira. É óbvio que

passas bastante

tempo ao ar livre: és bom a seguir pistas. Porque não me deixas aqui e segues o teu caminho?

– É isso que queres?

– Claro que não – apressei-me a dizer, estremecendo ante a perspetiva de enfrentar a vastidão e a

crueldade das montanhas sozinha. – Quer dizer, as nossas hipóteses de sobrevivência aumentam se

ficarmos juntos.

– Ainda bem que concordamos.

– Então, estás-me a usar.

– Tanto como tu me estás a usar a mim.

Calei-me. Era um alívio poder finalmente interrogar o Mason abertamente, mas o nosso diálogo

não estava a ser tão satisfatório como tinha imaginado. Tinha a distinta impressão de que ele não

estava a ser totalmente franco comigo. Dava-me apenas o mínimo, um isco, nada mais.

– Queres uma razão para confiar em mim? – disse-me ele por fim, pressentindo a minha

frustração. – O meu nome não é Mason. É Jude.

Fitei-o, boquiaberta.

– O quê?

Ele sacou a carteira do bolso de trás e abriu-a. Retirou a carta de condução do separador de

plástico que a protegia e entregou-ma. Olhei para o documento passado no Wyoming em nome de um

Mason K. Goertzen.

– Parece autêntica, não parece? – disse ele. – Mas é falsa. – A seguir, passou-me uma segunda

carta de condução que tinha sido cuidadosamente escondida atrás da primeira, só que desta vez

deslizou o polegar para esconder o apelido e a morada.

A segunda carta de condução possuía a mesma fotografia do que a primeira, mas tinha sido

emitida na Califórnia.

– Não percebo – disse eu.

– Não queria que o Shaun soubesse o meu nome verdadeiro.

– Porquê?

– Não queria que soubesse nada sobre mim, para o caso de nos desentendemos. Não confiava

nele. E embora não saiba bem se posso confiar em ti, aqui estou eu, a expor-me. Talvez possamos

alcançar um meio-termo. Se me abrir contigo, talvez te possa convencer a partilhares os teus

segredos.

– Não tenho nenhuma identidade secreta. Não tenho segredos – argumentei,

perguntando-me que

estratagema seria aquele, que informação pretenderia ele sacar de mim..

– Isso não é verdade. Disseste-me que tu e a Korbie tinham vindo para a montanha sozinhas.

Franzi o sobrolho.

– E viemos.

– Então, o que faz aqui o teu ex-namorado? Calvin, é esse o nome dele, certo? As estradas estão

encerradas. Deve ter vindo antes do primeiro nevão, há dois dias. Sabias que ele ia estar cá em

cima?

– E se sabia? – disse eu na defensiva.

– Por que razão não nos falaste dele? Lá na cabana, antes de saberes que o Shaun era perigoso,

porque não nos disseste a verdade?

Porque estava interessada no Shaun e não quis arruinar as minhas hipóteses trazendo à baila

o meu ex-namorado. Era embaraçoso de mais para confessar, por isso dei-lhe a resposta com a qual

podia viver.

– Se calhar, não confiava tanto assim em vocês e queria ter um ás na manga, não fosse o diabo

tecê-las. E ainda bem que o fiz: o Calvin apanhou o Shaun completamente de surpresa. – Naquele

momento, ocorreu-me que se não tivesse tentado fugir da cabana, o Calvin ter-nos-ia apanhado a

todos de surpresa, e agora estaria com ele. Tal como um murro no estômago, a noção pareceu deixar-

me sem fôlego.

– Achas que o Calvin está em Idlewilde? – perguntou o Mason.

– Não faço ideia. – Mas sim, era a conclusão mais óbvia. Tendo encontrado a Korbie, tê-la-ia

levado para o chalé da família.

– Consegues chegar a Idlewilde, daqui?

Observei-o, tentando perceber qual era o plano dele. Ainda tinha o mapa do Calvin e sabia que

era capaz de nos levar até ao chalé, mas porque haveria o Mason de querer ajudar-me a chegar a

Idlewilde?

– Sim, acho que sim – disse eu hesitante, sem me querer comprometer a fazer o que quer que

fosse antes de deslindar os objetivos do Mason.

– O chalé fica mais perto do que o posto da guarda-florestal?

– Cerca de quilómetro e meio mais perto, sim.

– Então, acho que é para lá que devíamos ir. Que tipo de pessoa é o Calvin?

– Ainda perguntas? – bufei. – É o tipo de pessoa com quem ninguém se mete. Tu viste o que ele

fez. Quando nos fizeram reféns, vocês não sabiam no que se estavam a meter.
O Calvin não vai

desistir enquanto não me encontrar. Foi buscar a irmã, mas há de voltar. Tens
bons motivos para ter

medo, Mason – avisei.

– Jude – corrigiu ele.

– Queres mesmo que te chame isso? – perguntei com uma ponta de irritação.

– Sempre te conheci

como Mason. Não sei bem se te consigo ver de outra forma.

Os olhos dele encontraram os meus e vi-lhe uma expressão estranha e
indecifrável no rosto.

– Tenta.

– *Jude* – disse eu, ainda mais irritada. – Jude – repeti, mais calma desta vez,
experimentando a

sonoridade do nome. Na verdade, até preferia o verdadeiro, mas nunca lho
diria. – É curto de mais.

Sempre preferi nomes de rapazes com duas sílabas. E faz-me lembrar aquela
música dos Beatles. Ou

o Jude Law, mas não te pareces mesmo nada com ele – apressei-me a
acrescentar.

Ele passou a mão pelo queixo, fingindo uma expressão pensativa.

– Tens toda a razão, o tipo não me chega aos calcanhares.

Ri-me sem querer, mas arrependi-me de imediato quando o Mason – isto é, o
Jude – fez um

grande sorriso, obviamente satisfeito com o sucesso da piada. O sorriso iluminou-lhe o rosto,

suavizando-lhe os traços angulares e tornando-lhe os olhos velados e distantes um pouco mais

afáveis. Por momentos, considerei a imagem sexy e atraente, mas reprimi prontamente o impulso.

Não era a sério. Se a síndrome de Estocolmo realmente existia, a atração que sentia por ele só podia

ser um sintoma precoce.

Ainda assim, talvez lhe chamasse Jude, afinal de contas. Se íamos ter de trabalhar em conjunto

para sobreviver, talvez fosse útil tentar vê-lo como uma pessoa diferente. Não como o rapaz que me

raptara, mas como alguém com um passado que desconhecia. Alguém que não tinha enfrentado o

Shaun, mas desejara fazê-lo. Alguém que me poderia ajudar se eu o ajudasse em troca.

– Deram-me o nome de Judas, o Apóstolo, também conhecido como São Judas, o padroeiro das

causas perdidas.

Olhei-o de esguelha, pouco convencida.

– O santo padroeiro das causas perdidas? E isso existe?

– Claro que sim. Estou aqui contigo, não estou?

Ergui o queixo.

– Estás a sugerir que eu sou uma causa perdida?

– Se queres que te diga – disse ele, assumindo uma expressão séria. – Penso precisamente o

contrário. Tens mais capacidades do que as pessoas julgam. Às vezes, pergunto-me que tipo de

rapariga eras antes desta viagem.

Ele interrogava-se sobre mim? Que outras coisas pensaria sobre mim?

Olhou-me de uma forma que me fazia sentir cada vez mais transparente – e pouco à vontade – e

continuou:

– Vi-te interagir com a Korbie e isso fez-me questionar se, em casa, diante dos amigos e da

família, não apresentas uma versão ligeiramente alterada da verdadeira Britt. Uma versão menos

capaz. Aqui nas montanhas não és assim. Agrada-me que enfrentes os teus medos. E embora as

pessoas normalmente não considerem isso uma virtude, tens talento para mentir. Quantas vezes

conseguiste influenciar as ações do Shaun com uma mentira convincente?

Sentia-me incomodada sob aquele olhar frio e perspicaz, e apressei-me a exclamar:

– Se isto dos raptos não der em nada, podes sempre tentar uma carreira de vidente!

Ele esfregou o polegar contra o indicador, como se esperasse dinheiro.

– O mínimo que podes fazer é dar-me a minha primeira gorjeta.

– Dou-te antes uma dica: para a próxima, inventa uma história que não seja tão estranha e tão sem

pés nem cabeça. Pode ser que a tua vítima acredite em ti.

Era a minha vez de me sentir satisfeita ao ver um brilho divertido nos olhos dele. Podia estar

perdida naquele deserto gelado, mas pelo menos ainda tinha sentido de humor.

– Não achas estranho que o Calvin tenha disparado sobre um homem desarmado? – perguntou-me

o Jude, regressando ao tópico inicial.

Hesitei. Queria muito poder defender o Calvin. Tinha considerado todas as justificações

possíveis para as ações dele: estava transtornado, louco de preocupação; acreditava piamente que o

Shaun tinha feito mal à irmã e a mim; tinha agido da melhor forma tendo em conta as circunstâncias.

Procurava convencer-me com todos estes argumentos, mas a decisão do Calvin continuava-me a

perturbar profundamente. Respirei fundo e disse:

– Não, não acho. Ele sabia que o Shaun estava a mentir. O Calvin não é parvo. Sabia que eu e a

Korbie estávamos, ou melhor, *estamos* em perigo, e que o Shaun era, pelo menos, parcialmente

responsável. Seja como for, o Shaun era tudo menos inocente. Quantas vezes

nos apontou ele aquela

pistola? Também estávamos desarmadas. E nessa altura não pareceste incomodado. Só estás zangado

porque o Shaun era teu amigo. Se os papéis deles se tivessem invertido, o Shaun teria matado o

Calvin sem hesitar. Não podes querer que eu acredite que o Shaun sentiu remorsos quando matou o

guarda da reserva de caça. E não te esqueças do polícia que ele atingiu antes de vocês fugirem para

as montanhas ou da rapariga que foi parar ao hospital por causa dele. O Shaun não tinha respeito

nenhum pela vida. Não lamento o que o Calvin lhe fez.

O Jude fez um aceno de cabeça, não como se estivesse a concordar comigo, mas como se

compreendesse a minha forma de pensar e estivesse a tomar nota.

– Continuo a pensar que devíamos ir para Idlewilde. Assumindo que o Calvin consegue encontrar

a irmã, é para lá que vão. O que quer dizer que levar-te para Idlewilde e reunir-te com os teus

amigos devia ser a nossa prioridade número um.

Fitei-o, curiosa. Pela segunda vez, perguntei:

– Porque me estás a ajudar?

Ele encostou-se para trás contra as raízes, enlaçou as mãos atrás da cabeça e cruzou os

tornozelos. Parecia um lenhador alegre e despreocupado.

– Talvez esteja metido nisto por motivos puramente egoístas. Tenho todo o interesse em explicar

tudo ao Calvin. Não quero que me dê um tiro também a mim – comentou ele em tom de brincadeira,

mas, e talvez fosse apenas imaginação minha, com uma nota de mau agouro.

Capítulo vinte

Ficámos sentados nas esteiras e num saco-cama sob as raízes da árvore tombada, bem perto da

fogueira, a aproveitar o calor ao máximo. O Jude fez-me mais algumas perguntas sobre o Calvin, o

que me levou pensar que *tinha* realmente medo dele, mas a conversa manteve-se quase sempre leve e

descontraída.

Enquanto o Jude falava, dei por mim a questionar-me sobre ele. Por que razão teria deixado a

Califórnia? Como caíra nas redes daquela estranha amizade (ou talvez «parceria» fosse uma palavra

melhor) com o Shaun? Queria interrogá-lo, mas receava que ele julgasse que tudo não passava de um

estratagema para lhe arrancar pormenores que mais tarde pudesse utilizar para ajudar a polícia a

identificá-lo. O que, em parte, *era* o meu verdadeiro intuito. Tinha a obrigação moral de ajudar a

polícia a capturar o Jude. Porém, de um ponto de vista meramente pessoal – e por razões que não

queria dissecar –, sentia-me cada vez mais curiosa sobre ele.

Começava a cabecear, embalada pelo timbre grave e agradável da voz do Jude, quando o ouvi

dizer sem qualquer preâmbulo:

– Quando chegarmos a Idlewilde o Calvin vai querer entregar-me às autoridades. A ideia de vos

raptar foi do Shaun, mas eu acabei por ser cúmplice. – Franziu o sobrolho. –
Pode até tentar recorrer

à força física para me impedir de fugir.

Com um receio súbito de que ele desistisse da ideia de me ajudar a chegar a
Idlewilde, apressei-

me a dizer:

– Podemos dizer ao Calvin que te viraste contra o Shaun e que me ajudaste a
fugir.

– A tua história não vai coincidir com a da Korbie.

– Dizemos ao Calvin que te viraste contra o Shaun depois de me levarem.
Que a princípio tinhas

medo de o confrontar porque era o líder e estava armado, mas que decidiste
agir quando viste a

forma horrível como me tratava.

O Jude abanou a cabeça, pouco convencido.

– Isso não elimina o facto de te ter levado, para começar. O Calvin não me
parece do tipo de

perdoar. Para ele, não há erros. Vai querer vingança.

Não há erros? *Parece o pai do Calvin*, pensei.

– Eu falo com ele – assegurei-lhe. – O Calvin vai-me ouvir.

– Não me digas – disse ele num tom estranhamente impassível. – É que fiquei
com a ideia de que

ele não dá ouvidos a ninguém. Definitivamente, não ligou ao que o Shaun
tinha a dizer.

A conversa estava a tomar um rumo inesperado. Tinha de convencer o Jude de que o Calvin não

lhe faria mal, mas a verdade é que não sabia qual seria a reação dele quando chegássemos a

Idlewilde. Sobretudo depois de o ter visto a matar o Shaun. Custava-me a acreditar que fosse

igualmente capaz de matar o Jude a sangue-frio, mas não podia excluir a possibilidade.

– Mesmo na remota hipótese de conseguires acalmá-lo – continuou o Jude. – E a polícia? Vais ter

de contar o que aconteceu. Vai-se saber tudo, incluindo o meu papel no teu rapto.

– Não – abanei a cabeça, determinada. – Não lhes vou falar de ti.

– Talvez não de propósito. Mas vais ter de lhes falar sobre mim, Britt. Vão levantar uma série de

questões e a verdade acabará por vir ao de cima. Foste arrastada para esta trapalhada por acidente.

Não tens nada a esconder. Não tens motivo nenhum para me encobrir, e ambos sabemos disso.

– Isso não é verdade. Ouve, a ideia de me levarem foi do Shaun. Se prometeres que me ajudas, eu

minto por ti. Eu... faço tudo o que tu quiseres! – rematei desesperada.

Ele voltou-se para me encarar e fixou-me com um olhar intenso.

– Achas mesmo que só te estou a ajudar porque quero alguma coisa em troca?

Na realidade, ignorava o que o levava a ajudar-me, mas fazia sentido que esperasse uma

compensação qualquer. Até àquele momento, evitara especular sobre os extremos a que poderia ter

de chegar para sobreviver nas montanhas, mas *estava* determinada a conseguir. Recusava-me a

morrer ali. Faria o que fosse preciso. E se tivesse de viajar mentalmente para outro sítio qualquer

enquanto o fazia, paciência.

Senti-o mover-se de repente e dei um salto, amedrontada. Foi tarde de mais que percebi que

estava apenas a mudar de posição. O Jude fez um ruído de desdém.

– Julgaste que te ia bater? Entre outras coisas? Estás a dar em doida a tentar imaginar que favores

sórdidos vou exigir de ti em troca de te ajudar a chegar a Idlewilde. Não tentes negar, vê-se pelo teu

ar de nojo. Bem, podes parar de entrar em pânico. Não te vou forçar a nada. E vou tentar ignorar o

facto de achares que seria capaz de o fazer. Fiz-te refém porque não vi outra opção. Lamento que

tenhas sido arrastada para esta trapalhada, mas se bem te lembras, fiz de tudo para impedir que isto

acontecesse. E já que o assunto é o meu carácter, podes estar descansada. Nunca estive com uma

mulher que não me quisesse – acrescentou ele com um rancor mal disfarçado.

– Desculpa se desconfio dos teus motivos – gaguejei eu, abalada pela sagacidade dele e pelo

tema da conversa. Não queria falar de sexo com o Jude. Só queria sair dali viva. – Mas a verdade é

que não te conheço de lado nenhum.

O Jude tinha um comentário venenoso na ponta da língua – vi-lho nuns olhos que ardiam de raiva

– mas à última hora a tensão desapareceu-lhe do rosto e deixou-se ficar num silêncio sombrio.

Apertei a cabeça entre os joelhos. Só queria que as minhas meias se despachassem a secar. Não

podia esticar as pernas dentro da nossa minúscula fortaleza sem tocar no Jude. Estava tão próximo

que podia ouvi-lo a respirar, alterado.

– Porque rompestes com o teu ex-namorado? – perguntou ele inesperadamente. Desviou o olhar,

mas dava para perceber que se estava a esforçar por ser amigável. Ou melhor, amigável, talvez não:

para não parecer ofendido. Provavelmente tinha, tal como eu, chegado à conclusão de que estávamos

no mesmo barco e era do nosso interesse manter um relacionamento tão civilizado quanto possível. –

Disseste o nome dele algumas vezes enquanto dormias.

Em vez de me sentir embaraçada, fiquei aborrecida por não me lembrar do sonho. A maior parte

das vezes sonhava que não tínhamos rompido. Que o Calvin continuava a viver a três quarteirões de

distância e que lhe podia ligar ou passar por casa dele sempre que me apetecia. Sonhava que ainda

andávamos na mesma escola e que ele guardava os livros e os óculos de sol no meu cacifo. Nunca

sonhava com o lado mais negro da nossa relação, as vezes em que o Calvin ficava taciturno depois

de uma discussão com o pai e se recusava a falar comigo, como que para castigar o pai através de

mim. Nessas alturas, parecia realmente acreditar que o mundo estava todo contra ele. Tentava

afugentar essas memórias, sobretudo agora que precisava tanto de algo a que me agarrar.

– Foi ele quem rompeu comigo.

– Que burro – disse o Jude, inclinando a cabeça para captar a minha atenção. Sorriu. Via-se que

estava apenas a tentar animar-me.

– O Calvin não é burro, é até muito inteligente. E é perito em caminhadas. Conhece estas

montanhas como ninguém – acrescentei, deixando a ameaça suspensa no ar.
Se não formos para

Idlewilde, ele há de vir procurar-me.

– Ele vem cá acima muitas vezes?

– Costumava vir. Antes de entrar na universidade.

– É caloiro?

– Sim, em Stanford.

O Jude absorveu aquela informação em silêncio. Uns instantes depois, soltou um assobio.

– Tens razão. É esperto.

– É esperto o suficiente para seguir o nosso rasto até à cabana da guarda-florestal – ripostei. –

Esperto o suficiente para não se ter deixado enganar pelo Shaun.

– Que ele matou por mentir e por ter raptado duas pessoas. Deve ferver em pouca água.

– O Calvin não ferve em pouca água. Tem é... – Como dizê-lo? – Tem um conceito de justiça

muito apurado.

– Que o leva a matar homens desarmados?

– O Shaun matou o guarda da reserva de caça que estava desarmado. É caso para dizer que tens

telhados de vidro.

– Por acaso, lembras-te de quanto tirou na prova de acesso?

– E o que é que tu tens que ver com isso? – bufei-lhe.

– Era só para saber se tinha tirado mais do que eu, já que é assim tão inteligente.

– 2100 valores – anunciei com orgulho. *Toma e embrulha.*

O Jude bateu palmas, claramente impressionado.

– Sim, isso já dá para entrar em Stanford.

– O Calvin tirava notas horríveis para irritar o pai, que dava muita importância aos resultados

académicos e às médias, mas depois saiu-se muito bem nos exames finais e na prova de acesso. É

mesmo o estilo do Calvin – acrescentei. – Tem de fazer as coisas à maneira dele. Sobretudo no que

diz respeito ao pai. Têm uma relação péssima.

– Alguma vez foste a Stanford visitá-lo? Chegaram a ir àquele restaurante na baixa, o Kirk's? O

das paredes verdes? Servem o melhor bife com batatas fritas da região.

– Não, rompemos poucas semanas depois de ele partir para a universidade. Como é que sabes

tanto sobre Palo Alto? Já lá estiveste?

– Cresci na zona da baía.

– Estás muito longe de casa, então.

Ele fez um gesto de indiferença.

– Cansei-me do sol. Toda a gente precisa de um nevão de vez em quando, uma aventura de vida

ou morte, estás a ver?

– Que engraçadinho... – Vasculhei o meu equipamento, na remota esperança de que quando

trouxera a roupa da mochila que eu deixara no jipe, o Jude tivesse incluído...

Sim. Ali estava ele. O boné de basebol que o Calvin tinha trazido de Stanford no ano anterior, na

altura em que ele e o pai visitaram a universidade, quando ainda estava a decidir-se entre Stanford e

Cornell. Poucos dias antes de o Calvin partir de vez para Stanford, perguntei-lhe se podia ficar com

o boné enquanto ele estivesse fora. Queria guardar uma lembrança especial e não tinha qualquer

intenção de lho devolver.

Afinal de contas, nem sequer tinha sido uma troca justa, já que eu lhe tinha dado o meu coração

por inteiro.

– O Calvin ofereceu-me este boné mesmo antes de partir para a universidade. É o mais perto de

Stanford que já estive.

– O Calvin deu-te isso?

Estendi-lhe o boné, mas o Jude não o aceitou logo. Adotou uma postura rígida, como se não

quisesse ter nada que ver com o meu passado com o Calvin. Por fim, pegou-lhe, hesitante, e deu-lhe

voltas e mais voltas, examinando-o sem uma palavra.

– Parece que o usaste enquanto pintavas – comentou, passando o polegar por uma mancha cor de

açafrão.

– Deve ser mostarda, de um jogo de basebol. – Raspei a mancha com a unha do polegar para

soltar a sujidade. – O Calvin adora basebol. O pai nunca o deixou jogar porque se sobrepunha às

temporadas do ténis e do atletismo, mas ele ia aos jogos. O melhor amigo, o Dex, era o lançador da

secundária. Quando era miúdo, o Calvin dizia a toda a gente que um dia ia ser jogador profissional.

Uma vez levou-me a um jogo dos Bees em Salt Lake.

Inesperadamente, senti a voz embargada ao reviver a memória. Sempre que os Bees marcavam

pontos, o Calvin beijava-me. Ficávamos sentados a partilhar aqueles momentos íntimos, invisíveis

num mar de fãs em delírio.

Enterrei a cara nas mãos. Mais do que nunca, ansiava pelo Calvin. Se ele ali estivesse, tirar-me-

ia da montanha. Não teria de continuar a esforçar-me por perceber o mapa, pois ele saberia o

caminho. Esfreguei os olhos para reprimir as lágrimas, mas só me apetecia dar largas à dor e ter um

belo ataque de choro.

– Sentes a falta dele.

Sentia, sim. Sobretudo naquele momento.

O Jude perguntou:

– Tens estado com o Calvin desde que ele partiu para a universidade? Antes do encontro na

estação de serviço há duas manhãs, quero eu dizer. Chegaste a conversar com ele depois de

romperem?

– Não. O Calvin não voltou a ir a casa. Até há dois dias, já não o via há oito meses.

– Nem sequer no Natal? – perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

– Não. Não quero continuar a falar do Calvin e não quero falar sobre mim. – Também não me

apetecia falar sobre o Jude, mas pelo menos era mais seguro do que o jogo perigoso de desejar que o

Calvin ali estivesse.

O Jude voltou a passar-me o cantil, mas não me apeteceu beber água choca. O que eu queria era

uma Coca-Cola, cereais, puré de batata com molho e torradas com manteiga a sério, nada de

margarina. De repente, dei-me conta de que não comia desde a noite anterior. O meu estômago

contraíu-se dolorosamente e perguntei-me como iríamos sobreviver à longa caminhada até Idlewilde

apenas com água.

O Jude, atento como sempre, adivinhou os meus pensamentos.

– Temos três cantis de água e duas barras de cereais, mas acho que devíamos guardar a comida

para quando precisássemos mesmo dela.

– Que foi feito do quarto cantil? Ouvi o Shaun dizer que tínhamos deixado a cabana com quatro.

– Deixei um à Korbie. – Levou o indicador aos lábios. – Não digas ao Shaun; é o nosso pequeno

segredo.

Olhei-o fixamente. O humor negro da piada passara-me ao lado, mas o ato de generosidade

deixou-me a garganta apertada de emoção. Apeteceu-me apertar-lhe a mão e chorar ao mesmo tempo.

– A sério? – disse eu a custo, por fim.

– Deixei-lhe um cantil e duas barras de cereais. É comida suficiente para aguentar até que a

tempestade passe. Daqui a um ou dois dias já deve conseguir chegar à estrada. Vai correr tudo bem,

Britt. Sei que estás preocupada com ela, mas dadas as duas opções – ficar ao abrigo na cabana, por

muito só que se possa sentir, ou vir connosco e arriscar-se a morrer de hipotermia, de cansaço

extremo ou à fome – acabou por ter sorte. Provavelmente salvaste-lhe a vida quando inventaste a

história da diabetes. Sei que te disse que só te encobri para me ajudar a mim próprio, mas nessa

altura sentia-me frustrado e perdi a calma. A verdade é que percebi logo o que estavas a tentar fazer

e fiquei impressionado com a tua desenvoltura e com a tua coragem. Devia ter-to dito na altura, mas

como não o fiz, digo-to agora. Devias-te orgulhar do que conseguiste fazer.

Concentrada na primeira coisa que ele tinha dito, nem dei atenção aos elogios.

– Mas... porque havias tu de fazer uma coisa dessas pela Korbie?

– Surpreendida por descobrir que não sou completamente mau? – disse ele com um sorriso

cansado.

Aquele era o maior gesto de bondade do Jude até ao momento, e eu não sabia o que dizer. Por

muito tentadora que fosse a minha primeira reação – tratá-lo com desprezo e fria indiferença –,

faltava-me o alento. Estava cansada de erguer barreiras. Reprimindo as lágrimas, deixei escapar um

suspiro trémulo e disse:

– Obrigada, Jude. Nem sabes como te agradeço.

Ele aceitou o meu agradecimento com um breve aceno de cabeça. O gesto escondeu um trejeito

fugaz que me pareceu indicar desconforto por ser tratado como um herói. Para lhe poupar o

embaraço, mudei de assunto.

– Achas que as botas e as meias já secaram que chegue? Tenho de ir à casa de banho. – Queria

voltar a olhar para o mapa do Calvin, sobretudo se íamos partir em breve, mas também estava

realmente aflita.

Uma vez calçadas as botas, deixei o abrigo e atravessei a neve. Não queria distanciar-me a ponto

de perder de vista o nosso acampamento temporário, só o suficiente para ter alguma privacidade.

Plantei-me atrás de uma árvore e saquei do mapa. O Calvin tinha assinalado a existência de uma

velha e abandonada cabana de caçadores de peles a menos de 400 metros. Na descrição podia ler-

se: «Telhado aceitável, boa proteção contra o vento.» Pena que não tivesse conseguido encontrá-la na

noite anterior, durante o pico da tempestade.

O Calvin traçara um ponto verde ao lado da cabana dos caçadores de peles. Havia mais dois

sinais idênticos no mapa. Um assinalava a cabana onde tinha encontrado o Jude e o Shaun. O terceiro

parecia indicar outro abrigo. Ao lado deste último, o Calvin escrevera apenas «vidros partidos».

Provavelmente encontrava-se abandonado, mas ficava a meia distância entre a nossa localização

atual e Idlewilde. Com um pouco de sorte, poderíamos parar lá para descansar.

Na esperança de encontrar algo que nos pudesse ser útil na cabana dos caçadores de peles, como

barras de cereais deixados por alpinistas de passagem, e como a distância era curta, decidi dar uma

vista de olhos ao local. O Jude não daria pela minha falta se demorasse mais alguns minutos.

Servindo-me do mapa, orientei-me por entre as árvores. Os ramos prendiam-se na roupa,

lembrando garras em dedos cadavéricos. Afugentei a imagem com um calafrio, desejando

subitamente ter trazido o Jude comigo.

Finalmente, a vegetação tornou-se menos cerrada, revelando uma estrutura atarracada sem

janelas, de madeira tosca, que parecia ter mais de um século. A porta era tão minúscula que teria de

me agachar para conseguir entrar.

Ao contrário do que se poderia supor, as dimensões da porta não constituíam um erro grosseiro

por parte dos homens da montanha que construíram a cabana. Quando os primeiros caçadores de

peles chegaram ao local, o Wyoming e o Idaho possuíam uma extensa população de ursos-pardos.

Continuávamos a tê-los, mas já não eram tão numerosos. Com o objetivo de preservar as peles de

castor e as suas próprias vidas, os caçadores faziam as entradas das cabanas demasiado pequenas

para um urso-pardo poder passar. Devia esta curiosidade histórica ao Calvin, que na primavera

anterior, durante uma caminhada com o Dex, se abrigara de uma trovoada no que devia ter sido uma

cabana muito parecida com aquela.

Ao aproximar-me, avistei um fragmento de fita amarela preso num arbusto. Do género que a

polícia usava. Senti um calafrio de clarividência, como se de algum modo aquela visão me fosse

familiar.

A porta rangeu com o vento.

Comecei a recuar, dominada por um mau pressentimento. Tinha os pelos da nuca eriçados. Não

tirava os olhos da entrada da cabana, com medo de que saísse de lá qualquer coisa terrível se lhe

virasse as costas.

E foi então que me lembrei.

De facto, conhecia aquela cabana. Aparecera nos noticiários em outubro passado, quando uma

rapariga da zona, a Kimani Yowell, fora assassinada lá dentro.

Capítulo vinte e um

Kimani Yowell, *Miss Shoshone-Bannock*. A vencedora de um concurso de beleza do liceu que

tinha sido assassinada em outubro. Como não era de famílias ricas, a morte dela não tivera tanto

impacto nos noticiários como a da Lauren Huntsman. Na noite em que

morreu tinha discutido com o

namorado numa festa em Fort Hall, no Idaho. Saíra da festa sozinha e o
namorado fora atrás dela.

Levara-a para as montanhas, estrangulara-a e escondera o corpo na antiga
cabana dos caçadores de

peles. Se não tivesse sido encontrada por um grupo de alpinistas que por ali
passava, o namorado

poderia ter saído impune.

A Kimani frequentara a secundária de Pocatello, uma escola rival, por isso a
história dela

assumira, na altura, contornos particularmente traumáticos. Naquele
momento, estava a provocar-me

calafrios na espinha. Tinha morrido ali, nos mesmos bosques onde eu agora
lutava pela minha

sobrevivência.

A porta da cabana voltou a ranger e do interior saiu qualquer coisa escura e
viva, com grandes

garras que deixavam fundas pegadas na neve. Com um denso e oleoso manto
de pelo castanho, o

animal era maior do que um cão. Deteve-se, empinando o focinho de repente,
sobressaltado com a

minha presença. Por trás de uma máscara de pelo prateado, os diminutos
olhos negros adquiriram um

brilho voraz e começou a emitir urros e grunhidos guturais.

Já tinha ouvido histórias sobre os glutões, ou carcajus, como também eram

conhecidos – animais

ferozes, capazes de abater presas com três vezes o seu tamanho.

Com um caminhar surpreendentemente semelhante ao de um urso, o glutão começou a aproximar-

se. Virei-me e desatei a correr.

Ouvia-o a deslocar-se na neve atrás de mim. Em pânico, tentei olhar por cima do ombro e

escorreguei. Senti a neve semiderretida a empapar-me as calças de ganga e tateei o terreno à procura

de algo que me ajudasse a recuperar o equilíbrio. Agarrei o primeiro objeto que me veio à mão e

fitei-o, apalermada. O longo fragmento de osso, já completamente desprovido de carne, estava

crivado de marcas de dentes. Com um grito de terror, atirei-o para longe.

Levantei-me e comecei a correr a toda a velocidade para a mancha de árvores mais adiante. Um

único nome pulsava-me dentro da cabeça.

– *Jude!* – gritei com todas as minhas forças, rezando para que me ouvisse.

Os ramos açoitavam-me o rosto e a densa camada de neve ameaçava engolir-me as pernas.

Arrisquei uma segunda espreitadela por cima do ombro. O glutão seguia alguns passos atrás de mim,

de olhos negros a coruscar com uma determinação selvagem.

Ziguezagueei às cegas por entre as árvores, tentando desesperadamente

orientar-me. Para que

lado estava o Jude? Corri os olhos pelo solo gelado. Porque não encontrava as pegadas que deixara à

vinda? Estaria a afastar-me ainda mais do abrigo?

Voltei a gritar o nome dele. Os troncos das árvores devolviam-me o som que se dispersava na

vastidão do céu. Nem um único pássaro levantou voo. Ele não me podia ouvir. Ninguém podia.

Estava completamente sozinha.

Tinha as mãos manchadas de sangue devido às agulhas dos abetos, mas nem dei pela dor.

Pareceu-me sentir os dentes aguçados como lâminas e as enormes garras recurvas do glutão a

dilacerar-me a barriga das pernas.

De repente, agarrou-me por trás. Debatí-me e esperneeí, quase tão desesperada por me libertar

como por me manter de pé. Se caísse, seria o meu fim. Nunca mais me voltaria a levantar.

– Sossega, Britt. Não te vou fazer mal.

Os nós que sentia no peito soltaram-se ao ouvir a voz grave e tranquilizadora do Jude. A tensão

dentro de mim desvaneceu-se e deixei-me tombar contra ele. Libertei um gemido de alívio.

O Jude soltou-me gradualmente, certificando-se de que me conseguia equilibrar.

– Não te vou fazer mal – repetiu ele. Virou-me para o encarar. Os olhos dele varreram-me o

rosto, perplexos e preocupados. – O que aconteceu?

Baixei os olhos para as mãos ensanguentadas, incapaz de falar.

– Ouvi-te gritar. Julguei que havia um urso... – Inspirou fundo, abalado.

Sem pensar, enterrei a cara no peito dele. Tinha um soluço preso na garganta. Só queria que

alguém me abraçasse, mesmo que esse alguém fosse o Jude.

Ele ficou hirto, apanhado de surpresa pelo meu gesto. Como continuei a agarrar-me a ele, passou-

me as mãos pelos braços, hesitante. Pouco a pouco, começou a friccioná-los com um ritmo

consolador. Senti-me aliviada por não me tocar como se eu fosse feita de vidro e pudesse partir.

Precisava de saber que o Jude era sólido e real.

Quando ele me apertou a cabeça contra o peito, murmurando-me ao ouvido, deixei de lutar contra

as lágrimas. Enterrei a cara no casaco dele e dei largas ao desespero.

– Estou aqui – disse ele num tom meigo. – Não vou a lado nenhum. Não estás sozinha. –

Repousou o queixo no topo da minha cabeça e dei por mim instintivamente a aninhar-me ainda mais

ao corpo dele. Tinha tanto frio. Estava enregelada até aos ossos, desprovida até da memória do calor.

Sabia bem estar nos braços dele.

Ignorando o frio, o Jude tirou o casaco e passou-mo por cima dos ombros.

– Diz-me o que se passou.

Nem me queria lembrar. Ia julgar-me ridícula. Um glutão, por mais temível que fosse, não era

caso para um drama daqueles. Podia ter sido bem pior. *Podia* ter sido um urso-pardo. Estava

praticamente a hiperventilar e começava a sentir-me tonta e enjoada.

– Bebe.

O Jude ofereceu-me uma pequena garrafa que trazia no bolso do casaco. Sentia-me tão abalada

que mal dei conta do ardor que o líquido provocava ao escorregar-me pela garganta. Era frio como

água, mas amargo. Engasguei-me e tossi, mas bebi um pouco mais. Pouco a pouco, comecei a

aperceber-me de uma reconfortante sensação de calor e consegui relaxar um pouco.

– Primeiro julguei que *fosse* um urso. – Apertei os olhos com força e ouvi a minha respiração a

acelerar novamente. Ainda via o focinho feroz do animal quando fechava os olhos. – Era um glutão.

Veio atrás de mim e pensei que me ia apanhar.

– Deve ter ouvido alguém a chegar, percebeu que estava em desvantagem e desistiu da ideia.

Quando te encontrei já não o vi – disse ele, apertando-me nos braços.

Quando consegui recompor-me, engoli um longo trago da bebida e continuei.

– Estava escondido numa antiga cabana dos caçadores de peles. Acho que foi lá que em outubro

encontraram uma rapariga morta. Lembro-me de ver uma cabana muito parecida nos noticiários

quando descobriram o corpo, e há pouco vi um pedaço de fita amarela, daquela a polícia utiliza para

selar a cena de um crime, num arbusto à entrada da cabana. Estou convencida de que é a mesma.

Encontrei um osso lá perto, mas não pode ser dela, pois não? Os investigadores forenses teriam tido

o cuidado de remover todos os vestígios de restos mortais, não? Por favor, diz-me que não era dela!

Lembrava-me de como tinha parecido oco quando lhe pegara. Uma concha vazia. Fez-me pensar

no cadáver ressequido e parcialmente decomposto na arrecadação da primeira cabana, e naquele

momento tive a sinistra sensação de que a morte me cercava, vinda dos recessos das montanhas. O

que me fizera querer ir àquele sítio horrível?

O Jude prendeu-me pelos ombros e examinou atentamente o meu rosto. Tinha uma expressão de

sombria concentração.

– Que rapariga?

– A Kimani Yowell. Não te lembras de ouvir falar dela nas notícias?
Frequentava o 12.º ano na

Secundária de Pocatello, e já era uma pianista consagrada. Recebia convites para concertos em todo

o país. Toda a gente dizia que ia para a Juilliard. Mas depois, o namorado matou-a. Estrangulou-a e

trouxe o corpo para as montanhas para o esconder.

– Lembro-me dela, sim – disse o Jude, abstraído, com o olhar perdido na distância.

– Que espécie de homem mata a própria namorada?

Desta vez não me respondeu, mas vi transparecer-lhe no rosto algo tenebroso e inquietante.

Capítulo vinte e dois

No caminho de regresso ao acampamento, notei que o Jude caminhava um pouco mais perto de

mim do que o habitual. Era difícil acreditar que apenas dois dias antes tinha namoriscado com ele na

loja de conveniência, vendo-o como um enviado dos céus para me poupar a uma grande humilhação.

Só de pensar que em dois dias passei de o adorar a lamentar tê-lo conhecido, e agora...

Agora, não sabia o que sentir nem o que pensar.

A manga dele roçou a minha sem querer, mas o Jude não se afastou nem pediu desculpa. Parecia

tão imperturbável que até me perguntei se teria reparado. Eu tinha. A

proximidade dele provocava-

me uma estranha e traiçoeira sensação de calor. Olhei-o disfarçadamente pelo canto do olho. Mesmo

privado de sono e com a barba por fazer, continuava a ser atraente. Como um modelo masculino.

Passava muito tempo ao ar livre – via-se pela cor da pele e as pontas do cabelo douradas pelo sol.

Tinha rugas ténues nos cantos dos olhos, de os semicerrar contra o sol, e a zona à volta dos olhos

ligeiramente mais clara, quase como um guaxinim, devido aos óculos de sol, mas em vez de parecer

foleiro, dava-lhe um ar quase *sexy*.

Apesar da fadiga, caminhava de ombros direitos, com um ar determinado. Por baixo das

sobrancelhas escuras, os olhos dele contemplavam o mundo com uma atitude fria e reservada. Parte

astúcia e parte discernimento, decidi. Porém, abaixo da superfície, detetei alguma inquietação.

Perguntei-me de que teria medo, o que mais o assustaria. Fossem quais fossem os medos mais

profundos do Jude, sabia mantê-los bem escondidos.

Ele viu-me a olhar para ele. Desviei logo a cara. Nem queria acreditar que me tinha apanhado a

admirá-lo. Mais do que nunca, amaldiçoei qualquer tipo de atração que pudesse sentir por ele. Era o

meu raptor. Tinha-me ali contra a minha vontade. Os atos de generosidade mais recentes não

mudavam nada. Não me podia esquecer de quem ele realmente era.

Mas quem era ele, afinal? A parceria com o Shaun nunca tinha feito sentido. Mesmo enquanto

Mason, o Jude nunca fora cruel. E *tinha*, de facto, tentado avisar-nos para não entrar na cabana.

Deixei escapar um suspiro, dividida. Nada no Jude fazia sentido.

– A primeira coisa a fazer é aquecer-te – disse ele. – Depois, temos de arranjar comida. Ainda é

muito cedo para amoras silvestres, por isso vamos ter de caçar.

Os últimos dois dias tinham-me deixado de pé atrás, desconfiada até da aparente preocupação do

Jude com o meu bem-estar. Desta vez, dei por mim profundamente curiosa em relação aos motivos

dele. Quando o Calvin tinha começado a mostrar interesse em mim, enchia-me de elogios, estava-me

sempre a tentar picar na brincadeira e a inventar pequenas desculpas para me ver, e tudo aquilo era

muito agradável, mas a maior prova de que gostava de mim fora o súbito interesse em cuidar de mim.

No tempo frio, raspava-me o gelo das janelas do carro. No cinema, fazia questão de me arranjar um

lugar mesmo no meio da fila. Quando o Wrangler estava na oficina, insistia em levar-me para todo o

lado. Talvez estivesse a atribuir um significado profundo de mais aos gestos do Jude, mas

perguntava-me se a preocupação dele por mim iria para além de um simples instinto protetor.

Sentiria alguma coisa por mim?

Censurei-me severamente, dizendo a mim própria que não importava, pois não tencionava

retribuir os sentimentos dele, reais ou imaginários.

– Como é que sabias que eu tinha um Wrangler cor de laranja e que o meu pai é fã da pesca com

mosca? – perguntei-lhe de repente, enquanto passava por cima de uma árvore caída praticamente

escondida sob a neve.

– Havia dois carros no parque de estacionamento da estação de serviço. Um Jeep Wrangler

antigo, cor de laranja, e um BMW X5. Quando entrei na loja, vi logo que o teu ex era o condutor do

BMW e que o Wrangler era teu – explicou ele. – Tinha dois autocolantes antigos, já a descolarem-se:

«A Minha Outra Máquina É Uma Lancha Quitada» e «Faço Piões Nos Rápidos». Depreendi que tinha

pertencido ao teu pai antes de to oferecer.

Não era o caso, mas tinha sido um tiro de sorte. Na verdade, os autocolantes tinham sido uma das

razões que levaram o meu pai a comprar o jipe. Sentia uma afinidade

inexplicável por pescadores e

confiava mais neles do que noutros homens.

– Como podias ter tanta certeza de que o BMW não era meu? – insisti, sem saber bem se devia

sentir-me ofendida ou orgulhosa.

– Compraste os teus óculos de sol na Target. O teu ex trazia uns Fendi. A maioria das pessoas que

gosta de ostentar um determinado nível de vida fá-lo em toda a linha.

Tentei lembrar-me da última vez que tinha sido tão observadora sobre *qualquer coisa*.

– Fazes corresponder sempre as pessoas aos carros, nas estações de serviço?
– gracejei. Ele

encolheu os ombros.

– É uma espécie de *puzzle*. Gosto de resolver enigmas.

– Interessante. Para mim, tu és um enigma.

Ele olhou-me de esguelha e a seguir desviou os olhos.

Para interromper a estranha tensão que pairava entre nós, inclinei a cabeça para o lado com um ar

curioso e perguntei-lhe:

– És o quê, um daqueles génios precoces?

Ele fechou-se automaticamente em copas, como se tivesse treinado para não revelar nada quando

confrontado com questões de cariz pessoal. Instantes depois, a expressão dele

suavizou-se e vi um

pequeno sorriso a dançar-lhe nos lábios.

– Ficarias impressionada se te dissesse que o meu professor do 3.º ano me submeteu a testes para

ver se tinha memória fotográfica?

Agitei um braço no ar, fingindo indiferença.

– Não, nem por isso...

Ele coçou a cabeça e sorriu ainda mais.

– Não passei, mas fiquei muito perto.

Pus-me a contar os pontos fortes dele pelos dedos.

– Portanto, tens uma memória praticamente fotográfica. E excelentes aptidões de sobrevivência.

Mais alguma coisa que eu deva saber? Como, sei lá, que universidade frequentas? Quer dizer, andas

na universidade, não andas?

– Desisti no ano passado.

Aquilo apanhou-me de surpresa. O Jude parecia ser do tipo sério, estudioso. Não um desistente.

– Porquê?

– Tinha de resolver um assunto – disse ele. Enfiou as mãos nos bolsos e encolheu os ombros,

atrapalhado.

– Oh, sim, agora percebo. Isso explica tudo.

O Jude franziu os lábios, levando-me a crer que tinha atingido um ponto nevrálgico.

– Todos precisamos de ter segredos. Mantém-nos vulneráveis.

– E porque é que alguém haveria de querer ser vulnerável?

– Para se manter alerta e não se desleixar.

– Não percebo.

– Se tens um ponto fraco, tens de trabalhar continuamente para o defender. Não podes baixar a

guarda.

– E qual é o teu ponto fraco?

Ele riu-se, mas não parecia nada divertido.

– Julgas mesmo que te vou dizer?

– Valeu a pena tentar.

– A minha irmã. É a pessoa que mais amo no mundo.

A resposta dele deixou-me completamente surpreendida. De alguma forma, com aquela frase, era

como um véu se tivesse levantado, deixando-me ver um lado mais humano do Jude. Por fora era um

homem agreste, capaz, uma força da natureza, mas no fundo havia nele algo de terno e compassivo.

– Não estava à espera dessa – admiti, passado um instante. – Ela parece ser muito importante

para ti.

– O meu pai morreu quando eu era bebé e a minha mãe voltou a casar. A minha irmã nasceu

poucos meses antes do meu terceiro aniversário, e lembro-me de pensar que era o pior que me podia

ter acontecido. – Sorriu. – Não demorei muito a perceber que estava redondamente enganado.

– A tua irmã ainda vive na Califórnia?

– Não a vejo desde que saí de casa.

– Deves sentir a falta dela.

O Jude tornou a rir, mas desta vez com a voz embargada de emoção.

– Levava muito a sério o meu papel de irmão mais velho e protetor. Jurei que nunca deixaria que

lhe acontecesse nada de mal.

Soltei devagar o ar que sustinha nos pulmões. Senti uma certa tristeza melancólica. Talvez o Jude

não fizesse ideia, mas sabia bem como a irmã dele se sentia. O meu pai e o Ian sempre me tinham

protegido. Contava com eles para tudo. Imaginava-me o centro da vida deles e não tinha vergonha

nenhuma disso. Naquele momento não me podiam ajudar, mas tinha o Jude comigo. De uma forma

estranha e inexplicável, sentia uma certa inveja da irmã dele. Inveja, porque o Jude estava a pensar

nela, quando eu queria que estivesse a pensar em mim.

– E tu? – perguntou-me ele. – Que segredos escondes?

– E não tenho segredos.

Mas tinha. Estava-lhe a esconder um segredo monumental e nem me atrevia a pensar no assunto

porque era praticamente imoral. Monstruoso. Subitamente, deixei de conseguir olhá-lo nos olhos,

com receio de corar.

– Como é que tu e o Shaun se tornaram amigos? – perguntei-lhe.

– Amigos, não – corrigiu ele. – Nisso tinhas razão. Trabalhávamos juntos, só isso.

– Então, não gostavas dele? Nunca gostaste dele? – insisti.

– Não tínhamos nada em comum.

– Onde é que vocês trabalhavam?

– Fazíamos biscates, aqui e ali – respondeu ele, evasivo.

– Que tipo de biscates?

– Nada de que me possa sentir particularmente orgulhoso – disse ele num tom que deixou bem

claro que não pretendia continuar a falar sobre o assunto. – O Shaun tinha algo que me era útil. E

vice-versa.

– O que aconteceu na loja das sanduíches? Era um desses biscates, um que correu mal?

O Jude fez um ruído de desdém.

– Aquilo foi pura e simplesmente um roubo. Quando deixei a estação de serviço, depois de nos

termos visto, fui ter com o Shaun ao motel onde estávamos alojados – replicou ele, surpreendendo-

me com aquela reação. Não esperava tamanha abertura. Talvez também estivesse cansado de erguer

barreiras. – Tínhamos um assunto a tratar em Blackfoot e fomos juntos na carrinha dele. No caminho,

o Shaun quis parar para almoçar, pelo menos foi isso que me disse. Entrou na loja, apontou a pistola

ao funcionário da caixa e depois entrou em pânico quando o agente da polícia chegou ao local.

– Onde estavas tu enquanto isso acontecia?

– Na carrinha – disse o Jude com rancor mal disfarçado. – Ouvi o tiro e comecei a sair. Não fazia

ideia do que se estava a passar. O Shaun chegou a correr e gritou-me para que voltasse a entrar para

a carrinha. Se não o tivesse feito, ele teria arrancado sem mim e eu seria preso em vez dele. Além

disso, a arma com que o Shaun disparou contra o agente da polícia era minha. Por isso, entrei na

carrinha e pusemo-nos em fuga. Metemos pela estrada da montanha, na esperança de despistar a

polícia, mas fomos apanhados no nevão. Vimo-nos obrigados a esperar que passasse, e foi então que

vos conhecemos.

– Porque é que o Shaun tinha a tua pistola?

Ele deixou escapar uma gargalhada mordaz.

– Na semana passada, antes de irmos para as montanhas, o Shaun pediu-me para ir com ele fazer

uma cobrança a um tipo que lhe devia dinheiro. A minha tarefa era intimidá-lo. Não o tínhamos

avisado de que iríamos, mas ele devia ter sido informado. Estávamos lá há poucos minutos quando

ouvimos as sirenes da polícia. Enfiámos por um beco e fomos perseguidos a pé. Tive de me

desembaraçar da arma, e o Shaun viu-me a atirá-la para um contentor do lixo mesmo antes de nos

separarmos. Conseguimos despistar os agentes, mas quando voltei atrás, a arma já tinha

desaparecido. O Shaun tinha ficado com ela e recusou-se a devolver-ma. Pensei em vários planos

para a recuperar, mas ia levar tempo. Se soubesse que poucos dias depois ele ia dar um tiro a um

agente, teria agido de forma mais rápida.

– Então, sentes-te mal com o que aconteceu?

– Claro que sim.

– Esperas que acredite que és um tipo às direitas, é isso?

O Jude lançou a cabeça para trás com uma gargalhada abrupta.

– Um tipo às direitas? É isso mesmo que tu julgas?

Não podia dizer ao Jude o que pensava dele. Fazia-me sentir mole e com calor, cheia de

formigueiros por dentro. Ele próprio admitira ser perigoso. Apesar disso, e embora aqueles olhos

sombrios escondessem segredos, eu tinha vislumbrado algo mais. Sabia que para lá das aparências

havia bondade e compaixão, e isso cativava-me. Lembrei-me do físico disciplinado do Jude quando

o vira a tirar a roupa na cabana da guarda-florestal. Ao pé dele, o Calvin parecia um rapaz. Lancei-

lhe um olhar furtivo, fixando os olhos na curva suave e misteriosa dos lábios dele e perguntando-me

como seria...

Engasguei-me, embaraçada.

O Jude observou-me com curiosidade.

– Passa-se alguma coisa?

Levei a mão ao pescoço e disse:

– Deve ser uma tosse passageira.

– Estás vermelha como um pimento. Queres água?

Porque não? Estava claramente a precisar de arrefecer.

Enquanto esticava o braço para o cantil que trazia a tiracolo, o Jude parou de repente.

Instintivamente, agarrou-me o braço, impedindo-me de continuar, e perscrutou os bosques com um

olhar de pânico.

– O que foi? – sussurrei-lhe, com o estômago apertado.

Ele permaneceu tenso por mais alguns instantes até que, por fim, senti-o afrouxar a força com que

me apertava o braço.

– Lobos. Três.

Segui a direção do olhar dele até à zona onde as sombras formavam estranhos padrões na neve,

mas não vi qualquer movimento.

– Já se foram embora – disse o Jude. – Só vieram dar uma vista de olhos.

– Julgava que os lobos evitavam os seres humanos.

O Calvin tinha-me contado histórias de quando avistava lobos durante as caminhadas. Fugiam

sempre sem lhe dar tempo para pegar na máquina fotográfica.

– E evitam. Só atacam se estiverem doentes ou se forem acirrados. – Olhou-me com uma

expressão inquieta. – O que me preocupa são os ursos-pardos. Andam muitas vezes na esteira dos

lobos para se apropriarem das presas que a alcateia apanha. São oportunistas. Sobretudo na

primavera, quando estão esfomeados depois de um longo inverno em hibernação.

– Por outras palavras, onde há lobos, há ursos-pardos.

Estremeci, mas desta vez não foi de frio.

Sentia as paredes do estômago coladas às costas.

Não me imaginava a matar um animal, mas estava tão esfomeada que já começava a delirar. A dor

insistente fez-me mudar de perspetiva, e concordei em ajudar o Jude a caçar o pequeno-almoço. Há

muito que o meu corpo gastara o milho enlatado que tinha ingerido no dia anterior ao jantar, e não

podia continuar a caminhar sem antes comer qualquer coisa. A fome invadia todos os meus

pensamentos, até não conseguir pensar em mais nada. Queria chegar a Idlewilde o mais depressa

possível, mas nunca resistiria à rigorosa caminhada se não me alimentasse primeiro.

O Jude instruiu-me nos rudimentos da caça, incluindo como seguir o rasto de animais pequenos e

construir uma armadilha com paus e uma pedra grande.

– Vamos ter de deixar esta zona mais densa das árvores – disse ele. – Os animais orbitam em

redor da água, das fontes de alimento e das tocas. O sol não penetra esta parte da floresta, e pouca

luz equivale a escassez de alimentos.

– Eu consigo localizar um rio – declarei eu, prestativa. Como ele me lançou um olhar de dúvida,

acrescentei: – Da mesma forma que vos guiei deliberadamente até à cabana da guarda-florestal.

Ele estudou-me atentamente com uma expressão reservada nos olhos.

– Foi intencional?

– Podes crer – respondi, orgulhosa por poder voltar a ser útil. Abri o fecho do casaco e saquei

do mapa do Calvin. Não tinha a certeza se estaria a agir bem ao mostrar o mapa ao Jude, mas era um

risco que estava preparada para assumir. Ele continuava convencido de que eu conhecia o terreno –

precisava tanto de mim como do mapa, que era uma amálgama de anotações confusas. Além disso, se

a intenção dele fosse abandonar-me, já o podia ter feito em numerosas ocasiões. O melhor plano

agora era combinar os nossos recursos para chegar a Idlewilde o mais depressa possível.

Entreguei o mapa ao Jude que o estudou em silêncio durante muito tempo. Por fim, disse:

– Onde arranjaste isto?

– É do Calvin. Reparaste no sem-número de anotações? Impressionante, não achas? Bem te disse

que ele é perito na área.

– Foi o Calvin quem fez isto?

– Tirei-lho do carro antes da viagem. Sem isso, provavelmente já estaria morta.

O Jude não comentou, mas continuou a analisar o mapa com interesse.

– Devemos estar mais ou menos aqui, nesta área – afirmei, indicando uma zona próxima de um

dos muitos pequenos lagos glaciares espalhados por toda a cordilheira. – Aqui está a cabana da

guarda-florestal. Fica a cerca de um quilómetro. Acreditas que depois deste tempo todo a caminhar

em plena tempestade, andámos apenas um quilómetro? E cá está Idlewilde. Dada a lentidão com que

temos avançado, devemos levar quase um dia a chegar lá.

– O que representam os pontos verdes? Não estão legendados.

– Este aqui indica a cabana dos caçadores de peles. Este mais a norte indica a cabana onde o

Shaun me raptou.

– E este?

– Acho que é outro abrigo, provavelmente abandonado. Vamos passar por lá a caminho de

Idlewilde. Espero que dê para descansarmos um pouco, para nos aquecermos e, quem sabe, talvez

até tenha água corrente.

O Jude continuou a meditar debruçado sobre o mapa, muito concentrado. Agarrava-o com força,

quase a monopolizá-lo, e por momentos temi que desfizesse o papel.

– Acreditei em ti quando disseste que tínhamos encontrado o posto avançado

da guarda-florestal

por acaso. Passaste-me a perna.

Fingi um ar de superioridade.

– E tu caíste como um patinho.

– Este mapa pode ser a nossa salvação. Posso ficar com ele? – pediu o Jude. –
Só até chegarmos

lá?

Mordi o lábio, incapaz de esconder o nervosismo. Esperava não ter cometido
um erro ao

mostrar-lhe o mapa.

– Não vou fugir com ele – disse o Jude para me tranquilizar. – Só quero
estudá-lo e ver se

consigo encontrar atalhos para Idlewilde.

– Talvez por algum tempo – concordei, hesitante. – Também quero estudá-lo
– acrescentei,

esperando que não pensasse que desconfiava dele. Porque não era verdade.
Pelo menos, julgava que

não. Só que o mapa constituía a minha apólice de seguro, uma defesa e um
símbolo palpável do

Calvin, alguém em quem *realmente* confiava.

– Combinado – disse ele, enfiando o mapa num bolso interior do casaco com
um brilho intenso no

olhar.

Capítulo vinte e três

Ao fim da tarde pudemos finalmente comer. Caçar com ferramentas improvisadas era um

processo moroso e frustrante que me fez admirar ainda mais os pioneiros e os primeiros colonos do

Wyoming e do Idaho, e o tempo e o esforço que deviam ser necessários só para satisfazerem as

necessidades mais básicas. Se conseguisse regressar a casa, nunca mais veria as tecnologias

modernas como um dado adquirido.

O Jude e eu apanhámos cinco coelhos, que esfolámos e assámos na fogueira. Normalmente comia

como um passarinho, e tinha receio de não conseguir comer um animal que vira a correr há menos de

uma hora, mas a fome venceu todos os escrúpulos e devorei a carne até ficar tão cheia que acabei

com uma dor de barriga.

Anoitecia cedo na floresta, por isso decidimos esperar pela manhã para continuar a viagem até ao

chalé dos Versteeg em vez de nos tentarmos orientar por entre as árvores depois do pôr do sol. Não

sabíamos quanto tempo mais é que as pilhas das lanternas iriam durar e parecia uma tolice arriscar a

longa caminhada quando o mais certo era acabarmos às escuras.

O Jude reuniu um monte de ramos verdes e colocou-os por baixo das esteiras

e dos sacos-cama

para criar um leito mais confortável. Uma única cama que teríamos de partilhar.

O meu lado prático sabia que dormirmos juntos era o melhor a fazer, pois assim seria mais fácil

conservar o calor, mas à medida que a noite caía, dei por mim a perguntar-me se o Jude se sentiria

tão nervoso quanto eu. Quando o apanhava a olhar-me de fugida, por detrás daquelas longas pestanas

escuras, tentava adivinhar em que estaria a pensar, mas ele nunca deixou cair a máscara simpática e

afável.

– Como aprendeste a caçar? – perguntei-lhe, enquanto me estendia de costas no leito rudimentar.

A teia de raízes acima das nossas cabeças filtrava a luz azulada da lua. Bem aconchegada, de casaco

e luvas, o céu noturno não parecia tão frio e inóspito.

O Jude esfregou o nariz, sorrindo-me com um ar misterioso.

– Ainda tens a garrafa de aguardente que te dei há bocado?

Aguardente. Claro, tinha-me oferecido álcool. Nunca tinha provado aguardente, por isso não

reconhecera o sabor, mas deveria ter adivinhado pelo travo ardente que me deixara na garganta. O

meu pai tinha estabelecido duas regras basilares lá em casa. Primeiro, e antes de mais, nada de sexo.

Segundo, nada de bebidas alcoólicas. Porém, as diretrizes que tinham governado os meus planos de

fim de semana durante todo o secundário pareciam agora inúteis naquele território desolado e sem

lei.

Entreguei-lhe a garrafa e vi-o beber um longo trago. Fechou os olhos, deixando o álcool

entranhar-se, e após uns instantes disse:

– No verão antes do meu 12.º ano participei num acampamento selvagem, estilo Rebeldes

Amestrados.

A confissão dele apanhou-me de surpresa e ri-me a bandeiras despregadas.

– Então, isso de seres um desordeiro, uma ameaça para a sociedade, já não é de agora! – gracejei

para o picar. – O namorado da Korbie, o Bear, também teve de ir para um desses acampamentos.

– Bear? É esse o nome dele?

Abanei a cabeça, divertida.

– É só uma alcunha. O nome dele é Kautai, veio da ilha de Tonga. Mudou-se para o Idaho quando

andávamos no básico. Não falava uma palavra de inglês, mas era um brutamontes com cara de mau e

ninguém se metia com ele. Depois, juntou-se à equipa de futebol americano e levou-a aos

Campeonatos Nacionais de Juvenis, em Las Vegas. Foi assim que arranhou o nome: não só parecia um

urso, como se transformava num autêntico animal durante os jogos. Os pais meteram-no num desses

acampamentos selvagens quando estampou um carro. A mãe, que é extremamente severa, andava

convencida de que ele tinha começado a beber, e achou que umas semanas na natureza, longe de tudo,

acabariam por lhe tirar o hábito. Qual é a tua história? Que fizeste tu de tão terrível para te mandarem

para um acampamento de rapazes malcomportados?

Ele sorriu.

– Não foi nada assim. Frequentei uma secundária de elite numa zona abastada de São Francisco.

Os meus colegas eram filhos de congressistas, de advogados famosos e de diplomatas estrangeiros:

para a maioria, as férias de verão eram sinónimo de festas em Ibiza ou Saint Barts. A minha mãe

queria que eu passasse o verão antes do 12.º ano a viajar pela Europa com ela e com a minha irmã.

Eu tinha crescido a pensar que andar por toda a Europa a saltitar de um hotel de cinco estrelas para

outro era normal, mas aos 17 anos aquela extravagância começava a deixar-me revoltado. Disse-lhe

que não ia, que me tinha inscrito num acampamento selvagem. Acho que queria provar a mim mesmo

que, embora tivesse nascido numa família rica, não era um fedelho mimado, imprestável e com a

mania das grandezas. O acampamento selvagem foi uma cruzada pessoal para me separar do estilo de

vida do resto da família.

Saquei-lhe a garrafa e engoli alguns tragos entre acessos de tosse. Sabia que a sensação de calor

que a aguardente provocava era ilusória, mas pelo menos ajudava-me a esquecer o frio que sentia e a

relaxar. Já nem tinha bem a certeza se queria que o Calvin me viesse resgatar. Estava a gostar

daquele tempo com o Jude, a gostar de o conhecer melhor. Era um mistério que queria muito resolver,

pelo menos foi esse o argumento que usei para me convencer. No entanto, havia uma vozinha inquieta

dentro da minha cabeça que não parava de me acenar com a ideia da síndrome de Estocolmo. Será

que não passava disso? De uma falsa atração, filha da necessidade e do instinto de sobrevivência?

– Que disse a tua mãe? – perguntei-lhe.

O Jude sorriu, aceitando a garrafa que lhe estendi.

– Devias ter visto a cara dela quando lhe disse que não ia para um acampamento selvagem

qualquer, mas para o Impetus.

– O que é o Impetus?

– Era um acampamento selvagem para jovens problemáticos que funcionava quase como um culto

secreto. Utilizavam castigos severos, abusos verbais e lavagens ao cérebro para corrigir

comportamentos desviantes. Já não está operacional. Foram processados por abuso de menores por

alguns dos antigos participantes. Provavelmente, vão ter de pagar uns 20 milhões de dólares em

indenizações. Aos 17 anos, pareceu-me o choque cultural perfeito. – Riu-se, nostálgico. – Os meus

pais ficaram furiosos. A princípio, o meu pai proibiu-me de ir. Ameaçou tirar-me o Land Rover e

disse que não pagaria as despesas da universidade. Ele e a minha mãe achavam que não ia

sobreviver ao acampamento. Uma preocupação legítima, já que dois dos rapazes do meu grupo

morreram mesmo.

Levei a mão à boca, horrorizada.

– Morreram?

– Um de hipotermia, o outro à fome. Tínhamos de construir o nosso próprio abrigo e caçar para

comer. Não havia rede de segurança. Se não conseguíssemos apanhar um coelho ou proteger-nos da

chuva, o problema era nosso.

– Que horror. A sério, nem acredito que uma coisa dessas possa ser legal.

- Assinávamos um acordo de confidencialidade bastante exaustivo.
- Nem acredito que um fedelho ricaço como tu se safou.
- Já pareces os meus pais – disse ele, despenteando-me o cabelo com um gesto brincalhão.

Fiquei estática. Tinha jurado repudiar qualquer atração que pudesse sentir pelo Jude, mas quando

ele me tocou, a barreira que eu erigira entre nós caiu por terra. Se o Jude reparou na minha

atrapalhação, não deu sinais disso. Continuou:

- A princípio tive alguns percalços dos quais só consegui escapar por um triz, mas depois de uma

primeira semana difícil, depressa lhe apanhei o jeito. Seguia os melhores caçadores do grupo e via

como construíam as armadilhas. No fim do verão, já nada me metia medo. Tinha aprendido a caçar, a

alinhar ossos partidos, que insetos e plantas se podiam comer e como fazer uma fogueira

praticamente sem ferramentas. Tinha lidado com hipotermias, infeções e parasitas. O que mais me

custava era isso, ter de escorraçar outros membros do acampamento para proteger o meu território ou

o que tinha caçado para mim. Não me incomodava passar vários dias de estômago vazio. Olhando

para trás, sofri uma transformação impressionante em três curtos meses.

Engoliu outro longo trago da garrafa e deitou-se de lado, perto de mim,

apoiando a cabeça no

punho. Aquela proximidade proibida deixava-me alvoroçada. Trazia uma barba de dois dias que lhe

dava um ar másculo, sedutor. Tinha passado a noite inteira a tentar adivinhar o que estaria por trás

daquele meio sorriso enigmático e, francamente, começava a dar em doida. A fogueira transformara o

nosso pequeno refúgio num recanto aprazível, fazendo-me sentir zozza e ensonada. E destemida.

Subtilmente, como quem não quer a coisa, estiquei os braços por cima da cabeça e cheguei-me mais

a ele.

– Há quanto tempo foi isso?

– Há quatro anos. Agora tenho 21 – disse ele com um sorriso forçado. – Mas já não sou tão

teimoso nem tão arrogante como era.

– Humm, vou fingir que acredito. Como é que passaste de adolescente privilegiado da baía de

São Francisco a fora da lei no Wyoming?

Ele soltou uma risada de descaso.

– Se calhar sou um cliché. O miúdo rico negligenciado pelos pais que acaba por se tresmalhar.

– Não acredito nisso.

O rosto dele tornou-se sombrio.

– Tive uma discussão com os meus pais. Disse-lhes coisas de que agora me arrependo. Culpei-os

por muitos dos problemas que a família tem enfrentado, sobretudo recentemente. Todas as famílias

têm problemas, mas a forma como os meus pais abordaram os nossos... – Não conseguiu continuar.

Aquele olhar firme e reservado vacilou por uns instantes, deixando entrever uma faceta vulnerável. –

Sempre esperaram o melhor de mim e da minha irmã. A pressão era muita. Julguei que se saísse de

casa por uns tempos, os ânimos acabariam por arrefecer e arranjaria forma de reparar o mal que

estava feito.

– Tens a certeza de que não estás apenas a fugir dos problemas?

– É a impressão que dá, não é? Tenho a certeza de que os meus pais pensam o mesmo. Então, e

tu? Como é que começou o interesse pelas caminhadas e pela vida ao ar livre?

Dava para perceber que estava cansado de falar de si próprio, e decidi respeitar a privacidade

dele.

– O Calvin foi a primeira pessoa que conheci que percorreu o trilho da cordilheira de Teton de

mochila às costas – disse eu, escolhendo cuidadosamente as palavras. Era uma história longa e

complicada, e não sabia bem que parte dela lhe queria contar. – Era um modelo para mim. Mesmo

quando ainda era muito pequena e vinha às montanhas com os Versteeg, ficava a observá-lo e

deixava-o ensinar-me truques, como aquele de utilizar resina em vez de gás de isqueiro. E o meu pai

trazia-me às montanhas quando vinha à pesca, por isso estar aqui é um pouco como divertir-me no

quintal das traseiras. Para me preparar para esta viagem, li uma prateleira inteira de guias, fiz várias

caminhadas de um dia com o meu irmão, levantamento de pesos, esse tipo de coisas. Além disso,

como tinha dito, já participei em inúmeras caminhadas por toda a montanha, por isso tenho muita

experiência – apressei-me a acrescentar, adulterando os factos.

O Jude emitiu um pequeno ruído de concordância. Deitei a mão à aguardente e engoli vários

tragos ardentes.

O Jude pegou na garrafa já praticamente vazia e guardou-a no bolso com um olhar reprovador.

– Ei, ainda não tinha acabado – resmunguei.

Ele ignorou o meu protesto e observou-me com um olhar concentrado e penetrante.

– Porque é que disseste ao Shaun que eras perita em caminhadas? Porque é que mentiste?

O meu rosto começou a corar e senti um nervoso miudinho dentro do peito.

– Como assim?

– Já fizeste alguma caminhada de mochila às costas? Eu cá acho que não.

Na defensiva, disse-lhe:

– Só porque não sei tanto como tu, isso não quer dizer que seja incompetente.

Ele deu-me uma cotovelada amigável.

– Não precisas de me mentir, Britt. Não te estou a criticar.

Não sabia se aquilo era um truque ou um teste. Fosse como fosse, se lhe dissesse que nunca tinha

escalado as Teton, ele iria perceber como era inútil. Já não precisaria de mim. Podia ficar com o

mapa e partir sozinho.

– Não? Tem piada, porque é exatamente o que parece: tu a querereres mostrar que és muito superior

a mim.

– Não fiques assim – disse ele calmamente. – Podes-me dizer tudo. Agora somos uma equipa.

– Se somos uma equipa – repliquei –, porque é que estás sempre a fugir às *minhas* perguntas?

Porque não me disseste como acabaste aliado ao Shaun? Não és nada como ele. O que poderia uma

pessoa como ele ter para te oferecer?

O Jude fez um sorriso contrariado, claramente a tentar acalmar os ânimos.

– Lá estás tu outra vez a assumir que só uno forças com pessoas que me podem dar qualquer coisa

em troca.

– Exijo uma resposta direta!

O sorriso evaporou-se.

– Vim cá acima à procura de uma pessoa, alguém de quem gosto muito e a quem fiz uma

promessa. Estou a tentar cumprir essa promessa. Julguei que o Shaun me podia ajudar.

– Quem procuras?

– Não é da tua conta, Britt – disse ele com uma rispidez inesperada. Dei por mim demasiado

perplexa para contestar. Em vez de me encarar, o Jude pôs-se a fitar a distância com uma expressão

dura e inflexível.

A súbita agressividade dele magoou-me. Rebolei até ficar de joelhos e rastejei para fora do

refúgio o mais depressa que pude. Passei acidentalmente a luva de raspão pelas brasas da fogueira,

queimando o tecido até ao dedo. A resmungar entre dentes, saí para a noite gelada. Ouvi-o lamentar-

se atrás de mim.

– Britt! Espera! Não te queria aborrecer. Desculpa. Posso explicar-me?

Embrenhei-me no bosque com a cabeça a mil. Como ia eu salvar a situação?

Como o poderia

convencer a ficar e a não me deixar para trás?

– Britt!

Virei-me de repente, cruzando os braços.

– Chamaste-me mentirosa!

– Ouve-me por um segun...

– E depois, que interessa se menti ao Shaun? Não tive alternativa! Se achasse que não precisava

de mim, tinha acabado comigo. Vê bem o que fez à Korbie: deixou-a na cabana para morrer! É isso

que vais fazer? Agora que percebeste que não sou perita na área e que dependo completamente do

mapa? Vais-me deixar entregue à minha sorte?

O Jude estendeu-me a mão, mas eu repeli-a com uma sapatada. Estava ofegante, com o coração a

galopar no peito. Se ele me deixasse agora, nunca sobreviveria. Acabaria por morrer naquele sítio.

– Conseguieste enganar o Shaun – disse-me ele. – Tiveste presença de espírito suficiente para

levar o equipamento quando fugiste da cabana. E decifraste o mapa do Calvin, que é uma amálgama

caótica de rabiscos e símbolos toscos. Nem toda a gente seria capaz de fazer o mesmo.

Apoiou as mãos nas ancas, abanando a cabeça de olhos postos na neve entre

os nossos pés.

– Gosto... – disse ele, interrompendo-se de seguida. Inspirou fundo e recomeçou. – Gosto de te

ter por perto, Britt. A verdade é essa. Não te vou deixar aqui. Mesmo que fosses uma chata, ficava

contigo. É um dever moral. Mas acontece que gosto de ti e acho-te interessante, e embora não me

agrade que tenhas de passar por isto, agrada-me saber que nos temos um ao outro.

Fitei-o, estarecida. Não esperava aquilo. Gostava de me ter por perto? Mesmo sabendo que não

lhe podia dar algo em troca?

O Jude tentou um segundo gesto de aproximação, pousando-me a mão no ombro com alguma

hesitação. Pareceu aliviado quando não voltei a enxotá-lo.

– Tréguas?

Passei os olhos pelo rosto dele, que parecia sincero. Assenti, contente por nos termos entendido.

Ainda tinha o Jude a meu lado. Não estava sozinha.

Ele inspirou fundo e relaxou.

– Toca a dormir. Amanhã teremos um longo dia de caminhada, arrancamos ao nascer do sol.

Engoli em seco.

– Vim nesta viagem por causa do Calvin. Queria impressioná-lo. A certa

altura, cheguei a

acreditar que iríamos voltar a ficar juntos. Organizei a viagem na esperança de que ele se fizesse de

convidado. Treinei muito, mas sempre convencida de que ia poder contar com ele. Porque é isso que

eu faço: espero que os homens que fazem parte da minha vida me venham salvar. – Tinha os olhos

marejados de lágrimas. – O meu pai, o Ian, o Calvin. Sempre dependi deles e isso nunca me

incomodou. Era tão... tão fácil deixá-los tomar conta de mim... Mas agora... – A minha garganta

apertou-se. – O meu pai deve julgar que estou morta. Nunca lhe passaria pela cabeça que o tesouro

dele pudesse sobreviver num meio selvagem. – O queixo tremeu-me involuntariamente e deixei

transparecer uma expressão arrasada, com as lágrimas a escorrerem-me pela cara. – Aí tens a

verdade. A patética verdade sobre mim.

O Jude tinha dito que precisávamos de segredos para nos mantermos vulneráveis, mas estava

enganado. Acabava de lhe revelar tudo, de me expor sem reservas. Se aquilo não era

vulnerabilidade, eu não sabia o que seria.

– Britt – disse ele baixinho. – Olha à tua volta. Estás viva. Estás a fazer um ótimo trabalho e até

já nos salvaste a vida uma ou duas vezes. Vais voltar a ver o teu pai e o teu irmão, não duvides. Eu

podia-te dizer que me iria encarregar disso, mas não é preciso. Vais ser tu a fazê-lo sozinha, porque é

o que tens feito desde o início.

Passei os dedos debaixo dos olhos para os secar.

– Se soubesse que isto ia ser assim, tinha dedicado mais tempo ao treino. Tinha aprendido a

tomar conta de mim própria. Mas a moral é essa, não é? Nunca sabemos o que podemos ter de vir a

enfrentar, por isso temos de estar preparados para tudo.

O Jude parecia pronto a concordar comigo, mas de repente desviou os olhos do meu rosto e

começou a praguejar entre dentes.

Capítulo vinte e quatro

Ouvi-o antes de o ver.

A bufar e a espumar de raiva, fazia vibrar o terreno a poucas dezenas de metros. Ao luar, a

pelagem hirsuta apresentava riscas prateadas. Erguendo-se nas poderosas e atarracadas patas

posteriores, o urso-pardo farejou o vento e inclinou a enorme cabeça para nos ver melhor.

Com um urro gutural, voltou a apoiar-se nas quatro patas. Tinha as orelhas viradas para trás,

coladas à cabeça, a avisar-nos de que nos tínhamos aproximado de mais. Agitando a cabeça de um

lado para o outro, fez estalar as mandíbulas de forma ameaçadora.

Mentalmente, passei em revista todos os guias que tinha lido, parágrafo a parágrafo. Todas as

frases, legendas, listas e resumos de capítulos sobre ataques de ursos.

– Corre para o abrigo – disse-me o Jude baixinho. – Põe a fogueira entre ti e o urso e faz um

archote, se puderes. Eu vou gritar e fazer barulho para desviar a atenção dele.

Agarrei-lhe na mão, apertando-lhe os dedos para o manter ao meu lado.

– Não – disse eu numa voz igualmente baixa, mas trémula. *Correr precipita o ataque de um urso.*

Gritar precipita o ataque de um urso. Sabia que o Jude só me estava a tentar proteger, mas o plano

dele podia matar-nos ou deixar-nos mutilados.

– Britt... – advertiu ele.

– Vamos fazer o que se deve fazer numa situação destas. – *Não mexer. Não estabelecer contacto*

visual. Humedeci os lábios. – Recua devagar. Fala baixinho para não o assustar...

O urso-pardo atacou. A roncar e a bufar, correu direito a nós, com os músculos a ondular sob a

pelagem lustrosa. Senti um espasmo no estômago e a garganta seca. Era difícil determinar o tamanho

dele no escuro, mas era definitivamente muito maior do que o glutão que, em comparação, parecia

agora um inofensivo animal de estimação.

– *Corre* – insistiu o Jude com impaciência, dando-me um empurrão.

Apertei-lhe ainda mais os dedos, colando-me a ele. O meu coração martelava de tal forma que

sentia o sangue a inundar-me as pernas. O urso-pardo continuava a arremeter violentamente na nossa

direção, levantando nuvens de neve com as suas gigantescas patas.

Com um urro ensurdecedor, o urso-pardo passou por nós numa manobra de intimidação, mas não

sem antes me tocar de raspão na manga do casaco. Senti os pelos da nuca a eriçarem-se ao ouvir as

cerdas a arranhar o tecido. Fechei os olhos para afugentar a visão do olhar negro e mortiço do

animal.

– *Vira-te e continua a encará-lo* – disse eu ao Jude num tom quase inaudível. *Nunca virar as*

costas a um urso.

Assim que nos voltámos para ele, o urso-pardo voltou a investir com grandes roncões, sem tirar os

olhos de nós. Desta vez, parou abruptamente diante do Jude. Farejou-lhe o rosto com movimentos

bruscos do focinho. Senti o Jude a retesar-se ao meu lado. Estava ofegante e branco como a cal.

O urso-pardo atirou-o ao chão com uma patada seca. Quando o Jude tombou na neve, tive de

morder o lábio para não gritar. Muito lentamente, abaixei-me e deitei-me ao lado dele de barriga

para baixo, cruzando as mãos sobre a nuca. Mal sentia a neve que se infiltrava pela gola e pelos

punhos das luvas. O frio era uma preocupação remota. Tinha uma única ideia fixa a latejar-me na

cabeça: *Não entres em pânico, não entres em pânico, não entres em pânico.*

Um novo rugido atroou os ares. Incapaz de resistir ao impulso de espreitar para cima, tive um

vislumbre das presas a brilhar à luz da lua. A pelagem hirsuta e mosqueada do urso sacudia-se

quando ele pateava o chão, impaciente.

Protege a cabeça, pensei eu, tentando transmitir mentalmente a ideia ao Jude. Enterrei o queixo

no pescoço, esperando que ele imitasse o gesto.

Com a ponta do focinho, o urso empurrou e inspecionou a minha figura estendida no chão, com os

braços e as pernas ligeiramente afastados, e fez-me rebolar com uma poderosa sapatada.

– Se lhe der um pontapé e fugir na direção oposta para o atrair, corres para o abrigo? –

perguntou-me o Jude baixinho.

– Faz o que te estou a pedir, por favor – respondi eu com voz trémula. –

Tenho um plano.

O urso-pardo rugiu a centímetros da minha cara. Incapaz de reagir, deixei-me ficar imóvel como

uma estátua, enquanto o bafo quente dele me fustigava como uma rajada de vento húmido. Pôs-se a

andar de lado, apoiando o peso ora numa pata, ora na outra e levantando de vez em quando a cabeça,

claramente agitado.

– O teu plano não está a resultar – sussurrou-me o Jude.

– Ó meu Deus – murmurei, tão baixinho que nem o Jude poderia ouvir-me. – Diz-me o que fazer.

Um urso pode efetuar várias manobras de intimidação antes de recuar. Manter a posição.

O corpulento urso-pardo girou na direção do Jude, fazendo embater repetidamente as patas

dianteiras na neve, parecendo desafiá-lo a retaliar. O Jude não se mexeu. O urso esboçou um golpe

com a pata, tentando mais uma vez instigá-lo a entrar em ação. Mordeu-lhe a perna e sacudiu-o, mas

a mordedura não podia ter sido profunda, pois o Jude permaneceu imóvel e não emitiu um único

ruído.

E nisto, como que por milagre, quer porque se tenha aborrecido, quer por ter deixado de nos ver

como uma ameaça, o animal afastou-se pesadamente, desaparecendo entre as

árvores.

Levantei a cabeça devagarinho, espreitando as sombras onde deixara de o ver. Toda eu tremia de

medo. Passei a mão pelo rosto, só então me dando conta de que escorria baba de urso.

O Jude puxou-me para cima até ficar de joelhos e apertou-me nos braços. Embalou-me a cabeça

contra o peito e ouvi o coração dele a bater furiosamente.

– Tive tanto medo de que te atacasse – disse-me ele ao ouvido, com a voz rouca de emoção.

Deixei-me envolver pelo abraço dele, subitamente esgotada.

– Sei que querias que fugisse para me protegeres, mas se morresses, Jude, se te acontecesse

alguma coisa e eu ficasse aqui sozinha... – Engasguei-me, incapaz de prosseguir. O peso daquela

possibilidade sombria parecia querer esmagar-me. O isolamento e o desespero, as probabilidades

descomunais contra mim...

– Não, tinhas razão – murmurou ele com uma voz grave e arranhada, apertando-me nos braços. –

Salvaste-me a vida. Somos uma equipa. Estamos nisto juntos. – Deixou escapar uma curta e dolorosa

gargalhada de alívio. – Só tu e eu, Britt.

Já no acampamento, à luz da fogueira, o Jude arregaçou a perna das calças de ganga até ao joelho,

revelando a mordedura ensanguentada.

– Estás a sangrar! – exclamei. – Precisas de primeiros socorros. Temos algum estojo de

primeiros socorros?

O Jude encolheu-se de dor e estendeu a mão para o equipamento dele.

– Temos aguardente e gaze. Vou ficar fino.

– E se isso infetar?

Ele olhou-me nos olhos.

– Nesse caso, estou tramado.

– Precisas de cuidados médicos.

Assim que o disse, apercebi-me da futilidade do comentário. Onde iríamos nós arranjar um

médico, já para não falar num hospital?

– Tendo em conta o estrago que o urso podia ter feito, acho que não me saí muito mal. – Verteu

o que restava da aguardente sobre a ferida, lavando o sangue, que lhe escorreu pela perna abaixo. A

seguir, enrolou a fita de gaze à volta da perna até acabar, e fixou-a com dois alfinetes de bebé.

– Gostava de poder ajudar – disse eu, sentindo-me inútil. – Quem me dera que houvesse qualquer

coisa que pudesse fazer.

O Jude atirou uma acha para a fogueira.

– Distrai-me. Vamos fazer um jogo.

– Vais-me tentar convencer a jogar ao Verdade ou Consequência? – gracejei, procurando distraí-

lo da dor. Para dar ênfase às palavras, ergui uma sobrancelha. Ele riu-se, divertido.

– Fala-me do sítio mais quente onde já estiveste. O sítio mais tropical que consigas imaginar.

– Psicologia invertida? – adivinhei.

– Vale a pena tentar.

Bati com a ponta do dedo no queixo, pensativa.

– O Parque Nacional dos Arcos, no Utah. A minha família passou lá uma semana, no verão

passado. Imagina só: um calor tórrido, ao qual é impossível escapar, que coze a terra seca e gretada;

a abóbada celeste mais azul que alguma vez verás coroa um deserto de rochas em tons de ocre que a

erosão converteu em arcos, pináculos e barbatanas de arenito; erguem-se da terra como estátuas

alienígenas. É como uma cena de um romance de ficção científica. Quem diz que o deserto não é

bonito nunca foi a Moab. Pronto, é a tua vez.

– Quando éramos mais novos, eu e a minha irmã costumávamos mergulhar em busca de orelhas-

do-mar na praia Van Damme, na Califórnia. Não faz tanto calor como no deserto, mas depois do

mergulho deitávamo-nos sempre na areia cinzenta a secar ao sol. Ficávamos ali estendidos até nos

sentirmos completamente moles e sem energia. Prometíamos sempre um ao outro que não

esperaríamos até nos sentirmos adoentados com o calor para pegar nas nossas coisas e deixar a

praia, mas nunca conseguíamos cumprir a promessa. Já quase a delirar, partíamos aos tropeções em

busca do meu carro e eu levava-a a um café na zona para comermos gelados. Ficávamos sentados ao

pé do ar condicionado, a tremer de frio e zonzos graças à insolação. – A aparente contradição fê-lo

sorrir.

Tentei imaginar o Jude com a irmã, com entes queridos, todo um passado. Nunca o tinha visto em

toda sua dimensão, só como era agora: o homem que me tinha raptado. A história dele abria uma

nova porta, e dei por mim a querer espreitar lá para dentro. Queria muito conhecer as outras versões

do Jude.

– Já te sentes mais quente? – zombei. Queria fazê-lo contar mais histórias da vida dele, mas não

queria parecer *demasiado* interessada. Não sabia se estava preparada para lhe dar a entender que a

opinião que tinha sobre ele começava a alterar-se.

– Um pouco.

– O que são orelhas-do-mar?

– Caracóis marinhos comestíveis.

Fiz uma careta. Não era grande apreciadora de marisco, sobretudo de criaturas *gosmentas*.

– Nem penses – disse o Jude ao ver a minha cara, abanando a cabeça com ar reprovador. – Não

te podes armar em snobe antes de provares. Quando sairmos desta montanha, a primeira coisa que

vou fazer é obrigar-te a comer orelhas-do-mar. Faço questão de ser eu próprio a cozinhá-las, numa

fogueira na praia, para poderes saboreá-las como deve ser.

Falava num tom superior, de fingida arrogância, mas as palavras dele fizeram-me engolir em

seco. Quando saísse da montanha, não seria para passar tempo com o Jude. Ele devia sabê-lo muito

bem. Era procurado pela polícia. Já eu...

Eu só queria que a minha vida regressasse à normalidade.

– Não é nada fácil apanhá-las – estava ele a dizer. – Os melhores sítios para procurar são as

rochas do fundo do mar, perto da costa. Há quem tente apanhar orelhas-do-mar da costa, mas o

melhor é mergulhar em apneia, que é exatamente o que parece: sustar a respiração debaixo de água o

mais que se puder.

– É perigoso?

– Mesmo que saibas o que estás a fazer, ser apanhado na maré pode desorientar-te. O vaivém

constante dificulta a tarefa de encontrar pé ou manter uma posição fixa. O movimento é constante, e

muitos mergulhadores não conseguem relaxar. A maior parte das pessoas não se submete de boa

vontade a uma força muito mais poderosa do que elas. Montes de mergulhadores têm vertigens. E é aí

que o mergulho se torna perigoso. Se deixamos de saber para que lado é a costa, ou pior, onde fica a

superfície, podemos ter problemas. Para tornar a situação mais difícil, há algas gigantes por todo o

lado e, em águas turvas, os caules parecem madeixas de cabelo a serpentear. Nem sei dizer quantas

vezes pensei ter alguém a boiar ao meu lado e descobri que afinal eram apenas algas a ondular ao

sabor da corrente.

– Só fui à costa uma vez, imagina. E é por isso que nestas férias devia ter preferido o Havai em

vez de querer vir para as montanhas fazer caminhadas de mochila às costas – acrescentei com uma

gargalhada triste.

– Fica para o ano – sugeriu ele cheio de otimismo, com um sorriso rasgado

que lhe iluminou o

rosto.

Estudei-lhe a expressão risonha e aberta e tentei conciliar aquela versão dele, a do mergulhador

despreocupado, com o Jude que pensava conhecer. Apesar da forma como nos tínhamos conhecido,

das circunstâncias que nos aprisionavam ali, ao longo dos últimos três dias ele tinha-me protegido e

respeitado. A opinião que tinha dele estava-se realmente a alterar. Queria saber mais sobre o Jude e

queria dar-lhe parte de mim.

Sem pensar, dei-lhe uma palmada na coxa e disse:

– Sabes que mais? Por acaso, até já me *sinto* mais quente.

Recolhi imediatamente a mão e passei-a pelo cabelo, como se não houvesse nada fora do vulgar.

Como se a dinâmica entre nós não tivesse mudado.

Acordei com um salto e, ligeiramente ofegante, fixei o emaranhado de raízes por cima da minha

cabeça. Um pesadelo. Sentia o couro cabeludo pegajoso e um calor excessivo sob as várias camadas

de roupa e cobertores. Sentei-me e tirei o casaco, esfregando nele o rosto antes de o pôr de lado.

Inspirei fundo várias vezes, tentando recuperar o fôlego.

Fiz alguns movimentos rotativos com a cabeça na tentativa de regressar à

realidade e afugentar

qualquer memória remota de como me sentira ao sonhar que o Jude estendia o corpo esguio e atlético

por cima do meu e encostava a boca à minha.

Tinha perfeita noção de que não passava de um sonho, mas era um que me deixava trémula, numa

ânsia dolorosa.

Alguns minutos depois, voltei a encostar-me para trás com um suspiro, mas não fechei os olhos.

Tinha medo de adormecer. E se voltasse a ter o mesmo sonho? De forma inexplicável, atraía-me com

uma urgência que me fazia sentir ao mesmo tempo intensamente viva e alarmada.

Com um gemido de frustração, virei-me de lado.

O Jude estava de olhos abertos, a observar-me. Com uma voz ensonada, murmurou:

– O que foi?

– Um sonho desagradável.

Estávamos frente a frente, a centímetros um do outro, e quando dobrei o joelho para me colocar

numa posição mais confortável, toquei-lhe na perna sem querer. Senti um choque elétrico à flor da

pele.

Ele soergueu-se, apoiando-se no cotovelo, e tocou-me no braço.

– Estás a tremer.

– Parecia real – sussurrei.

Os nossos olhos encontraram-se na escuridão. Observámo-nos um ao outro em silêncio. A minha

pulsação disparou.

– Conta-me – pediu ele baixinho.

Ceguei-me ainda mais a ele até ficar na metade da cama que lhe pertencia, protegida debaixo do

corpo que pairava ligeiramente acima do meu. Era um ato temerário, talvez até uma estupidez. De um

ponto distante, ouvi a voz da razão a pedir-me para que pensasse melhor. Não dera pelo clique, mas

sabia que a minha cabeça tinha perdido a batalha e que o meu corpo tomara as rédeas da situação.

Ainda me lembrava do beijo húmido e sensual do Jude no sonho e tinha de saber se ele era capaz de

me fazer reagir da mesma maneira, agora que estava acordada.

– Começou assim – disse eu no mesmo tom abafado. *Comigo. Debaixo de ti.*

O Jude afastou-me um fio de cabelo do rosto com um gesto hesitante, dividido. Vi-lhe uma

expressão enigmática nos olhos castanhos. Era impossível saber aquilo em que estava a pensar ou o

que faria a seguir. Imaginei-me a passar-lhe as mãos pelos braços muscudos acima, mas fiquei

imóvel, quase sem respirar, a fazer segundas leituras do meu próprio atrevimento. Começava a

perder a coragem e a pensar em rebolar para o meu lado da cama, quando a voz dele cortou o

silêncio.

– Britt. – O rosto dele perscrutou o meu, como se precisasse de saber se aquilo era mesmo o que

eu queria.

E eu queria muito que aquilo acontecesse. Já o desejava há algum tempo. Embora fosse

moralmente condenável, era a verdade.

Estar ali assim com o Jude era uma loucura. Não havia como o negar. Mas ter acabado de

enfrentar a morte parecia provocar-me uma vontade urgente de me sentir viva – e o toque dele era a

única coisa que me fazia sentir viva naquele momento.

O Jude afagou-me o rosto e acariciou-me uma sobrancelha com um gesto delicado do polegar.

– Foi um pesadelo?

Engoli em seco.

– Não. Foi assustador.

– Sentes-te assustada, agora?

Passei-lhe a mão por trás do pescoço, correndo os dedos pelo cabelo curto. Puxei-o para mim até

os nossos lábios praticamente se tocarem. Sentia o movimento do peito dele ao respirar. Eu mal

respirava, sentindo o ritmo hipnótico do meu próprio coração. O momento parecia irreal, uma

alucinação. A voz saiu-lhe arranhada.

– Britt...

Encostei um dedo aos lábios dele.

– Não fales.

A sugestão era mais para mim própria, pois se falássemos, iria começar a pensar. E se pensasse

bem no que se estava a passar, iria perceber que estava a cometer um grande erro. Gostava da

impressão ligeiramente inebriante de sentir a cabeça nas nuvens. Com os pensamentos silenciados,

sentia-me poderosa e arrebatadora, capaz de tudo.

Os lábios do Jude roçaram os meus e o meu corpo pareceu transformar-se em água a ferver,

borbulhante e imparável. O Jude aprofundou o beijo, passando um braço por baixo de mim e

erguendo-me contra ele. Corri-lhe as mãos pelo peito, sentindo-lhe os músculos a retesarem-se

enquanto continha um violento espasmo de desejo. Agarrei-me aos ombros dele, perdendo-me na

intensidade do beijo.

Beijou-me ao de leve no lóbulo da orelha. Depois, com mais intensidade, na base da garganta.

Deixei-me ficar de olhos fechados, a sentir o chão por baixo de nós a andar à roda. O Jude

provocou-me com pequenas dentadas, afastando-me as pernas com um joelho. Sentia o calor distante

da fogueira como se pairasse acima de mim própria – insignificante em comparação com o fogo que

as mãos do Jude espalhavam pelo meu corpo enquanto me acariciava com a mesma sofreguidão que

eu sentia ao enterrar-lhe as unhas na pele para o manter bem perto.

Ele arrastou-me para cima até ficarmos de joelhos, frente a frente na escuridão fumarenta, unidos

num beijo selvagem, sem barreiras, até sentir os lábios inchados e doridos. Sentei-me nas ancas do

Jude, colando-me ao toque dele. Tinha uma das mãos nas minhas costas enquanto a outra me traçava

um padrão delicado e sedutor ao longo do peito. Terminou o esboço invisível com um beijo no vale

entre os meus seios, e estremeci de prazer.

Desapertei-lhe o fecho do casaco e puxei-o para baixo, livrando-me apressadamente dele. Sem

aquele obstáculo, corri-lhe os dedos pelo ventre liso até sentir o frio metálico do botão das calças de

ganga. Sem aviso prévio, o gesto trouxe-me à lembrança o Calvin; como era tocar o corpo dele. O

fantasma dele invadiu-me os pensamentos, e era como se de repente ele ali estivesse em carne e

osso, no espaço entre nós.

O Jude continuou a beijar-me, ávido, mas eu afastei-me bruscamente, a tentar recuperar o fôlego.

Não podia fazer aquilo. Não podia beijar o Jude e pensar no Calvin.

O corpo do Jude retesou-se. Pensei logo que tinha adivinhado a razão da minha relutância e tentei

encontrar uma forma de me explicar. O Cal fora o meu primeiro namorado, o único outro rapaz por

quem me interessara. Não seria fácil esquecê-lo.

Ouvi-o arquejar, tenso, numa postura rígida, ao virar a cabeça para a entrada do abrigo de ouvido

à escuta, e foi então que percebi que o motivo era outro.

– O que foi? – sussurrei-lhe, agarrando-me a ele cheia de medo.

Os lábios dele roçaram-me a orelha quando falou.

– Vou lá fora dar uma vista de olhos. Não saias daqui.

– Jude? E se... – Não consegui concluir a frase. O medo era como ter uma pedra entalada na

garganta.

– Não me demoro – assegurou-me ele, ao mesmo tempo que pegava numa lanterna.

Fiquei encolhida à espera dele. Os minutos pareciam arrastar-se e comecei a arrefecer, mas não

me atrevi a procurar o calor da fogueira que ficava mesmo à saída do nosso esconderijo – lá fora,

onde algo na escuridão assustara o Jude.

Ao fim do que me pareceu uma eternidade ouvi os passos dele na neve. Quando se baixou para

entrar no abrigo percebi logo que tínhamos problemas.

– Pegadas de urso-pardo – disse ele, sisudo. – A fogueira deve tê-lo mantido à distância, mas

acho que nos anda a perseguir.

Capítulo vinte e cinco

– Temos de levantar acampamento – disse eu, tateando às cegas os cantos sombrios do nosso

refúgio à procura da minha mochila.

O Jude agarrou-me pelo pulso, forçando-me a parar.

– Eia. Está tudo bem, Britt, não entres em pânico – disse ele numa voz tranquilizadora. – Só

temos de manter a fogueira acesa. Por muito curioso ou esfomeado que esteja, não vai atravessá-la

para chegar até nós. Esta manhã apanhei mais lenha; deve ser suficiente para manter a fogueira acesa

durante a noite. Amanhã, sigo as pegadas dele, localizo-o, e vamos contornando a zona onde estiver a

caminho de Idlewilde.

– Tenho medo – sussurrei. Sentia-me ligeiramente tocada e desinibida desde

que bebera a

aguardente, mas nem o álcool podia mascarar a preocupação que se agitava dentro de mim como gelo

derretido. Um urso-pardo. Se a fogueira se extinguísse, se viesse atrás de nós, se tivéssemos de

fugir... Nunca estaríamos à altura de um animal mortífero como aquele.

O Jude puxou-me para os braços dele. Recostou-se e fiquei sentada com as costas apoiadas ao

peito dele, as suas longas pernas esticadas lado a lado com as minhas. Amparando-me contra o corpo

dele, apertou-me nos braços de forma protetora.

– Já te sentes melhor? – murmurou-me ele ao ouvido. Repousei a cabeça no ombro dele.

– Ainda bem que estás aqui, Jude. Ainda bem que nos temos um ao outro.

A respiração dele agitava-me o cabelo.

– Sim.

– Pode parecer estranho, mas quase me sinto... *mais* capaz contigo por perto. Sinto mesmo que

estamos nisto juntos, se é que faz algum sentido.

– Faz todo o sentido.

Se em vez dele estivesse ali o Calvin, não lhe poderia dizer o mesmo. Sempre o tinha deixado

cuidar de mim. Quando saíamos, mesmo que levássemos o meu carro, era ele quem conduzia. Era o

Calvin quem pagava o jantar. Se estivesse a chover e eu me tivesse esquecido do casaco,

massacrava-o até me emprestar o dele. Queria que me venerasse, que me protegesse, que fizesse tudo

por mim. Quando ele não se mostrava à altura das minhas expectativas, fingia-me indefesa para o

obrigar a dar-me atenção. Com o Jude, confiava na minha capacidade de tomar conta de mim própria.

Sentia segurança, não desespero. Complementávamo-nos.

O Jude afastou-me o cabelo do ombro e beijou-me o pescoço.

– Diz-me em que estás a pensar.

Arqueei o pescoço, convidando-o a continuar. Fechei os olhos, sentindo a pele arrepiar-se sob a

pressão suave dos lábios dele.

– Como é que sabes que não te estou a seduzir para me ajudares a chegar a Idlewilde? –

perguntei, para o espicaçar. Apercebi-me vagamente de que aquilo ia parecer um tanto atrevido da

minha parte, mas a aguardente tinha-me relaxado e pouco me importava. O Jude acariciou-me o

pescoço com a ponta do nariz.

– Quando fazes *bluff*, a tua sobrancelha esquerda mexe-se. Não a vi mexer durante toda a noite.

Além disso, já prometi que te vou levar lá em segurança. Não há necessidade de fazer estes jogos.

Afastei-me um pouco, indignada.

– Não tenho tiques na sobrancelha.

O Jude observou-me com um sorriso indolente, como se estivesse a pesar os prós e os contras de

discorrer sobre o assunto.

– Quando estás de bom humor, fazes um sorrisinho matreiro – continuou ele, para reforçar a tese.

– Quando estás irritada, apertas os lábios e franzes as sobrancelhas.

Levantei-me até ficar de joelhos e apoiei os punhos nas ancas.

– Mais alguma coisa? – perguntei, picada.

Ele passou um polegar pelo nariz para reprimir um sorriso.

– Quando me beijas, fazes um ruído gutural, como se estivesses a ronronar. É tão subtil que tenho

de te estar a tocar para o ouvir.

Corei violentamente.

– Devíamos voltar a beijar-nos e ver a que outras conclusões consigo chegar – sugeriu ele.

– Oh, sim, depois de me insultares!

– Queres que pense que te sentes insultada, mas a tua sobrancelha esquerda está a mexer-se. Estás

a fazer *bluff*. – Ante o meu ar exasperado, encolheu os ombros e ergueu as mãos como quem diz: *É*

mais forte do que eu.

Dei-me conta de que para chegar a todas aquelas conclusões, o Jude devia ter passado *muito*

tempo a analisar-me. Lembrei-me das ocasiões em que o tinha apanhado a observar-me. Na altura,

assumira que me estava só a controlar para se certificar de que não fugia, mas agora perguntava-me

se não estaria a tentar encaixar as peças, como num *puzzle*, porque sentia um interesse profundo em

mim. A ideia deixou-me ligeiramente ofegante.

– Pois bem – disse eu por fim. – Digamos que *permito* que me voltes a beijar.
– Fiquei de gatas

diante dele, com um sorriso tentador. A minha capacidade de raciocínio não estava completamente

ausente, mas o álcool proporcionava-me uma agradável sensação de euforia. Sentia-me viva, cheia

de energia e até um pouco aventureira. – Primeiro, quero estabelecer algumas regras.

– Tens toda a minha atenção.

– Quando é que soubeste que me querias beijar pela primeira vez?

– É essa a tua regra?

– Gosto de recolher alguma informação antes de ditar a lei.

– Bem, bem, que mandona que estás. Dou-te um dedo e exiges logo um braço, e sabe-se lá mais o

quê.

O meu sorriso alargou-se.

– Responde.

Ele encostou-se para trás e coçou a cabeça com gestos teatrais, como se lembrar-se do momento

exato exigisse um grande esforço.

– Leva o tempo que quiseres – disse eu em tom de fingida doçura. – Quanto mais demorares, mais

tempo terás de aguentar até nos beijarmos.

– A primeira vez que senti vontade de te beijar – disse ele, pensativo, a coçar o queixo. – Foi na

loja da estação de serviço, assim que soube que tinhas dito ao Calvin que agora estavas comigo. Tão

cedo não vou esquecer a expressão de ressentimento dele, mas a tua foi impagável. Nunca vi ninguém

a esforçar-se tanto para não parecer aliviado. Tinhas-nos aos dois na palma da mão. Apeteceu-me

beijar-te e, se bem me lembro, foi o que fiz.

Franzi o sobrolho enquanto tentava puxar pela memória.

– *Aquele* beijo? Foi tão puro como um livro de Salmos.

– Não quis abusar.

O que me pareceu muito duvidoso. Quanto mais conhecia o Jude, mais aquele verniz de modéstia

se ia desgastando. Era evidente que ainda possuía traços do adolescente arrogante e cheio de atitude

que alegara ter deixado para trás.

– Não sou do tipo de ter intimidades com estranhos – disse-lhe. – E continuo sem saber o que te

trouxe ao Wyoming e como acabaste envolvido com o Shaun.

O Jude estudou-me em silêncio por alguns instantes.

– Há coisas que gostava de te poder dizer, mas não posso. Sei que parece uma desculpa

esfarrapada, mas é a melhor explicação que te posso dar neste momento. Gosto muito de ti, Britt. Só

quero o teu bem. Tenho imensa pena que tenhas sido arrastada para esta história sórdida e vou fazer

tudo o que estiver ao meu alcance para voltares para casa sã e salva.

Nenhum de nós falou sobre o que viria a seguir. O Jude era procurado pela polícia. Cúmplice, no

mínimo. E se a Korbie tivesse sido resgatada pelo irmão, talvez até já tivesse dito à polícia que o

Jude era um dos raptos. Não tínhamos forma de saber qual a extensão das acusações que o Jude

teria de enfrentar. Naquele momento, não queria imaginar o pior. Não queria pensar no *depois*, ponto

final.

– Tens namorada? – O Jude não me parecia do tipo infiel, mas era uma pergunta legítima. Ele

sabia que do meu lado não havia mais ninguém. Se ia mesmo dar um passo de que me poderia muito

bem vir a arrepender (e, contra tudo o que a minha consciência me dizia, estava a considerar fazê-

lo), queria ter a certeza de que não estaria a arrastar uma terceira pessoa para a confusão.

– Não.

– Só isso? Só «não»? Sem explicações?

– Fizeste-me uma pergunta direta. Dadas as alternativas – «sim» e «talvez» – pensei que ias ficar

contente com a resposta.

– Estás a gozar comigo.

Ele sorriu.

– Não, não tenho namorada, Britt. O meu último relacionamento sério foi há um ano. Nunca fui

infidel a nenhuma das raparigas com quem estive. Se a tentação surge, é porque algo não está bem na

relação, e se não consigo resolver o problema, acabo tudo. Não gosto de magoar as pessoas.

– Excelente resposta, sr. Jude...

Vi-o a hesitar, a avaliar-me.

– Van Sant. Jude Van Sant. É esse o meu nome verdadeiro.

Esticou um braço e agarrou-me pelo pulso. Traçou com um polegar um círculo lento na palma da

minha mão.

– Mais devagar – disse eu, encostando-lhe um dedo aos lábios quando se inclinou para me beijar.

– Gosto deste teu lado mais aberto. Quero que me contes mais segredos teus.

– Há coisas que tens de ser tu própria a descobrir.

E com isto, puxou-me para cima dele.

Capítulo vinte e seis

Esgotado o feitiço da aguardente, algo na luz oblíqua da manhã que a árvore coava trouxe-me à

memória a noite anterior com uma nitidez terrível. Fiquei estendida no chão, chocada e incapaz de

me mexer, enquanto desfiava os pormenores das minhas ações.

Tinha curtido com o Jude, o homem de quem era refém. O facto de ele ser atraente, *sexy* e cioso

do meu bem-estar e da minha segurança era absolutamente irrelevante.

Mantive os olhos fechados, fingindo que dormia, vários minutos depois de acordar, embora

pudesse ouvi-lo a remexer-se. Explorei mentalmente várias formas de iniciar a conversa. Não me

ocorria nenhuma que fosse apropriada. Onde tinha eu a cabeça ao beber a aguardente? O resultado

tinha sido acabar aos beijos com ele.

Não. Tinha-me sentido atraída pelo Jude quando ainda estava cem por cento sóbria. Podia até

tentar *convencê-lo* de que tinha sido culpa do álcool, mas não podia enganar-

me a mim própria.

Tinha curtido com ele porque quisera. Era embaraçoso admiti-lo, mas era a verdade.

Esfreguei a testa com a palma da mão e fiz uma careta. O único remédio era despachar o

constrangimento do dia seguinte.

– Acerca de ontem à noite... – comecei eu a dizer, ao mesmo tempo que me endireitava na cama

com a cabeça a latejar. Perplexa, dei-me conta de que estava a experimentar a minha primeira

ressaca. Embora ligeira, era sem sombra de dúvida uma *ressaca*. O lado positivo, se tal coisa

existia, era que o meu pai não estava ali para me ver naquele estado lastimável. Infelizmente, não me

podia poupar à mesma humilhação.

Fingindo um interesse profundo na tarefa de apertar os atacadores das botas, mantive a cabeça

baixa para evitar ter de o encarar.

– O que nós fizemos foi uma estupidez, obviamente. Um erro. – Um erro *colossal*. – Bebi de mais

e, francamente, não sei onde tinha a cabeça. Quem me dera poder voltar atrás.

O Jude não teceu qualquer comentário.

– Já estava quase inconsciente quando... quando fizemos o que fizemos. Não me lembro de

metade. – Ai, se pelo menos aquilo fosse verdade. Na realidade, a memória atormentava-me com

uma descrição passo a passo, até ao mínimo detalhe. – O que quer que tenha acontecido entre nós,

não foi intenção minha. O verdadeiro eu não participou, quero eu dizer.

Como o Jude continuava sem reagir, lancei-lhe um olhar de relance. A forma atenta e meditativa

como me observava tornava impossível perceber aquilo em que estava a pensar. Certamente

partilhava a minha opinião. Não partilhava? Havia tantas perguntas que lhe queria fazer, mas contive-

me. Não ia tentar racionalizar o meu comportamento. A opinião dele pouco importava. Cometera um

erro monumental, ponto final. E o Jude era a pior pessoa com a qual podia tê-lo cometido.

Ele sentou-se na cama e espreguiçou-se, lânguido como um gato. Ajoelhou-se, enfiou o cinto nas

calças, apertou-o e olhou-me de esguelha.

– Quanto tempo levaste a preparar esse discurso?

Franzi o sobrolho.

– Não fiz discurso nenhum. Falei de improviso.

– Ótimo. Isso explica porque foi tão mau.

– Mau? Perdão?

– Não estavas com os copos, Britt. Ficaste alegre, sim, mas não te esqueças

de que eu bebi

metade da garrafa. Vou tentar não ficar ofendido por me julgares capaz de me aproveitar de ti

enquanto estavas embriagada. E se é assim que tu beijas um rapaz quando estás com os copos, mal

posso esperar para ver como beijas quando estás completamente sóbria.

Fixei-o, embasbacada. Não sabia como lhe responder. Estaria a fazer troça de mim? Numa altura

daquelas?

– Quando é que foste beijada pela última vez? – continuou ele, na mais perfeita descontração. – E

não estou a falar daqueles beijos sem graça, desconsolados e vazios que esqueces assim que chegam

ao fim.

Saí do meu assombro a tempo de replicar:

– Como os de ontem à noite, queres tu dizer?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Ai, sim? Então, pergunto-me porque terás gemido o meu nome depois de adormecer.

– Mentira!

– Quem me dera ter tido uma câmara de vídeo. Quando foi a última vez que te beijaram a sério? –

repetiu ele.

– Achas mesmo que te vou dizer?

– Foi o teu ex? – adivinhou ele.

– E se foi?

– Foi com ele que aprendeste a sentir-te envergonhada e pouco à vontade com a intimidade

física? Tomava o que queria de ti, mas nunca estava por perto quando precisavas de qualquer coisa

em troca, não é assim? O que é que tu queres, Britt? – perguntou-me ele à queima-roupa. – Queres

mesmo fingir que a noite passada não aconteceu?

– O que quer que tenha acontecido entre mim e o Calvin não é da tua conta – disparei. – Para tua

informação, era um namorado fantástico. Quem... quem me dera estar agora com ele! – menti.

O meu comentário cruel fê-lo retrair-se, mas recuperou rapidamente.

– Ele gosta de ti, pelo menos?

– O quê? – disse eu, atrapalhada.

– Se o conheces assim tão bem, não deve ser difícil responder. Está apaixonado por ti? Alguma

vez esteve?

Empinei o nariz, altiva.

– Eu sei o que estás a fazer. Estás só a tentar ofendê-lo porque... porque tens ciúmes dele!

– Podes crer que tenho ciúmes – rosnou ele. – Quando beijo uma rapariga gosto de saber que está

a pensar em mim e não no idiota que não lhe soube dar valor.

Virei-lhe as costas, humilhada por ter adivinhado a verdade. Podia tentar negá-lo, mas o Jude não

se deixaria enganar. A atmosfera entre nós parecia tensa, carregada, e fiquei ali parada, a odiá-lo por

me fazer sentir culpada. A odiar-me a mim própria por ter permitido que as coisas chegassem àquele

ponto. Havia um nome para as pessoas que se apaixonavam pelos seus raptos. Aquilo não era uma

atração a sério, mas sim uma lavagem ao cérebro. Desejei não o ter beijado. Desejei nunca ter

conhecido o Jude.

Ele atou as botas, apertando excessivamente o nó.

– Vou montar umas quantas armadilhas e, com sorte, trazer qualquer coisa para o pequeno-

almoço. Não devo demorar mais de duas horas.

– E o urso-pardo?

– Acabei de pôr duas achas na fogueira. Não vai atravessá-la para chegar a ti.

– Mas... e tu? – Mantive um tom de voz cuidadosamente indiferente.

O Jude lançou-me um sorriso frio, carregado de sarcasmo.

– Não me digas que estás preocupada comigo?

Como não me ocorreu nenhum comentário maldoso, mostrei-lhe a língua. O Jude abanou a

cabeça.

– Mais exercícios de língua? Pensei que tinhas praticado que chegue ontem à noite.

– Vai para o inferno.

– Lamento dizer-te, querida, mas já lá estamos.

E sem mais, desapareceu no meio da floresta nevada.

Quando o Jude deixou o refúgio, decidi fazer um inventário dos nossos recursos. O projeto

serviria para manter a minha mente ocupada e impedir-me de analisar a fundo o beijo da noite

anterior. Não queria tentar perceber o que realmente sentia por ele. Não queria admitir que, se calhar,

tinha dado um passo maior do que a perna.

Íamos levar um dia inteiro a chegar a Idlewilde, e eu queria ter a certeza de que, se fôssemos

apanhados noutra tempestade ou se encontrássemos outro obstáculo qualquer, sabia quais os

mantimentos de que dispúnhamos. Abri a mochila do Jude e comecei a organizar o conteúdo em três

categorias: equipamento de dormir, comida e utensílios.

Quando cheguei ao fundo da mochila, encontrei um pequeno saco de lona que continha vários

objetos, mas não havia fecho de correr nem qualquer orifício que se visse. Na verdade, era como se

tivesse sido cosido. As arestas dos objetos esticavam o tecido, mas não era possível aceder-lhes.

Saber que o Jude escondia alguma coisa não me devia ter surpreendido, principalmente depois de

tanta insistência sobre a importância dos segredos. No entanto, quando me servi do canivete que tinha

trazido da cabana da guarda-florestal para abrir a costura e vi o que o saco continha, fiquei

verdadeiramente estarrecida.

Não, estarrecida, não. Em choque. Atordoada e incrédula. Enojada.

Retirei lá de dentro a fotografia de uma rapariga. Tinha sido tirada sem ela dar por isso, a alguma

distância, mas havia uma expressão estranhamente vigilante nos olhos dela. O sorriso insolente

parecia fazer troça da máquina fotográfica, e os olhos faiscavam de desprezo, como se com um mero

olhar penetrante estivesse a fazer um manguito ao mundo.

A Lauren Huntsman. A colunável que tinha desaparecido em abril do ano anterior enquanto

passava férias com a família em Jackson Hole.

Porque teria o Jude uma fotografia dela? E não se tratava de uma fotografia qualquer, mas sim

uma que fora tirada sem a permissão dela. Era como se tivesse andado a

espiá-la.

Voltei a espreitar para dentro do saco de lona e, desta vez, tirei de lá um par de algemas. Senti o

estômago a azedar. Por que motivo andaria o Jude com algemas? Só me ocorria uma explicação e não

era nada agradável.

A seguir, manuseei o diário da Lauren. Era imoral devassar assim a privacidade dela, mas ao

folhear as páginas, disse a mim própria que era só para verificar se mencionava o Jude. Tinha de

saber que ligação havia entre eles, mas um mau pressentimento dizia-me que já sabia.

Esta noite vou sair para dançar. Jackson Hole, prepara-te. Vai ser uma

daquelas noites. Plano A: Apanhar uma peela de caixão à cova. Plano B: Fazer algo

de que me vou arrepender. Plano C: ir parar à prisão. Pontos extra se conseguir

fazer as três coisas. Mal posso esperar para ver a cara da M, amanhã. Saberei

que falhei redondamente se ela não rebentar em lágrimas pelo menos uma vez

durante o jantar. Bem, lá vou eu... Deseja-me sorte!

Beijos e abraços, Lauren.

Era tudo. O diário da Lauren Huntsman terminava bruscamente no dia 17 de abril do ano anterior.

Sem qualquer referência ao Jude.

As minhas mãos só começaram a tremer a sério quando retirei do saco o último objeto. Um

medalhão de ouro em forma de coração. Lembrava-me vagamente de ter assistido a uma das

conferências de imprensa relacionadas com o desaparecimento da Lauren. O pai tinha exibido

perante as câmaras um esboço do medalhão que a Lauren usava desde pequena, insistindo que tinha

de o ter com ela na noite em que desaparecera.

Era óbvio o que levara o Jude a esforçar-se tanto para esconder o conteúdo do saco. As provas

eram irrefutáveis.

Lembrei-me de uma conversa entre o Jude e o Shaun que ouvira sem querer. A princípio, as

palavras tinham-me intrigado, mas agora que já tinha um contexto, faziam-me gelar o sangue.

Quem manda aqui sou eu, Ás. Eu é que tomo as decisões. Trouxe-te comigo para cumprires

uma tarefa. Concentra-te nisso.

E a seguir, a perturbadora resposta do Jude: *Já trabalhamos juntos há quase um ano. Pensa em*

tudo o que fiz por ti.

A Lauren Huntsman tinha desaparecido há um ano. Estaria o Jude envolvido no desaparecimento

dela? Tê-la-ia *assassinado*? Seria essa a tarefa – matar alguém?

Tê-la-ia seduzido primeiro, como me seduzira a mim?

Comecei a sentir a cabeça a andar à roda e um azedume a subir-me à garganta. Quando me

lembrava de ter beijado o Jude, era como se me atirassem um balde de água gelada. Lembrava-me de

estar deitada, aprisionada pelo corpo dele, da proximidade arrebatadora. Lembrava-me das mãos

dele a insinuarem-se por baixo da minha camisola. Por todo o lado. Tinha-me arrepiado nessa altura

e arrepiava-me agora. Sentia-me conspurcada. E se ele me pretendia seduzir e a seguir matar?

Nunca devia ter confiado nele.

Continuava abalada cinco minutos depois, quando acabei de enfiar os pertences da Lauren e os

mantimentos do Jude na minha mochila. Procurei o mapa do Calvin por toda a parte, mas o Jude

tinha-o levado com ele. Não importava. Sabia que Idlewilde ficava a pouco mais de seis

quilómetros, do outro lado de dois lagos glaciares unidos por um pequeno estreito. A água estaria

congelada e seria possível atravessar o estreito a pé. Tinha receio de percorrer a floresta sozinha,

mas não podia continuar ali. Não tinha forma de remendar o saco de lona. O Jude sabia que tinha

descoberto o segredo dele e isso mudaria tudo.

Icei a pesada mochila para os ombros. A ideia era partir o mais depressa possível, mas algo me

fez parar à entrada do nosso refúgio.

Senti um aperto no estômago ao olhar para os ramos esmagados que nos tinham servido de cama.

Pensei nos subtis gestos de caridade do Jude ao longo dos últimos dias, sobretudo quando o Shaun

estava vivo. Desviara a cólera do Shaun e encorajara-me quando me encontrava à beira do

desespero. Fizera todos os possíveis para que me sentisse confortável. Seria alguém capaz de tais

atos de generosidade igualmente capaz de tamanha selvajaria? Acreditaria eu realmente que o Jude

tinha matado a Lauren Huntsman?

Revi mais uma vez os indícios. Se tentasse arranjar desculpas para o Jude numa altura daquelas,

só podia estar mesmo a sofrer da síndrome de Estocolmo. Convencera-me de que o conhecia.

Ignorara o criminoso sem moral e inventara a fantasia romântica do herói atormentado em busca de

redenção. Que monumental falta de discernimento.

Estava na hora de acabar com as falsas desculpas. As provas falavam por si.

Afastei-me apressadamente na direção oposta à que o vira tomar. O Jude tinha o mapa, mas era eu

quem tinha os mantimentos. Era perito a seguir rastos, mas não sobreviveria muito tempo sem água,

cobertores, um acendedor e lanternas. Além disso, contava que ainda demorasse algum tempo a

regressar ao abrigo. Da última vez, expedição de caça tinha demorado várias horas. Se conseguisse

um avanço suficiente, poderia chegar a Idlewilde antes dele.

Uma vez no chalé, ligaria à polícia e dir-lhes-ia que a Lauren Huntsman não se tinha afogado num

lago. Tinha sido brutalmente assassinada e eu sabia onde podiam encontrar os restos mortais dela.

Capítulo vinte e sete

As montanhas nunca me tinham parecido tão ermas e hostis. Uma nuvem gelada abatia-se sobre as

árvores, revestindo a paisagem com uma estranha couraça de gelo. A densa floresta não deixava

passar a luz do sol, criando uma zona húmida e sombria onde as silhuetas retorcidas dos ramos

despidos criavam ilusões aterradoras. Imaginei esqueletos com longos braços a tentarem-me agarrar

e semblantes carrancudos nos deformados troncos cinzentos. Um vento agreste varria o terreno,

levantando uma nuvem de neve que se assemelhava a um conjunto de cavalos fantasma em

debandada. Os pinheiros e os abetos tremulavam, inquietos, como se soubessem de alguma coisa que

eu desconhecia.

Senti uma mão a agarrar-me o casaco e virei-me de repente, sobressaltada, constatando que era

apenas um arbusto espinhoso com ramos compridos que tinham ficado presos no tecido. Libertei-me

e engoli em seco. Apressei o passo, repelindo às cegas os ramos frios e húmidos. Sentia um par de

olhos a observar cada passo que dava. A neblina lambia-me a pele, fazendo-me estremecer

involuntariamente.

Ursos e lobos. Pensei neles enquanto avançava a custo por cima dos formidáveis cúmulos de

neve que o vento da noite anterior amontoara. Ao longe, os picos faziam lembrar vagas debruadas de

espuma, congeladas na crista da ondulação. Os intermináveis montes de neve e a cortina lúgubre do

nevoeiro dificultavam a visibilidade, por isso mantinha a bússola à mão e consultava-a

constantemente. De vez em quando, o arrepiante uivo do vento fazia-me parar e olhar por cima do

ombro, apavorada.

Algum tempo depois, comecei a sentir os músculos a protestar de exaustão. A minha última

refeição tinha sido no dia anterior, e a fome fazia-me sentir fraca e desorientada. Fechar os olhos

contra o vento castigador era demasiado tentador, mas sabia que se parasse para descansar deixar-

me-ia levar por um sonho perigoso do qual nunca mais despertaria.

Tinha as luvas, as botas e as meias encharcadas, e sentia os dedos das mãos e dos pés

quebradiços como pedras de gelo. Exercitei as mãos para as aquecer e repor a circulação. Esfreguei-

as vigorosamente, mas nem sabia porque me dava ao trabalho. A dor acabaria por dar lugar a um

vago formigueiro e, depois disso, não sentiria mais nada...

Não. Sentia-me grata pela dor intensa. Significava que estava acordada. Viva.

Comecei a resvalar nas pedras e na neve. Sempre que perdia o equilíbrio, acabava com o traseiro

molhado. E cada vez me custava mais a levantar. Sacudia a neve da roupa, outro esforço inútil. Já

estava ensopada e cheia de calafrios.

Quando alcançava um cume arborizado, outro se erguia mais adiante. E outro, e outro... Do outro

lado da densa capa de nuvens cinzentas, uma ténue esfera luminosa traçava um rumo lento pelo céu.

Chegado ao auge da sua jornada, começou a mergulhar para oeste. Tinha passado o dia inteiro a

caminhar. Onde estava Idlewilde? Ter-me-ia enganado no caminho? Ignorava se seria melhor

continuar em frente ou seguir noutra direção.

Pouco a pouco, a esperança transformou-se em desespero. A montanha dava a sensação de nunca

mais acabar. Sonhava encontrar uma cabana, qualquer uma. Sonhava com paredes fortes e uma

lareira acolhedora. Escapar à ventania que parecia querer arrancar-me a pele.

Naquele meio inóspito não faltavam perigos. O vento e as temperaturas geladas. A neve. A fome.

A morte.

Capítulo vinte e oito

A noite em que o Calvin nos ensinou, a mim e à Korbie, a jogar com o tabuleiro Ouija foi a

primeira noite em que me lembrava de ter estado completamente a sós com ele. Podia ter havido

outras ocasiões, mas naquela noite lembro-me de ter a sensação de que éramos as duas únicas

pessoas no mundo. Amava o Calvin Versteeg. Era o *meu* mundo. Cada olhar para mim, cada palavra

que me dirigia, pareciam inscrever-se no meu coração a tinta permanente.

– Estou aflita! Não aguento maaaaais! – exclamou a Korbie entre risinhos, enquanto abria o fecho

da tenda. – Não vou conseguir chegar à casa de banho. Se calhar, vou ter de fazer chichi nas tuas

sapatilhas, Calvin!

O Calvin revirou os olhos enquanto a irmã saltava teatralmente de um pé para o outro, a apertar a

bexiga. Tinha deixado as sapatilhas do lado de fora da tenda, ao lado dos meus chinelos de dedo. O

sr. Versteeg não nos deixava andar de sapatos dentro de casa. Duvidava que se preocupasse muito

com o asseio da tenda, mas o hábito já estava enraizado. Nada de sapatos dentro de casa.

– Não sei como é que a aturas – disse-me o Calvin quando a Korbie saiu da tenda aos tombos.

Ouvíamo-la a berrar histericamente ao atravessar o jardim até ao chalé.

– Não é assim tão mau.

– Tem um cérebro de galinha.

Não me apetecia falar sobre a Korbie. Estávamos finalmente sozinhos, tão perto um do outro que

lhe podia tocar. Daria tudo para saber se tinha namorada. Como podia não ter? Qualquer miúda que

saísse com ele seria uma sortuda. Tossiquei para limpar a garganta.

– Não acreditas mesmo que os fantasmas usem um tabuleiro para comunicar connosco, pois não?

Eu cá não acredito – acrescentei, revirando os olhos na esperança de parecer sofisticada.

O Calvin apanhou do chão uma lâmina de erva que um de nós tinha transferido para o interior da

tenda colada à roupa, e começou a desfiá-la lentamente, produzindo pequenas fitas encaracoladas.

Sem olhar para mim, disse:

– Quando penso em fantasmas, lembro-me do *Beau* e de onde está agora.

O *Beau* era o falecido *labrador* cor de chocolate da família Versteeg. Morrerá no verão anterior.

Não sabia de quê – a Korbie não me quisera dizer. Tinha chorado durante uma semana inteira, mas

recusava-se a falar no assunto. Quando perguntei ao meu irmão como morriam os cães, o Ian tinha-me

dito:

– Podem morrer atropelados. Ou apanham cancro e ao fim de algum tempo temos de os mandar

abater.

Como o *Beau* tinha morrido de repente, não podia ter sido de cancro.

– Está enterrado no quintal lá em casa – disse-me o Calvin. – Debaixo do pessegueiro.

– É um bom sítio para enterrar um cão.

Apeteceu-me abraçá-lo para o consolar, mas tive medo de que me rejeitasse. O meu maior medo

era que se fosse embora e eu perdesse a oportunidade de criar afinidade com ele. Aproximei-me um

pouco mais.

– Sei que gostavas muito do *Beau*.

– Era um bom cão de caça.

Pousei-lhe uma mão trémula no joelho. Esperei, mas ele nada fez para se afastar ou enxotar-me.

Encarou-me com uma expressão angustiada nos olhos verdes marejados de lágrimas.

– O meu pai matou-o.

Não esperava ouvir aquilo. Não encaixava no quadro que tinha a cabeça. Sempre imaginara

pneus a chiar e o corpo encolhido e mutilado do *Beau* no meio da estrada.

– Tens a certeza?

O Calvin lançou-me um olhar frio.

– Porque havia o teu pai de matar o *Beau*? Era um cão exemplar. – Não estava a mentir. Tinha

implorado ao meu pai que me deixasse ter um cão. Queria um *labrador* cor de chocolate igualzinho

ao *Beau*.

– Estava a ladrar, uma noite, e os Larsen ligaram a queixar-se. Eu estava a dormir, mas lembro-

me de ouvir o telefone a tocar. O meu pai foi atender e gritou-me para que levasse o *Beau* para a

garagem. Já passava da meia-noite. Ouvi-o, mas voltei a adormecer logo a seguir. Depois ouvi os

tiros. Dois. Por momentos, tive a sensação de que o meu pai tinha disparado a espingarda dentro do

meu quarto, tal foi o estrondo. Fui a correr à janela. O meu pai deu um pontapé ao *Beau* para ver se

estava mesmo morto e deixou-o ali. Nem sequer o meteu num caixote.

Tapei a boca com a mão. Estava um calor abafado dentro da tenda, mas comecei a tremer. O sr.

Versteeg sempre me tinha intimidado, mas naquele momento, aos meus olhos, pareceu ganhar as

proporções de um monstro aterrador.

– Fui eu que enterrei o *Beau* – disse o Calvin. – Esperei que o meu pai voltasse para a cama e fui

buscar uma pá. Passei a noite inteira a cavar. Tive de transportar o *Beau* numa carroça, era muito

pesado. Não conseguia carregá-lo sozinho.

Saber que o Calvin tinha enterrado o seu próprio cão deu-me vontade de chorar.

– Odeio o meu pai – disse ele numa voz gutural que me provocou calafrios.

– É o pior pai de sempre – concordei. O meu pai nunca daria um tiro num cão apenas por ladrar.

Sobretudo se fosse importante para mim.

– Às vezes, pergunto-me se o fantasma do *Beau* não anda por aí – disse o Calvin. – Pergunto-me

se me terá perdoado por não o ter levado para a garagem naquela noite.

– Claro que anda – afirmei eu, procurando transmitir-lhe esperança. – Aposto que o *Beau* está no

Céu à tua espera, com uma bola de ténis na boca para jogarem ao apanha. Lá por morrermos não quer

dizer que deixemos de existir.

– Espero que tenhas razão, Britt – murmurou ele num tom reprimido, vingativo. – Quando o meu

pai morrer, espero que vá parar ao inferno e sofra por toda a eternidade.

Capítulo vinte e nove

Ao cair da noite, avistei fumo de uma chaminé a elevar-se acima das copas das árvores. Tinha

passado o dia inteiro a caminhar sem comida nem água e, já a delirar, fiz um último esforço na

direção do fumo. Quando o chalé surgiu, imponente, do meio dos torvelinhos de neve, pensei que se

tratava de uma miragem. Era demasiado maravilhoso para ser verdade, com aquele brilho dourado

nas janelas e uma pluma de fumo pardo a soltar-se da chaminé.

A cambalear para manter o equilíbrio contra os ventos que me tentavam derrubar, marchei

pesadamente em frente, hipnotizada pela ideia de me poder aquecer e repousar. Ao alcançar o

caminho de acesso à casa, enterrado na neve, admirei-me da perícia com que a minha mente me

enganava. Idlewilde erguia-se diante dos meus olhos em todo o seu esplendor.

Estalactites de gelo tão grossas como os meus braços pendiam dos telhados de duas águas que se

sucediam como que a replicar os picos nevados que dominavam a paisagem. Uma camada de neve de

vários centímetros cobria o telhado. Fitei o chalé com avidez.

Vi uma forma masculina envolta em sombras a atravessar a parede de janelas. Observava a

paisagem com um olhar ausente, ao mesmo tempo que levava uma caneca aos lábios.

Era o Calvin.

Ouvi-me a pronunciar o nome dele, um som estrangulado, tolhido pelo frio. Dirigi-me ao chalé

aos tropeções. Escorreguei várias vezes e continuei a avançar a custo pela neve sem tirar os olhos da

porta. Tinha um medo terrível de que se deixasse de olhar por um só instante, Idlewilde e o Calvin se

desvanecessem no lusco-fusco.

Bati à porta com todas as minhas forças, sentindo as mãos geladas a ponto de se estilhaçar como

vidro. A chorar, encolhida de dor, arranhei, em vão, a madeira e desatei aos pontapés à sólida porta a

chamar pelo nome do Calvin entre soluços.

A porta abriu-se e o Calvin fitou-me, pasmado. Durante uns instantes pareceu não me reconhecer.

De repente, esbugalhou os olhos, em choque.

– Britt!

Puxou-me para dentro do chalé e sem perder tempo aliviou-me do peso da mochila e despiu-me o

casaco e as luvas ensopados.

Estava exausta de mais para falar. Quando dei por mim, o Calvin tinha-me carregado até à sala e

deitado no sofá ao lado da lareira acesa. Senti-o a revirar-me os bolsos, possivelmente para ver se

descobria onde eu tinha estado. Não encontrando nada, descalçou-me as botas e massajou-me os pés.

Cobriu-me com vários cobertores quentes e secos e enfiou-me um gorro na cabeça. A seguir, veio

uma litania de perguntas que se atropelavam no meu cérebro paralisado de frio.

Consegues ouvir-me? Quantos dedos vês? Quanto tempo estiveste exposta ao frio? Vieste

sozinha?

Levantei o queixo e observei-o, tranquilizada pela competência refletida naqueles olhos verdes.

Senti o impulso de me aninhar nos braços dele e chorar, mas não sabia como dizer ao meu corpo para

que se mexesse. Uma lágrima correu-me pelo rosto e esperei que o Calvin percebesse as palavras

que estava cansada de mais para lhe conseguir dizer. Estávamos juntos. Ia correr tudo bem. Ele

cuidaria de mim.

O Calvin deu-me pequenas palmadas no rosto.

– Não podes dormir.

Assenti, obediente, mas o sono continuava a apoderar-se de mim. O Calvin não podia entender.

Gastara todas as minhas energias a chegar ali. Não restava nada. Precisava mesmo de dormir. Tinha

passado horas lá fora, a caminhar ao frio, enquanto ele estivera no quentinho do chalé. Porque não

tinha ido ele à minha procura?

Enquanto dormitava, o Calvin deixou a divisão várias vezes, voltando sempre pouco tempo

depois para monitorizar o meu estado. Dei vagamente por ele a enfiar-me um termómetro debaixo da

língua. Na viagem seguinte, entalou-me botijas de água quente debaixo dos braços e cobriu-me o colo

com o que parecia ser uma compressa quente. Ordenou-me que bebesse uma caneca de uma infusão

de ervas aromáticas e até me ofereceu bombons, mas eu recusei com um gesto de cabeça. Os

bombons podiam esperar. Só queria que ele me deixasse em paz o tempo suficiente para dormir um

sono reparador.

—... manter consciente, Britt.

Não consigo, pensei, mas as palavras dissolveram-se dentro de mim. Ele agarrou-me a cabeça,

forçando-me a olhá-lo nos olhos.

— Nada de dormir. Não... deixar-te. Concentra-te... mim.

As palavras dele soavam abafadas, como se tivessem percorrido um longo túnel para chegar até

mim.

Oh, Cal.

Suspirei, tentando libertar-me. Ele voltou a dar-me bofetadas. Com uma ponta de irritação,

desejei que parasse de me incomodar. Se ainda me restassem forças, tê-lo-ia empurrado.

– Deixa-me... – disse eu arrastando a palavra, irritada, tentando afastar as mãos dele com

esforços débeis.

– ... desistas. Fica... comigo... aquecer-te.

Agarrou-me pelos ombros e sacudiu-me incessantemente, até que a pouca paciência que me

restava se esgotou, e disparei, furiosa:

– Para, Cal! Deixa-me *em paz!*

Quando lhe atirei estas palavras deixei-me tombar no sofá, exausta e sem ar. Mas completamente

acordada.

Inclinado sobre mim, o Calvin relaxou. Sorriu e acariciou-me o rosto de forma afetuosa.

– Assim já gosto mais. Zanga-te o quanto quiseres, se é isso que é preciso para te manter

consciente. Não te deixo dormir enquanto a tua temperatura não chegar aos

36 graus.

– Quem diz? – funguei, sem forças.

– A sério? Vais discutir comigo agora? – Os olhos dele tornaram-se risonhos, e afastou-me o

cabelo molhado do rosto. Enfiou o braço debaixo dos cobertores e apertou-me a mão com força,

como se tivesse medo de me perder se me soltasse. – Estava tão preocupado contigo, Britt. A Korbie

contou-me tudo. Sei do Shaun e do Ás.

Pestanejei repetidamente, julgando ter ouvido mal. O meu cérebro entorpecido demorou uma

eternidade a processar as novas informações.

– A Korbie?

– Está aqui. Lá em cima, a dormir. Encontrei-a na cabana. Deixaram-na lá para morrer, Britt.

Encontrei-a mesmo a tempo. Não tinha comida nenhuma. Vai recuperar, mas isto não vai ficar assim.

Aquelas bestas tentaram matar a minha irmã e... e a minha miúda – concluiu ele com a voz

ligeiramente embargada. – Se vos tivesse acontecido alguma coisa... – Interrompeu-se, virando a

cara para esconder a emoção, mas vi-lhe os olhos a arder de raiva.

O Calvin tinha encontrado a Korbie. Claro. O Cal era o *Cal*. Adorava a irmã e gostava muito de

mim. Faria tudo para nos manter sãs e salvas.

Mas se eu era mesmo a miúda dele, e ele gostava assim tanto de mim, porque não voltara a sair

para ir à minha procura?

Endireitei-me no sofá, apoiando as costas à almofada. Os meus movimentos estavam

descoordenados devido ao frio, mas isso não me impediu de me tentar libertar dos cobertores.

– Tenho de ver a Korbie.

– Amanhã de manhã – assegurou-me o Calvin. – Só a encontrei hoje. Estava num estado

miserável, em pânico, cheia de paranoias e tinha-se magoado. Tropeçou nas escadas e arranhou as

costas e um cotovelo. Nem sequer me deixava tocar-lhe, sempre a gritar comigo e a chamar-me

Shaun. Dei-lhe um comprimido para dormir, para a ajudar a relaxar. Precisa de uma boa noite de

sono. E o mesmo vale para ti. Queres um comprimido? A minha mãe deixou-os cá no verão passado e

ainda estão dentro do prazo.

– Não, só quero ver a Korbie.

O Calvin tentou deitar-me novamente, mas eu resisti. Tinha de ver a Korbie. Tinha de ver com os

meus próprios olhos que estava bem.

– Está bem, podes vê-la – disse ele, cedendo. – Mas deixa-me trazê-la cá abaixo. Devias

descansar. Vou preparar qualquer coisa para jantares e depois trago-ta. – Arrastou as mãos pela cara

abaixo e vi as lágrimas a assomar-lhe aos olhos. – Pensei o pior, Britt. Pensei que era um milagre tê-

la encontrado e que nunca teria a sorte de te encontrar também a ti. Pensei... A minha vida... sem

ti...

Senti as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto e um nó a apertar-me a garganta. O Calvin amava-

me. Nada tinha mudado. Naquele momento, era fácil esquecer toda a dor e as desilusões do passado.

Perdoei-o sem reservas. Finalmente estava a acontecer aquilo por que tanto esperara... Íamos

recomeçar do zero.

– Tenho medo, Cal. – Aninhei-me a ele. – O Ás anda por aí. – Não lhe chamei Jude. Explicar a

troca de nomes só serviria para complicar ainda mais as coisas.

O Calvin fez um aceno brusco.

– Eu sei. Mas não vou deixar que te faça mal. Assim que as estradas estiverem desimpedidas

tiro-vos daqui. Vamos à polícia contar tudo.

Abanei a cabeça para indicar que não era tudo.

– O Ás matou... – Humedeci os lábios. Não esperava que fosse tão difícil pronunciar aquelas

palavras.

Custava-me admitir que o Jude tinha assassinado a Lauren Huntsman, pois isso refletiria a minha

gritante falta de discernimento. Tinha confiado no Jude. Tinha-o beijado. Deixara as mãos dele

explorar o meu corpo. As mesmas mãos que tinham acabado com a vida de uma rapariga inocente.

Era ofensivo e humilhante. Se havia algo no meu passado que desejava poder alterar, era isso. Não

ter reconhecido o carácter revoltante do Jude a tempo.

– Chhh – murmurou o Calvin, encostando um dedo aos meus lábios. – Comigo estás em

segurança. Passaste por um pesadelo, mas já acabou. Não vou deixar que te faça mal. Vai pagar por

te ter raptado. Vamos metê-lo na prisão, Britt. Nunca mais vais ter de olhar para ele.

Procurei deixar-me contagiar pela confiança do Calvin, e forcei-me a pôr de lado a memória dos

beijos ardentes do Jude. O que tinha acontecido entre nós não passava de um engano. Ele tinha-me

mentido, não me podia esquecer disso. Quaisquer sentimentos que ainda pudesse nutrir por ele eram

baseados numa ilusão, e tinha de os cortar pela raiz, como um cancro.

– O Ás matou uma rapariga cá em cima nas montanhas. Tenho provas. – Pronto, estava dito. E

embora doesse, era a única coisa a fazer. Não podia proteger o Jude. – Foi ele quem matou a Lauren

Huntsman. Vê na minha mochila, as provas estão lá.

O Calvin fitou-me com uma expressão incrédula.

– Ele matou... uma rapariga chamada Lauren? – gaguejou ele, claramente tão surpreendido como

eu quando descobrira.

– Sim, a que desapareceu de Jackson Hole no ano passado. Não te lembras? Não se ouvia falar

de outra coisa nos noticiários. – Era um alívio poder o passar o peso do segredo do Jude a outra

pessoa.

– Lembro-me, sim – respondeu o Calvin, ainda estupefacto. – Mas tens a certeza?

Fechei os olhos. Começava a sentir-me outra vez zozza e fatigada.

– Vê na mochila. Está lá tudo o que é preciso para provar que foi ele. O medalhão da Lauren, o

diário dela e uma fotografia que confirma que ele andou a persegui-la antes de a matar.

O Calvin concordou, obviamente abalado.

– Está bem, vou ver, mas deita-te e descansa, ouviste?

Foi à janela e espreitou os bosques nevados que rodeavam Idlewild. Levou

uma mão à parte de

trás do pescoço, massajando-o de forma metódica. Vi que estava apreensivo e isso fez com que o nó

regressasse ao meu peito. Até àquele momento, o Calvin não sabia que estávamos a lutar contra um

assassino.

– Tens o meu mapa? – perguntou ele sem se virar para mim. – A Korbie contou-me que o levaste.

Não estou zangado, mas preciso dele.

– Não, é o Ás quem o tem. E anda lá fora à minha procura, Cal. Roubei-lhe as provas de que

matou a Lauren Huntsman. Não me pode deixar escapar. A propriedade está assinalada no mapa.

Acho que vem aí.

– Se vier, não vai conseguir entrar – respondeu ele, taciturno.

– Com o mapa, vai poder cobrir imenso terreno rapidamente sem receio de se perder.

Arrependia-me amargamente de ter dado o mapa ao Jude. Que erro crasso. Onde estaria eu com a

cabeça quando decidira confiar nele praticamente sem o conhecer?

– Que armas tem?

– Não está armado. Mas é muito forte, Cal. E esperto. Quase tão esperto como tu.

O Calvin dirigiu-se à secretária do outro lado da sala e abriu a gaveta de

cima. Tirou de lá uma

pistola e enfiou-lhe um carregador antes de a entalar no cinto. Eu sabia que os Versteeg guardavam

armas em Idlewilde. O sr. Versteeg possuía uma licença de porte de arma oculta e o Calvin caçava

desde pequeno. Os olhos dele fixaram-se nos meus.

– *Quase*, dizes bem.

Capítulo trinta

O Calvin trouxe-me canja de galinha e pão para o jantar e a seguir foi acordar a Korbie. Quando

a vi aparecer ao cimo das escadas não me consegui conter. Pousei à pressa o tabuleiro com o jantar,

afastei os cobertores e corri para ela. A expressão grogue nos olhos vidrados da Korbie desvaneceu-

se quando me viu a correr escadas acima. Quando a abracei, já estava a chorar como uma Maria

Madalena.

– Pensei que ia morrer – lastimou-se ela entre soluços. – Pensei que estavas morta.

– Ninguém morreu – disse o Calvin. Quase podia ouvi-lo a revirar os olhos diante tanto

dramatismo.

– Não tinha nada para comer – explicou-me a Korbie. – Deixaram-me naquela cabana para

morrer. E era o que tinha acontecido se o Calvin não me tivesse encontrado.

– Claro que te ia encontrar – comentou o Calvin. Eu disse:

– Mas o Ás disse-me que te tinha deixado duas barras de cereais e um cantil. Não deixou?

Um olhar envergonhado ao irmão revelou-me que a Korbie não lhe tinha contado aquela parte.

– Sim, grande coisa! Não era o suficiente para aguentar dois dias. Além disso, as barras estavam

rançosas e tive de me obrigar a comê-las.

Por uma vez, o melodrama da Korbie não me incomodou. Apertei-a ainda mais nos braços.

– Ainda bem que estás viva e em segurança.

– O Calvin e eu tentámos ligar à polícia, mas os telefones não funcionam e o telemóvel do Calvin

não apanha sinal – informou-me ela. – Por isso, o Calvin vai apanhar o Shaun e o Ás e levá-los à

polícia. Detenção civil, certo, Calvin? Eles estão a pé e o Calvin tem uma mota de neve. Disse-lhe

que o plano deles é sair da montanha e roubar um carro, e amanhã de manhã bem cedo ele vai sair

para patrulhar as estradas. Não se vão safar com isto.

– Mas o Shaun... – comecei eu, perplexa.

– Vou fazer tudo o que for necessário para os deter – declarou o Calvin. – Uma coisa é certa: só

vão conseguir deixar Teton amarrados na parte de trás do meu SUV.

Fitei-o, embasbacada. Porque estaria ele a falar como se o Shaun estivesse vivo? Tinha-o matado

a tiro e incinerado o corpo. Eu tinha assistido a tudo.

– O meu irmão encontrou a mota abandonada à beira da estrada, já viste que sorte? – continuou a

Korbie. – Ainda tinha as chaves na ignição e tudo. Tinha um emissor de rádio, e o Calvin acha que

provavelmente pertencia a um guarda-florestal. Tentou usar o emissor para pedir ajuda, mas não

funcionava.

– Que sorte – concordei, abstraída, sentindo um pequeno calafrio na espinha. O Calvin levava a

mota da cabana da guarda-florestal. Porque não corrigia a irmã? Porque estaria a mentir?

Pretenderia fingir que não tinha matado o Shaun? A polícia iria entender, com certeza. O Shaun

era um criminoso. E de qualquer forma, o Calvin tinha disparado em legítima defesa.

Só que a realidade era outra.

Como o Jude me lembrara inúmeras vezes, o Shaun estava desarmado quando o Calvin apertara o

gatilho.

Fui para a cama num estado de torpor, mas não devido ao frio. O Calvin tinha passado a noite a

monitorizar-me atentamente e, fiel à palavra dada, recusara-se a deixar-me dormir até a temperatura

do meu corpo atingir níveis seguros. Embora o tivesse visto a verificar se as portas estavam

trancadas, eu tinha medo do escuro e do que – ou de quem – pudesse tentar invadir a casa enquanto

dormia. O Jude estava lá fora, algures na floresta, e embora uma porta trancada talvez o atrasasse,

podia não conseguir detê-lo. O futuro dele dependia de conseguir destruir as provas de que era um

assassino. Algo me dizia que naquele momento era um homem *extremamente* determinado.

O Calvin tinha-me alojado no quarto decorado com o tema dos ursos, o mesmo que ocupara nas

anteriores visitas a Idlewilde. A sra. Versteeg decorara cada quarto com um tema diferente, e o meu

possuía uma cama rústica de dossel, uma colcha de retalhos com motivos de ursos, uma pele de urso

de imitação a servir de tapete e fotografias emolduradas de ursos nas paredes. Uma das fotografias

mostrava uma mãe a brincar com duas crias, mas outra retratava um urso-pardo a rugir de bocarra

arreganhada, com as presas bem à vista. De repente, desejei ter ficado com o quarto da Korbie, que

tinha o tema da pesca. Não queria relembrar o encontro da noite anterior com o urso-pardo... nem o

que acontecera a seguir, debaixo da árvore, com o Jude.

Fiquei deitada a ouvir o Calvin a marchar de um lado para o outro no andar de baixo. Atento a

sons estranhos, mantinha a televisão desligada.

Também desligara todas as luzes da casa, deixando as do exterior a brilhar como holofotes

apontados às entradas do chalé. Ninguém, tinha-me ele jurado, se aproximaria de Idlewilde sem que

ele desse por isso.

Quando finalmente começava a adormecer, ouvi bater à porta do quarto.

– Cal? És tu? – chamei, endireitando-me na cama como uma mola, apertando o lençol contra o

queixo. Ele abriu uma fresta na porta.

– Acordei-te?

Libertei o ar que sustinha, aliviada.

– Não. Entra. – Indiquei o colchão ao meu lado com uma palmadinha. Ele manteve a luz

desligada.

– Só queria ter a certeza de que estavas bem.

– Estou um bocadinho assustada, mas sinto-me segura contigo. – Por muito habilidoso e

determinado que fosse, o Jude não estava à altura do Calvin. Se encontrasse a propriedade, se

tentasse entrar à socapa, o Calvin detê-lo-ia, pensei eu para me tranquilizar.

– Ninguém vai conseguir entrar – assegurou-me ele, e trouxe-me algum conforto saber que ainda

conseguia ler os meus pensamentos, tal como nos velhos tempos.

– Tens alguma arma a mais? – perguntei-lhe. – Achas que devia andar com uma, pelo sim, pelo

não?

O colchão mexeu-se quando o Calvin se sentou ao meu lado. Trazia uma velha e esfarrapada

camisola vermelha e preta da equipa da secundária que eu usara vezes sem conta no ano anterior,

levando-a para a cama comigo para poder sentir o cheiro quente e salgado do Calvin enquanto

dormia. Não o via, nem àquela camisola, desde que partira para Stanford, oito meses antes. Pareceu-

me um pouco estranho ainda não a ter substituído por uma da universidade. Se calhar, estava no cesto

da roupa suja. Ou, se calhar, ele não estava preparado para dizer adeus ao passado e àqueles de

quem gostava. Era um pensamento reconfortante. O Calvin perguntou-me:

– Sabes usar uma arma?

– O Ian tem uma, mas nunca a disparei.

– Então, é melhor não. Devo-te um pedido de desculpas, Britt... – interrompeu-se, cabisbaixo, e

libertou lentamente o ar que sustinha nos pulmões.

Eu podia ter aligeirado o silêncio com um comentário brincalhão ou despreocupado, mas decidi

não o ajudar. Merecia ouvir aquilo. Tinha esperado muito tempo por aquelas palavras.

– Desculpa ter-te feito o que fiz. Nunca te quis magoar – disse ele com uma expressão comovida.

Virou a cabeça, secando as lágrimas à pressa. – Sei que pareceu que estava a fugir, como se mal

pudesse esperar para me livrar daquela cidade e de ti. Acredites ou não, tinha medo de ir para a

universidade. O meu pai exigia muito de mim. Tinha medo de falhar. Senti que tinha de cortar as

ligações a casa e começar a construir uma vida nova de imediato. Tinha de impressionar o meu pai.

Tinha de lhe mostrar que fazia por merecer o dinheiro das propinas, e ele tinha-me apresentado uma

lista de exigências bem comprida para ter a certeza de que estava à altura – acrescentou ele com

azedume. – Sabes quais foram as últimas palavras dele antes de me ir embora? Disse-me: «Não te

atrevas a ter saudades de casa. Só os fracos é que olham para trás». E não estava a brincar, Britt. Por

isso é que nem fui a casa no Dia de Ação de Graças e no Natal. Para provar que era um homem e não

precisava de voltar para casa a correr quando os problemas começavam a

surgir. Por isso, e porque

não o queria ver.

Peguei-lhe na mão e apertei-a. Para o animar, levantei-lhe o queixo e dei-lhe um sorriso

brincalhão.

– Lembras-te de quando fizemos aquela boneca de vudu a fingir que era o teu pai e nos

entretivemos a espetar-lhe um alfinete à vez?

O Calvin emitiu um ruído de desdém, mas manteve o mesmo tom apagado.

– Eu roubei-lhe uma meia da gaveta, enchemo-la de bolas de algodão e desenhámos a cara dele a

marcador preto. A Korbie tirou o alfinete da caixa de costura da minha mãe.

– Já nem me lembro do que ele tinha feito para estarmos tão zangados.

O maxilar do Calvin retesou-se.

– Falhei um lance livre durante um jogo de basquetebol no 7.º ano. Quando chegámos a casa, o

meu pai disse-me para começar a praticar cestos. Só me deixava entrar em casa quando tivesse

conseguido fazer mil lançamentos livres. Estava um frio impossível lá fora e eu trazia apenas a

camisola e os calções do equipamento de jogo. Tu e a Korbie ficaram a ver da janela, lavadas em

lágrimas. Quando acabei, já era quase hora de ir para a cama. Quatro horas – murmurou ele de si

para consigo, cabisbaixo. – Deixou-me a congelar lá fora durante quatro horas.

Já me lembrava. O Calvin finalmente entrara em casa, todo sujo e com a pele esfolada, os lábios

roxos, os dentes a bater. Quatro horas, e o pai não se dignara a ir espreitar o filho uma única vez para

ver se estava bem. Tinha-se fechado no escritório a trabalhar no portátil, de costas para a janela que

dava para o cesto de basquetebol instalado no caminho de acesso à casa.

– Um dia vais-me agradecer-me por isto – tinha ele dito ao filho quando este entrou em casa,

apertando-lhe um ombro enregelado. – No próximo jogo não vais falhar um único cesto. Vais ver.

Capítulo trinta e um

– Lamento que o teu pai tenha sido tão duro contigo – disse eu ao Calvin, entrelaçando os dedos

nos dele para lhe mostrar que estava do seu lado.

Ele não fizera menção de se levantar da minha cama. Com os ombros rígidos, fitava a parede,

carrancudo, como se estivesse a ver a infância infeliz projetada nela como um filme. O som da minha

voz pareceu interromper o transe. Encolheu os ombros.

– Tenha sido? *Continua* a ser duro comigo.

– Pelo menos pudeste escapar para a Califórnia este ano – sugeri com boa disposição, puxando-

lhe a manga com um gesto brincalhão. Lembrei-me de uma vez me ter
elogiado por ser capaz de o

arrancar das suas fases negras e melancólicas com uma simples anedota ou
um beijo. Naquele

momento, senti-me obrigada a mostrar-lhe que certas coisas nunca mudavam.
– A distância deve ter

ajudado. A vergasta dele não pode chegar a todo o lado.

– Pois... – disse ele, contemporizando. – Não quero falar sobre o meu pai.
Quero que as coisas

entre nós voltem a ser como eram. Não entre mim e o meu pai – apressou-se
a esclarecer. – Entre

nós. Tu e eu. Quero que voltes a confiar em mim.

As palavras dele atingiram-me com uma força invisível. A nossa conversa era
praticamente uma

cópia da que tinha imaginado durante a viagem até Idlewilde, há alguns dias
atrás, antes de saber o

que me esperava. Fantasiara que o Calvin me queria de volta. Jurara que não
me deixaria amolecer

até o fazer pagar por me ter feito sofrer. Porém, já não tinha sede de
vingança. Queria deixá-lo amar-

me. Estava cansada de jogos.

O Calvin pegou-me no queixo e aproximou o meu rosto do dele.

– Pensava em ti todas as noites no dormitório. Imaginava-me a beijar-te. A
tocar-te.

O Cal, a sonhar comigo. A quilómetros de distância, num quatinho

minúsculo que eu nunca tinha

visitado. A partilhar a minha fantasia secreta. Não era aquilo que eu queria?

Brincalhão, agarrou-me pelo cachão e acomodou-me no colo dele.

– Sinto-me bem contigo. Quero-te, Britt.

O Calvin queria estar comigo. Devia ter sido um momento romântico, devia ter sentido música no

coração, mas a minha mente não se conseguia desligar de tudo aquilo por que acabara de passar.

Poucas horas antes batera-lhe à porta quase a morrer de hipotermia. Ainda não tinha recuperado

totalmente. Porque queria ele agora aquilo? Não estava preocupado comigo?

– Vai ser a tua primeira vez? – perguntou-me o Calvin. – Só dói um bocadinho. – Senti-o a sorrir

contra a pele do rosto. – Pelo menos, é o que dizem.

Sempre tinha desejado que o Calvin fosse o meu primeiro. Passara a infância a imaginar que um

dia percorreria a igreja até ao altar, onde o teria à minha espera. A minha primeira vez seria durante

a nossa lua de mel, na praia, a seguir ao pôr do sol, com as ondas a acariciarem-nos. O Calvin sabia

que eu queria esperar. Porque estaria a forçar-me agora?

– Diz que também me queres, Britt – murmurou ele.

Contrariando toda a lógica, ocorreu-me tudo menos uma resposta. O Calvin não estava de guarda

às portas do chalé. Estaríamos seguros? Queria eu aquilo?

O Calvin beijou-me com mais intensidade, sacudindo o travesseiro para o lado ao mesmo tempo

que me apertava contra a cabeceira da cama. As mãos dele pareciam chegar a todo o lado ao mesmo

tempo: a puxar-me a camisa de dormir para cima, a massajar-me a pele macia das ancas, a acariciar-

me as coxas. Cheguei-me para trás e encolhi os joelhos numa tentativa de o travar e dar-me algum

tempo para pensar, mas ele riu-se baixinho, interpretando mal o gesto.

– A fazeres-te difícil. Gosto disso. – Avançou sobre mim, esmagando-me os lábios com beijos

curtos e agressivos. Senti o coração a palpitar mais depressa, mas não de excitação. A palavra «não»

borbulhou-me pela garganta acima.

De repente, tive uma visão dos olhos do Jude mesmo diante dos meus, tão vívida que era como se

ele, e não o Calvin, estivesse ali ajoelhado à minha frente.

Afastei-me do Calvin como se tivesse levado um choque elétrico. Fitei-o, esfregando a boca com

as costas da mão. Não restavam quaisquer vestígios do Jude, mas continuei sem tirar os olhos do

Calvin, sobressaltada, com medo de que o rosto do Jude voltasse a aparecer. Estaria a pressentir a

presença dele por perto? Seria isso possível?

Olhei para a porta, quase à espera de o ver entrar no quarto. Estranhamente, parte de mim desejou

que isso acontecesse. O Jude podia travar o Calvin.

Não. Afugentei a ideia, envergonhada. Não queria ter *nada* que ver com o Jude. Não passava de

um criminoso. Um assassino. Pensar que ele gostava de mim era uma ilusão.

O Calvin tentou agarrar-me com gestos impacientes.

– Não me obrigues a parar agora.

Deslizei desajeitadamente para fora da cama e aterrei de pé. Queria o Calvin fora do meu quarto

e o Jude fora da minha cabeça.

– Não, Calvin – disse eu com firmeza.

Ele puxou-me para os braços dele com agressividade.

– Serei um autêntico cavalheiro.

Os lábios dele procuraram os meus com uma expressão alienada.

– *Não.*

Finalmente pareceu tomar nota do que eu dizia, e o rosto dele fechou-se, sem compreender.

– Agiste como se quisesses que isto acontecesse – acusou ele.

Seria aquilo verdade? Convidara-o a entrar, mas queria conversar, tê-lo perto de mim. Não tinha

pedido nada daquilo.

– Não estás assim por causa daquele teu namorado, pois não? – gemeu ele, correndo as mãos

pelo cabelo. – Toda a gente é infiel no secundário, Britt.

Como tu foste infiel com a Rachel?, apeteceu-me perguntar-lhe.

– Eu não conto a ninguém – prometeu ele. – E tu, muito menos. Qual é o mal?

Dei-me conta de que o Calvin não fazia ideia de que o Mason da loja da estação de serviço não

era realmente meu namorado nem que era *o mesmo* Mason, também conhecido como Ás, que nos

raptara a mim e à irmã. A história tinha-lhe passado toda ao lado.

E aquele não era o momento mais apropriado para lho dizer. O comportamento agressivo e

ciumento do Calvin começava-me a deixar preocupada com o que poderia tentar a seguir. Tinha

matado o Shaun. Mentido sobre o assunto. E agora estava no meu quarto, a insistir em algo que era

contra a minha vontade. Estar com ele já não era a mesma coisa. Algo tinha mudado, mas não

conseguia perceber o quê. À exceção de que, em oito meses, parecia ter deixado de me conhecer por

completo.

– Não vais dizer nada? – disse ele, zangado. – Vais rejeitar-me assim, sem mais nem menos?

– Não quero discutir – respondi eu baixinho.

O Calvin rebolou para fora da cama, fixando os olhos verdes em mim ainda por mais alguns

instantes.

– Claro, Britt, tudo o que tu quiseses – disse ele num tom condescendente que interpretei como

sendo de derrota e desilusão.

Capítulo trinta e dois

Acordei enregelada com uma corrente de ar. Tinha-me esquecido de fechar os reposteiros antes

de adormecer. Fui até à janela e desfiz os nós que prendiam o tecido. Como já estava de pé, deixei-

me ficar à janela por uns instantes, a espreitar os bosques. Desejei poder localizar o Jude na vasta

escuridão. Andava por ali algures, atrás de mim, tinha a certeza.

Uma passagem em arco conduzia a uma casa de banho com dois lavatórios que eu partilhava com

a Korbie. Dirigi-me a um dos lavatórios e passei água no rosto. Sentia os músculos doridos da longa

e árdua caminhada até Idlewilde, e quando olhei para o meu reflexo vi, alarmada, que estava com um

ar horrível. Tinha a pele deslavada, como a madeira que dá à costa, e pardacenta, olheiras profundas

e já não lavava o cabelo baço e empastado há dias.

Perturbada com a vista, virei as costas ao espelho. Com os pés descalços nos ladrilhos frios,

hesitei por uns momentos. A seguir, entreabri a porta que dava para o quarto da Korbie. Aproximei-

me da cama em silêncio, sem ligar as luzes. A Korbie dormia de barriga para baixo, com o ressonar

cadenciado e profundo parcialmente abafado pelo travesseiro. Senti uma vontade urgente de lhe

passar a mão pelo cabelo, mas sabia que o Calvin nunca me perdoaria se a acordasse. Em vez disso,

enfiei-me na cama ao lado dela e chorei baixinho.

Desculpa, pensei. A ideia de irmos para as montanhas foi minha. Nunca te desejei mal. Nem

agora nem quando namorava com o Calvin. Quem me dera ter-te contado sobre nós. Foi errado

guardar segredo.

O Calvin e eu tínhamos namorado durante menos de seis meses. Como toda a vida o tinha

conhecido, e passara grande parte dela apaixonada por ele, devia ter-me parecido mais tempo.

Sempre tinha feito parte da minha vida, mesmo quando não éramos oficialmente um casal.

Queria vê-lo feliz, por isso tinha concordado em manter o nosso relacionamento secreto, mas lá

bem no fundo magoava-me saber que o Calvin não estava disposto a assumir-me em público como

namorada dele. Também detestava mentir aos amigos, sobretudo à Korbie, por ser irmã dele. Para me

sentir melhor, procurava convencer-me de que em todos os relacionamentos havia cedências de parte

a parte. Não podia ter tudo o que queria. Crescer e amadurecer era aceitar que o mundo não girava à

minha volta.

Mas nisto, a Korbie descobrira. Tinha acontecido na festa da piscina do verão anterior, a mesma

em que o Calvin tinha curtido com a Rachel. Eu e o Calvin tínhamos combinado antecipadamente

tratar a festa como qualquer outra ocasião social. Ele conviveria com os amigos dele, eu com os

meus. Se nos cruzássemos, cumprimentar-nos-íamos, como sempre tínhamos feito, mas namoriscar

estava completamente fora de questão.

Para a festa, tinha comprado um fato de banho preto inteiriço com recortes laterais. Todas as

outras raparigas usariam biquínis e eu queria sobressair. Sabia que o Calvin estaria de olho em mim.

Antes da festa, vesti o fato de banho no quarto da Korbie, e assim que ela o viu, soube que tinha feito

a escolha certa.

– Que brasa – disse ela com um agradável misto de admiração e inveja. Tinha-me pedido para ir

uma hora mais cedo para a ajudar com os últimos preparativos, por isso vestimos as nossas túnicas e

dirigimo-nos à cozinha. A meio do caminho, disse-lhe que tinha de ir à casa de banho, mas em vez

disso atravessei o corredor até ao quarto do Calvin. Servi-me de uma folha de papel da impressora e

escrevinhei à pressa uma mensagem que andava a preparar mentalmente há horas. Ainda não tinha a

versão mais perfeita, mas o tempo começava a esgotar-se.

Esta noite, quando me vires a passar a mão pelo braço, quer dizer que estou a pensar

em ti. E quando me vires a molhar os pés na piscina, é porque estou a imaginar-nos

sozinhos na piscina a beijar-nos comigo sentada no teu colo.

Beijos e abraços,

Britt

Antes que me pudesse arrepender, dobrei a folha ao meio e enfiei-a debaixo do travesseiro do

Calvin com um cantinho à vista. A seguir, fui ter com a Korbie à cozinha.

Só mesmo antes de os outros convidados começarem a chegar é que a Korbie irrompeu pelo

jardim, onde eu estava a montar os guarda-sóis das mesas, e me agitou a mensagem à frente do nariz,

furiosa.

– O que é isto?

– Eu... É só... – gaguejei. – Onde é que arranjaste isso?

– No travesseiro do Calvin, onde julgas que foi?

– Não era suposto veres isso. – Andava há meses a recluir aquele dia. Tivera imenso tempo para

preparar um pedido de desculpas, mas naquele momento fiquei sem palavras.

A Korbie rebentou a chorar. Arrastou-me pelo pátio, para trás dos arbustos de lilases. Nunca a

tinha visto naquele estado.

– Porque é que não me contaste?

– Desculpa, Korbie. – Não sabia mesmo o que dizer. Sentia-me péssima.

– Há quanto tempo é que vocês namoram?

– Desde abril.

Ela secou as lágrimas.

– Devias-me ter dito.

– Eu sei. Tens razão. O que eu fiz foi errado e sinto-me péssima.

A Korbie fungou.

– Não me disseste nada porque pensavas que ia ficar chateada contigo?

– Não – disse eu, sincera. – O Calvin não se sentia preparado para contar às pessoas.

– Achas que te está a usar?

Senti-me corar. Porque tinha ela de me perguntar aquilo? Numa noite em que já me sentia

insegura sobre mim e o Calvin?

– Acho que não. Não sei – disse eu, tristonha.

– Se tivesses de escolher entre mim e o meu irmão, escolhias-me a mim, não escolhias?

– Claro – disse-lhe eu. – És a minha melhor amiga.

A Korbie baixou os olhos e pegou-me na mão.

– Não te quero partilhar com ele.

Mal sabia ela que não teria de o fazer por muito mais tempo. A partida do Calvin para Stanford

marcava o princípio do fim da nossa relação.

Afastei a memória e regressei ao presente. Não queria deixar a cama da Korbie, mas o Calvin

não tardaria a começar as rondas, por isso puxei-lhe os cobertores para cima dos ombros e fechei a

porta atrás de mim ao sair.

Estava quase a chegar à cama quando o meu cérebro registou algo que não batia certo no canto ao

lado de um armário antigo. A corpulenta figura humana, colada à parede, confundia-se na perfeição

com as sombras, e antes que eu pudesse recuperar do choque, atacou-me. Caímos aos trambolhões

para cima da cama e ele abafou o meu grito de alarme com uma mão gelada.

– Não grites. Sou eu, o Jude – disse ele.

Debati-me ainda mais, mostrando-lhe que a informação de pouco servia para me apaziguar.

Consegui libertar um joelho e tentei atingi-lo entre as pernas com toda a força, mas falhei, acertando-

lhe apenas na coxa.

O olhar do Jude caiu por breves instantes sobre o alvo pretendido, e ergueu as sobrancelhas com

uma expressão irónica antes de voltar a atenção para mim.

– Foi por pouco – murmurou. Para prevenir futuras agressões, manietou-me sob o peso do seu

enorme corpo, encharcado e muito, muito frio. Como quer que tivesse entrado na propriedade, não o

fizera há muito tempo. Ainda trazia neve colada ao casaco e a derreter-lhe na barba escura de vários

dias.

Protestei contra o peso esmagador do corpo do Jude com uma exclamação abafada, mas com a

mão dele a tapar-me a boca, duvidava que o Calvin pudesse ter-me escutado, mesmo que estivesse

no corredor de ouvido colado à porta. Um cenário mais provável era andar lá em baixo de um lado

para o outro, a patrulhar as entradas do chalé sem saber que o perigo já invadira a casa.

– Surpreendida por me ver? – perguntou-me o Jude, inclinando-se para que mais ninguém o

pudesse ouvir. Tinha o mesmo cheiro de antes, a penas de ganso, resina e fumo de lenha. Só que da

última vez que tínhamos estado tão próximos, eu sabia muito menos do que agora e a minha atitude

tinha sido outra. – Mas não tão surpreendida como eu fiquei quando voltei ao acampamento esta

manhã e descobri que te tinhas ido embora. Devias ter-me dito que estavas de partida; tinhas-me

poupado o trabalho de matar um coelho para ti.

Havia uma raiva controlada no tom de voz dele que me fez encolher

mentalmente. Não queria

acreditar que o Jude me fizesse mal. Por outro lado, tinha matado a Lauren Huntsman. Era perito em

esconder o seu verdadeiro carácter. Tal como a maioria dos psicopatas. Fazia lembrar os vizinhos

dos assassinos em série que, ao serem entrevistados para a televisão, exclamavam sempre: «Mas era

um homem tão simpático!»

– Não vais gritar, Britt – disse ele no mesmo tom baixo, mortífero. – Primeiro, vais ouvir o que

eu tenho a dizer. E a seguir, vais-me dizer onde puseste as coisas que me roubaste.

Por uns instantes, a raiva superou o medo e, sem pensar, arqueei as sobrancelhas numa expressão

de desafio. *Estás mesmo convencido disso, psicopata?* , acusei mentalmente. *Experimenta tirar a*

mão e vais ver se não desato a gritar até te rebentar com os tímpanos!

– Como queiras – respondeu ele aos meus redobrados esforços para me libertar. – Então eu falo,

e tu ouves. E o teu amigo lá em baixo pode continuar a olhar pela janela da sala com ar de idiota.

Como se eu me fosse colocar debaixo de um dos holofotes que ele apontou para o terreno a acenar-

lhe e a dizer olá.

Ao ouvi-lo insultar o Calvin, estrebuchei de indignação. Rezei para que o

Calvin viesse ver como

eu estava e lhe enfiasse um balázio mesmo no meio dos olhos. Mas talvez fosse melhor assim. Talvez

fosse bom que o Jude subestimasse o Calvin. Mal podia esperar para ver o choque na cara dele

quando descobrisse que se tinha metido com a pessoa errada. Se tinha vindo ali para me matar, agora

que eu sabia que tinha assassinado a Lauren Huntsman, ver-se-ia a contas com a fúria do Calvin. Não

esperava pela demora.

– Disseste que confiavas em mim e a seguir foste revistar os meus pertences. Devias ter-me

exigido uma explicação antes de desatar a tirar conclusões precipitadas e fugir – declarou o Jude

com voz de poucos amigos. – E daí, se calhar nunca quiseste saber. Enganei-me a teu respeito, Britt.

Nota 20 por me teres feito baixar a guarda, algo que poucos se podem gabar. Fizeste de mim gato e

sapato. Tencionavas revistar as minhas coisas desde o início? Ou só me seduziste para garantir que te

ajudava a chegar a Idlewilde? É que perdeste o teu tempo – disse ele, cada vez mais furioso. – E

sacrificaste o teu respeito próprio para nada. Eu prometi que te ajudava e gosto de cumprir a minha

palavra.

Olhei-o nos olhos e ergui o queixo com altivez. *Isso mesmo, foi tudo um logro. Os beijos eram a*

fingir. Sabia-me bem pensar aquelas palavras, não lhe dar a satisfação de pensar que sentira alguma

coisa por ele, sobretudo se a minha vida estava prestes a chegar ao fim.

Só que os meus olhos encheram-se de lágrimas, o que arruinou o efeito pretendido. Tentei virar a

cabeça antes que ele visse, detestando a ideia de mostrar fraqueza. Não sabia bem se estava a chorar

por temer pela vida ou porque as palavras do Jude eram como sal numa ferida aberta. Na noite

anterior, debaixo da árvore, não tinha havido fingimento da minha parte. Tinha curtido com ele por

querer muito fazê-lo. Por confiar nele. E a traição, a verdade que me escondera, doera como se me

estivessem a retalhar o coração em dois.

– A chorar, outra vez? És melhor atriz do que eu julgava – rosnou-me ele, desdenhoso. – Podes

chorar à vontade. Não me vou embora. Não depois de todo o trabalho que tive a localizar-te. Não me

vou embora até me devolveres o que me tiraste. Onde os puseste? – exigiu ele saber, sacudindo-me

brutalmente. – Onde estão o medalhão e o diário?

Abanei a cabeça com veemência. Resfolegava pelo nariz, fuzilando-o com os olhos para

comunicar a minha mensagem. Nunca me apetecera dizer tantas asneiras; vieram-me à cabeça um

chorrilho das piores palavras, as mais vis que conhecia, e só desejei ter a grande satisfação de lhas

cuspir na cara.

– Onde os puseste? – rosnou-me ele outra vez, apertando-me ainda mais contra o colchão.

Fechei os olhos com toda a força, convencida de que o meu fim tinha chegado. O Jude tinha uma

mão a tapar-me a boca e a outra a segurar-me a parte de trás da cabeça. Com uma torcedura forte

podia partir-me o pescoço. Respirava a custo, aterrada. Sabia que era vergonhoso ter esperado até

tão tarde para começar a rezar, mas estava desesperada. *Senhor, consola o meu pai e o Ian depois*

da minha morte. E se isto é o fim, que seja rápido e o menos doloroso possível.

Como nada aconteceu, atrevi-me a abrir os olhos. O Jude continuava debruçado sobre mim. A

fúria no rosto dele esboroava-se, dando lugar a uma expressão angustiada. Abanou a cabeça, cheio

de ódio contra si próprio, o cansaço patente no rosto. Soltou-me, esfregando os olhos vermelhos.

Deixou descair os ombros, trémulo, e começou a chorar em silêncio.

Não me tinha matado. Ainda estava viva.

Deixei-me ficar prostrada na cama, não conseguindo senão chorar a par com ele. Os meus ombros

tremiam violentamente, ao ritmo dos meus soluços contidos.

– Mataste-a? – perguntei-lhe.

– Achas que a matei?

– Tinhas os pertences dela.

As palavras dele vinham carregadas de azedume.

– Logo, matei-a? Foi fácil chegares à conclusão de que sou um assassino e condenares-me ou

ainda te debateste com a tua consciência? Depois do que houve entre nós, ontem à noite, espero que

me tenhas dado o benefício da dúvida durante um ou dois minutos.

– Lembro-me de ver o pai da Lauren Huntsman nos noticiários. Ele insistiu que a filha usava o

medalhão na noite em que desapareceu.

– Trazia, sim.

Engoli em seco. Seria aquilo uma confissão?

– Para que eram as algemas?

O Jude retraiu-se, e soube que esperava que me tivesse esquecido delas. Mas como podia eu

fazê-lo? Que pessoa normal transportaria algemas?

– Algemaste-a, foi? – continuei. – Para não fugir? Para ficar à tua mercê?

– Já deixaste bem claro que me achas capaz dos atos mais monstruosos – disse o Jude, cansado e

desiludido. – Mas eu não sou o mauzão que tu imaginas. Estou a tentar fazer o que é certo, e é por

isso que estou aqui agora. Estou a tentar apanhar o *verdadeiro* mau da fita. E para isso, preciso dos

pertences da Lauren.

Mais explicações enigmáticas. Estava farta delas. Já não sabia no que acreditar. Só sabia que se

cometesse o erro de confiar no Jude uma segunda vez, não só seria uma imbecil, como me arriscava a

morrer. Ele podia muito bem estar-me a enganar só para mais tarde me poder matar, eliminando uma

testemunha.

– Quem era a Lauren para ti?

O Jude esfregou a cara com as mãos trémulas. Encolheu-se, acabrunhado e cabisbaixo, quase

como se estivesse a ser assaltado por memórias terríveis – sortilégios invisíveis que o atacavam com

uma crueldade atroz.

– Eu não matei a Lauren – afirmou ele num tom monocórdico, sem vida. Sentou-se na beira da

cama a fitar a parede nas sombras. Mesmo sob aquela luz fraca, via-se uma expressão mortíça nos

olhos dele. – Poucas horas antes de desaparecer, deixou-me uma mensagem

no telemóvel a dizer que

se ia embebedar, e eu soube que me estava a lançar um isco, como já tinha feito centenas de vezes

antes. Queria que a travasse. O meu avião tinha acabado de aterrar em Jackson Hole quando recebi a

mensagem, e só me apetecia tomar um banho e comer qualquer coisa. Estava farto de ter de largar

tudo para a ir salvar. Por isso, ignorei a chamada. Por uma vez que fosse, teria de ser ela a resolver

as suas próprias trapalhadas. – Susteve a respiração e olhou para mim com uma expressão torturada.

– A Lauren era minha irmã, Britt. O meu dever era tomar conta dela, protegê-la, e falhei. Não há um

dia em que não imagine como as coisas teriam sido diferentes se eu não tivesse sido tão egoísta.

A Lauren era a irmã dele?

Antes que pudesse absorver aquela revelação, o Jude continuou.

– A polícia acabou por desistir das buscas, mas eu não. Tinha o diário dela e analisei-o à procura

de pistas. Fui a todos os bares, discotecas, salões de jogos e hotéis em Jackson Hole onde ela

pudesse ter ido. A minha família já lá estava há uma semana quando eu cheguei, por isso ela tinha

tido imenso tempo para conhecer as redondezas. Teriam reparado nela. Alguém tinha de ter visto

alguma coisa. Critiquei a polícia por não fazer progressos, mas eu tinha um recurso que eles não

tinham: o dinheiro da família. Paguei a quem me pudesse dizer alguma coisa, e o empregado de um

bar lembrava-se de a ter visto sair do estabelecimento com um *cowboy*. Mais tarde, disse aos meios

de comunicação que a Lauren tinha sido vista a deixar o Dólar de Prata com um homem que

envergava um Stetson preto, o que me deixou furioso, porque não queria deixar de sobreaviso o

homem que procurava. De acordo com a descrição do empregado do bar, sabia que se tratava de um

homem na casa dos 20, magro, não muito alto, com o nariz partido, cabelo loiro, olhos azuis e,

possivelmente, um Stetson preto. Depois disso, passei a ir ao bar todas as noites durante semanas, até

que finalmente vi entrar o Shaun. Correspondia à descrição. Fiquei a saber o nome e pesquisei os

antecedentes criminais dele. Descobri que se mudara recentemente do Montana, onde possuía um

historial de condenações por crimes menores – roubo, agressão e conduta desordeira –, para o

Wyoming. Estava convencido de que tinha descoberto o autor do crime. Deixei a universidade, os

amigos e a família e mudei-me para o Wyoming. Conquistar a confiança do Shaun passou a ser um

trabalho a tempo inteiro. Criei uma identidade falsa, cometi crimes menores e intimidei os inimigos

dele para me conseguir aproximar. Teria feito o que fosse preciso para o fazer confiar em mim, pois

acreditava que mais tarde ou mais cedo ele acabaria por confessar que tinha matado a Lauren. O meu

plano era matá-lo quando tivesse a certeza absoluta de que tinha sido ele. Lentamente – acrescentou

ele num tom frio e ameaçador, com um brilho funesto nos olhos.

Eu tinha recuperado o suficiente para recuar um pouco na cama – em silêncio, para que o Jude

não reparasse. Era uma história sentimental e muito conveniente. Talvez se tivesse apercebido de que

ameaçar-me não estava a resultar e tivesse decidido adotar outra estratégia. A história, no entanto,

não explicava o medalhão nem a fotografia tirada à socapa. Os pais da Lauren tinham a certeza de

que ela trazia o medalhão quando morreu, logo, o Jude tinha de ter estado presente quando a

mataram. Devia ter sido ele a retirá-lo do corpo. Com todo o cuidado, fiz deslizar um pé para o chão,

mas o soalho denunciou-me. Rangeu sob o meu peso.

O Jude virou-se, como que apanhado de surpresa. Eu fiquei paralisada de medo. Podia gritar, mas

antes que o Calvin conseguisse chegar lá acima, o Jude teria tempo para me desferir um golpe mortal

na cabeça e esgueirar-se pela janela.

– Continua – pedi eu, procurando disfarçar o nervosismo.

Para minha grande perplexidade, o Jude pestanejou e obedeceu ao meu pedido quase como se

estivesse num transe.

– Matar o Shaun, caso tivesse sido ele a matar a Lauren, era o meu objetivo final. Ele tinha

começado a gabar-se de alguns dos crimes que cometera, como extorquir dinheiro a mulheres ricas

casadas em troca de fotografias que lhes tirava quando estavam embriagadas. Se lhe desse mais

algum tempo, estava convencido de que me contaria o que tinha feito à Lauren. Foi nessa altura que

ele assaltou a loja e disparou contra o polícia. Perdeu a cabeça, nunca o tinha visto tão assustado.

Sabia que estávamos metidos num grande sarilho. Durante a fuga, entrou em pânico e atropelou uma

rapariga que atravessava a estrada. Acho que nem sequer a viu. A reação dele devia ter-me feito

reconsiderar a probabilidade de ter tirado a vida a alguém antes, mas recusei-me a admitir que tinha

o homem errado. – Apertou a prega de pele acima das sobrancelhas com um esgar de dor. – Andava

atrás do assassino da Lauren há demasiado tempo para simplesmente voltar à estaca zero. Quando o

Shaun disparou contra o polícia não tivemos outro remédio senão fugir. Para piorar ainda mais a

situação, tu e a Korbie apareceram-nos à porta da cabana onde estávamos escondidos. Em vez de

fazer da vossa segurança a minha prioridade, fiquei furioso por me terem vindo estragar os planos.

Era como se nem sequer fosse humano. A raiva e a sede de sangue tinham tomado conta de mim, e só

queria conseguir que o Shaun confessasse. Não pensava noutra coisa. Se tivesse sido ele a matar a

Lauren, ia devolver-lhe o favor, e que se lixassem as consequências. Sabia que ia pagar por isso, mas

parecia-me justo. Queria morrer. Não tinha conseguido proteger a Lauren e não merecia menos do

que isso.

O Jude apoiou os cotovelos nos joelhos e baixou a cabeça, cruzando os dedos na nuca. Estava

mais perto da porta do que eu, mas se continuasse a avançar devagarinho, sem fazer barulho...

– Quando eu e tu fizemos equipa para sair da montanha com vida, aconteceu-me qualquer coisa.

Deixei de sentir aquela raiva cega. Pela primeira vez em meses, tinha alguém a quem me agarrar para

além do fantasma da Lauren. Queria-te ajudar, Britt. Convenci-me de que era mais útil vivo do que

morto. Tinha de continuar a lutar porque precisavas de mim vivo. E quando

nos beijámos... – Passou

as costas das mãos pelos olhos.

Parei abruptamente. Não esperava que falasse de mim com tanta emoção. Vindo do nada, senti um

aperto doloroso. Engoli em seco, tentando afugentar a doce e perigosa memória da noite anterior.

Não me podia deixar levar. Sabia-o, mas não tinha forças para lutar contra ela.

Fechei os olhos por instantes, invadida por uma onda de desejo. Recordei com vívido detalhe a

suavidade da pele dele, o reflexo das chamas nos traços angulares. Ainda sentia aquelas carícias

lentas e deliberadas. O Jude sabia como me tocar. As mãos dele ficar-me-iam para sempre gravadas

na pele.

– Então, também significou qualquer coisa para ti – disse ele baixinho, estudando-me agora com

uns olhos bem concentrados no presente.

Ignorava o que o beijo significava para mim, e aquele não era o momento para tentar percebê-lo.

Não sabia se acreditava na história do Jude. Que tipo de pessoa deixa os estudos para terminar um

trabalho que devia ser da polícia? Mesmo que a Lauren fosse realmente irmã dele, não sabia bem se

as medidas extremas que ele tinha tomado se justificavam. E os crimes que

tinha cometido para cair

nas boas graças do Shaun, justificar-se-iam? Se quisesse mesmo justiça, teria entregado o diário e o

medalhão da Lauren à polícia e confiado no sistema.

– Como arranjaste o medalhão da Lauren? – perguntei-lhe.

– Encontrei-o na carrinha do Shaun, logo depois de vos fazermos reféns. Fui ao Wrangler buscar

o vosso equipamento, mas antes disso arrombei a carrinha dele e vasculhei tudo. Sabia que talvez

não tivesse outra oportunidade de o fazer. Encontrei o medalhão da Lauren numa caixa de latão

debaixo do banco do condutor. Também encontrei a fotografia. Havia fotografias de outras mulheres,

mas só conseguia pensar que finalmente tinha o que procurava. Provas de que o Shaun conhecia a

Lauren. De que tinha andado atrás dela durante dias, a observá-la e a fotografá-la, antes de agir. Tive

de esconder o medalhão e a fotografia, juntamente com o diário e as algemas, dentro do saco de lona

e cosê-lo para que o Shaun não voltasse a deitar-lhes a mão, o que levou algum tempo. Por isso é que

me atrasei tanto a regressar com o equipamento.

Ainda não sabia se devia acreditar no Jude. Já provara ser extremamente esperto e engenhoso. E

se me estava a mentir naquele momento?

– Se te disser onde o diário e o medalhão estão, prometes entregá-los à polícia? – quis eu saber.

– Claro – disse ele impaciente. – Onde estão?

Observei-o atentamente, procurando decifrar os pensamentos que se entreviam por trás dos olhos

dele. Parecia um pouco ansioso de mais, e aquilo deixou-me pouco à vontade.

– Não tenho as coisas da Lauren – admiti eu por fim. – Dei-as ao Calvin. E não tens de prometer

nada, porque ele vai entregá-las à polícia por ti.

O Jude empalideceu de medo.

No momento seguinte, comecei a sentir o coração a bater descompassado. A reação dele só

poderia querer dizer uma coisa. Culpa. Claro que tinha vindo ali para me convencer a devolver-lhe

as coisas da Lauren. Era um mestre do crime. Arquitetara uma história elaborada em que aparecia no

papel de herói trágico só para que eu lhe entregasse as provas do crime de bandeja como uma menina

obediente.

Recuei.

Ele abanou a cabeça, estupefacto, como se não conseguisse acreditar que a teia de mentiras que

urdira se estava a desfazer e que eu percebera tudo a tempo.

– Não devias ter dado as coisas ao Calvin... – começou ele.

Ouvimos bater e virámo-nos de repente para a porta. A expressão estupefacta do Jude evaporou-

se. Saltou da cama, agachando-se silenciosamente na escuridão ao lado da porta numa postura

defensiva, de punhos em riste. Não vinha armado. Se o Calvin entrasse, lutariam corpo a corpo.

– Britt? Era só para ver se estás bem – chamou o Calvin baixinho.

O Jude cravou-me um olhar de advertência e abanou uma vez a cabeça, pedindo-me para que

mandasse o Calvin embora.

Não havia tempo para pensar. Mal conhecia o Jude. Confiar nele seria aventurar-me num terreno

de areias movediças. O Calvin era de confiança, sempre cuidara de mim. Dividida, olhei para a

porta e para a figura ao lado dela, preparada para atacar. A cabeça dizia-me para confiar no Calvin,

mas o meu coração queria acreditar no Jude.

Uma palavra minha e o Calvin iria embora ou entraria a correr no quarto. No fim, foram a minha

hesitação e o meu silêncio que denunciaram a minha incerteza em relação ao Jude.

E que precipitaram a entrada do Calvin.

Capítulo trinta e três

Ao entrar no quarto, o Calvin esticou um braço num reflexo súbito para aparar o golpe do Jude.

Ainda assim, o impacto fê-lo tropeçar para trás, quase perdendo o equilíbrio.
O Jude não lhe deu

tempo para recuperar; lançou-se sobre ele de punhos cerrados com tal fúria
que dava para ver as

veias a inchar no pescoço. No entanto, o Calvin tinha sacado a pistola antes
de abrir a porta, e

disparou de imediato contra o Jude.

A bala atravessou-lhe o ombro. Por milagre, após uma breve convulsão,
continuou a avançar,

investindo contra o Calvin com uma determinação quase sobre-humana.
Tinha dado três passos

quando o Calvin lhe acertou violentamente com a arma na cara, fazendo-o
cair de costas.

O Jude ficou imóvel, com uma poça de sangue a alastrar pelo chão atrás do
ombro dele. Eu

estava muda com o choque. Fitei, incrédula, o corpo inerte estendido no chão.
Teria o Calvin matado

o Jude?

O Calvin contemplou o adversário com uma certa admiração retorcida. Pelo
menos, até o

reconhecer.

– Que faz *este* tipo aqui? – exigiu ele saber, tendo-o obviamente identificado
como o Mason da

loja de conveniência.

– Mataste-o! – exclamei eu num fio de voz, horrorizada.

– Não está morto. – O Calvin enterrou-lhe a ponta do pé na zona das costelas e empurrou-o. –

Não atirei para matar. E usei uma bala de baixo calibre para minimizar os danos. Mas este é aquele

tipo da estação de serviço. O teu namorado. Que faz ele aqui?

– Deste... deste-lhe um tiro... – gaguejei, com a cabeça ainda a andar à roda.

– O Ás é o Mason, já percebi. O Mason, o tipo que te raptou e que agora tem o meu mapa.

Presumo que não seja realmente teu namorado? – comentou o Calvin num tom seco.

– Se não fizermos qualquer coisa, vai-se esvair em sangue!

– Mais baixo ou acordas a Korbie – ralhou-me ele, andando lentamente à volta do corpo do Jude,

sempre a apontar-lhe a arma. – Está a entrar em choque. Ajuda-me a amarrá-lo antes que volte a si.

– Queres amarrá-lo? Ele precisa de um hospital!

– Temos de o manter preso até conseguirmos entrar em contacto com a polícia. Estamos a fazer

uma detenção civil. Depois de o amarrarmos, trato-lhe da ferida. Não é preciso ficares tão assustada.

Qual é o pior que pode acontecer?

– Pode *morrer*.

– E isso seria assim tão mau? – continuou o Calvin num tom ameno, calmo de mais até para ele. –

Deixou a Korbie entregue à morte numa cabana e obrigou-te a guiá-lo pelas montanhas geladas.

Estiveste às portas da morte, Britt. E agora temos provas de que matou uma rapariga no ano passado.

Olha bem para ele: não é uma vítima, é um assassino. Esta noite, invadiu a propriedade com a

intenção de te matar, e provavelmente a mim e à Korbie também. Disparei em legítima defesa.

– Em legítima defesa? – repeti como que em eco, abanando a cabeça, atarantada. – Ele não estava

armado. E não sabemos se nos pretendia realmente matar.

Mas o Calvin já não me estava a prestar atenção.

– Vai à garagem e traz-me a corda. Está numa prateleira à esquerda da porta. Temos de o amarrar

antes que recupere a consciência.

Vi a lógica no plano do Calvin, mas os meus pés permaneceram colados ao chão. Não tinha

coragem para amarrar o Jude, que parecia estar quase morto. Estava extremamente pálido, mais

fantasma do que homem. Se não fosse a respiração fraca e laboriosa, seria fácil imaginá-lo dentro de

um caixão.

Procurei convencer-me das virtudes da forma de pensar do Calvin – o Jude merecia o que lhe

estava a acontecer –, mas parte de mim não conseguia aceitar aquilo. E se ele

não resistisse?

Também não merecia morrer. A ideia de o Jude desaparecer para sempre deixava-me destroçada.

Tinha tantas, tantas perguntas para lhe fazer, e agora talvez nunca viesse a saber as respostas. Nem

queria acreditar que este podia ser o final da nossa história. Não tínhamos tido oportunidade de pôr

tudo em pratos limpos, de chegar a um entendimento.

O Calvin interrompeu a inspeção ao prisioneiro para me lançar um olhar de exagerada paciência.

– A corda, Britt.

Abandonei a divisão a tremer.

O Calvin tinha razão. Não me podia deixar levar pelas emoções. Tínhamos de deter o Jude.

Já na garagem, estiquei-me em bicos de pés para tirar a corda da prateleira mais alta. Mais uma

vez hesitei, perguntando-me se seria mesmo necessário amarrar o Jude. Afinal de contas, não estava

em condições de fugir. Ao manusear a corda, reparei numa mancha cor de ferrugem incrustada nas

fibras. *Sangue*. Torci o nariz com repugnância, perguntando-me se o Calvin a teria usado em alguma

expedição de caça. Raspei uma crosta de sangue com a unha. Seria higiénica que bastasse para

amarrar um homem com uma ferida aberta?

Devolvi a corda à prateleira e agarrei noutra que estava mais atrás. Após um exame rápido,

conclui que, embora empoeirada, estava em melhores condições do que a primeira.

Lá em cima, o Calvin tinha fechado a porta do quarto. Abri-a, e fui imediatamente assoberbada

pelo cheiro azedo do sangue fresco. O Calvin tinha espalhado algumas toalhas pelo chão para não

escorregar no líquido viscoso, e tinha conseguido içar o Jude para cima da cama, onde os lençóis

começavam já a ficar manchados de vermelho.

Entreguei-lhe a corda com relutância.

O Calvin revistou os bolsos do Jude à pressa em busca de armas. Não encontrando nada,

amarrou-lhe os pulsos aos postes da cabeceira. Repetiu a manobra, prendendo-lhe os tornozelos à

parte inferior da cama. O Jude ficou estirado, de braços e pernas abertas, como um prisioneiro do

século XVIII prestes a ser arrastado por cavalos e esquartejado em praça pública.

– E agora? – perguntei, tentando reprimir a onda de náusea que ameaçava tomar conta de mim.

– Estanco a hemorragia e esperamos que ele acorde.

Menos de meia hora depois, saltei do sofá da sala onde dormitava com a cabeça no colo do

Calvin, acordada por um violento chorrilho de protestos e obscenidades. Não me lembrava de ter

adormecido encostada a ele, mas era o que devia ter acontecido, pois assim que os enfurecidos

queixumes se fizeram ouvir, vindos do quarto ao cimo das escadas, o Calvin pôs-se de pé num salto,

deixando-me cair no coxim de cabedal sem contemplações. Dirigiu-se imediatamente às escadas.

– Não subas – ordenou-me, com um olhar de advertência por cima do ombro.
– Quero falar com

ele a sós.

Havia qualquer coisa na voz do Calvin que me fez remexer no sofá, incomodada. Se agredisse o

Jude, teria de se explicar quando a polícia chegasse, o que inevitavelmente acabaria por acontecer.

Não naquela noite, mas talvez no dia seguinte. Com um pouco de sorte, o sol acabaria por derreter

parte da neve nas estradas e poderíamos ir buscar ajuda.

Sabia que o Calvin não ia gostar que lhe desse palpites, mas ele não estava a ser racional. Estava

cego de raiva. Tinha matado o Shaun, e eu temia que fizesse o mesmo ao Jude. Não podia encobrir

ambos os crimes. O facto de estar a agir como se o pudesse fazer só provava que não estava bom da

cabeça. Tinha de o ajudar a dar um passo atrás e a pensar com clareza.

– Calvin – disse-lhe. – Não lhe toques.

O Calvin deteve-se nas escadas e fitou-me de olhos semicerrados, com o maxilar retesado. Tinha

uma postura rígida que fazia lembrar uma escultura de pedra.

– Ele fez mal à minha irmã. E fez-te mal a ti.

– A mim, não.

O Calvin bufou.

– Ouves bem o que dizes? O tipo raptou-te. Obrigou-te a caminhar pelas montanhas geladas como

uma prisioneira.

Como podia eu convencer o Calvin – sem dar a impressão de que me tinham feito uma lavagem

ao cérebro – de que o Jude me tinha salvado a vida? Tinha sido justo e tinha-me tratado com

dignidade. Tinha prometido acompanhar-me até Idlewilde, quando para ele teria sido muito mais

conveniente tentar a fuga e deixar-me morrer de frio nos bosques. Tinha ficado comigo mesmo depois

de lhe ter dado o mapa. Se eu não tivesse fugido teria ficado comigo até ao fim, disso tinha absoluta

certeza.

– Não te metas nisto – disse o Calvin. – Passaste por muito e não estás a pensar com clareza.

– Dizes bem, Calvin, *eu* passei por muito – disparei, apontando um dedo para

mim própria. – Sei

o que aconteceu lá fora na montanha. E estou-te a pedir para o deixares em paz. Deixa que seja a

polícia a tratar dele.

Ele estudou-me com a cabeça levemente inclinada para o lado, confundido.

– Porque é que o estás a proteger?

– Não estou a proteger ninguém. Estou-te a pedir que deixes a polícia tratar do caso. É para isso

que existem.

– Ele raptou-te, Britt. Ouves-me bem? O que ele fez é perigoso e ilegal. Mostra uma total falta de

respeito pela vida humana. Julgou que podia sair ileso. Usou-te, e vai continuar a servir-se de

pessoas como tu até que alguém o faça parar.

– Pessoas como eu? – repeti, incrédula.

O Calvin agitou os braços no ar, impaciente.

– Indefesas. Ingénuas. És justamente o tipo de rapariga de quem homens como ele se aproveitam.

É um autêntico predador, capaz de detetar fraquezas e incompetência nos outros como um tubarão

deteta uma gota de sangue a mais de um quilómetro de distância.

Senti-me a corar. O Shaun e o Jude não me tinham raptado por ser incompetente. Muito pelo

contrário. O Shaun só me tinha levado, e não à Korbie, por acreditar que eu era uma alpinista forte e

capaz. Porque eu tinha tido a esperteza de o fazer acreditar que a Korbie sofria de diabetes e tinha de

ficar para trás. Pus-me de pé de um salto.

– És tão estúpido, Calvin. Julgas que sabes tudo. Se calhar, devias perguntar porque é que o

Shaun e o Mason me levaram com eles e deixaram a Korbie na cabana.

– Porque a Korbie não é, nem de perto nem de longe, tão submissa e indefesa como tu – disse ele,

categorico. – Estás sempre à espera de que o teu pai, o Ian, até *eu* e, provavelmente, muitos outros

tipos de quem nunca ouvi falar resolvam os teus problemas. Sabes tão bem como eu que não és capaz

de fazer nada sozinha. O Mason e o Shaun olharam para ti e viram um alvo fácil. Uma rapariga

crédula, sem autoestima. A Korbie nunca teria ficado tanto tempo com eles como tu. Ia lutar. Ia fugir.

– Eu fugi! – protestei.

– Deixa-me dizer-te porque é que eles te escolheram – disse ele calmamente, o que só me deixou

ainda mais irritada. Não suportava aquela atitude fria e serena, nem a expressão condescendente nos

olhos dele. Naquele momento, perguntei-me o que alguma vez teria visto nele. Era completamente

errado para mim. Desperdiçara oito meses da minha vida a lamentar a perda de um palerma

arrogante e egoísta. A ironia era que o Calvin passara os últimos oito meses a tentar escapar das

garras do pai, mas não conseguia ver o que eu via. Estava a ficar igualzinho a ele. Era difícil

perceber se estava a falar com o Calvin ou com o sr. Versteeg. – Porque te queriam explorar. Certos

homens, homens como o Mason, sentem prazer em exercer poder sobre o sexo fraco. Fá-los sentirem-

se invencíveis. Ele precisava de ti para sentir que era ele quem mandava.

Fiz um som de discordância, furiosa. O Calvin não estava a descrever o Jude. Ele nunca me tinha

tentado controlar. O Shaun, sim, mas não o Jude. O Calvin nunca iria acreditar em mim, mas lá fora,

na encosta da montanha, eu não tinha dependido inteiramente do Jude. Ele não o permitira. Tinha

sobrevivido porque ele confiara na minha capacidade de ser autónoma. Crescera mais nos últimos

dias do que em quatro anos no secundário.

– E eu é que sou estúpido? – concluiu o Calvin, simplesmente.

– Cala-te – retorqui, com a voz trémula de raiva.

– Ninguém te está a culpar, Britt. Ele fez-te uma lavagem ao cérebro. Se te pudesses afastar um

pouco de ti própria e apreciar a questão de uma perspetiva legítima, deixarias

de tentar arranjar

desculpas para um criminoso. Defendeste-o a cada passo. Se não te conhecesse bem, diria que tens

um fraco por ele.

Não sei o que esperava, mas não era aquilo. Abri a boca para argumentar, mas não tinha defesa.

Senti-me corar até às orelhas. O Calvin reparou, e deixou cair a máscara de superioridade. Franziu o

sobrolho, baralhado, e fez um ar sombrio. Por instantes, temi que tivesse adivinhado o meu segredo,

mas ele sacudiu a cabeça, afastando qualquer desprezo ou ultraje por se sentir traído que eu pudesse

ter imaginado ver nos olhos dele.

– Quero 10 minutos a sós com ele – disse ele de forma a terminar a conversa, subindo as escadas.

Deixei-me cair no sofá, a balançar-me para a frente e para trás agarrada aos joelhos, subitamente

cheia de frio, apesar da lareira acesa a poucos metros. Sentia um estranho torpor na cabeça. Se pelo

menos conseguisse raciocinar. Tinha de impedir o Calvin de ir longe de mais. Mas como? A Korbie

talvez pudesse aplacar o irmão, mas estava a dormir sob o efeito de soporíferos e, se fosse acordá-

la, o Calvin perderia o pouco sangue-frio que ainda lhe restava. E mesmo que conseguisse acordá-la,

duvidava que ela se sentisse disposta a ajudar o Jude. Para ela, ele era o Ás, um dos dois homens que

a tinham deixado na cabana para morrer sozinha.

Incapaz de permanecer quieta, saltei novamente do sofá e comecei a andar de cá para lá na

cozinha. Se não me conseguia abstrair do que se estava a passar no quarto ao cimo das escadas, mais

valia manter as mãos ocupadas. Limpei a cozinha e atirei o saco do lixo para o caixote do lado de

fora da porta da cozinha. Ao levantar a tampa do caixote, surpreendeu-me ver vários sacos do lixo lá

dentro. Pelo cheiro, já ali estavam há semanas. Tanto quanto sabia, os Versteeg não tinham visitado o

chalé naquele inverno. Parecia impossível que o Calvin pudesse ter produzido tamanha quantidade

de lixo nos dois dias que ali passara. Ter-se-iam os Versteeg esquecido de levar o lixo com eles da

última vez que ali tinham estado, no fim do verão? Não era nada característico do pai do Calvin.

Tinha por hábito contratar uma equipa de limpeza após as estadias, deixando o chalé impecável.

De sobrolho franzido, voltei à cozinha e abri os armários. Estavam bem fornecidos, sobretudo de

porcarias, as coisas favoritas do Calvin. Cereais de pequeno-almoço açucarados, carne seca,

dónutes, bolachas e manteiga de amendoim. Sabia que a sra. Versteeg tinha

enviado o assistente no

fim de semana anterior com caixas de comida para a Korbie e para mim, mas podia vê-las de onde

me encontrava, ainda intactas no vestíbulo onde tinham sido depositadas.

Não fazia sentido. Porque deixariam os Versteeg o chalé recheado de comida durante o inverno

quando não tencionavam viajar até à montanha? Se não soubesse que não era assim, poderia ser

levada a pensar que havia *alguém* a viver naquela casa há meses.

Senti um calafrio na espinha. Não era só aquilo que não fazia sentido. Havia uma série de

incongruências que me andavam a incomodar há bastante tempo. Pouco antes de matar o Shaun, o

Calvin tinha-lhe dito: «Tenho-te visto por aí.» Mas como podia ser isso? O Jude tinha-me dito que o

Shaun se mudara para o Wyoming há cerca de um ano, e o Calvin passara praticamente o ano todo em

Stanford. Quando podia ele tê-lo visto?

Comecei vagamente a formular uma suspeita impossível, mas afastei-a de imediato. Não podia

desconfiar do Calvin. *Recusava-me* a fazê-lo. Que raio se passava comigo que só conseguia pensar o

pior dele? Não tinha motivos para não confiar nele.

No entanto, foi precisamente isso que dei por mim a procurar de seguida: motivos. Explicações.

Provas de que a ideia alarmante que se começava a formar no meu espírito não possuía qualquer

fundamento.

Na sala de estar, remexi nos papéis em cima da secretária em busca de sinais de que a casa tinha

estado recentemente ocupada: contas, correspondência recente, revistas, jornais. Não encontrei nada.

A casa de banho era outra história. Havia um anel de sujidade levemente rosado na sanita,

indicando que tinha sido usada, mas não desinfetada. A bancada e a pia do lavatório apresentavam

crostas de pasta dos dentes. Havia manchas de água no espelho por cima do lavatório que alguém não

se dera ao trabalho de eliminar. Tinha a certeza *absoluta* de que o sr. Versteeg teria contratado

alguém para limpar o chalé antes de fecharem Idlewilde no fim do verão anterior. Alguém ali

estivera depois do dia um de setembro. Alguém ocupara o chalé durante o inverno. Engoli em seco.

Não queria pensar nas hipóteses.

De volta à sala, vasculhei as gavetas da secretária com mais cuidado. Um pedaço de papel em

particular captou a minha atenção. Era o canhoto de um recibo de vencimento da Empresa de *Rafting*

de Snake River. Tinha sido destacado no dia 15 de setembro do ano anterior e passado em nome do

Calvin, semanas depois de supostamente ter partido para a universidade.

Fechei os olhos, dando voltas e mais voltas à suspeita amorfa e horrível que não me largava. O

Cal? *Não, não, não.*

A Macie O’Keeffe, a instrutora de *rafting* que tinha desaparecido em setembro, trabalhara para a

Empresa de *Rafting* de Snake River. Teria sido assim que o Calvin a conheceu? Teria sido ela a

razão por ter deixado de me ligar e decidido romper comigo? Teriam começado a namorar, discutido,

e uma noite, após o turno deles, o Calvin...

Não era capaz de completar aquela linha de raciocínio. Era impensável. O Calvin tinha estado oito

meses fora, na universidade. Não podia ter assassinado a Macie O’Keeffe em setembro do ano

anterior. Não podia ter assassinado *ninguém*.

Apertei a cana do nariz entre os dedos para debelar uma ligeira dor de cabeça. O momento

parecia irreal, tão labiríntico e visceral como um pesadelo. Como podia o Calvin ser um assassino?

Retomei a busca frenética às gavetas. Peguei num pequeno cartaz amarrotado com a palavra

«PROCURA-SE!» impressa no cabeçalho em letras garrafais. Alisei as pregas que deformavam o

rosto sorridente da Lauren Huntsman. O orifício no topo do cartaz levava-me

a crer que tinha estado

pregado a uma árvore ou a um poste telefónico. Fazia sentido que as equipas de busca tivessem

passado toda a zona de Jackson Hole e áreas adjacentes a pente fino à procura dela. Todos aqueles

voluntários incansavelmente à procura de uma rapariga desaparecida, e o Calvin guardara o cartaz

como lembrança.

Uma lembrança do que tinha feito.

Era inegável, pensei, meio zozza. Estivera todo aquele tempo escondido em Idlewilde. Não

admirava que nos tivesse tentado dissuadir da viagem. Todos os segredos dele estavam *ali*.

A mentira dele pareceu escancarar uma grande bocarra e engolir-me por inteiro. O Calvin, um

mentiroso. Um estranho.

Calvin, um assassino.

Capítulo trinta e quatro

Tinha de tirar o Jude de Idlewilde.

Tinha de nos tirar a *todos* de lá. Não estávamos seguros com o Calvin.

O Calvin.

Os crimes horríveis que ele tinha cometido... Oh, céus, só queria que fosse tudo um equívoco.

Tinha de haver uma explicação. Ele devia ter tido uma razão para fazer o que fez. Faltava-me uma

informação qualquer de importância crucial. Não era demasiado tarde para o ajudar.

Ao cimo das escadas, fui dar com a porta do quarto entreaberta. Ouvi a voz do Calvin, cheia de

raiva.

– Onde está o mapa?

Estava sentado no colchão ao lado do Jude, de costas para a porta. À luz fraca da vela na mesinha

de cabeceira, vi o Jude a tremer violentamente, sacudindo as cordas que o mantinham preso à cama

de braços e pernas esticados. O Calvin tinha-lhe ligado a ferida, mas ficara-se por aí. Abrira a

janela; a corrente gélida passava por baixo da porta, envolvendo-me os tornozelos. Em poucos

minutos, o quarto estaria tão frio como o ar invernosolá fora. Algo me dizia que aquilo era apenas o

início do sofrimento que o Calvin pretendia infligir.

– Porquê tanto interesse no mapa? – perguntou-lhe o Jude com a voz tolhida de dor, respirando a

custo.

O Calvin soltou uma risadinha áspera que me arrepiou o couro cabeludo.

– Aqui, quem faz as perguntas sou eu.

Espreitando pela fresta da porta, vi o Calvin inclinar a vela sobre o peito do Jude, que tinha a

camisa parcialmente desabotoada. O Jude não pôde evitar um sobressalto de dor que terminou num

gemido fraco.

– Mais uma vez, onde está o mapa?

O Jude torceu-se, procurando em vão libertar-se. Era uma corda industrial.

– Escondi-o.

– Onde?

– Julgas mesmo que te vou dizer? – cuspiu, num ato de desafio admirável tendo em conta que

estava completamente à mercê do Calvin e que devia estar num sofrimento atroz. Admirável ou não,

de nada lhe serviria. O Calvin inclinou a vela uma segunda vez, vertendo-lhe a cera derretida sobre o

peito nu. O Jude retesou-se completamente antes de deixar escapar outro gemido. O suor escorria-lhe

pela testa e pelas dobras do pescoço, mas o resto do corpo dele continuava a estremecer

involuntariamente.

– Há três pontos verdes no mapa – disse ele a custo, com a voz arranhada. – Esqueceste-te de

lhes pôr legendas.

Desta vez, foi o Calvin a ficar hirto como um poste. Não respondeu, mas o

movimento dos

ombros ao respirar indicou-me que o comentário do Jude o tinha deixado perturbado.

– Três pontos verdes, três refúgios abandonados, três raparigas mortas. Vês alguma ligação? – A

firmeza do tom deixava claro que não se tratava de uma pergunta.

Por fim, o Calvin recuperou a voz.

– Com que então, o criminoso está a tentar atirar-me com as culpas de uns quantos homicídios?

– Um dos pontos verdes no teu mapa marca uma antiga cabana de caçadores de peles onde uns

alpinistas encontraram o corpo da Kimani Yowell. Os outros dois assinalam cabanas abandonadas. E

já que falamos de teorias, aqui vai outra. Não acho que tenha sido o namorado da Kimani a

estrangulá-la, e também não acho que a Marcie O’Keeffe tenha sido assassinada por vagabundos

perto do rio onde trabalhava como instrutora de *rafting*. E não me parece que a Lauren Huntsman se

tenha embebedado e afogado por acidente num lago. – A voz do Jude falhou quando mencionou o

nome da irmã. Engoliu em seco e disfarçou a comoção com um olhar cortante. – Acho que as mataste

e que te desfizeste dos corpos delas em lugares onde nunca seriam encontradas.

O Calvin não abriu a boca. Estava cada vez mais ofegante, ainda a pensar no que havia de dizer.

– Que espécie de homicida imbecil produz provas físicas contra si próprio? – perguntou o Jude.

– Partilhaste as tuas teorias com a Britt? – disse o Calvin por fim, numa voz quase normal.

– Porquê? Até onde estás disposto a ir para manter o teu segredo? Eras capaz de matar a Britt, se

ela soubesse?

O Calvin encolheu os ombros.

– Não importa. A Britt nunca acreditaria nas tuas acusações.

Senti o corpo todo a contrair-se. Encostei-me à parede, a vibrar de medo. Sentia-me enjoada.

Aquele não era o Calvin que eu conhecia. O que lhe teria acontecido?

– Não contes muito com isso. Tenho uma história muito convincente – disse o Jude. – Primeiro

julguei que o assassino era o Shaun. Quando o mataste, a minha primeira reação foi entrar em

desespero. Tinha perdido a única pessoa que me podia dar respostas. A minha reação seguinte foi

perguntar-me porque o tinhas matado. Foi uma coisa completamente inesperada. Podias tê-lo

amarrado e entregue às autoridades, mas em vez disso deste-lhe um tiro. Nem sequer hesitaste.

Soube logo que não era a primeira vez que matavas uma pessoa. Comecei a

desconfiar de ti, mas não

tinha certezas de nada até ter visto o boné dos Cardinals que deste à Britt. E o mapa, claro.

O chão pareceu deslizar sobre os meus pés. Sentia as pernas a fraquejar. Tinha de sair do chalé.

Tinha de ir pedir ajuda. Mas a ideia de voltar à floresta gelada, escura e assombrada, fazia-me entrar

em pânico. Até onde conseguiria ir? Dois, três quilómetros? Morreria congelada antes do nascer do

sol.

– Quem és tu? – perguntou o Calvin, intrigado. – Não és da polícia, nesse caso andarias armado e

terias um distintivo. – Levantou-se para se debruçar sobre o Jude. – Quem *raio* és tu?

Com um movimento convulsivo, o Jude arqueou-se na cama, retesando os músculos num esforço

para vencer as cordas, que não deram mostras de ceder. Os postes da cama começaram a ranger sob

a pressão. O som pareceu dar-lhe ânimo. Apertou ainda mais o peito na tentativa de aproximar os

pulsos e partir a armação da cama. O Calvin também ouviu o ruído, e apressou-se a devolver a vela

à mesinha de cabeceira, trocando-a pela pistola que trazia à cintura, mais rápida e eficaz.

Apontou a pistola ao Jude e ordenou-lhe:

– Quietto, ou faço-te outro buraco.

O Jude ignorou-o e continuou a puxar pelas cordas com toda a força, com o rosto contraído pelo

esforço e pelo ódio, o suor a escorrer-lhe em catadupa pelas faces. Os postes protestaram ainda mais

quando a madeira começou a vergar, e o Calvin deu um tiro para o ar.

O Jude afundou-se no colchão, inerte e ofegante. Soltou um gemido gutural de frustração e deixou

pende os braços e as pernas na posição inicial.

– És um covarde – disse ele ao Calvin. – Não admira que o teu pai se tenha esforçado tanto para

seres bem-sucedido: sabia que a matéria-prima deixava muito a desejar. Com a Korbie não tinha de

se preocupar, ela sabe como conseguir o que quer, mas tu deves ter sido uma desilusão monumental.

Estavas destinado ao fracasso. O teu pai sabia-o e, lá bem no fundo, tu também sempre soubeste.

O Calvin eriçou-se.

– Não me conheces.

– Não há grande coisa para conhecer.

O Calvin enterrou-lhe o cano da pistola na cara. Todo ele tremia.

– Posso calar-te de uma vez por todas.

– Mataste aquelas raparigas. Mataste-as. Admite-o. Deixa de brincar às escondidas e comporta-te

como um homem. Um homem que se preze admite o que faz.

– Que te interessa a ti se as matei ou não? – atirou-lhe o Calvin, colérico. – Tu não tens respeito

por ninguém. Deixaste a minha irmã entregue à morte.

Praticamente não consegui ouvir a resposta do Jude, proferida num tom controlado e mortífero.

– Se soubesse que a Korbie era tua irmã, tinha-a mantido viva o tempo suficiente para me

certificar de que estarias presente quando lhe cortasse a garganta.

Vi o Calvin a cerrar os dentes, mal controlando a raiva. O dedo dele apertou-se um pouco mais à

volta do gatilho da pistola.

– Devia matar-te já.

– Antes de eu te dizer onde está o mapa? Não aconselho. Percebi que tinhas sido tu a matar

aquelas raparigas antes de vir para cá. Precisava de garantir que mesmo que não conseguisse dar

cabo de ti, a pena de morte faria o trabalho por mim. No Wyoming, é uma injeção letal. Não sou de

grandes arrependimentos, mas vou ter pena de não estar lá para te ver a esvaziar a tripa quando te

prenderem à mesa. Deixei o mapa num sítio onde será encontrado pelas autoridades. Podes contar

com isso.

– Estás a mentir.

O Calvin pareceu dar pouca importância à ameaça, mas não conseguiu disfarçar uma ponta de

preocupação na voz.

– Revistaste-me a roupa. Sabes que não trouxe o mapa comigo. Por que outro motivo deixaria eu

de o trazer, a menos que soubesse que não podia correr o risco de voltar para as tuas mãos, pois

sabia o que o mapa indicava na realidade: as sepulturas das tuas vítimas. – O Jude conseguiu manter

a voz firme e assertiva, mas o tremor convulsivo e o suor que lhe dava lustro ao rosto pálido e

contraído revelavam o sofrimento agonizante em que se encontrava. Por baixo da ferida, o lençol

exibia uma enorme mancha rubra.

– Vou-te deixar escolher – disse o Calvin por fim. – Diz-me onde está o mapa, e eu enfio-te um

tiro na cabeça. Continua esse jogo do gato e do rato, e terás a morte mais lenta e criativa que eu

consiga imaginar.

– Não vou dizer nada. Se me matares, rápida ou lentamente, tenho a garantia de que terás de

enfrentar até cinco acusações de homicídio qualificado, e com esse sangue todo nas mãos não terás a

mínima hipótese de escapar à pena de morte.

Os olhos do Calvin percorreram-no com uma expressão intrigada.

– *Quem* diabo és tu? – voltou ele a perguntar com assombro.

O Jude ergueu a cabeça do travesseiro com um brilho selvagem no olhar.

– Sou o irmão mais velho da Lauren Huntsman. O último tipo com quem tu te devias ter metido.

O Calvin pareceu vacilar, mas rapidamente recuperou a compostura. Atirou a cabeça para trás e

soltou uma gargalhada bem-disposta.

– Não acredito no que estou a ouvir. Então, tu assumes que eu matei a tua irmã, e vens aqui...

fazer o quê? Em busca de vingança? Queres a desforra? Deixa-me adivinhar: Mason nem sequer é o

teu nome verdadeiro. Não és nada burro, tu... – acrescentou ele com um estranho misto de admiração

e repugnância.

No corredor, apoiei-me contra a parede para não cair. Tinha cometido um erro terrível. O Jude

estava a dizer a verdade. Tinha desistido dos estudos para vingar a morte da irmã. Lembrava-me de o

ouvir dizer que eram muito chegados, que a Lauren significava tudo para ele. Claro que queria

justiça. Perguntei-me se os pais saberiam. Se os amigos estariam ao corrente do que pretendia fazer.

Que mentiras e desculpas teria inventado quando partira? Começava a dar-me conta da magnitude da

missão dele. Tinha virado as costas a tudo para perseguir o assassino da irmã, e agora estava prestes

a abdicar da última coisa que lhe restava. A própria vida. Pois o Calvin nunca o deixaria sair dali

vivo.

O Calvin encolheu os ombros, indiferente.

– Acho que, afinal de contas, *O Padrinho* sempre tinha razão. Sangue é sangue e não há nada

igual.

O Jude fechou os olhos, mas não sem antes lhe ver um trejeito de emoção.

– Não vou desistir até ter o mapa, espero que tenhas noção disso – declarou o Calvin,

contornando a cama até parar do lado oposto. Ergueu os olhos, fitando a porta atrás da qual eu me

escondia.

Fiquei estática. O corredor estava escuro. Tinha quase a certeza de que não me podia ver.

Continuou com olhos fixados na minha direção, mas seguramente não passava de um olhar ausente,

perdido na distância. Não era possível distinguir a minha silhueta das sombras atrás de mim. O

Calvin levantou um braço e coçou o queixo com movimentos vigorosos, uma postura que queria dizer

que estava a avaliar a próxima jogada.

Quando voltou a olhar para o Jude, aproveitei para atravessar o corredor em silêncio e escapar-

me para a cozinha. Experimentei o telefone. Mudo, tal como a Korbie tinha dito. Ou a tempestade

tinha interrompido as comunicações, ou o Calvin tinha cortado a linha.

O Calvin tinha deixado o telemóvel em cima da bancada da cozinha, mas não tinha rede.

Vasculhei as gavetas da divisão à procura de uma arma. Nada. Na sala, procurei dentro das gavetas

da secretária, mas o Calvin já tinha levado a pistola. Cada vez mais desesperada e em pânico,

levantei as almofadas do sofá. Estive quase para atirar a última almofada contra a parede, frustrada.

O pai do Calvin era colecionador de armas. Teria de haver várias no chalé. Espingardas, pistolas,

caçadeiras – onde estaria tudo?

Dirigi-me ao baú antigo encostado à parede dos fundos, pensando que era a minha última

esperança. Levantei a tampa e espreitei lá para dentro, com o coração a bater descompassado.

No fundo do velho baú riscado havia uma pequena pistola. Com uma mão trémula, enfiei-o num

dos bolsos do meu pijama.

Endireitei-me, sentindo o peso da arma a arrastar-me para baixo. Seria eu capaz de dar um tiro ao

Calvin? Se as circunstâncias assim o exigissem, seria eu capaz de acabar com a vida do rapaz doce e

vulnerável que sempre estivera à mercê de um pai daqueles? O rapaz por quem me tinha apaixonado?

A nossa história tinha começado há muitos anos, e as nossas vidas estavam de tal forma interligadas

que era impossível separar os dois percursos. Quem era esta versão deformada e demente do Calvin?

Sentia-o a afastar-se, a desligar-se de mim, e a perda feria-me no mais profundo do meu ser.

Virei-me e dei com ele mesmo atrás de mim.

Capítulo trinta e cinco

– Andas à procura de alguma coisa? – perguntou-me o Calvin.

Demorei demasiado tempo a encontrar a minha voz.

– Um cobertor. Tinha frio.

– Há um nas costas do sofá. Como sempre.

– Tens razão. Já o vi.

Olhei-o nos olhos, procurando vislumbrar aquilo em que estava a pensar. Saberá que eu tinha

ouvido tudo? O olhar dele pousou brevemente nas minhas mãos, e a seguir voltou ao meu rosto, tão

atento e vigilante como o meu.

– Beijaste-o? – perguntou-me ele.

– Beije quem? – perguntei, embora soubesse perfeitamente a quem se referia.

– Beijaste o Mason? – repetiu o Calvin, assustadoramente sereno. – Quando estavam lá fora na

floresta, só os dois, dormiste com ele?

Não o deixaria fazer-me perder a calma. Procurando parecer o mais normal possível, lancei-lhe

um olhar pasmado.

– Como assim?

– És virgem ou não?

Aquele olhar fixo e penetrante não me agradava. Tinha de mudar de assunto.

– Queres que te faça um café? Deixa-me ligar a...

– Chhh. – Encostou o dedo indicador aos meus lábios. – Quero a verdade.

O brilho nos olhos dele era energia mal contida, prestes a ser libertada, e a despeito dos meus

esforços para erguer defesas, senti a coragem a faltar-me. Optei por ficar em silêncio, pois sabia que

o Calvin detestava que lhe respondessem à altura. Tinha de ter sempre a última palavra.

O Calvin abanou a cabeça, desiludido.

– Oh, Britt. E eu que julgava que eras uma rapariga bem-comportada.

Foi aquela declaração hipócrita que me tirou do sério. Por breves instantes, eclipsou até o medo.

Quem se julgava ele para emitir juízos de valor sobre mim? Ele, que tinha *assassinado* três

raparigas. Tudo o que eu mais odiava no Calvin pareceu adquirir súbito destaque: os defeitos dele,

aquela atitude de superioridade, o charme superficial, a falta de sinceridade – e acima de tudo, a

forma desligada e insensível como terminara a nossa relação. Tudo indícios perturbadores de um

lado mais negro que sempre conhecera, mas tinha preferido ignorar. O Calvin pisava os outros. Eu é

que só agora tinha percebido como era bom a fazê-lo.

– O que fiz ou deixei de fazer com o Jude não é da tua conta.

Os cantos da boca dele descaíram.

– Estás enganada. Ele fez-vos mal, a ti e à Korbie, e eu estou a tentar que ele pague por isso.

Como é que achas que me sinto quando tomas o partido dele? Quando ages por trás das minhas costas

e o ajudas? Magoa, Britt. Fico furioso.

Cerrou os punhos com força e eu recuei alguns passos. Pôs-se a abrir e a fechar as mãos de forma

mecânica, abstraída. Tinha visto o sr. Versteeg fazer o mesmo, e quando isso acontecia, eu e a Korbie

sabíamos que o melhor a fazer era sair da divisão o mais depressa possível e escondermo-nos dentro

do armário dela, onde o pai não pensaria procurar-nos, em perfeito silêncio.

– Enquanto eu andava lá fora na floresta à vossa procura, sem parar, cheio de frio e de fome,

estavas a fazer-te a um tipo que nem sequer conheces, a deixá-lo enfiar-te a língua pela garganta

abaixo, a aquecê-lo à noite, a mostrar-lhe o *meu* mapa... – Pontuou a palavra com uma pancada no

peito. – A trazê-lo à *minha* casa. – Outra pancada. – A pôr a *minha* irmã em perigo. – Outra pancada.

– Sabes o que o meu pai me faria se a Korbie tivesse morrido naquela cabana? Se tivesse morrido

numa altura em que estaria a tomar conta dela? Estás tão preocupada com o Mason, ou Jude, ou seja

qual for o nome dele, mas então, e eu? Trouxeste-o aqui, tramaste-me, destelhe o mapa... *Tramaste-*

me! – gritou ele com o rosto contorcido, lívido de raiva.

Tirei a pistola do bolso e apontei-lha ao peito. Tinha as mãos a tremer, mas àquela distância,

nervosa ou não, seria difícil errar o alvo.

O Calvin empalideceu ao ver a arma.

– Deixa-te ficar onde estás. – Mal reconheci a minha voz. Apesar de estar à beira da histeria,

pronunciei as palavras com firmeza. E se o Calvin não me desse ouvidos? Nunca tinha disparado

uma arma. O metal frio e pesado entre os meus dedos parecia estranho e sinistro. Tinha as mãos

suadas, o que não facilitava a tarefa. Os olhos do Calvin iluminaram-se, sorridentes.

– Não serias capaz de me dar um tiro, Britt.

– De joelhos. – Pestanejei repetidamente para corrigir a minha visão flutuante, tentando

concentrar-me no Calvin, que parecia oscilar ora para a esquerda, ora para a direita. Ou se calhar,

era a sala que estava a andar à roda.

– Não. Não tenho paciência para esta charada – disse ele com uma autoridade calma. – Não

sabes usar armas, tu própria o disseste. Repara: tens o polegar em cima do percutor, que vai dar um

coice quando disparares e magoar-te a mão; estás nervosa, vais-te atrapalhar quando carregares no

gatilho e estragar a pontaria; o som do disparo vai-te assustar e vais deixar cair a pistola. Poupa-nos

o incómodo e pousa já a pistola no chão.

– Não penses que não o faço. Juro que te dou um tiro.

– Não estamos em Hollywood. Não é fácil atingir um alvo, mesmo a esta distância. Ficarias

admirada se soubesses quantas pessoas falham um tiro destes. Se disparares contra mim, não haverá

volta atrás. Alguém vai acabar mal. Mas podemos impedir que isso aconteça. Dá-me a pistola e

podemos resolver isto. Tu gostas de mim e eu gosto de ti. Lembra-te disso.

– Mataste três raparigas!

O Calvin abanou vigorosamente a cabeça e corou.

– Acreditas mesmo nisso, Britt? Pensas assim tão mal de mim? Toda a vida nos conhecemos.

Pensas mesmo que sou um assassino?

– Não sei o que pensar! Porque não me explicas? Que mal te fizeram aquelas raparigas? Tinhas

tudo a teu favor. És inteligente, bonito, atlético, rico, e tinhas a vida garantida em Stanford...

O Calvin abanou o indicador. Via-se a frustração nos vincos em redor dos lábios franzidos.

Começou a tremer violentamente e o rosto dele voltou a ensombrar-se.

– Não tinha *nada* a meu favor! Stanford rejeitou-me. Nunca cheguei a frequentar a universidade!

Não sabes como é estar impotente, Britt. Eu não tinha nada. Elas tinham tudo. Aquelas raparigas...

devia ter sido eu! Tinham o que era meu por direito – acrescentou, infeliz.

– Então, foi por isso que as mataste? Porque tinham o que tu querias? – Sentia-me horrorizada.

Horrorizada e enojada.

– Eram *miúdas*, Britt. Fui derrotado por miúdas. Como podia eu viver com uma coisa dessas? O

meu pai nunca mais se calaria, se soubesse. Lá em casa já era mau que chegue, com ele

constantemente a transformar tudo numa competição entre mim e a Korbie, e a manipular as regras a

favor dela. Mesmo que a Korbie não mexesse um dedo, a vitória estava garantida. O meu pai não

esperava nada dela porque é rapariga. Mas de mim, esperava o impossível.

Não mostrava quaisquer remorsos. Desejei que parecesse arrependido e amedrontado. Queria

ouvi-lo a admitir que precisava de ajuda, mas o Calvin não se sentia culpado. Sentia-se ameaçado

pelas raparigas que matara. Humilhado por elas. Pensei na corda que tinha visto na garagem, a que

tinha crostas de sangue. A Kimani Yowell tinha sido estrangulada. Teria ele feito o mesmo à Macie e

à Lauren? Não se tinha limitado a matá-las, tinha transformado aquilo numa questão pessoal. Tinha

usado as próprias mãos. Os crimes não tinham nada que ver com elas. Tinham tudo que ver com *ele*.

– Mataste a Lauren quando ainda namorávamos! Tinhas-me feito o mesmo se tivesse conseguido

entrar numa boa escola?

O Calvin cravou os olhos nos meus.

– Nunca seria capaz de te fazer mal.

– Eu confiei em ti, Cal! Julguei que eras o amor da minha vida. Só te queria proteger e fazer feliz.

Detestava a forma como o teu pai te tratava, e mesmo quando descarregavas

em mim a raiva que

sentias por ele, nunca te culpei. Julgava que te podia ajudar. Pensava que tinhas bom coração e que

só precisavas de alguém que te amasse!

– Podes continuar a confiar em mim – disse ele, passando completamente ao lado da questão. –

Serei sempre o teu Cal.

– Mas tu ouves o que estás a dizer? As pessoas vão acabar por descobrir tudo. Podes ir parar à

prisão. O teu pai...

O Calvin voltou a cerrar os punhos.

– Não metas o meu pai na conversa. Se me queres ajudar, não o metas nisto.

– Infelizmente, acho que já não te posso ajudar.

Os olhos dele faiscaram, mas por detrás da explosão de raiva vi uma tristeza profunda.

– Nunca fui bom que chegue. Nem para ele nem para ti. Sobretudo para ele. Ele tinha dado cabo

de mim, Britt. Se lhe tivesse dito que não tinha conseguido entrar na universidade, ele ia preferir

matar-me a suportar a humilhação. Por isso, tive de mentir a toda a gente sobre Stanford e esconder-

me aqui em Idlewilde. Não o queria fazer e, definitivamente, não queria matar a Lauren. Não planeei

a morte dela. Uma noite, a meio de uma caminhada, dei com o Shaun a tirar-

lhe fotografias. Ela trazia

um boné dos Cardinals e perdi a cabeça. Estava completamente bêbeda e isso só me irritou ainda

mais. Stanford tinha admitido uma alcoólica, mas tinha-me rejeitado. Quis poder tirar-lhe o

privilégio, mas não podia. Por isso, quando o Shaun foi ao barracão das ferramentas, tirei-lhe...

tirei-lhe a vida.

– Oh, Cal... – disse eu num fio de voz, olhando-o com pena e repugnância. O Shaun devia ter

encontrado a Lauren já morta quando regressara à cabana. Teria entrado em pânico e escondido o

corpo na mala de ferramentas. Levara o medalhão, sabendo que era valioso, algo a que o Calvin não

teria dado importância. Nunca tivera problemas de dinheiro. Agora que sabia a história toda, era

fácil perceber o que levava o Jude a pensar que o Shaun era o assassino.

Mas o assassino era o Calvin. Não consegui disfarçar uma expressão revoltada.

O Calvin reparou no meu olhar e algo dentro dele pareceu alterar-se. O rosto dele assumiu uma

expressão fria e intocável. Naquele instante, pareceu realmente transformar-se noutra pessoa. Nunca

lhe tinha visto aquela máscara cruel e sem coração. Deu um passo em frente.

– Não te aproximes de mim, Calvin – guinchei-lhe.

Ele deu outro passo.

Os ombros doíam-me ao fim de tanto tempo a segurar a arma em posição, e dei-me conta de que

tinha os cotovelos presos e começava a deixar de sentir as mãos. Assim que cheguei a esta

conclusão, começaram a tremer violentamente.

O Calvin continuou a avançar. Mais um passo e poderia neutralizar-me.

– *Para aí, Calvin!*

Ele escolheu aquele momento para arremeter contra mim, e o instinto impeliu-me a agir. Apertei o

gatilho, fazendo escoicear a pistola, tal como o Calvin tinha previsto. Um estalido seco preencheu o

ar, e o Calvin cambaleou, com os olhos verdes tão arregalados que pareciam querer sair das órbitas,

e caiu sobre um joelho.

Ter-lhe-ia acertado? Onde estava o sangue? Teria *falhado*?

Abafando uma gargalhada gutural carregada de ameaça, o Calvin ainda se deixou ficar naquela

posição por uns instantes, antes de se pôr de pé. Havia uma frieza nos olhos dele que me deixava sem

fôlego. Não restava nada do meu Calvin na pessoa que tinha à minha frente. Parecia uma cópia do

pai.

Apertei o gatilho repetidamente, e de cada vez soava-me aos ouvidos o

mesmo estalido seco.

– Tiveste azar – disse ele, arrancando-me a pistola das mãos. Agarrou-me à bruta pelo cotovelo e

começou a arrastar-me pela sala até à porta da frente. Finquei os calcanhares no chão e sacudi-me de

um lado para o outro. Sabia o que o Calvin pretendia fazer a seguir, pois era o pior castigo que me

podia infligir. Não trazia o casaco. Nem sequer tinha as botas calçadas.

– *Korbie!* – gritei. – Poderia ela ouvir-me? Se não travasse o irmão...

– Calvin? Que vem a ser isto?

O Calvin virou-se de repente, sobressaltado pela voz da irmã nas escadas. O seu olhar ensonado

virava-se de mim para ele.

– Porque é que estás a magoar a Britt? – perguntou ela.

– Korbie – disse eu, com as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto. – Foi o Calvin quem matou

todas aquelas raparigas. As que desapareceram no ano passado. Matou o Shaun e sabe-se lá quem

mais. Vai-me matar também. Tens de o impedir.

Quando falou, o Calvin parecia a calma em pessoa.

– Ela está a mentir, Korb. É mais do que *óbvio* que está a mentir. Não diz coisa com coisa, uma

reação perfeitamente normal devido à hipotermia e à desidratação que sofreu lá fora na floresta.

Volta para a cama. Eu trato disto. Vou dar-lhe um comprimido para dormir e metê-la na cama.

– Korbie – implorei, entre soluços. – Estou a dizer a verdade. Vai ver os armários da cozinha e o

caixote do lixo lá fora. Passou aqui o inverno inteiro. Nunca chegou a ir para Stanford.

A Korbie franziu o sobrolho e olhou-me como se eu fosse doida varrida.

– Sei que estás chateada com o Calvin por ter rompido contigo, mas isso não faz dele um

assassino. O meu irmão tem razão, precisas urgentemente de dormir.

Fiz um som de aflição e redobrei os esforços frenéticos para me libertar.

– Solta-me! *Solta-me!*

– Vais ter de vir aqui, Korbie – disse o Calvin, cerrando os dentes enquanto me tentava

imobilizar. – Ajuda-me a metê-la na cama.

Com a boca colada ao meu ouvido, sussurrou-me:

– Achavas mesmo que conseguias pôr a minha irmã contra mim?

– Vai pedir ajuda! Chama a polícia! – gritei eu à Korbie. Cada vez mais aflita, vi-a descer

calmamente as escadas.

– Não faz mal, Britt – disse ela. – Eu sei como tu te sentes. Estava tal como tu quando o Calvin

me encontrou na cabana, desidratada e a ver coisas que não existiam. Até pensei que o Calvin era o

Shaun.

– Chama a polícia! – gritei-lhe. – Faz como te digo, para variar! Isto não tem nada que ver

comigo e com o Calvin!

– Prende-lhe as pernas – disse o Calvin à irmã.

A Korbie ajoelhou-se ao meu lado, e foi então que o irmão lhe deu uma pancada na nuca com a

coronha da pistola. Sem um único som, a Korbie tombou no chão, inerte.

– *Korbie!* – gritei, mas em vão. Estava inconsciente.

– Quando acordar, digo-lhe que lhe deste um pontapé na cabeça – grunhiu o Calvin, arrastando-

me até à porta.

– Não me vais fazer isto, Calvin! – berrei-lhe, histérica, lutando para me libertar. Os braços dele

à minha volta pareciam enterrar-se nos meus ossos. – Não vou deixar que me faças mal!

O Calvin abriu a porta e atirou-me para o alpendre. Tropecei na soleira e fiquei esparramada na

neve.

– Não te afastes muito – disse-me ele. – O Mason não tem amor à vida, mas pode ser que se

preocupe com a tua. Chamo-te para dentro quando ele me disser onde escondeu o mapa.

– Cal... – comecei eu em tom de súplica, arrojando-me aos pés dele.

Ele fechou-me a porta na cara.

Envolta numa névoa de incredulidade, ouvi o trinco a correr.

Capítulo trinta e seis

Pus-me de pé e sacudi a neve do pijama. O choque deixara-me numa espécie de torpor, mas o

meu cérebro começou instintivamente a processar os próximos passos cruciais. Tinha de me manter

seca. Tinha de arranjar abrigo.

Espreitei a orla da floresta escura, onde a imponente muralha de árvores oscilava ao sabor do

vento. Os bosques pareciam vivos, habitados por fantasmas. Pareciam agitados, apreensivos.

Tinha as palmas das mãos arranhadas e a sangrar devido à queda. Observei-as, interdita, e pensei

que aquelas não podiam ser as minhas mãos. Aquilo não podia estar a acontecer. Não podia estar

outra vez lá fora ao frio, a lutar contra a morte. O Calvin não me faria uma coisa daquelas. Fechei os

olhos com força e voltei a abri-los numa tentativa de banir o torpor e regressar à realidade, pois

aquilo não podia ser a minha realidade.

Olhei para cima, para a casa. Vista de fora, tinha-se transfigurado. Num instante tinha-se tornado

tão vasta e tenebrosa como as montanhas à sua volta, tão fria e impenetrável como um castelo de

gelo. Bati com os punhos nas janelas, cobiçando o calor da lareira enquanto o vento me varria o

pijama e as tábuas frias do alpendre extraíam o calor do meu corpo através das plantas dos pés.

Não via o Calvin. Os meus olhos viajaram até à porta ao cimo das escadas. Tinha estado aberta

quando o Calvin me expulsara do chalé, mas agora estava fechada. A névoa desfez-se e regresssei

abruptamente à realidade. Atrás daquela porta, o Calvin estava a fazer um ultimato ao Jude: ou

revelava onde o mapa estava escondido, ou deixava-me morrer cá fora ao frio.

Vou morrer congelada, pensei. O Jude não vai confessar onde deixou o mapa. Quer que o

Calvin pague pela morte da irmã. Está disposto a sacrificar a própria vida, e a minha, para que se

faça justiça.

O peso deste pensamento afugentou a letargia que se apoderara de mim. O Jude não me viria

salvar. Estava por conta própria. A minha sobrevivência dependia unicamente de mim.

Não sabia quanto tempo me restava. Talvez uma hora, no máximo. A minha temperatura interna

continuaría a descer a pique, e sabia muito bem o que viria a seguir. Acabaria por perder o uso das

mãos e dos pés. Se tentasse andar, os meus passos tornar-se-iam lentos e

descoordenados. Depois,

viriam as alucinações. Sem uma imagem nítida do que me rodeava, começaria a ver coisas que não

existiam. Sonharia com uma fogueira acolhedora e sentar-me-ia alegremente à beira dela para me

aquecer, quando na realidade estaria tombada na neve, a deixar-me adormecer pouco a pouco para

nunca mais acordar.

Cerrei os dentes contra as ferroadas da neve derretida que se entranhava nas meias e atravessei o

jardim da frente a correr. Contornei o chalé, fustigada por fortes rajadas de vento. Tinha os olhos a

lacrimejar e o cérebro congelado. De cabeça baixa, continuei a avançar até ao fosso.

O fosso. Era uma parte tão integrante de Idlewilde como o próprio chalé. A Korbie e o Calvin

tinham-mo mostrado durante a minha primeira visita, há muitos anos. O sr. Versteeg instalara um

passadiço por cima da vala profunda que demarcava as traseiras da propriedade, criando uma

espécie de resguardo sob a armação de suporte ao qual o Calvin chamara, sem grande criatividade,

«o fosso». A Korbie arrastara um tapete velho para a bacia do fosso, conferindo-lhe um toque de

conforto, e o Calvin pregara algumas tábuas de madeira às paredes, à laia de escadote, para

podermos entrar e sair em segurança. Durante a minha última visita a Idlewilde com os Versteeg, a

Korbie e eu tínhamos descoberto a reserva de cigarros e revistas para adultos do Calvin escondidas

debaixo de uma das pontas do tapete. Em troca do nosso silêncio, extorquimos-lhe 50 dólares para

cada uma. O que eu não dava para voltar atrás e fazer queixa dele.

Quando desci ao fosso, fiquei desolada ao dar-me conta de que não fornecia proteção

praticamente nenhuma. As fibras do tapete estavam congeladas sob uma camada de gelo e parecia

não haver como fugir às rajadas de vento que me perseguiram até ao interior.

Era doloroso respirar; cada inspiração parecia trazer consigo uma onda de frio cada vez mais

intenso. Sentia-me completamente desamparada. Não podia ligar ao meu pai a pedir ajuda. Não

podia obrigar o Ian a vir em meu socorro. Quanto ao Jude, estava amarrado a uma cama a ser

torturado pelo Calvin. Tinha de fazer uma fogueira, mas a tarefa parecia estar acima das minhas

capacidades. Se falhasse, ninguém me viria resgatar. Estava verdadeiramente só.

Encostei-me para trás contra a parede da vala e comecei a chorar.

Enquanto chorava, veio-me à memória um estranho episódio: era muito pequena, e saí de casa a

correr, descalça em pleno dia de inverno, para jogar à apanhada no passeio com o Ian e os amigos

dele. Sentia os pés tolhidos de frio, mas recusava-me a abandonar o jogo por um minuto que fosse

para ir calçar uns sapatos. Em vez disso, abstraí-me do frio e continuei a jogar. Gostava de me poder

sentir tal como naquele dia. Embrenhada numa tarefa qualquer que me pudesse distrair daquele frio

cruel, cortante e implacável.

Vê se consegues escavar alguns ramos secos à volta dos troncos das árvores, disse a voz do

Jude, imiscuindo-se nos meus pensamentos.

Não posso, pensei, taciturna. Não posso andar na neve, não tenho sapatos. Não posso escavar na

neve, não tenho luvas.

Resina. Arde como gasolina, lembras-te? , continuou a voz, persistente.

Não vou desperdiçar a pouca energia que me resta a extraí-la, contestei.

Corri as mãos trémulas pelas fibras endurecidas do tapete, perguntando-me quanto tempo

aguentaria até ficar como elas. Como uma pedra de gelo. Foi ao fitar o tapete com um olhar

desconsolado que me ocorreu a ideia: *os cigarros do Cal.*

Afastei a aba do tapete, e ali estavam eles, alojados num ninho de musgo seco: um maço de

cigarros e uma carteira de fósforos que o Calvin trouxera de um hotel. Frios, mas secos. Havia boas

hipóteses de os conseguir acender.

Esta pequena vitória instigou-me a agir. Por muito que me custasse percorrer a neve para

encontrar gravetos, tinha de o fazer. Formulei um plano à pressa, antes que me pudesse arrepender.

Podia construir uma plataforma com lenha da pilha que o sr. Versteeg mantinha junto à porta da

cozinha. Tinha visto um ninho caído perto de uma das árvores; podia servir de acendalha. Pinhas e

casca de pinheiro também. E podia raspar um pouco de resina das árvores com as unhas.

Cerrando os dentes de frio, abandonei a vala a cambalear contra o vento que me esbofeteava com

rajadas de gelo. Aos tombos pela neve, com os pés encharcados, afugentei todas as distrações até me

concentrar num único pensamento: reuniria os materiais necessários para fazer uma fogueira ou

morreria a tentar fazê-lo.

Deixei de lutar contra o frio intolerável. Estava gelada e aceitei esse facto. Dediquei todas as

minhas energias a escavar os montes de neve em redor das árvores com dedos frágeis em busca de

casca de pinheiro, pinhas, pequenos ramos e caruma seca, enfiando cuidadosamente todos os

tesouros que encontrava nos bolsos, parando apenas para massajar os dedos a fim de lhes devolver a

circulação. A seguir, retomava o trabalho, raspando, esgravatando e escavando com afinco.

Com os bolsos atestados, cambaleei até à vala. Custava-me mexer as mãos e os pés, e até o meu

raciocínio parecia arrastar-se como uma velha e ferrugenta roda dentada na sua marcha penosa e

relutante.

Sabia que construir uma plataforma era o primeiro passo, mas escolher as peças mais

apropriadas não era tarefa fácil. Sentia a minha concentração a dispersar-se. Trémula, servi-me dos

punhos para juntar os tocos maiores.

O cansaço começava a tomar conta de mim. Com movimentos deliberados, afadiguei-me a criar

uma tenda de gravetos, mas as mãos tremiam-me de frio, frustrando todos os esforços. Ao fim de

vários minutos, consegui apoiar seis ou sete ramos uns nos outros, desfiz o ninho e passei-o com todo

o cuidado por entre as pernas da periclitante construção. Toquei sem querer num dos lados com os

nós dos dedos e a estrutura desabou. Com um grito de desespero, prostrei-me de joelhos e enfiei os

dedos na boca para os aquecer.

Não tardei a retomar a laboriosa tarefa. Ramo a ramo, voltei a erigir a tenda.
Desta vez, correu

melhor. Não era perfeita, mas teria de bastar. Raspei um fósforo na carteira
de papel, produzindo

apenas um rasto de fumo. Repeti o gesto vezes sem conta até gastar o fósforo.
Tirei um fósforo novo e

tentei novamente. E mais uma vez. Não conseguia controlar o tremor nas
mãos. Receava perder a

capacidade de produzir a fricção necessária se um dos fósforos não acendesse
em breve. Já mal

conseguia mexer a mão esquerda.

– Bolas – resmunguei, extenuada.

E foi então que me lembrei de raspar o fósforo numa pedra. Não sabia porque
não me tinha

ocorrido antes. Os dedos não eram a única parte do meu corpo a deixar-me
ficar mal, já que o

também bom senso parecia querer abandonar-me. Felizmente, o passadiço
por cima de mim

mantivera a rocha seca. O meu cérebro debatia-se para processar a sequência
de movimentos.

Pedra. Fósforo. Raspar. *Depressa.*

Foi com alguma perplexidade que vi a chama ganhar vida na cabeça do
fósforo. Observei a luz

ondulante com lágrimas de deslumbramento. Com mil cuidados, levei o
fósforo à palha do ninho.

Pouco a pouco começou a fumar e, em seguida, a arder. Alguns segundos depois, o fogo já

consumia as pinhas, a caruma e os gravetos. Quando alastrou à lenha levei as mãos à cara e deixei

escapar um gemido de alívio.

Conseguira acender uma fogueira.

Já não ia morrer de frio.

Capítulo trinta e sete

Cheguei-me à fogueira e massajei os dedos até voltar a senti-los. Era tentador pensar que já

podia descansar, mas sabia que o tempo se estava a esgotar. Não podia passar a noite ali sentada –

tinha de libertar o Jude. Vencera um obstáculo, mas a batalha ainda estava longe de chegar ao fim.

Estremeci ao pensar no que estava a acontecer dentro do chalé. O Calvin não iria desistir até ter

o mapa. Saberá como atingir o Jude, vencê-lo pelo cansaço. Se eu esperasse muito mais tempo,

podia ser tarde de mais.

Nisto, ocorreu-me um plano. Endireitei-me de repente, alvoroçada. O Jude tinha arranjado

maneira de entrar no chalé sem forçar as portas. Tinha de encontrar o ponto de acesso que ele

utilizara, fosse qual fosse.

Saboreei o calor por mais alguns instantes, preparei-me para o frio que teria de enfrentar a seguir

e trepei para fora da vala. Percorri o perímetro do chalé, de janela em janela. Tinha de encontrar uma

que não estivesse trancada. Era a única forma de o Jude ter entrado. E eis que, ao virar da esquina,

vejo o ponto de acesso do Jude. Uma das janelas da cave com o vidro partido.

Baixei-me para o poço da janela. As ferramentas que o Jude tinha usado estavam aos meus pés:

uma pedra grande e um pedaço de madeira rachada. Servira-se da pedra para partir o vidro e da

madeira para soltar os fragmentos presos na moldura da janela como dentes afiados.

Tracei mentalmente a planta de Idlewilde. O quarto ao cimo das escadas ficava do outro lado do

chalé. O Jude devia ter passado algum tempo a bater o terreno para determinar as posições dos

ocupantes, e invadira a casa o mais longe possível de nós, para minimizar as hipóteses de ouvirmos o

vidro a estilhaçar-se.

Tinha sido um plano inteligente, mas que me obrigava a atravessar quase todas as divisões da

casa para chegar até ele sem deixar que o Calvin me descobrisse primeiro.

Apressei-me a atravessar a fria escuridão da cave. Ao cimo das escadas, abri a porta de

mansinho e espreitei para dentro da cozinha. As luzes do andar de baixo estavam apagadas. Corri

pela cozinha até à sala de jantar e escondi-me atrás de uma parede para observar a sala. Vi a Korbie

deitada no sofá. Continuava inconsciente, mas o Calvin tinha-a tapado com cobertores. De todos nós,

era quem corria menor perigo. Apesar do que o Calvin lhe fizera, não me parecia que alguma vez

fosse capaz de matar a irmã. O que queria dizer que tinha de tirar dali o Jude, ir pedir ajuda e vir

buscá-la depois.

Tinha deixado o casaco e as botas perto da porta da frente, e agarrei neles antes de subir as

escadas até ao andar de cima. Os degraus rangiam baixinho sob o meu peso, mas o ruído parecia

atroador aos meus ouvidos. À porta do quarto ao cimo das escadas, parei à escuta. Nada. Abri a

porta.

Pairava no ar um odor pungente a sangue e a suor. A vela continuava a arder em cima da mesinha

de cabeceira, lançando uma luz ténue sobre a figura imóvel estendida na cama. Embora amarrados,

os braços e as pernas do Jude estavam relaxados, e a cabeça pendia-lhe para o lado, apoiada no

ombro ileso. Por uns terríveis instantes, temi que estivesse morto, mas ao aproximar-me, vi que ainda

respirava. Estava a dormir. Ou inconsciente. Dada a quantidade de sangue nos lençóis, a segunda

hipótese era a mais provável.

Abeirei-me da cama e afastei o lençol de cima. A janela tinha sido fechada, mas o ar continuava

gelado. Não lhe queria provocar outro acesso de tremores convulsivos, mas precisava de o acordar.

Ao levantar o lençol, senti um aperto no estômago. A causa de todo aquele sangue estava bem à vista.

O quadro atroz deu-me voltas ao estômago. Tapei a boca com a mão para reprimir a vontade de

vomitar. O peito do Jude era um amontoado de bolhas e vergões vermelhos de aspeto medonho, mas

as marcas no corpo não se podiam comparar ao inchaço à volta dos olhos nem ao rosto em carne

viva. Havia uma bolsa de pele macerada, dilatada como um pequeno balão roxo, em redor da cana

do nariz agora torto. Ciciava ao respirar, outra prova de que tinha o nariz partido. Apenas a boca

permanecia intacta, mas era óbvio que o Calvin não lhe causar queria danos, pensei com amargura.

Precisava de o fazer confessar. Precisava do mapa.

– Britt?

Quando ouvi a voz fraca do Jude, apertei-lhe a mão com força.

– Sim, sou eu. Vais ficar bem. Já cá estou. Vai correr tudo bem – acrescentei

com determinação.

Não havia necessidade de o alertar para o estado deplorável em que se encontrava.

– Onde está o Calvin?

– Não sei. Pode voltar a qualquer momento, temos de nos despachar.

– Que alívio saber que estás bem – murmurou o Jude. – Ele deixou-te entrar?

– Não. Por ele, já estava morta – disse eu num fio de voz. – Entrei pela janela da cave.

– Cá está a Britt forte e decidida – disse ele, deixando escapar um suspiro cansado. – Sabia que

havas de arranjar uma solução.

Não sou nada forte, apeteceu-me dizer-lhe. Tenho medo, e receio que nenhum de nós saia daqui

com vida. Mas agora tinha de ser forte, pelo Jude.

– Consegues mexer-te? Precisas de um torniquete?

O sangue continuava a permear o curativo em quantidades surpreendentes. Tinha aprendido a

aplicar um torniquete num acampamento de verão, mas não sabia bem se ainda seria capaz de me

lembrar como o fazer corretamente. Teria de confiar nas instruções do Jude.

– Não – disse ele com a voz arranhada. – Foi só de raspão. Tal como ele queria.

Fitei-o.

– O Calvin tem boa pontaria – disse eu por fim.

– Quase todos os assassinos têm.

Não consegui achar piada ao comentário dele.

– Há outra cabana a pouco mais de quilómetro e meio. Com sorte, está gente em casa. Se não

estiver, podemos forçar a entrada e usar o telefone para chamar a polícia. –
Sentia-me orgulhosa da

segurança no meu tom de voz, mas uma preocupação toldava-me o ânimo. O Jude não podia andar,

sobretudo com temperaturas daquelas.

Mesmo com o rosto contraído de dor, o Jude virou a cabeça a custo e o olhar dele encontrou o

meu.

– Alguma vez te disse que és fantástica? A rapariga mais inteligente, mais corajosa e mais bonita

que eu conheço.

Aquelas murmuradas expressões de afeto tiveram o condão de me provocar outro acesso de

lágrimas. Limpei o nariz às costas da mão, agitando a cabeça com entusiasmo para lhe transmitir

confiança. Os meus verdadeiros sentimentos – medo, desespero e desalento – passaram para segundo

plano, pois não queria que os lesse nos meus olhos.

– Vamos sair daqui – declarei enquanto tentava afrouxar os nós que lhe

prendiam os pulsos.

Desamarrei-os primeiro, sustendo a respiração ao ver os vergões que lhe marcavam a pele, e a

seguir soltei-lhe os tornozelos, um dos quais, de tão inchado, adquirira as proporções de uma bola de

ténis.

– Britt – disse ele num fio de voz, fechando os olhos, e dei-me conta, alarmada, de que estava a

desfalecer. – Deixa-me. Vai buscar ajuda. Eu espero aqui por ti.

– Não te vou deixar com o Calvin – disse eu, perentória. – Sabe-se lá o que é capaz de te fazer.

Posso não conseguir voltar a tempo.

– Não consigo andar. Dei cabo do tornozelo a tentar libertar-me. Acho que o torci. Não te

preocupes comigo. O Calvin disse-me que ainda ia demorar um bocado.

Disse-o de uma forma tão convincente que quase me senti tentada a acreditar nele, mas conhecia-

o bem. O Jude já tinha desistido de se tentar salvar a si próprio. Aquela aparente tranquilidade

destinava-se a garantir que eu saía dali antes que o Calvin regressasse, o que já não deveria demorar

muito. O Calvin não deixaria o Jude sozinho por mais do que alguns minutos.

– Vou fazer um trenó com o lençol e arrastar-te daqui para fora.

– Pelas escadas? – disse ele, a abanar a cabeça. – Nunca chegaria lá abaixo.

Vai buscar ajuda. O

Calvin deixou uma pistola na mesinha de cabeceira. Leva-a contigo.

Abri a gaveta da mesinha e enfiei a pistola no bolso. Esperava não ter de a usar, mas se fosse

preciso atiraria a matar sobre o Calvin. Desta vez, não hesitaria.

– Vamos lá calçar-te as botas – disse, fazendo-lhe deslizar o pé esquerdo para dentro da bota com

toda a delicadeza. O Jude conteve a respiração quando a bota passou por cima do tornozelo inchado,

e depois não se voltou a mexer. Tinha fechado os olhos, mas não os voltara a abrir. A respiração dele

retomara o seu ritmo laborioso e irregular.

Tinha perdido os sentidos.

Senti-me zozna, sem preparação para uma adversidade daquelas, mas não estava disposta a

desistir tão facilmente. *Tinha* de tirar o Jude dali, nem que o arrastasse centímetro a centímetro.

Abotoei-lhe a camisa e enfiei-lhe o pé direito na outra bota. Agarrei-lhe nas pernas e tentei puxá-

las para fora do colchão, sem grandes resultados. Comecei a fazer mais progressos quando lhe

enganchei os dedos na cintura das calças e puxei para trás, aplicando todo o meu peso. Por fim,

desentalei os cantos do lençol de baixo e carreguei-o para fora da cama com uma série de esticões e

levantamentos extenuantes. O corpo dele tombou no chão com um som cavo e, pela primeira vez,

agradei aos céus por ele ter desmaiado. Não tinha sentido nada.

O Jude gemeu de dor.

Não sentira nada de forma consciente, quer dizer.

O suor banhava-me o rosto com o esforço de o arrastar pelo chão. Olhei por cima do ombro para

a porta, inquieta, sabendo que o Calvin estava algures do outro lado, mas não havia outra saída. Não

podia atirar o Jude pela janela do primeiro andar sem o magoar.

Calcei as botas e vesti o casaco. Inspirei fundo uma última vez para reunir forças.

Finalmente, abri a porta.

Capítulo trinta e oito

Sondei o corredor em ambas as direções. Não havia sinal do Calvin. Espreitei por cima do

corrimão e verifiquei que também não estava no andar de baixo.

Onde teria ele ido? Procurar o mapa por conta própria?

Arrastei o Jude para o corredor. Ao olhar para as íngremes escadas de madeira, tive de admitir

que ele tinha razão: nunca conseguiria fazê-lo descer em segurança. O lençol não bastaria para

amortecer os solavancos e protegê-lo contra as arestas dos degraus, e não havia tempo para lhe

prender um travesseiro às costas.

– Acorda, Jude – sussurrei-lhe, ajoelhando-me ao lado dele e dando-lhe palmadas firmes nas

bochechas.

Ele remexeu-se e murmurou de forma incoerente.

– Vou ajudar-te a descer as escadas.

Mesmo com o tornozelo torcido, se eu suportasse algum do peso dele e ele apoiasse o resto na

perna boa, podíamos descer as escadas juntos.

– Britt?

A cabeça dele voltou a descair para o lado. Dei-lhe mais palmadas no rosto para o espreitar.

– Não adormeças, Jude.

Ele encolheu-se quando lhe toquei. Felizmente, entreabriu os olhos. Prendi-lhe o rosto entre as

mãos e olhei-o nos olhos, desejando poder transferir alguma da minha energia para ele.

– Vai, Britt. Antes que o Calvin volte. – Fez-me um sorriso que lhe devia custar um grande

esforço. – Não saio daqui, prometo.

Aninhei a cabeça dele no meu colo. Afaguei-lhe o cabelo empapado de suor com as mãos

trémulas. Tinha de o convencer que era capaz de fazer aquilo. A conversa dele começava a assustar-

me. Estava a entregar-se à derrota, e eu não era capaz de fazer aquilo sem ele.

– Somos uma equipa, lembras-te? Entrámos nisto juntos; agora, temos de terminar o que

começámos.

– Só te estou a atrasar. A verdade é que posso não resistir.

– Não fales assim – disse eu, com lágrimas ardentes a escorrerem-me pela garganta. – Preciso de

ti. Não posso fazer isto sozinha. Promete-me que ficas comigo. Vais pôr-te de pé. Vamos descer as

escadas juntos. Vou contar até três.

O rosto do Jude suavizou-se, como eu imaginava que um corpo relaxa antes da morte. Mesmo

antes do fim da dor, com o repouso já à vista. Ficou inerte no meu colo, ainda mais pálido do que

antes.

Limpei as lágrimas com as costas das mãos. Tinha de pensar noutra saída.

Foi então que tive uma ideia. Fi-lo rebolar até ficar de barriga para baixo. Passei os braços por

baixo dos dele e arrastei-o até ao primeiro degrau. As pernas, arrastando-se atrás dele, chocariam

contra os degraus durante a descida, mas antes as pernas do que a coluna.

Desci os degraus de costas, um a um, a arquejar devido ao esforço. Ele devia pesar perto de 90

quilos. Felizmente, transportando-o daquela forma, conseguia distribuir

praticamente todo o peso

pelas escadas. Infelizmente, arriscava-me a reabrir-lhe a ferida e a causar-lhe dores insuportáveis.

Por mais terrível que isso pudesse ser, tinha de o tirar dali e preocupar-me com os estragos mais

tarde. Antes magoá-lo do que deixá-lo à mercê do Calvin. Ao fundo das escadas, o soalho polido

aligeirou a tarefa de o arrastar até à porta da entrada.

Abri a porta e encolhi os ombros contra as chicotadas do vento. O carro do Calvin continuava

estacionado no caminho de acesso obstruído pela neve. Não tinha deixado a propriedade. Os meus

olhos percorreram ansiosamente a floresta enquanto tentava adivinhar aonde podia ter ido.

Como que para pontuar a ideia, um jorro de neve irrompeu do chão perto dos meus pés, e no

instante seguinte ouvi o estouro de um tiro de espingarda. A praguejar entre dentes, apressei-me a

arrastar o Jude até à proteção das árvores.

Soaram mais quatro tiros de espingarda. Cerrando os dentes contra a resistência que o peso do

Jude oferecia na neve, arrastei-o para o meio das árvores. Assim que alcançámos as sombras da

floresta, os tiros pararam.

– Britt? – chamou o Jude baixinho.

Ajoelhei-me ao lado dele. Tinha o rosto banhado em suor e os olhos raiados de sangue

disparavam para todos os lados, em pânico.

– Onde está ele? Onde está o Calvin?

– Nas árvores do outro lado da propriedade. Vi os clarões de luz da espingarda. Aqui está muito

escuro para nos ver. Vai ter de se aproximar muito mais se quiser ter uma boa visão do alvo.

– Se for esperto, vem atrás de nós. Não nos pode ver, mas nós também não o vemos a ele. Dá-lhe

a oportunidade perfeita para nos apanhar de surpresa. – O Jude refletiu por breves instantes. –

Disseste que havia uma cabana não muito longe. Vai até lá e...

– Não te vou deixar aqui sozinho.

Ele fitou-me, sem compreender. Alarmado, endireitou-se até ficar sentado.

– Claro que vais. Esta é a tua oportunidade. Não é ideal, admito, mas não vais ter melhor. Quanto

mais esperarmos, maior a probabilidade de o Calvin se conseguir aproximar o suficiente para

disparar ou para te levar.

Sem pensar, agarrei-me a ele e beijei-o.

O Jude tinha encolhido o ombro ileso contra o frio, ou talvez para combater a dor, mas senti-o

relaxar. Esperei que me tentasse afastar, chamar-me à razão, mas precisava

tanto de mim como eu

dele. A verdade pura e dura é que estávamos a lutar contra a morte. Se aqueles eram os últimos

minutos que nos restavam, não os íamos desperdiçar. Aquilo nada tinha que ver com atração física.

Era uma necessidade urgente e primitiva. Uma prova de vida. O Jude apertou-me violentamente

contra ele. Se estávamos a piorar o ombro ferido, parecia não se importar. Devolveu-me o beijo com

sofreguidão. *Estávamos vivos*. Nunca tão vivos como agora, face à morte.

– Desculpa não ter acreditado em ti – disse eu com a voz embargada de emoção. – Estava errada.

Cometi um erro terrível. Agora acredito em ti. Quero que saibas que confio em ti, Jude.

Os olhos dele brilharam de alívio.

– Tens a certeza de que não te consigo convencer a fugir para a tal cabana? – perguntou,

encostando a testa à minha. Estava ligeiramente ofegante, mas não por causa da dor. Parecia ter

recebido um novo alento, recuperado a vontade de lutar. Havia uma determinação no rosto dele que

nenhum sofrimento poderia diminuir.

Fiz que não com a cabeça, também ainda a recuperar o fôlego. O beijo dele tivera o efeito de uma

descarga de adrenalina. Se tinha medo, também tinha uma razão para viver, e

bem mais forte. E essa
razão estava a olhar-me nos olhos.

Capítulo trinta e nove

– O Calvin não me vai matar enquanto não lhe disser onde está o mapa –
meditou o Jude

friamente. – Julga que tem de o encontrar antes da guarda-florestal ou de um
agente da autoridade.

– Onde está o mapa?

– Quando voltei da caça hoje de manhã e vi que tinhas ido embora, calculei
logo que tivesses

vindo para Idlewilde. Sabia que o Calvin era um assassino e que tinha de te
encontrar o mais

depressa possível. Não havia tempo para fazer todo o percurso até ao posto
da guarda-florestal e

deixar lá o mapa, por isso deixei-o na nossa árvore. Menti ao Calvin.
Ninguém vai encontrar o mapa

sem ajuda. E mesmo que o encontrassem, não iam perceber o que contém.
Tanto podiam deitá-lo fora

como entregá-lo a um guarda-florestal. Mas não posso dar a entender ao
Calvin que essa

possibilidade existe. Temos de o manter no medo de ser apanhado. Vou
certificar-me de que sais

daqui viva, Britt. Tens de ser tu a indicar a localização do mapa à polícia.

– Vamos sair daqui *os dois vivos* – corrigi eu com determinação.

– O Calvin pode-te tentar eliminar, és uma testemunha – continuou o Jude sem me responder. –

Mas não me parece que o faça. És a única moeda de troca que lhe resta. Sabe que se te matar nunca

lhe direi onde deixei o mapa. O plano dele não mudou: servir-se de ti para me obrigar a falar. E é

por isso que temos de ir atrás dele juntos. Temos de o tentar apanhar pelas costas e desarmá-lo.

Depois, só temos de o manter preso até o podermos entregar à polícia.

– E se o Calvin nos apanha pelas costas?

O Jude limitou-se a olhar para mim em silêncio, mas eu sabia a resposta. Tínhamos cinquenta por

cento de hipóteses, quando muito, de conseguir apanhar o Calvin.

O Jude deu-me um beijo apaixonado. Senti-me reconfortada e segura nos braços dele, e desejei

que pudéssemos ficar assim abraçados e que, de alguma forma, isso fosse o suficiente.

– Não temos de ir atrás do Calvin – sugeri baixinho. – Podíamos ir até à cabana ao fundo da

estrada e chamar a polícia. Jogar pelo seguro.

– Ele matou a minha irmã – disse o Jude. – Não vou fugir. Vou levá-lo à justiça. Dá-me a pistola.

O olhar sombrio dele preocupava-me. Toquei-lhe na manga.

– Promete-me uma coisa, Jude. Promete-me que não o matas.

Ele lançou-me um olhar acutilante.

– Passei o último ano obcecado com a ideia de acabar com ele.

– O Calvin não merece morrer. – Já não estava apaixonada pelo Calvin, mas toda a vida o tinha

conhecido. Tinha visto o bom e o mau. Era demasiado tarde para o ajudar, mas também não o queria

destruir. Era o irmão da Korbie. O meu primeiro amor. Partilhávamos uma longa história.

Acima de tudo, não queria que o Jude se tornasse igual ao Calvin. Um assassino.

– Merece pior – disse o Jude.

– Ele pensou que matar fosse a solução. Quero provar que há outros caminhos.

– Estás a pedir-me que deixe viver o homem que matou a minha irmã – disse ele, contendo a

raiva.

– O Calvin vai para a prisão. Por muito tempo. Se pensarmos bem, aquilo não é viver. Por favor,

promete-me.

– Não o vou matar – disse ele, sombrio. – Por ti, não o faço. Mas quero.

Entreguei-lhe a arma, esperando não estar a cometer um erro. O Jude confirmou que estava

carregada.

– Quando tudo isto acabar, vou dar à Lauren um enterro decente. Com a

família e as pessoas que
gostavam dela. Ela merece.

Baixei os olhos.

– O cadáver na arrecadação. A rapariga trazia um vestido preto. Acho... acho que era a Lauren.

Vi lágrimas a brilharem-lhe nos olhos. Olhou para o céu noturno, pestanejando para as reprimir.

Soubera que se tratava da irmã assim que eu lhe tinha dito que descobrira o corpo, mas só agora lhe

via os ombros a tremer e a respiração a acelerar. Tinha guardado para si a dor pela irmã porque

precisava de ser forte por mim. Não me podia proteger se pensasse nela.

– Ela perdoou-te, Jude. Tens de acreditar nisso. Sair naquela noite foi uma decisão dela. Foi ela

quem decidiu deixar o bar com o Shaun. O que lhe aconteceu a seguir foi horrível e não tem qualquer

justificação, não estou a dizer que merecia morrer, porque não merecia.
Ninguém merece um destino

assim. Mas algum dia a Lauren teria de deixar de esperar que a viesses salvar e aprender a salvar-se

a si própria.

Falei do fundo do coração, mais do que alguma vez poderia transmitir-lhe. Só quando conheci o

Jude é que me dei conta de como dependia do meu pai, do Ian e até do Calvin. O Jude tinha-me

ajudado a perceber que tinha de mudar. Estava comigo quando dei aqueles primeiros passos rumo ao

desconhecido. E agora, cabia-me decidir o que fazer com a força e a independência que descobrira

em mim.

O Jude emitiu um som aflito e atormentado.

– Se pelo menos me pudesse perdoar a mim próprio. Estou sempre a perguntar-me o que terá

levado o Calvin a fazer o que fez. – Limpou os olhos à manga. – Quero muito saber, porque o meu

cérebro diz-me que tem de haver uma explicação lógica, quando na realidade não há lógica nenhuma

na mente de um assassino destes.

– O Calvin odiava a Lauren porque ela entrou em Stanford e ele não. Toda a vida o pai fê-lo

acreditar que as raparigas eram inferiores, e ele não suportava a ideia de que alguém supostamente

menos capaz do que ele pudesse ser mais bem-sucedido. – Ao dizer isto, apercebi-me de como era

rebuscado. Só tornava a violência do Calvin ainda mais inexplicável. O Jude olhou-me nos olhos.

– Queres dizer que ele matou a minha irmã por ela ter entrado numa universidade que nem sequer

queria frequentar? – Abanou a cabeça, triste e enojado. – Foi por isso que levou o boné dos

Cardinals?

– Como assim?

– O boné dos Cardinals que o Calvin te deu era da Lauren. A mancha amarela no topo não era

mostarda, mas sim tinta. Estava com ela quando aconteceu. Pintámos o quarto dela juntos, de amarelo

com riscas pretas – disse o Jude num tom controlado, mas vi a angústia nos olhos dele. – O Calvin

levou-o como um símbolo de que tinha superado a minha irmã e reconquistado o que era dele por

direito.

O boné nem sequer era do Calvin. Tinha-o levado comigo para todo o lado no último ano,

agarrando-me a ele porque não estava preparada para assumir o fim da relação. Estava convencida

de que o chapéu lhe pertencia e precisava dele para me sentir mais perto do Calvin. E afinal, tudo

não passava de uma ilusão. Magoava-me sabê-lo, mas estranhamente também facilitava a tarefa de

me libertar dele de uma vez por todas.

De repente, o Jude olhou para cima.

– Ouves isto?

Apurei os ouvidos e escutei ao longe um motor a trabalhar. Vinha na nossa direção.

– O que é?

– Um helicóptero.

– A polícia? – sussurrei, não querendo sentir esperanças infundadas.

– Não sei. – Encarou-me. – Podem ter visto o teu carro abandonado na estrada e chamado a

polícia. Se calhar, andam à vossa procura. – Interrompeu-se. – Mas custa-me a crer que enviassem

um helicóptero depois de escurecer e com um tempo destes.

– São eles. – Procurei convencer-me de que só podia ser a polícia. A ideia de que pudesse não

ser alguém a vir em nosso socorro era intolerável. Enterrei a cara no ombro dele. – É a polícia. Ou

uma equipa de resgate. Vão encontrar-nos. Estamos salvos.

Senti-o prudente, hesitante. Por fim, passou-me a mão pelo cabelo para me tranquilizar, mas falou

num tom de voz carregado de dúvida.

– Mesmo que vejamos o holofote deles, não podemos correr para campo aberto e fazer-lhes

sinais para nos verem. Não sei se o Calvin é capaz de tentar alguma coisa na presença de

testemunhas, mas não quero correr esse risco. Enquanto não apanharmos o Calvin ficamos

escondidos nas árvores, entendido?

Marchámos pela densa camada de neve que cobria o terreno, por entre as

árvores, contornando as

traseiras da propriedade a alguma distância. Embora o Jude cambaleasse apenas um passo à minha

frente, senti-me terrivelmente sozinha. Na floresta reinava uma atmosfera tenebrosa. Podíamos estar a

ser seguidos sem dar por isso. Senti os olhos das árvores a acompanharem todos os meus

movimentos. Estaria o Calvin a vigiar-nos?

De repente, ouvi passos atrás de mim. Dei meia-volta no preciso instante em que o Calvin

irrompeu das sombras, ágil, correndo semiagachado na minha direção.

– Jude! – gritei.

O Jude virou-se para trás e apontou a pistola ao Calvin. Este parou de repente e apontou-me a

arma que trazia. Estávamos num impasse.

– Se disparares, mato a Britt – disse o Calvin ao Jude.

– Ouves o helicóptero lá em cima, não ouves? – disse-lhe o Jude. – É da polícia. Acabou, Calvin.

Já encontraram o mapa. Vieram buscar-te. Foste apanhado.

– É só um helicóptero de vigilância – disse o Calvin, tranquilo. – Provavelmente uma equipa de

busca e salvamento. Alguém deve ter encontrado o carro da Britt na estrada e ligou à guarda-

florestal. Não nos podem ver. Boa tentativa, mas não tenho medo.

– Tens medo, tens – declarou o Jude. – Não de ser apanhado, mas de não estar à altura. Tens

medo do fracasso. É por isso que escolhes alvos mais fracos do que tu. Que tipo de homem sente

prazer em atacar raparigas indefesas? Eu digo-te: homem nenhum. É frustrante perceber que não és

um homem a sério, Calvin?

Sobressaltei-me. Porque estava ele a tentar provocar o Calvin?

– Vai ser um prazer dar cabo de ti – rosnou-lhe o Calvin entre dentes.

– Não duvido – replicou o Jude no mesmo tom despreocupado. – Estou ferido, e é disso que tu

gostas, não é? De alvos fáceis.

Um sorriso lento e calculista tomou conta do rosto do Calvin.

– Matei-as sem pressas, sobretudo a Lauren. Deixei-a debater-se, estrebuchar, com o pânico nos

olhos. Prolonguei tudo isto, sentindo-me invencível com todo aquele poder e controlo – continuou

ele, sabendo como melhor ferir o Jude e fazê-lo perder o sangue-frio. – Só tenho pena de não a ter

ouvido gritar, mas apertei-lhe a corda à volta do pescoço com tanta força que não conseguiu fazer um

único som...

Um fogo infernal ardia nos olhos do Jude. Aconteceu tudo muito depressa.

O Jude atacou o Calvin, agarrando-lhe a mão que segurava a arma. Apertou-

lhe o pulso e fê-lo

largá-la. Terminou o assalto com um murro brutal que o fez recuar aos tropeções, a uivar agarrado ao

nariz.

– Partiste-me o nariz! – exclamou, praguejando violentamente.

O Jude apanhou a arma do Calvin e apontou-lha.

– E estás com muita sorte. Há mais 205 ossos nesse teu corpo que adorava partir. Mãos atrás da

cabeça.

Pálido, o Calvin deixou escapar uma gargalhada hesitante.

– Não serias capaz de me matar. Britt, não vais deixá-lo fazer uma coisa dessas, pois não? Eu

conheço-te.

– Não fales com ela – cuspiu-lhe o Jude. – Não mereces sequer dirigir-lhe a palavra. Não passas

de um zero à esquerda que nunca mereceu viver.

O Calvin pareceu ponderar aquelas palavras, pestanejando repetidamente. Abanou a cabeça com

um olhar vazio e desfocado.

– Não és a primeira pessoa a dizer-me isso.

– Como encontraste as raparigas? – perguntou-lhe o Jude sem rodeios. – Deves ter feito algum

tipo de pesquisa.

– O Calvin trabalhou com a Marcie como instrutor de *rafting* – informei. –
Deve ter decidido

matá-la quando soube que ia para Georgetown no outono. E a Kimani andava
na secundária de

Pocatello, a nossa escola rival. O Calvin sabia que se esperava que entrasse
na Juilliard. Toda a

cidade sabia.

– O meu pai vai dar cabo de mim – disse o Calvin, absorto, numa névoa de
incredulidade. – Nem

acredito que o velho voltou a vencer.

O que disse a seguir foi engolido pelo estardalhaço das pás do helicóptero, de
tal forma

ensurdecador que pensei que devia estar a passar mesmo ali por cima. Não
queria saber: se visse a

luz de um holofote, correria para a clareira para alertar o piloto da nossa
presença.

O Calvin ergueu os olhos para o céu escuro. A expressão dele passou da
incredulidade à

compreensão. Uma sombra de derrota percorreu-lhe o rosto, um esgar
tristonho, quase infantil. Juntou

os pulsos e estendeu-os ao Jude.

– Força, prende-me. – A voz falhou-lhe e começou a chorar. – Mais vale
mostrar ao meu pai que

já sei aceitar os meus castigos como um homem.

Nesse momento, senti-me destroçada. Quis abraçá-lo e dizer-lhe que ia correr

tudo bem, mas

estaria a mentir. Nada voltaria a ser como dantes. O Calvin não estava bem. Esta versão desgarrada

do rapaz que eu conhecera não tinha redenção possível. Perguntei-me o que diria o sr. Versteeg

quando soubesse o que o Calvin tinha feito. Sentir-se-ia responsável? Claro que não. Em vez disso,

virar-lhe-ia as costas, querendo distanciar-se do filho caído em desgraça.

O Jude prendeu-lhe os braços atrás das costas.

Comecei também a chorar. Sentia-me oca e sem chão, mas triste, não. Ou talvez sim. Triste

porque tinha amado o Calvin e não entendia como o rapaz que idolatrara se transformara numa

pessoa tão violenta e destrutiva. Triste porque teria feito tudo para o ajudar, embora ignorasse se

alguém o poderia ter feito.

– Onde estão as coisas da Lauren? – perguntou-lhe o Jude. – Onde as puseste?

– Dentro da vala nas traseiras da propriedade – respondeu o Calvin, resignado.

– Estive mesmo agora lá – disse eu. – Não vi nada.

– Há uma tábua meio solta na parte de baixo do passadiço – disse ele de ombros descaídos, com

o queixo enterrado no peito. – Se a forçares um pouco, vês um espaço oco por trás. Pus tudo num

envelope.

Não era nada característico do Calvin estar a ajudar-nos, mesmo sabendo que estava encurralado

e não tinha para onde fugir. Bastaria a derrota para o mudar? Antes de poder destrinçar as

motivações do Calvin, o Jude indicou-me o chalé com um movimento do queixo.

– Vamos amarrá-lo primeiro.

Lá dentro, o Jude atirou o Calvin para uma das cadeiras da cozinha. Fui ao quarto buscar a corda

que o Calvin tinha usado para o prender e juntos amarrámos-lhe os pulsos à cadeira. O Calvin não

ofereceu resistência. Manteve-se imóvel, de olhos vazios e desfocados, fitando um ponto próximo.

Disse:

– Acho que isto prova que realmente nunca prestei para nada. Nunca fui bom o suficiente para ser

o rapaz que tu querias. Não fui bom o suficiente para Stanford. Nem sequer para cometer um crime

sem ser apanhado. – Riu-se, um som estrangulado, de desamparo. – Que pena não ter nascido

rapariga. A Korbie toda a vida conseguiu o que queria e nunca lhe pediram responsabilidades.

O Jude voltou-se para mim.

– Mostra-me a vala.

Capítulo quarenta

Testámos todas as tábuas sob o passadiço. Duas vezes. Não havia nenhuma tábua solta.

– Ele mentiu-nos – concluiu o Jude. – Não há nada aqui.

– Que ganhava o Calvin em nos mentir?

Olhámos um para o outro, corremos para a escada e saímos da vala o mais depressa que

conseguimos.

Fui a primeira a chegar ao chalé e corri imediatamente para a cozinha, onde tínhamos deixado o

Calvin amarrado a uma cadeira. Os meus pés deixaram de me obedecer quando o vi pendurado pelo

pescoço no lustre da cozinha. Ouvi o Jude praguejar atrás de mim. Passou por mim a correr,

endireitou a cadeira tombada sob os pés do Calvin, que se contorciam em espasmos involuntários, e

saltou para cima dela para cortar a corda e baixar o corpo.

– Faca! – ordenou.

Retirei uma faca da gaveta e o Jude arrancou-me da mão, atacando a corda com violência. As

últimas fibras cederam e o Calvin ficou esparramado no chão, de braços e pernas afastados.

Apalpei-lhe o pescoço para ver se lhe sentia a pulsação. Nada. Tentei os pulsos, e a seguir

regressei ao pescoço, enterrando-lhe os dedos na barba rala na base da garganta com gestos

impacientes. Por fim, senti uma pulsação fraca, mas regular.

– Está vivo!

O Jude observou os olhos abertos, mas ausentes, do Calvin. As pupilas estavam totalmente

dilatadas, dando a impressão de que tinha os olhos completamente negros. Dos lábios saía-lhe um

murmúrio arrastado, incongruente, e havia um líquido transparente a escorrer-lhe do nariz.

– Acho que não chegámos a tempo – disse o Jude, ajoelhando-se ao meu lado e fazendo-me virar

a cabeça para o lado com um gesto meigo. Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

– Que tem ele?

– Danos cerebrais, penso eu.

– Vai ficar bem? – perguntei, a soluçar.

– Não – respondeu o Jude com sinceridade. – Não me parece.

O tempo pareceu dilatar-se, abrandar. Enquanto observava os movimentos espasmódicos do

corpo do Calvin estendido no chão, fui invadida por uma onda de memórias. Dizem que quando

estamos prestes a morrer a vida passa-nos diante dos olhos. O que nunca nos dizem é que, quando

vemos alguém que amámos a morrer, a pairar entre esta existência e a próxima, dói duas vezes mais,

pois revivemos duas vidas que percorreram juntas a mesma estrada.

No instante seguinte, o tempo retomou o seu ritmo normal e regressei à cozinha. Ocorreu-me a

razão de ter ouvido o ruído atoador de um helicóptero. O porquê de sentir as mãos e os pés a latejar

de frio e de ter o casaco manchado com o sangue do Jude.

Agarrei-lhe na mão e corremos lá para fora, semicerrando os olhos contra as bofetadas do vento

que as pás do helicóptero que pairava na clareira atrás da propriedade produziam.

– Parece um helicóptero privado – gritou o Jude para se fazer ouvir por cima do barulho do

aparelho.

– É o helicóptero do sr. Versteeg! – respondi eu no mesmo tom.

– Estou a ver dois voluntários no terreno e um homem com uma espingarda.

– Apontou as

sombras do outro lado do relvado, mesmo por baixo do helicóptero. – Devem ter descido por um

cabo.

Duas figuras de vermelho, com capacetes brancos, atravessavam o relvado coberto de neve.

Reconheci o homem que vinha atrás delas de espingarda na mão. Era o xerife-adjunto Keegan. Ele e

o sr. Versteeg caçavam alces no Colorado todos os anos.

Gritei de alívio, agitando freneticamente os braços no ar. Não me podiam ouvir acima do ruído

do helicóptero, mas traziam lanternas. A qualquer momento seríamos vistos.

– Conta tudo sobre o Calvin à polícia – instou-me o Jude com urgência. – Mostra-lhes o mapa.

Sentia lágrimas de alegria a banhar-me o rosto. Tinha chegado ao fim. Finalmente o pesadelo

tinha chegado ao fim.

– Sim.

O Jude disse:

– Desculpa ter de fazer isto.

Agarrou-me por trás e encostou-me a arma do Calvin à cabeça, por cima da orelha. Utilizando o

meu corpo como um escudo, arrastou-me para trás, afastando-nos dos voluntários e do xerife-adjunto

Keegan, que vinham ao nosso encontro.

– Não se aproximem ou mato-a! – gritou o Jude.

Senti um mal-estar no fundo da garganta, mas consegui dizer:

– Jude? O que é que estás a fazer?

– Eu disse para não se aproximarem! – voltou o Jude a gritar aos homens. – A Britt Pheiffer é

minha refém e mato-a se não fizerem exatamente o que eu disser.

Fui momentaneamente encandeada pela luz de um holofote do helicóptero que pairava acima de

nós. As pás faziam voar a neve acumulada nos ramos, e ergui o braço para proteger o rosto. Porque

estaria o Jude a dizer-lhes que eu era refém dele? Devíamos estar a correr *para* eles, não na direção

oposta.

Com o braço à volta do meu tórax a magoar-me, o Jude arrastou-me para a floresta. Vagueámos

de forma errática pelo meio das árvores, mas o holofote encontrava-nos sem dificuldade, iluminando

o vivo contraste do sangue do Jude na neve aos nossos pés. A ferida dele recomeçara a sangrar

copiosamente.

Quanto mais nos internávamos na floresta, mais densa se tornava a vegetação. Era difícil

perceber onde acabava uma árvore e começava a próxima. O holofote continuava a seguir-nos, mas

com dificuldade. Sob o espesso dossel, o Jude conseguia iludir o piloto, aproveitando pedregulhos e

árvores caídas para se esconder, e cada vez que voltava a aparecer mais tempo, o helicóptero

demorava a apanhar-nos o rasto.

O Jude empurrou-me contra um pinheiro grosso, mantendo-nos sob a proteção dos seus ramos.

Fiquei imobilizada com as costas contra o peito dele, a sentir-lhe a respiração no meu ouvido. Havia

uma quantidade surpreendente de sangue aos nossos pés. Sabia que, no estado em que se encontrava,

não tardaria a entrar em colapso. Ou acabaria por desmaiar devido à perda de sangue, ou por entrar

em choque devido ao esforço excessivo que estava a exigir ao organismo enfraquecido. Admirava-

me que ainda tivesse forças para me arrastar ou até para se deslocar sozinho pelo terreno acidentado.

A luz do holofote varreu o chão e afastou-se na direção errada.

– Que estás a fazer? – gritei-lhe. – A arma nem sequer está carregada. Vi-te a esvaziá-la depois

de amarrarmos o Calvin. Disseste-lhes que eu era tua *refém*. Só estás a piorar as coisas. Temos de ir

ter com eles e contar tudo ao xerife-adjunto Keegan: que me salvaste a vida e que só estavas com o

Shaun para descobrir o assassino da Lauren.

– Quando te disser, quero que corras o mais depressa que puderes para eles. Corre com as mãos

no ar, bem visíveis. E não pares de gritar o teu nome, percebeste?

– Porquê? – perguntei-lhe, recomeçando a chorar. – Porque é que estás a fazer isto? Eles vão-te

apanhar. Vão-te meter na prisão, se não te matarem antes!

– Já o fariam, de qualquer forma. – Agarrou-me pelo braço, arrastando-me

pelo denso manto de

neve que nos dava pelos joelhos para trás de outro pinheiro. – Faz-me um grande favor. Não fales no

Jude Van Sant. Diz-lhes que o meu nome é Mason. A história da Korbie vai confirmar a tua. Foram

sequestradas por dois homens chamados Shaun e Mason, e é isso que lhes vais dizer.

– Porque o Mason já não existe.

O Jude passou-me as mãos pelo rosto molhado para secar as minhas lágrimas.

– Sim. Vou deixar o Mason cá em cima nas montanhas – disse ele baixinho. – Já terminou o que

veio aqui fazer.

– Voltarei a ver-te? – perguntei numa voz estrangulada.

O Jude apertou-me nos braços. Deu-me um beijo apaixonado, prolongando-o ao máximo. Soube

logo que era um beijo de despedida. Ia perdê-lo. Não queria deixá-lo ir. Aquilo não era síndrome de

Estocolmo. Estava apaixonada por ele. Tirei o casaco.

– Leva isto, pelo menos. – Passei-lho por cima dos ombros trémulos. Ficava ridículo no meu

casaco justo, mas não tive vontade nenhuma de me rir. Nada daquilo tinha piada. Tinha tanto para lhe

dizer, mas não havia palavras para um momento como aquele.

– Vou-lhes dizer que fugiste para o Canadá. Que estás a pensar ficar por lá,

escondido. Achas que

ajuda?

O Jude olhou-me, cheio de gratidão.

– Eras capaz de fazer isso por mim?

– Somos uma equipa.

Deu-me um último abraço.

– Agora, *corre* – disse ele, empurrando-me para uma clareira.

Avancei aos tombos pela neve. Assim que recuperei o equilíbrio, virei-me para trás.

Não havia sinais do Jude.

Logo a seguir, o holofote banhou-me num cone de luz. Ouvi a voz de um homem a transmitir

ordens através de um altifalante. Era o sr. Versteeg. Os dois voluntários surgiram do meio das

árvores com o xerife-adjunto Keegan. Levantei os braços e corri para eles a gritar:

– Chamo-me Britt Pheiffer. Não disparem.

Capítulo quarenta e um

Uma chuvinha miudinha salpicava a janela do meu quarto, cortando a luz dos postes em riscas

oblíquas. Pelo menos não era neve.

Tinham passado 10 dias desde que descera da montanha no helicóptero do sr. Versteeg. Fui

informada de que um guarda-florestal tinha encontrado o meu jipe abandonado à beira da estrada e

notificado o departamento do xerife do condado que, por sua vez, notificara o meu pai e os pais da

Korbie de que não tínhamos chegado a Idlewilde. Sem esperar que o xerife organizasse uma busca, o

sr. Versteeg contratara de imediato dois voluntários de uma equipa de resgate e subira à montanha no

helicóptero para nos procurar. Perguntava-me se se sentiria tão ansioso em chegar a Idlewilde se

soubesse o que lá ia encontrar.

Depois de receber tratamento para a hipotermia e para a desidratação no hospital, prestei

declarações à polícia. Disse-lhes onde podiam encontrar o mapa do Calvin. Expliquei onde se

encontravam os restos mortais da Lauren Huntsman. O casal Huntsman apanhou um voo para

recuperar o corpo da filha e o evento tinha sido transmitido por todos os canais de notícias locais. Eu

não assisti. Não podia ver os Huntsman sem me lembrar... dele.

Não falava com a Korbie desde aquela noite em Idlewilde. O telemóvel dela estava desligado e

nem sabia se a família estava na cidade. As luzes na casa dos Versteeg também estavam desligadas,

mas se calhar era apenas para enganar os repórteres acampados no jardim da frente.

Não sabia bem o que lhe diria quando a voltasse a ver. Tinha denunciado o Calvin à polícia e

sabia que ela o via como uma traição. Toda a família pensava o mesmo. Por culpa minha, os segredos

do Calvin tinham sido revelados.

Quanto ao Jude, não me permiti especular. Fugira pela floresta ferido, a sangrar e sem proteção

suficiente. Corria o risco de morrer de frio, à fome ou a ser capturado. As probabilidades de que

tivesse sobrevivido eram mínimas. Seria o cadáver congelado dele encontrado por um alpinista dali

a semanas? Ficaria a saber da morte dele pelos noticiários? Fechei os olhos com força e esvaziei a

mente. Doía muito pensar nas possibilidades.

Desci ao andar de baixo para petiscar qualquer coisa antes de ir para a cama, contente por ver o

Ian encostado à bancada da cozinha a comer uma sanduíche de manteiga de amendoim. Discutíamos

muito, mas o meu irmão andava especialmente dócil desde que eu regressara a casa, e queria muito a

companhia dele naquela noite.

O Ian barrou manteiga de amendoim noutra fatia de pão, dobrou-a ao meio e enfiou tudo na boca.

– *Quésú*? – grunhiu.

Fiz que sim com a cabeça, mas peguei no frasco e na faca para ser eu própria

a preparar a

sanduíche. O Ian olhou-me com assombro ao ver-me barrar manteiga de amendoim no pão.

– Onde é que aprendeste a fazer isso? – disse ele.

– Deixa de ser melodramático.

– O pai disse-me que hoje trataste da tua roupa suja. É verdade? – perguntou ele, arregalando

muito os olhos com surpresa teatral. – Quem és tu, e o que fizeste com a minha irmã?

Revirei os olhos e icei-me para a bancada.

– Caso não o tenha dito nos últimos tempos, ainda bem que és meu irmão. – Dei-lhe umas

palmadinhas afetuosas no topo da cabeça. – Mesmo quando me insultas.

– Queres ver um filme?

– Só se escovares os dentes primeiro. É um nojo estar ao pé de ti com esse teu bafo a pipocas e

manteiga de amendoim.

Ele deixou escapar um suspiro.

– E eu que pensei que tinhas mudado.

Enterrámo-nos nos nossos pufes diante do televisor e o Ian ligou o aparelho. Estavam a dar os

destaques do noticiário das 22h00. A jornalista disse:

– Calvin Versteeg está detido no Centro de Detenção do Condado de Teton

por quatro acusações

de homicídio qualificado e duas acusações de tentativa de homicídio. Fontes indicam que Versteeg

deverá ser considerado inimputável. Sofreu graves danos cerebrais no decurso de uma tentativa de

suicídio pouco antes da detenção e espera-se que seja internado num hospital psiquiátrico do Estado

para tratamento.

– Queres que desligue? – perguntou o Ian com um olhar preocupado.

Fiz-lhe um gesto para que estivesse calado e inclinei-me para a frente, intensamente concentrada

nas imagens que o canal estava a transmitir. Mostrava o Calvin a ser transportado para o centro de

detenção numa cadeira de rodas. Os repórteres e os fotógrafos aproximavam-se dele tanto quanto a

polícia permitia, filmando-o e enfiando-lhe microfones debaixo do nariz, mas os meus olhos fixaram-

se num homem nos limites da multidão.

Trazia um casaco de penas de ganso e umas calças de ganga escuras que pareciam acabadas de

estrear. Comecei a sentir as mãos suadas. O homem estava de cabeça baixa para escapar às câmaras,

mas podia jurar que se parecia com...

A jornalista prosseguiu:

– O jovem Versteeg completou o ensino secundário na escola Pocatello Highland, no ano

passado, e disse à família e aos amigos que iria frequentar a Universidade de Stanford este ano. A

secretaria de admissões de Stanford confirmou que Calvin Versteeg entregou um pedido de admissão

que foi rejeitado. O pai, Técnico Oficial de Contas, e a mãe, advogada, não fizeram nenhum

comunicado à imprensa sobre a detenção do filho e não responderam às chamadas deste canal.

Entrevistámos Rachel Snavelly, uma finalista da Secundária Highland que conhecia Calvin Versteeg

desde o primeiro ciclo do ensino básico e que declarou: «Não acredito que o Calvin tenha

assassinado aquelas raparigas. Não era capaz de fazer mal a uma mosca. Era, tipo, um rapaz

fantástico. O verão passado fui a uma festa da piscina na casa dele. Era um perfeito cavalheiro.»

– Já podes desligar – disse eu, pondo-me de pé, abstraída.

O Ian carregou no comando.

– Lamento que tenhas visto aquilo. Estás bem?

Fui à janela. Levei a mão ao vidro, varrendo a escuridão lúgubre da rua, na vaga esperança de

avistar uma silhueta nas sombras, a observar-me.

Não o vi, mas ele andava lá fora, algures.

O Jude estava vivo.

Nessa noite, sentia ou calor, ou frio de mais.

Às 6h00 acordei toda enrolada nos cobertores. Desisti de tentar dormir e fui correr. Sentia-me

cheia de adrenalina, de energia acumulada. O céu estava nublado, ameaçando mais chuva. Refletia o

meu estado de espírito na perfeição.

Atravessei o parque a correr, puxando pelos braços e tentando libertar-me da memória do Jude.

Não ia voltar. Cumprira a missão a que se propusera. O Mason estava morto e enterrado. Naquele

preciso momento, devia estar num avião a caminho da Califórnia e à sua vida de sempre como Jude

Van Sant. Eu já não fazia parte do panorama.

Sabia que não fazia sentido estar zangada com ele. Tinha mantido as promessas que me fizera. O

meu coração, porém, estava demasiado envolvido para ser imparcial. Precisava dele naquele

momento. Éramos uma equipa. Sentia-me defraudada sabendo que nunca poderíamos passear de

carro com as janelas abertas, a cantar a plenos pulmões ao som da rádio. Nunca sairíamos de casa às

escondidas para ir a uma sessão noturna no cinema e ficar de mãos dadas no escuro. Nunca faríamos

uma batalha na neve. Depois de tudo o que tínhamos passado, será que não

merecia conhecê-lo

também nos tempos felizes?

Não era justo. Porque decidira ele partir sem me dar voto na matéria? E o que eu queria?

Arranquei os auriculares dos ouvidos com um gesto irritado e debrucei-me para a frente, a fim de

recuperar o fôlego. Não ia chorar por causa dele. Não sentia nada por ele. Estava absolutamente

convencida disso.

Quando conseguisse esquecê-lo, acabaria por perceber que aqueles sentimentos eram uma ilusão.

Tínhamo-nos apoiado mutuamente em circunstâncias atrozes, e esta experiência partilhada levava-me

a criar laços poderosos com ele. Um destes dias, lembrar-me-ia daquela noite debaixo da árvore e

teria vontade de rir de mim própria por ter pensado que gostava dele. Isto se me permitisse recordá-

lo.

Dobrei uma esquina e um homem meteu-se no meu caminho. Parei de repente. Era muito cedo, as

sombras da manhã ainda ocultavam o trilho mais adiante. O homem trazia um casaco de cabedal e

uma mochila pendurada ao ombro, como se se preparasse para pilotar um caça.

Senti a boca seca e as mãos trémulas. Estava outro. Roupa nova e uma

viagem ao barbeiro, mas

mesmo sem a barba não tinha um ar inofensivo. Tinha o rosto coberto de pequenos golpes

parcialmente cicatrizados. Sob a pálida luz matinal adquiria uma aparência perigosa.

O casaco ficava-lhe justo, realçando os ombros atléticos. Estremeci ao recordar a sensação de

correr as mãos por aqueles contornos firmes. Lembrei-me daquela noite sob as raízes da árvore em

vívido detalhe. Dos beijos do Jude e da segurança que senti nos braços dele.

Apeteceu-me correr para os braços dele naquele momento, mas contive-me.

– Voltaste – disse-lhe.

Ele aproximou-se.

– Levei quatro dias a descer a montanha. Nunca parei de caminhar com medo de adormecer na

neve. Usei o teu casaco para estancar o sangue. Obrigado por isso. No sopé, encontrei uma loja com

um multibanco no exterior e levantei dinheiro suficiente para recuperar num motel. Depois disso, o

plano era meter-me num avião para a Califórnia. Estava preparado para encerrar este capítulo da

minha vida e voltar a ser o Jude Van Sant. Achei que nada me impediria. – Os olhos dele encontraram

os meus. – Mas não parava de acordar a meio da noite, perseguido por um rosto familiar.

– Jude – disse eu, com a voz embargada.

Ele chegou perto de mim e pegou-me nas mãos.

– Guardaste o meu segredo. Nunca te poderei agradecer o suficiente.

– Sei porque fizeste o que fizeste.

– A Lauren merecia justiça, bem como a Kimani e a Macie, mas nem toda a gente apoiaria o que

fiz para a conseguir. O Shaun fez-vos reféns, feriu um agente da polícia e matou um guarda-florestal.

E eu estava com ele. Teria vindo a lume em tribunal que eu estava a viver uma mentira e que tinha

conseguido enganar toda a gente. Uma pessoa normal tem razões para ter medo de alguém como eu.

Não teria escapado à prisão.

Tinha razão, claro. Também sabia que tinha corrido um grande risco ao vir ali. Não queria ter

esperança de que o tivesse feito, arriscando-se a ser apanhado e preso, só para me ver. Por nós.

– E agora? – perguntei-lhe. – E nós, em que ficamos?

Algo mudou nos olhos dele. Baixou a cabeça. Soube imediatamente que tinha lido mal as

intenções do Jude e que não ia obter a resposta que pretendia. Ia destroçar o meu coração.

– Vivemos algo intenso e agora temos de deixar a vida regressar à normalidade, mesmo que seja

uma normalidade diferente. Tu precisas de ser uma aluna do secundário como todas as outras. És

finalista. É um período muito importante. Deves divertir-te com os teus amigos e pensar no futuro. Eu

tenho de regressar a casa e partilhar o luto com a minha família.

Estava a livrar-se de mim. Era o fim da nossa história. Quatro dias numa montanha-russa. Era

tudo a que tinha direito. Não me devia importar, porque afinal de contas, o que sentia por ele não

passava de uma ilusão. O Jude tinha-me ajudado a sobreviver nas montanhas frias e implacáveis.

Estava a confundir a gratidão que sentia por ele com algo totalmente diferente. O bater

descompassado do meu coração quando pensava que estava prestes a perdê-lo para sempre provinha

do medo irracional de ainda precisar dele.

– Não quero fazer asneira – disse o Jude, estudando o meu olhar.

Queria ter a certeza de que eu ficava bem. De que não me estava a magoar. Não podia deixá-lo

perceber que me sentia destroçada. Como podia eu sofrer tanto quando o que havia entre nós era

imaginário?

– Tens aqui o meu número – disse ele, entregando-me um pedaço de papel. – Se precisares de

conversar, liga a qualquer hora do dia ou da noite. Estou a falar a sério, Britt.

Dá para ver que pensas

que te estou a dar uma tampa, mas estou a fazer o que penso ser o mais correto. Posso estar enganado,

provavelmente vou arrepender-me disto. Mas tenho de fazer o que a minha consciência me pede,

mesmo que me custe.

Claro que era uma tampa. E porque não? O pesadelo que nos juntara tinha acabado. O Jude estava

cheio de razão. Estava na hora de cada um seguir o seu caminho.

– Não, tudo bem. Tens razão. Fico contente por teres vindo despedir-te – disse eu baixinho. – E

lamento o que aconteceu à Lauren. Gostava que a história dela tivesse tido um final diferente.

– Eu também.

Sem saber o que acrescentar a isto, voltei a enfiar os auriculares nos ouvidos.

– É melhor acabar a minha corrida. Foi bom conhecer-te, Jude.

Ele parecia triste, perturbado, incapaz de reagir.

– Boa sorte, Britt.

Afastei-me dele a correr, mordendo o lábio para conter o soluço que trazia preso no peito. Assim

que virei a esquina, quando ele já não me podia ver, deixei-me cair de joelhos e parei de resistir.

Chorei até não poder mais.

Um ano depois

Epílogo

– Cá vamos nós, estrada fora! – guinchou a Caz, a minha colega de quarto da universidade, a

agitar os braços no ar enquanto a brisa quente de maio lhe fazia esvoaçar o cabelo ruivo à volta do

rosto. A Caz era de Brisbane, na Austrália, e lembrava-me a Nicole Kidman naquele velho filme, *Os*

Bandidos das BMX. Os mesmos caracóis à *poodle*, o mesmo sotaque adorável.

Tínhamos concluído o nosso primeiro ano na Pierce College, em Woodland Hills, Califórnia, e

experimentávamos pela primeira vez o sabor da liberdade. Eu vendera os meus manuais, passara a

inspeção de limpeza do apartamento e deixara a sala do meu último exame a saltitar de alegria.

Adeus, Química.

A minha mais recente lista de preocupações mundanas reduzira-se a um único item: divertir-me à

grande sob o sol da Califórnia.

– Nenhuma de vocês fez a autoestrada da costa do pacífico antes? – perguntou a Juanita, a nossa

outra colega de quarto, do banco de trás do Wrangler. Estava de nariz colado ao iPhone, a trocar

mensagens a um ritmo furioso com o Adolph, um namorado recente. O

primeiro, acho eu. Quase não a

tínhamos conseguido convencer a vir connosco, pois receava que ao fim de duas semanas separados,

o Adolph mudasse de ideias e acabasse com o namoro. Eu podia passar o tempo todo a falar sobre

inseguranças femininas e a emancipação da mulher, mas sabia bem o que era encontrar o amor para o

perder em seguida. – Digam-me só onde querem parar pelo caminho e eu dou-vos informações de

importância histórica ou social sobre cada local ou monumento. Temos o Castelo Hearst, Zuma

Beach, a capela de vidro...

– Mas nós não queremos parar! – exclamou a Caz. – É essa a questão. Queremos afastar-nos

daqui o mais possível. Conduzir até a estrada acabar! – Soltou um grito de euforia.

– Arrendámos uma palhota por uma pipa de massa perto da praia Van Damme por duas semanas,

e a entrada não é reembolsável, por isso não podemos conduzir até a estrada acabar – fez notar a

Juanita, com grande sentido prático. – Lembrem-me outra vez de quem foi a ideia?

– Da Britt – disse a Caz. – É do Idaho, lá a praia é uma coisa do outro mundo. Dá-lhe um

desconto. Normalmente, passa os verões na quinta a participar em competições de lançamento da

batata.

– E vais dizer-me que o pessoal em Brisbane não passa as férias a fazer corridas de rua com

carros quitados? – gracejei.

– Os manos do *tuning* são *muito* mais fixes do que os saloios – disse a Caz com um sorriso

triunfante.

– Há um oceanário fabuloso em Monterey – disse a Juanita. – Podíamos parar lá para almoçar. És

capaz de gostar, Britt, embora talvez seja pedagógico de mais para o gosto de *certos* indivíduos.

Deus nos livre de querer aprender qualquer coisa...

– Chegaram as férias! Nada de aprender! – protestou a Caz, batendo com os punhos no tabliê de

forma entusiástica.

– Ouvi dizer que se podem apanhar orelhas-do-mar na praia Van Damme – disse eu fingindo um

tom desinteressado. Que grande impostora. Sabia tudo sobre a apanha da orelha-do-mar na Van

Damme. Tinha passado o último semestre a poupar até ao último tostão o que recebia como auxiliar

no *campus* da universidade, e agora ia estourar tudo a arrendar uma palhota na praia por duas

semanas. Tudo porque queria saborear a minha primeira orelha-do-mar assada numa fogueira, como

devia ser.

Mas claro, o que eu queria mesmo era ver o Jude.

– Sim, a apanha da orelha-do-mar é muito popular na zona – declarou a Juanita. – Mas pode ser

arriscado, sobretudo para quem não sabe o que está a fazer. Não recomendo.

– Acho que devíamos experimentar – anunciou a Caz.

– Força – disse a Juanita sem tirar os olhos do telemóvel. – Eu cá prefiro ficar sentada na toalha

a assistir enquanto tu te afogas.

– Ora aí está um bom lema para a tua vida – replicou a Caz, movendo um braço no ar como se

estivesse a afixar à parede um emblema imaginário. – *Fica sentada a ver.*

– E o teu seria: *Atira-te de cabeça para o desastre!* – exclamou a Juanita.

– Podes crer, sobretudo se o desastre for alto, moreno e lindo de morrer – contra-atacou a Caz,

voltando-se para mim de mão no ar para um «dá cá mais cinco».

– *Malta* – disse eu. – Viemos para nos divertirmos. Chega de discussões. Fechem os olhos.

Respirem fundo. Pensem em coisas boas. E dêem-me os vossos telemóveis. Vou fechá-los no porta-

luvas. *Nada* de lamúrias. Caz, junta-os. Tens aqui o meu.

Depois de guardados os telemóveis, a Caz e a Juanita relaxaram, afundando-se nos assentos, e

pudemos apreciar o litoral deslumbrante ao longo daquele trecho da autoestrada com as suas curvas

apertadas em torno de escarpas que mergulhavam abruptamente em ondas coroadas de espuma. O

percurso sinuoso lembrava-me os ziguezagues das montanhas do Wyoming, mas as semelhanças

acabavam ali. Através dos óculos de sol, espiei as cintilantes ondas azul-turquesa que se estendiam

até onde a vista podia alcançar. O sol a pique acariciava-me a pele sedenta de calor. Havia um

perfume no ar: árvores em flor, o asfalto a cozer ao sol e o travo fresco e balsâmico da maresia. Não,

definitivamente não estávamos no Wyoming.

Tentei aproveitar o momento ao máximo, mas não podia ignorar o inevitável destino da nossa

viagem. À medida que os quilómetros iam passando, a distância entre nós encurtava-se. Se o queria

ver, aquela era a minha oportunidade. Senti uma onda de emoção e uma pontada de medo. E se ele

tivesse namorada? E se além de bonita e inteligente, ela fosse também *perfeita* para ele?

Podia-lhe ligar. Tinha o número dele. Começara a marcá-lo inúmeras vezes durante o ano que

passara, mas algo me detinha no último dígito. O que diria? Não tínhamos propriamente uma amizade

ou um relacionamento normal, por isso um «olá, como vai isso?» estava fora

de questão. E «tenho

saudades tuas» seria expor-me de mais. Ou parecer carente e desequilibrada, como se estivesse a

atribuir aos nossos quatro dias juntos mais importância do que seria razoável.

Suponho que o que eu queria era que nos encontrássemos por acaso, como se o destino nos

estivesse a dizer qualquer coisa. Arrendar uma palhota perto da praia preferida dele era

provavelmente forçar a mão do destino, mas que mal havia em dar-lhe um empurrãozinho?

Devia era deixar de fazer filmes e ligar-lhe de uma vez por todas. Era apenas uma chamada. Se

ele atendesse, podia sempre desligar. Tinha um telemóvel novo com um indicativo de Los Angeles,

por isso não teria forma de saber que era eu.

A Caz já cabeceava encostada à porta do carro, de olhos fechados, e a Juanita estava deitada no

banco de trás, a dormir. Antes que me pudesse acovardar, inclinei-me para o lado e saquei o

telemóvel do porta-luvas. Marquei o número dele. Toque após toque, comecei a sentir a ansiedade a

desvanecer-se e outra coisa a ocupar o seu lugar. Alívio? Deceção? Por fim, o serviço de

atendimento automático interrompeu a chamada.

– A ligar para casa? – perguntou a Caz, a esfregar os olhos.

– Não, a um amigo na zona da baía. Não atendeu. Nada de mais. – Imittei o bocejo dela,

esperando parecer entediada.

– Amigo ou interesse amoroso? – quis ela saber, perspicaz.

– Só um tipo que já foi meu conhecido. – Era esquisito conversar com a Caz sobre o Jude.

Naquele primeiro ano da universidade tornara-se muito mais do que uma melhor amiga. Tinha-lhe

confidenciado coisas que nunca contara a ninguém, nem mesmo à Korbie. Perdera a conta às piadas

cúmplices que ninguém para além de nós entendia. Partilhávamos as compras do supermercado, mas

não dividíamos a conta, porque não era importante saber quem contribuía mais. O que era meu, era

dela. E não havia segredos entre nós. Quando havia discussões, nunca íamos para a cama zangadas

uma com a outra. Ficávamos acordadas até resolver tudo e fazer as pazes, mesmo que isso

significasse não pregar olho a noite inteira. Naquele momento, senti-me culpada por não lhe ter

falado dele, mas não sabia ao certo se estava preparada para o partilhar. Talvez porque nunca fora

realmente meu ou porque nem sequer sabia se o que havia entre nós era real. Não tinha havido tempo

suficiente para perceber.

– Somos jovens, Britt – disse a Caz, assentando os calcanhares no tabliê. – Estamos *vivas*. Deixa

as cautelas para quando estiveres morta.

Observei-a com admiração e uma ponta de inveja. Já tinha sido como ela. Vivendo ao sabor do

vento. De braços abertos e mãos no ar. Mas nas férias da Páscoa, nas montanhas, tudo mudara. Eu

mudara.

A Caz conduziu durante a segunda metade da viagem. A Juanita passou para o banco do

passageiro e eu recostei-me no banco de trás. Tinha de cantar ao som da rádio para não divagar. Se

me descuidava, os meus pensamentos recuavam no tempo, até àquela noite debaixo da árvore, para

reviver os segredos – entre outras coisas – que eu e o Jude tínhamos partilhado.

Uma hora antes do pôr do sol, passámos um sinal para a praia Van Damme. Senti um pequeno

formigueiro nas veias. E se o Jude estivesse na praia naquele preciso momento? Que tolice, claro que

não estava. Mas um dia, acabaria por vir. Gostava demasiado da praia para se manter afastado por

muito tempo. Eu podia escrever os nossos nomes na areia, com uma mensagem sentimental e

totalmente pirosa e, quem sabe, semanas ou meses mais tarde ele passaria pelo local e lembrar-se-ia

de mim sem qualquer motivo aparente.

– Vira nesta saída – disse eu sem pensar.

A Caz olhou-me de relance pelo retrovisor. A nossa palhota ainda ficava a algumas saídas para

norte, junto à baía. Percebi que se preparava para o mencionar, mas ao ver a minha expressão calou-

se e saiu da autoestrada.

Quando o carro abrandou, a Juanita endireitou-se e esticou os braços.

– Onde estamos? – perguntou ela, ensonada.

– Viemos apanhar orelhas-do-mar – informou a Caz. *O que são orelhas-do-mar?* , articulou ela

em silêncio, como que a segredar-me.

– Caracóis do mar – respondi.

– Ah – disse a Caz com um ar entendido. – Viemos caçar caracóis do mar, o que pode ou não ser

código para outra coisa qualquer.

Estacionou. Eu saí do jipe e caminhei até à orla das falésias rochosas com vista para o oceano.

Sentia o coração ridículamente acelerado, e fiquei contente por ter um momento só meu para me

recompôr. O Jude não estava lá em baixo. Estava a afligir-me para nada.

A luz do sol acariciava a superfície das águas, conferindo-lhes uma cintilação de prata. As fragas

pontilhavam a costa e as gaivotas, com os seus gritos plangentes, voavam em círculos acima das

ondas. Enquanto descia até à enseada, tentei imaginar o Jude a mergulhar em busca das orelhas-do-

mar, completamente à vontade no vaivém da corrente. Nunca chegara a perguntar-lhe quanto tempo

conseguia sustentar o fôlego. Fosse qual fosse o recorde dele, nunca me conseguiria bater. Estava a

sustentar o meu há um ano.

Alguns minutos mais tarde, a Caz apareceu à minha beira.

– Estás a vê-lo?

– Quem?

– O orelha-do-mar.

Fiz uma careta.

– És tão tonta.

– Como é que o conheceste?

– Não ias acreditar.

– Deixa cá ver... Era o tipo que entregava as pizzas. O melhor amigo do teu namorado. Um dos

tipos que levaram o caixão no funeral do teu tio Ernesto. Estou perto?

Diz antes o tipo que me raptou, fez de mim refém, que me obrigou a orientá-lo através das

montanhas em pleno nevão e me salvou a vida. Depois eu salvei a dele,

beijámo-nos e, algures lá

pelo meio, apaixonei-me por ele. Sim, em suma, era isso.

– Não temos de falar sobre ele – disse a Caz. – Mas se te magoou, arranco-lhe o coração e dou-o

ao porco de estimação da minha família, o *Bom e Velho Porco*.

– É bom saber disso.

– Tu farias o mesmo por mim.

– Infelizmente, não tenho nenhum porco de estimação.

– Mas aposto que tens uma batata de estimação – brincou ela, rindo-se. Passei-lhe o braço por

cima dos ombros.

– Posso convencer-te a dar um passeio na praia?

E sem tirar os sapatos, percorremos a areia grossa fora do alcance das ondas.

– Por falar em coisas que eu faria por ti – continuou a Caz. – Se deixasses gelado na bancada, eu

voltava a pô-lo no congelador. Se deixasses o casaco em casa num dia chuvoso, ia levar-to.

– Onde é que queres chegar com isso?

– E se, digamos, deixasses o telemóvel no carro e ele começasse a tocar, atendia por ti.

Fitei-a durante três segundos antes de perceber o que me estava a tentar dizer.

– Atendeste o meu telemóvel? Quem ligou? – Senti um torvelinho no estômago.

– Um tipo qualquer. Tinha uma chamada perdida do teu telemóvel, e como não deixaste mensagem

e ele não reconheceu o número, ligou de volta.

– O que é que lhe disseste? – perguntei com a voz esganiçada, em pânico. – Disseste-lhe o meu

nome?

– Disse-lhe que se queria mesmo saber a quem pertencia o telemóvel, podia vir à praia Van

Damme e descobrir por ele próprio.

– Não! – Agarrei-a pelo cotovelo e impeli-a na direção das arribas para regressarmos ao carro. –

Temos de ir embora. Ele disse onde estava? Se estava longe, em São Francisco? Para de arrastar os

pés, Caz.

– Essa é a parte engraçada. Afinal, também está cá na praia.

– Impossível! – guinchei eu.

– Só tinha de se secar, e ficou de ir ter connosco ao parque de estacionamento. Eu disse-lhe que

era lá que nos podia encontrar.

Senti-me corar. De repente, tinha um medo terrível de dar de caras com ele e, ao mesmo tempo,

um medo terrível de que nos desencontrássemos.

– Temos de ir embora. Despacha-te, Caz!

A escharpa era demasiado íngreme para trepar, por isso agarrei-lhe a mão e desatei a correr para

as dunas mais adiante. Tinha de chegar ao parque de estacionamento antes do Jude. Interferira com o

destino e aquela era a minha paga. Sim, queria muito vê-lo, mas não assim. Não sabia o que lhe dizer,

ainda não tinha preparado o discurso perfeito e estava toda despenteada por causa do vento. E se ele

não estivesse sozinho? E se tivesse vindo à praia com *ela*?

O que aconteceu a seguir foi um daqueles momentos intermináveis em que o tempo parece deter-

se. Estávamos a correr pela praia e a Caz teceu um comentário qualquer sobre o giraço que vinha na

nossa direção em tronco nu, levantando a pala do chapéu para melhor apreciar o físico atlético dele.

Parei de repente. O meu cérebro desligou-se e fiquei simplesmente a olhar, embasbacada. Parte de

mim deve tê-lo reconhecido, afinal de contas, tinha-o mesmo ali à minha frente. Porém, não me

ocorreu um único pensamento. O choque era grande de mais para conseguir raciocinar.

O Jude devia sentir-se da mesma forma, pois estacou de repente na areia. Tinha os olhos fixados

em mim e uma expressão de pasmo e incredulidade no rosto.

A pele bronzeada ainda gotejava, e vi-lhe o princípio de um escaldão na ponta do nariz. O

cabelo, que afastou dos olhos, estava um pouco mais comprido. Trazia uma mão no bolso, numa

atitude relaxada. Havia uma leveza de espírito na postura dele que o transformava por completo.

Longe ia o homem agreste, moldado pela natureza inclemente das montanhas, com as mãos esfoladas

e os ombros encolhidos contra o frio. O rapaz à minha frente parecia tão descontraído e convidativo

como um velho par de calças de ganga.

O rosto dele iluminou-se com um sorriso.

– Por uns instantes, deixaste-me desorientado. Bela manobra de diversão, essa da amiga com

sotaque australiano.

Nem lhe consegui responder. Continuei ali parada, trémula.

– Desculpa não ter atendido a tua chamada. Estava na água – continuou ele, caminhando na minha

direção. O sorriso esmoreceu e os olhos adquiriram uma expressão séria. O Jude que escondia tudo o

que sentia deixara de existir. Observei o torvelinho de emoções que o rosto dele deixava

transparecer ao fitar-me e senti um nó na garganta. Ainda sentia qualquer coisa por mim, trazia-o

inegavelmente estampado no rosto.

Era tudo o que eu precisava de saber. Abandonei todas as minhas reservas. Disparei a correr e

atirei-me para ele, apertando-lhe os braços e as pernas à volta do corpo e enterrando a cara no

pescoço dele.

Beijei-o. Aconteceu quase sem darmos por isso: os meses de separação transformaram-se em

dias, minutos, segundos, o tempo de um batimento cardíaco. Acariciei-lhe os lábios, as faces, cada

centímetro daquele rosto forte, cinzelado na perfeição.

– Nem acredito que és mesmo tu – disse ele, prendendo-me uma madeixa de cabelo atrás da

orelha e afagando-me o rosto com ternura. – Estás linda.

Ri-me.

– Um banho tem esse efeito sobre as pessoas. E comer e dormir.

– Acho que vou dar uma volta por aí e tentar encontrar uma orelha-do-mar só para mim – disse a

Caz, indicando a praia atrás de si com o polegar e afastando-se a andar para trás com um sorriso

apatetado no rosto.

– Espera, Caz! Este é o Jude. – Arrastei-o pela mão até junto dela. – Jude, deixa-me apresentar-te

a Caz, a minha melhor amiga.

– É um prazer conhecer-te – disse o Jude com um aperto de mão formal.

O gesto pareceu encantar a Caz, que lhe lançou um grande sorriso de aprovação e fez menção de

me sussurrar de forma teatral.

– Se não o quiseses, há mais quem queira.

– Posso pagar-vos o jantar? – ofereceu o Jude, sorridente e cheio de charme.

– Conheço um sítio

fantástico, o Café Beaujolais, não muito longe daqui. Não podem fazer uma viagem destas sem lá ir

pelo menos uma vez. Não vou aceitar um não como resposta. Estão no meu território e é meu dever

maravilhar-vos.

– Que amável da tua parte – disse a Caz. – Eu já comi, mas sei que a Britt não almoçou e deve

estar cheia de fome. – Quase rebentei a rir com tanta manha. Tinha-me empanturrado de lagosta em

Monterey e ela sabia-o muito bem. – Eu e a Juanita vamos à frente fazer o *check-in*. Vemos-te...

quando te virmos – concluiu, piscando-me o olho.

– Vão ficar alojadas aqui perto? – perguntou-me o Jude, deliciado.

– Arrendámos uma palhota na praia. Atirei um dardo ao mapa e, surpresa das surpresas, a Van

Damme foi a feliz contemplada.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso astuto.

– Adoro coincidências felizes.

O Jude não exagerara: o Café Beaujolais era incrível. Ficámos sentados na esplanada a comer

caracóis à francesa, um aperitivo que, segundo o meu anfitrião, teria de servir até que ele pudesse

apanhar orelhas-do-mar. O céu estrelado adquirira um tom roxo acetinado, quase negro. O ar era

perfumado. Descalçara as sandálias de dedo e tinha os pés apoiados nas pernas do Jude, por baixo

da mesa. Ele tinha vestido uma camisa branca de linho para o jantar, e acariciava-me a perna com

gestos meigos.

– Cinco estrelas – comentei. – Acho que foi o melhor prato que já comi.

O Jude sorriu. Havia uma luminosidade naqueles olhos castanhos que eu nunca tinha visto, não

nas montanhas. Era como se a máscara de dureza tivesse desaparecido e só agora pudesse ver o

verdadeiro Jude. Era descontraído, genuíno e aberto. Tinha bom coração. Era um bom homem.

– Gostava de te levar a outros sítios. Fazer o circuito turístico da zona.

– Conta comigo.

Esticou o braço por cima da mesa e enlaçou os dedos nos meus.

– Tens umas mãos muito bonitas. Não cheguei a vê-las, estavas sempre de luvas.

– Deitei fora tudo o que trazia naquela viagem. Luvas, calças de ganga, até as botas. Quatro dias

seguidos com a mesma roupa foi o suficiente para me fartar.

– Eu também deitei fora quase tudo. Só fiquei com o gorro. Tinha-lo usado e eu queria guardar

uma recordação tua. Sou muito lamechas, já sei.

– Não. – Senti uma timidez súbita. – Acho amoroso...

Os olhos castanhos do Jude tornaram-se expressivos, sinceros.

– Tenho vindo à Van Damme praticamente todos os fins de semana desde a última vez que te vi.

Era um tiro no escuro, mas tinha esperanças de que te lembrasses do local. Costumava sentar-me nas

pedras a observar a praia à tua procura. Às vezes, passeava à beira da água e parecia-me ver-te pelo

canto do olho. Virava-me de repente, mas era sempre uma ilusão de ótica – disse ele com a voz

embargada. – Continuei a vir, sempre na esperança de que da próxima vez fosses mesmo tu. E hoje,

quando te vi, e eras mesmo tu, percebi que também andavas à minha procura. Aqueles quatro dias nas

montanhas mudaram-nos. Eu dei-te uma parte de mim. E tu também deves ter-me dado uma parte de

ti, porque de outro modo não estarias aqui. Já me terias esquecido. Eu não te quero esquecer, Britt. E

não quero que te esqueças de mim.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

– Vim de tão longe só para te encontrar. Aqueles quatro dias não foram suficientes. Queria poder

estar contigo assim, numa noite quente e preguiçosa como esta. Num restaurante. A passear na praia e

a falar de coisas estúpidas e banais.

– Tive uma ideia brilhante. Vamos dar um passeio à praia e falar de coisas estúpidas e banais.

Ri-me.

– Leste-me o pensamento.

– Estás a ver? Sou perfeito para ti. Nem tens de me dizer o que queres. – Bateu com um dedo na

cabeca. – Tenho superpoderes telepáticos, uma raridade.

– Para com isso. Vais fazer-me cuspir o sumo pelo nariz.

Ele repetiu o gesto.

– Já sabia que ias dizer isso.

Deixei escapar um suspiro feliz.

– Esta noite está a ser o máximo, Jude. Obrigada.

– Faço-te cuspir o sumo pelo nariz e ainda achas que é a melhor noite da tua vida. É fácil

agradar-te.

– Vá lá – disse eu entre risinhos, pegando nas sandálias com um dedo e agarrando-lhe no

cotovelo. – Estamos a incomodar as outras pessoas. Vamos comportar-nos como idiotas em privado.

A Caz dissera-me uma vez que só sabemos que estamos totalmente à vontade

com uma pessoa

quando podemos ficar em silêncio sem sentir necessidade de fazer conversa.
Como eu e o Jude

naquele momento. Estávamos deitados na areia cinzenta a fitar o céu
estrelado. Soprava uma brisa

refrescante vinda do mar. Comecei a tentar identificar as constelações que
conhecia. Sobretudo a

Ursa Maior e a Menor. Tinha quase a certeza de que conseguia ver também
Oríon. Avistei duas

estrelas brilhantes muito próximas, longe das outras, e decidi que aquela seria
a *nostra* constelação.

Era romântico pensar que podia ser para sempre. O nosso amor, escrito nas
estrelas.

– Quais são os teus planos para o verão? – perguntou-me o Jude.

– Arranjar um emprego, visitar a minha família. – Virei a cabeça para o olhar
nos olhos. – Mas

agora não estou a pensar nisso.

– Fica. Aqui, comigo.

Soergui-me, apoiada num cotovelo, perscrutando-lhe o rosto para ver se
estava a falar a sério.

– Como assim?

– Os meus pais foram passar o verão à Europa. Temos imensos quartos lá em
casa. A Caz e a

Juanita são bem-vindas. E se estás preocupada com o emprego, conheço um
ou dois sítios onde estão

a precisar de estagiários. Se a ideia não te agradar, podes sempre servir às mesas. Estou aqui para

ajudar.

– E deixavas-nos ficar em tua casa o verão inteiro?

– Não me poupei a esforços nesta proposta. Se souber fazer a coisa, será demasiado boa para

recusar.

Sorri.

– Que sinistro, Don Corleone.

O Jude disse com ternura:

– Deixei-te escapar o ano passado, e embora não me arrependa de te ter dado tempo para

perceberes o que querias, sempre tive esperança de que me desses uma segunda oportunidade. Diz

que sim. Dá-nos uma oportunidade.

– Não sei... – disse-lhe eu, a morder o lábio para esconder um sorriso. – As últimas férias que

passámos juntos terminaram de forma desastrosa. Tenho mesmo de perguntar: vai haver neve?

Pouco a pouco, um sorriso iluminou-lhe o rosto.

– Só sol e praias sem fim. E eu.

Estava deitada nos braços dele, com a cabeça aninhada na curva de um ombro, uma perna por

cima das dele. Ele tinha os olhos fechados, mas estava acordado. Tinha um braço à minha volta, a

outra mão a descansar na minha coxa e um sorriso feliz nos lábios.

Caía a tarde do dia seguinte e tínhamos a praia só para nós. O sol começava a mergulhar no

horizonte, invadindo com os seus raios oblíquos a nossa cama de areia debaixo de um guarda-sol.

Puxei um pouco a toalha para proteger um pé.

– Estás a pensar em qualquer coisa – murmurou o Jude sem abrir os olhos.

– Em ti. – Suspirei, feliz, correndo-lhe a mão pelo peito. Já só tinha vestígios das cicatrizes

daquela noite. Beije-as ao de leve, uma a uma. Para mim, não eram imperfeições, mas algo que

evocava uma vívida memória da noite que tínhamos partilhado. *Depois da escuridão, vem a luz.*

– Interessante. É que eu estava agora mesmo a pensar em ti.

Sacudi-lhe a areia do braço para encostar o rosto.

– Continua. Que estavas tu a pensar sobre mim? Não me deixes nesta incerteza. Não sou avessa a

elogios.

Ele rebolou para o lado, estendendo-se perto de mim.

– Se não fosses tão bonita, ia ter de dar uma lição a esse teu grande ego. – Correu-me um dedo

indolente pelo nariz. – Penso sempre que o devia fazer, mas depois tu olhas

para mim, esqueço-me

do que ia a dizer e só consigo pensar que se não te beijar, e bem depressa, não te mereço.

– Não vejo problema nenhum nisso.

– Se não tiver cuidado, vou-te estragar com mimos. Vais ficar com uma cabeça tão grande que

teremos de a rebolar pela praia abaixo. – Soergueu-se, apoiando-se num cotovelo, e olhou-me nos

olhos. – Ainda não me deste a tua resposta. Ficas?

O meu sorriso desvaneceu-se e ponderei a questão com toda a seriedade. De uma forma que o

resto do mundo nunca entenderia, aqueles quatro longos dias nas montanhas com o Jude, em que não

tivera outra saída senão confiar-lhe a minha vida, tinham bastado para ter a certeza de que estava

apaixonada por ele. Se tivesse de passar por tudo aquilo outra vez para o encontrar, não hesitaria.

Procurei os lábios dele com os meus. Sabiam a água salgada, e apercebi-me de como era sortuda.

Tinha a oportunidade de passar o verão inteiro com o Jude na praia, a brincar na areia e a saborear o

mar nos lábios dele, deixando que o som das ondas nos embalasse até adormecermos nos braços um

do outro.

– Fico – disse eu. – Acho que vales o sacrifício de suportar sol e praias que

nunca mais acabam

durante mais algum tempo.

Ele sorriu de orelha a orelha.

– Claro que valho. E só para to provar, vou mostrar-te porquê. Vem cá...

Document Outline

- [Apresentação](#)
- [Abril](#)
- [Um ano depois](#)
 - [Capítulo um](#)
 - [Capítulo dois](#)
 - [Capítulo três](#)
 - [Capítulo quatro](#)
 - [Capítulo cinco](#)
 - [Capítulo seis](#)
 - [Capítulo sete](#)
 - [Capítulo oito](#)
 - [Capítulo nove](#)
 - [Capítulo dez](#)
 - [Capítulo onze](#)
 - [Capítulo doze](#)
 - [Capítulo treze](#)
 - [Capítulo catorze](#)
 - [Capítulo quinze](#)
 - [Capítulo dezasseis](#)
 - [Capítulo dezassete](#)
 - [Capítulo dezoito](#)
 - [Capítulo dezanove](#)
 - [Capítulo vinte](#)
 - [Capítulo vinte e um](#)
 - [Capítulo vinte e dois](#)
 - [Capítulo vinte e três](#)
 - [Capítulo vinte e quatro](#)
 - [Capítulo vinte e cinco](#)
 - [Capítulo vinte e seis](#)
 - [Capítulo vinte e sete](#)
 - [Capítulo vinte e oito](#)
 - [Capítulo vinte e nove](#)
 - [Capítulo trinta](#)

- [Capítulo trinta e um](#)
- [Capítulo trinta e dois](#)
- [Capítulo trinta e três](#)
- [Capítulo trinta e quatro](#)
- [Capítulo trinta e cinco](#)
- [Capítulo trinta e seis](#)
- [Capítulo trinta e sete](#)
- [Capítulo trinta e oito](#)
- [Capítulo trinta e nove](#)
- [Capítulo quarenta](#)
- [Capítulo quarenta e um](#)
- [Um ano depois](#)
 - [Epílogo](#)